

# **O povo esquecido**

***Uma história de genocídio e  
resistência no Donbass***



**EDUARDO VASCO**

# **O povo esquecido**

***Uma história de genocídio e  
resistência no Donbass***

2ª Edição  
São Paulo – SP  
Edição do Autor  
2023

Edição do Autor 2023® por EDUARDO VASCO

Direção Executiva  
Equipe Editora Módena

Diagramação  
Equipe Editora Módena  
Arte de capa: @esl\_design2022

2ª. Edição: novembro / 2023  
Acabamento e Impressão:  
Editora Módena ® São Paulo

EDUARDO VASCO

O povo esquecido: uma história de genocídio e resistência no Donbass  
- 2ª. Edição. São Paulo:  
Edição do Autor. 2023. 254p.

# Sumário

## PARTE I

Capítulo I ... Razões.....	15
Capítulo II ... Antes da chuva.....	29
Capítulo III ... Discípulos de Mengele e Goebbels.....	39
Capítulo IV ... Veias latinas .....	53
Capítulo V ...Traumas.....	65
Capítulo VI ... Genocídio .....	75
Capítulo VII ... A mãe.....	91
Capítulo VIII ... Detidos no Cáucaso .....	105
Capítulo IX ... "Não, ela não sabe" .....	111

## PARTE II

Capítulo I ... "Não esqueceremos!" .....	119
Capítulo II ... "Não perdoaremos!" .....	131
Capítulo III ... Lágrimas.....	151
Capítulo IV ... Confissões .....	165
Capítulo V ... Uma verdadeira democracia .....	175
Capítulo VI ... Vodca .....	189
Capítulo VII ... Papai .....	207
Capítulo VIII ... Rodolfo .....	221
Capítulo IX ... Silêncio .....	237
Capítulo X ... Fim .....	247



*Obrigado à Adriana, ao Ernesto, à militância do PCO e a todos aqueles que contribuíram com a campanha “Causa Operária na Rússia”. Se não fosse por vocês, este livro jamais poderia ter sido escrito.*

*Ao K., à Tati, ao Sasha, ao Grenada e a todos os amigos que fizemos na Rússia por toda a ajuda que nos deram.*

*Ao Sasha Cavalcanti e à Sonia Scala Padalino pelas traduções do russo e italiano*

*Ao Rafael por ter me aguentado por quase três meses.  
À direção do Partido da Causa Operária pela confiança.*



*Ao heróico povo da República Popular de Lugansk*



*Eles estão impondo tal modelo, um modelo de liberalismo totalitário, incluindo a notória cultura do “cancelamento”, com proibições generalizadas, em todo o mundo. Mas a verdade é que os povos da maioria dos países não querem tal vida e tal futuro, mas uma soberania real e significativa. E cansaram de se ajoelhar, de se humilhar diante de quem se considera excepcional.*

*— Vladimir Putin*



# Parte I



## Razões

É onipresente em Moscou o apoio ao presidente Vladimir Putin e à operação militar especial desencadeada pela Rússia na Ucrânia. Engana-se, todavia, quem pensa que esse apoio é uma fabricação do governo. Não são apenas os prédios públicos que muitas vezes estão decorados com símbolos da intervenção, como o enorme Z na fachada do Teatro Acadêmico de Sátira, que vejo no caminho do aeroporto de Vnukovo para a casa do meu amigo K. — ou em edifícios de Rostov e Volgogrado. Essa letra não existe no alfabeto cirílico, é uma transliteração da primeira letra da frase *за победу* “za pobedu” (que significa “pela vitória”) e é utilizada como marca em muitos tanques russos que se encontram na Ucrânia. Outros símbolos usados naqueles tanques são o V (transliteração da primeira letra da frase *В задатъса выполнена* — “v zadatsa vipolnena” —, ou “a tarefa será concluída”) e o O, de *Отважные* (que significa “corajosos”).

Na rua Arbatskaya — um centro comercial com inúmeras lojas de souvenirs a três quarteirões a oeste do Crêmlin —, cerca de dez lojas exibem em suas vitrines camisetas, *patches*, chaveiros, ímãs de geladeira, canecas, bonecos, chapéus, bandeiras, matrioskas, pratos e uma variedade imensa de produtos alusivos aos símbolos nacionais, militares, culturais e também governamentais. Putin é o mais popular de todos, estampado em tudo quanto é objeto.

O mais interessante é que, tradicionalmente, esse tipo de loja é voltado especialmente para turistas, principalmente

estrangeiros. Entretanto, a propaganda internacional contra a Rússia afastou turistas estrangeiros do país, bem como o medo de estar próximo a uma guerra e, principalmente, o bloqueio por parte dos aeroportos e companhias aéreas, que impedem que as pessoas da maior parte do mundo viagem para a Rússia. Eu mesmo, e o companheiro Rafael Dantas, tivemos de passar por Dubai para depois chegar a Moscou, porque nenhum aeroporto da Europa está fazendo conexão para a Rússia.

Portanto, desde que o exército russo entrou na Ucrânia, em 24 de fevereiro, o turismo para a Rússia tem sido muito afetado — ao contrário de outros setores da economia, que até agora foram muito pouco impactados. Os lojistas inclusive se surpreendem conosco, vindos do Brasil exatamente em um momento em que pouca gente vem para a Rússia. A conclusão disso tudo é simples: neste momento, quem consome os produtos vendidos por essas lojas são os próprios russos. Logo, se há grande procura por símbolos da operação na Ucrânia, essa procura vem do povo russo.

Essas lojas não pertencem ao governo, nem a familiares de Putin, nem ao seu partido Rússia Unida, nem nada. São lojas comuns. No Brasil, mesmo com a enorme popularidade de Lula em seus governos, nunca vi nada parecido. Tampouco com Bolsonaro ou qualquer outro político. Podemos comparar os produtos referentes a Putin com os que temos no Brasil referentes a clubes de futebol. Os clubes com mais produtos nas prateleiras das lojas são os mais populares, logicamente, cuja probabilidade de vendas é maior. E Putin vende muito, porque, como está muito claro para mim, ele é muito popular.

— Apoio Putin porque ele trouxe novamente a soberania para o povo russo depois que assumiu a presidência no ano 2000 — diz Serguei, um manifestante parado sozinho em frente à Duma (o parlamento russo), com uma placa onde se lê algo como “eu apoio o nosso presidente, e você?” com o rosto de Putin, e uma bandeira reproduzindo a fita de São Jorge (símbolo da vitória soviética na II Guerra Mundial), que é também a

bandeira de sua organização, o Movimento de Libertação Nacional. Ele está lá o dia todo, visto por todos os deputados que entram e saem do prédio, localizado ao lado do Teatro Bolshoi e muito próximo ao Crêmlin. Serguei também defende a volta da União Soviética com o mesmo território que tinha após o final da II Guerra.

— Os EUA são um país parasita!

Uma outra placa, encostada na calçada, em frente a ele, também assinada pelo MLN, denuncia o sistema imperialista: “Há uma guerra contra a Rússia. [...] Os organismos internacionais pró-americanos continuam a nos controlar: a Organização Mundial da Saúde, o Fundo Monetário Internacional e outros.”

A imprensa internacional diz que são frequentes as manifestações na Rússia contrárias à “guerra”, porém eu não vi nada que se assemelhasse a isso. Pelo contrário, mais de uma vez eu vi os ativistas do grupo de Serguei — do qual eu nunca ouvira falar — distribuindo seus jornais e folhetos no centro de Moscou, em apoio à ação no Donbass. A mesma imprensa internacional, que é controlada por uma máfia de capitalistas parceiros dos governos dos EUA, da Grã-Bretanha e da União Europeia, também diz que, se não há manifestações contrárias, é porque Putin as reprime. Mas para haver manifestações contrárias ou para que elas sejam reprimidas, é preciso haver uma quantidade de pessoas que se oponham ao governo e lutem contra ele. Mesmo nas conversas particulares, conheci muito pouca gente — posso contar nos dedos! — avessa ao presidente russo.

Uma delas é Sveta, uma russa de 31 anos cujos traços asiáticos lhe concedem uma beleza felina e que, muito gentilmente, me abrigou em seu apartamento durante a minha primeira passagem por Moscou. Ela não se interessa por política, mas consigo seduzi-la para uma conversa sobre Putin.

— Ele é um autocrata e tem a aspiração de se tornar um novo czar. Seus primeiros anos de governo não foram ruins, mas

tudo mudou desde a anexação da Crimeia pela Rússia, em 2014. A partir disso, os russos não chegam a estar inseguros, mas não existe a mesma “calma” de antes.

Pergunto se não seria por causa das pressões do chamado “Ocidente” contra a Rússia, mas ela diz que não é por isso. Putin e seus aliados são corruptos, me conta. Confessa que o governo tem amplo apoio dos mais pobres. Segundo ela, é porque eles não têm boa educação. Retruco: mas dizem que a educação na Rússia é boa. Me fala que não se refere à educação pública, e sim ao meio em que essas pessoas estão inseridas. Bom, os pobres apoiam Putin. Assim como parte dos ricos, mais chegados aos negócios do governo. Outra parte se opõe. E a classe média, em geral, é a principal base de oposição a Putin, porque — me diz a moça — tem perdido seu poder de compra e agora já não pode mais viajar para o exterior como antes. Sveta se enquadra nessa categoria. Analista de negócios de uma grande rede de lojas, ela teme por seu emprego.

— Não acho que seja exatamente assim — me diz uma jovem transeunte na Arbatskaya, a quem eu abordo para perguntar se fala inglês e se poderia traduzir para mim o que estava escrito em um dos painéis de uma exposição fotográfica de que consegui perceber que tratava sobre a situação do Donbass e era promovida pelo Ministério da Defesa da Rússia. A exposição mostrava fotos de crianças sobreviventes, até o momento, dos intensos bombardeios das forças ucranianas contra a região, que declarou independência da Ucrânia em 2014 e criou as repúblicas populares de Donetsk e Lugansk. A moça quase não falava inglês, mas a induzi a dizer o que estava tentando falar: acredita que aquela exposição era mais uma espécie de forçação de barra, de propaganda governamental.

Ela se espanta quando digo que sou brasileiro.

— Mas você é tão... — não consegue encontrar a palavra.

— Branco? — lhe ajudo.

— Isso!

Não há dúvida nenhuma que existe muita propaganda do governo para apresentar como positiva aquela ação bélica. Assim como o governo ucraniano faz propaganda de que a *sua* ação é positiva — apoiada por todo o aparato governamental e paragovernamental dos países imperialistas, como as empresas e a imprensa. Cada um vende seu peixe. Mas é muito perceptível que a maioria dos russos, ao contrário do que podem pensar aqueles que se guiam pela campanha de desinformação dos meios de comunicação internacionais, não são ignorantes com o cérebro lavado pela “máquina de mentiras” de Putin — como acusa a imprensa estrangeira, essa sim uma verdadeira máquina de mentiras.

Segundo um levantamento de um dos mais importantes institutos de pesquisa de opinião pública da Rússia, o Centro Levada, 68% dos russos acessam a Internet diariamente, muito embora em março um quarto da população tenha sido impedida de acessar os seus serviços digitais habituais, devido ao bloqueio criminoso imposto pelo Twitter, Youtube e outras plataformas. A solução para manter o consumo e a produção de conteúdo nessas redes é o uso de VPN, do qual um quarto dos entrevistados é adepto — ou 50% entre os russos de 18 a 24 anos.

Mesmo assim, a TV continua sendo o veículo de informação mais popular. São mais de 40 canais abertos em Moscou, sendo apenas pouco mais de 10% de propriedade estatal. Um deles é o *Rússia 1*, que tem um conteúdo jornalístico de primeiro nível. Ele exibe um programa de debates diário chamado “Quem está contra?”, onde sempre são convidados jornalistas e analistas políticos com opiniões divergentes das do governo — alguns mais neutros, outros radicalmente opositores. Até mesmo comentaristas norte-americanos que criticam a Rússia são convidados. Antes da operação militar russa, havia até especialistas ucranianos, defensores do governo de Kiev, que participavam desse programa. E os debates parecem ser incrivelmente acalorados, pelo que consigo acompanhar. Esse

mesmo canal — ou o *Rússia 24*, da mesma rede — apresenta sempre nos noticiários trechos de reportagens dos principais canais de TV da Europa e dos EUA a respeito das questões internacionais em que a Rússia está envolvida. Assim, o público pode ter acesso às besteiras que são disseminadas aos coitados dos televidentes como nós, reféns da *CNN* ou da *Rede Globo*.

Em uma rua ao lado da antiga fábrica de Elektroavod, vejo pichada a frase “Morte ao tirano” em um muro. Certamente é uma referência a Putin. Passei algumas vezes por ali e a inscrição não havia sido apagada.

O Centro Levada aponta ainda que “um a cada dez russos gostaria de se mudar para o estrangeiro para obter a residência permanente”, mas que “no contexto do conflito com o Ocidente, houve uma diminuição no sentimento de emigração, que é semelhante a como se desenvolveu o sentimento em 2014” — ano do golpe na Ucrânia, da agressão de Kiev ao Donbass e da anexação russa da Crimeia. Ou seja, o enfrentamento com o imperialismo, que busca sufocar os russos, os tornou mais nacionalistas. Outra pesquisa do instituto, realizada no final de março, mostrou que 83% da população “aprova as atividades do presidente”, 71% as do primeiro-ministro, 70% as do governo em geral e 59% as do parlamento.

Por sua vez, um estudo do Centro de Toda a Rússia para o Estudo da Opinião Pública, realizado entre os dias 28 de março e 3 de abril, aponta que 74% dos russos de diferentes nacionalidades (cazaques, uzbeques, georgianos etc.) que vivem na Rússia apoiam a decisão do governo de intervir militarmente no país vizinho.

O mesmo levantamento traz outros dados que refutam completamente os contos da carochinha disseminados pelos jornais mundo afora: 81,6% confiam no presidente Vladimir Putin, 89% têm confiança no exército russo, 88% não querem emigrar do país para residência permanente, 87% dizem que dentre seus amigos, colegas e familiares não conhecem ninguém que foi embora do país. E, por último: 90% dos russos

acreditam que uma guerra de informação está sendo travada contra eles. Esse é o instituto de pesquisas mais renomado do país.

K. é um homossexual assumido de 39 anos que vive com seu parceiro, Ivan, em um apartamento (como todos os moscovitas) na região central de Moscou. Na capital russa, tudo gira em torno do metrô — um dos maiores do mundo, com 250 estações, que levam a todos os lugares da cidade —, por isso os moradores raramente se referem ao seu bairro quando dão a localização, mas sim à estação de metrô mais próxima — no caso do meu amigo, a estação Komsomolskaya. Não utilizo seu nome em respeito à sua privacidade, embora seja de interesse saber como vive e o que pensa um homossexual russo devido à crença espalhada pelo mundo de que na Rússia os homossexuais teriam um tratamento muito pior do que no “Ocidente”.

Ele não é militante, ativista ou algum fanático ou radical, mas apoia Putin e a ação na Ucrânia.

— Há séculos a Europa chega aqui para roubar nossa terra, nossos recursos, nossas vidas. Esta é a nossa resposta para o Ocidente, simplesmente não há outra opção [que a resposta militar à OTAN] para a nossa sobrevivência — diz.

Me conta, ainda, que todos os russos que ele conhece apoiam a operação militar.

— No trabalho do Ivan [uma empresa de TI], só uma mulher pinta as unhas com as cores da bandeira ucraniana.

Em mais de uma ocasião eu não pude deixar de externar a minha curiosidade a K. Como é a vida de um gay na Rússia? Fala-se que eles são maltratados pelo governo e pela própria sociedade...

— Normal. Absolutamente normal.

K. é um gay muito discreto. Em sua visão, a sexualidade é um assunto privado. Por isso defende as políticas do governo que, por exemplo, proíbe propaganda LGBT pois isso afetaria a opção sexual das crianças. É óbvio que é uma medida

conservadora, mas aparentemente tem sustentação entre a população.

— Acho que 70% da população vê os LGBT como uma ameaça bem grave para suas crianças e como algo bem sujo — opina.

— Hmmmm...

— Eu não apoio totalmente o movimento LGBT. Sou contra as paradas e manifestações. Quem merece apoio e discussão são as famílias tradicionais com crianças e idosos.

Apesar de não poder se casar, não há impedimentos para que os gays vivam com seus parceiros, ou saiam juntos. Eu vi em Moscou e também em Rostov vários casais de lésbicas. K. me diz que, ao contrário do Brasil, os gays russos não costumam frequentar clubes ou festas gays. Mas há clubes gays e eles parecem funcionar sem muitos inconvenientes.

— Tem um jornalista muito famoso aqui, Anton Krasovskiy, e ele é um gay assumido. Dizem que Viacheslav Volodin, presidente da Duma [e ex-líder do Rússia Unida], é gay, mas é muito respeitoso. O presidente do Sberbank, German Gref, é gay.

K. tem vários conhecidos gays e lésbicas, e com filhos.

Certo dia, estava passeando com ele perto do metrô Semyonovskaya, quando aponta para um parquinho entre dois blocos de apartamento.

— Sete anos atrás eu estava comendo um holandês naquele banco.

— E ninguém viu?

— Era de noite, eu estava bêbado.

Andamos um pouco mais e entramos na estação. Olho para K., de baixo para cima.

— Você usa alguma droga?

— Não, nunca usei. Aqui na Rússia é muito difícil alguém usar drogas.

— Você tem algum amigo que usa drogas?

— Eu não faço amizade com quem usa drogas.

Ele me leva para conhecer o Parque de Exibição das Conquistas da Economia Soviética, conhecido pela sua sigla: VDNKh (pronuncia-se “vê-den-há”). É um complexo colossal e em seu exterior estão localizados o Museu dos Cosmonautas e a famosa estátua do Operário e a Camponesa. Há uma estátua de Lênin pouco depois do pórtico de entrada do parque, inaugurado em 1935 para homenagear a agricultura soviética. São quase mil construções dentro do VDNKh, dentre as quais se destacam os pavilhões dedicados (tanto em sua arquitetura como nas atrações oferecidas dentro de cada um deles — comida, arte, etc.) a cada uma das ex-repúblicas soviéticas e das repúblicas autônomas da Federação Russa. Uma multidão de pessoas de todas as idades, de jovens a famílias, passeia sob o crepúsculo da primavera moscovita, quando ainda é possível ver claridade no céu depois das onze da noite e antes das duas da manhã o sol já volta a raiar.

— Você pode tirar uma foto minha junto ao Lênin, K.?

— Claro.

— Você gosta do Lênin?

— Não. Eu prefiro Stálin. Lênin queria incendiar a Rússia como se ela fosse apenas mais uma carta no baralho da revolução mundial. Stálin protegia a Rússia e a via como uma fortaleza.

K. se autointitula um “tradicionalista e conservador na base da cultura russa e contra a revolução”. Apesar de não gostar de Lênin, respeita muito Nadezhda Krupskaya, revolucionária bolchevique e companheira do líder de Outubro, devido ao seu papel na construção do sistema de educação da Rússia.

Digo a ele que sempre vejo muitas moças passeando sozinhas ou com suas amigas, mesmo de noite.

— Na Rússia, as mulheres não são dependentes dos homens como no Brasil. Aqui existe o verdadeiro feminismo, não esse de mentira que se propaga por aí. As mulheres são as chefes das famílias e são muito respeitadas.

Poucos dias depois, K. me leva a outro parque, o Parque da Vitória. Mais um dos parques espetaculares de Moscou dedicados à história da Rússia e da União Soviética. Nele, há um museu que conta a história da Grande Guerra Patriótica — como os russos chamam a luta contra a invasão nazista da URSS de 1941 a 1945, em meio à II Guerra Mundial. Mas não o visitamos por falta de tempo. Vamos à Igreja de São Jorge, no mesmo complexo. Ela também é dedicada aos que tombaram na guerra contra a Alemanha. Acendemos uma vela em sua homenagem e outra em homenagem às vítimas dos nazistas de hoje, os militares ucranianos que massacram o povo russo do Donbass.

Esse é o motivo pelo qual me recuso a chamar a operação militar especial da Rússia na Ucrânia de guerra. Não vou endossar a propaganda enganosa espalhada por toda a imprensa mundo afora, segundo a qual a Rússia malvada invadiu a Ucrânia em uma guerra de conquista. Essa guerra começou em 2014. Começou porque os EUA e a União Europeia derrubaram o presidente da Ucrânia, Viktor Yanukovich, em um golpe de Estado financiado com milhões ou mesmo bilhões de dólares e de euros, que teve a participação pública do Departamento de Estado, do Partido Democrata, de ONGs de fachada da CIA e dos diplomatas europeus. Golpe conhecido como Maidan, no qual unidades inteiras de grupos nazistas incendiaram o centro de Kiev e, depois de assassinar civis inocentes na capital, tomando o poder promoveram uma sequência de chacinas cujo alvo principal eram os cidadãos de origem russa (cerca de um quinto de toda a população ucraniana). A região com a maior comunidade russa do país, no leste — chamada de Donbass —, se levantou contra o massacre que estava começando a sofrer de um governo ilegítimo apoiado em movimentos nazistas. A própria população dos oblasts de Donetsk e de Lugansk, em maio daquele ano, declarou independência e formou dois Estados separados: a República Popular de Donetsk e a República Popular de Lugansk. Em

Carcóvia e Odessa (hoje visadas pelas tropas russas) a população também organizou um movimento anti-Maidan. Como o governo usurpador da Ucrânia continuou utilizando os paramilitares nazistas e também o seu próprio exército para submeter as repúblicas separatistas, elas armaram os seus habitantes e eclodiu uma guerra que dura até hoje. Uma guerra absurdamente assimétrica. Enquanto a Ucrânia era armada, financiada, treinada e governada pelas maiores potências do mundo, Donetsk e Lugansk contavam apenas com a força de seus próprios cidadãos, que a partir daquele momento se recusaram a fazer parte de um país que os tratava como inimigos. Foram oito anos de um genocídio que deixou 14 mil pessoas mortas, conforme admite a própria Organização das Nações Unidas. Tudo isso promovido pela Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN), principal fornecedora de treinamento e armas para a Ucrânia.

No dia 24 de fevereiro de 2022, a Rússia disse “basta!” Em seu discurso anunciando o início da operação militar especial, Putin afirmou que o objetivo era “desmilitarizar” e “desnazificar” a Ucrânia. Eram duas as justificativas principais: 1) a OTAN estava armando a Ucrânia para, a partir dali, iniciar uma agressão militar contra a Rússia e 2) há oito anos a Rússia estava tolerando o extermínio de russos no Donbass. Putin havia acabado de reconhecer a independência das repúblicas de Donetsk e de Lugansk e assinado um acordo de cooperação militar. A seu pedido, Putin enviou tropas para socorrê-las da agressão ucraniana. Portanto, a Rússia não iniciou e não promove guerra com ninguém, mas sim tomou parte em uma guerra desencadeada pela Ucrânia (com os EUA e o imperialismo europeu por trás) contra um povo indefeso.

O natural de uma cobertura jornalística seria partir da seguinte indagação: o que está ocorrendo no Donbass para a Rússia iniciar uma manobra tão extraordinária como essa? Já que todos os jornais alardearam tanto a “invasão” e a “guerra” da Rússia contra a Ucrânia, não há nenhuma justificativa para

ignorar o motivo pelo qual a Rússia fez o que fez. Por que não enviaram correspondentes ao Donbass para investigarem por sua própria conta as razões e a história por trás dessa “invasão”?

Cobrir a “guerra” na Ucrânia passando por cima da guerra no Donbass é como cobrir uma eleição presidencial sem dar um pio sobre o primeiro colocado nas pesquisas. Porque a única e verdadeira guerra que existe na Ucrânia ocorre exatamente no Donbass, e não há alguns meses, mas sim há mais de oito anos! Ignorar o Donbass atesta a nulidade jornalística da cobertura dos jornais, TVs e demais veículos de comunicação brasileiros e internacionais. Isso que estão fazendo não é jornalismo. É pura propaganda. Suja. Barata. Enganosa. Mentirosa. Criminosa. Terrorista. Se a pretensão fosse fazer jornalismo, a cobertura teria se centrado no Donbass. A imprensa é cúmplice integral do genocídio e dos crimes de guerra dos grupos nazistas ucranianos contra o povo daquela região.

Por outro lado, o Partido da Causa Operária (PCO), um partido político, colocou os seus órgãos de comunicação e informação a serviço do verdadeiro jornalismo e não da propaganda medíocre, ao enviar correspondentes onde a guerra estava ocorrendo de verdade. Rafael e eu fomos os únicos jornalistas brasileiros a cobrir a guerra do Donbass enquanto todos os outros fingiam estar cobrindo alguma guerra a partir da Ucrânia.

Algumas pessoas me acusaram de ser um propagandista do governo russo. Devo reconhecer que um dos objetivos da viagem era apresentar o ponto de vista dos russos. Isso porque a imprensa internacional, que se diz “imparcial”, somente apresentava o ponto de vista ucraniano (ou melhor, dos EUA) e censurava qualquer declaração ou informação favorável aos russos. Na faculdade de Jornalismo, ensina-se que todo jornalista deve “ouvir os dois lados”. Isso é um mantra. E também uma farsa. Os grandes jornais não passam de correia de transmissão da opinião dos poderosos. Diante de uma desproporção tão grande, como eu, que quero transmitir a

verdade, poderia ser “imparcial”? Eu me recuso a apresentar os dois lados de forma equilibrada, porque o público já conhece um dos dois lados e desconhece completamente o outro lado. O conflito informativo continuaria desigual. A neutralidade sempre favorece o mais forte, e aqui também o mais forte é a rede de criminosos de sempre: os governos dos EUA e das potências europeias, os monopólios capitalistas desses países, o seu aparato monstruoso de propaganda e o sistema internacional obscuro que eles controlam — todos eles desafiados pela Rússia. A única maneira de garantir um mísero equilíbrio, quando toda a indústria da comunicação cala os russos e apresenta os ucranianos 24 horas por dia como vítimas, seria transmitir tudo o que os russos têm a dizer, investigar as razões de sua operação militar, apresentar as suas denúncias e confrontá-las com o que eu vi para trazer ao público uma versão da realidade que não é contada. Versão esta que, tendo feito um trabalho de quase três meses *in loco*, e tendo acompanhado por diversas fontes essa guerra durante todos os seus oito anos, posso concluir que, se não é a mais próxima da realidade, é certamente mais próxima do que todo o material produzido pelo conjunto dos grandes meios de comunicação internacionais acerca da situação ucraniana. Porque esse material não passa de lixo desinformativo. Nós fomos à Rússia e ao Donbass com a convicção de que estávamos a serviço da verdade. Mais do que nunca, mantenho e reafirmo essa convicção. Mesmo sofrendo alguns percalços em nosso trabalho jornalístico.

Quando estávamos passeando pela Praça Vermelha com o jornalista Mauro “Bedê”, brasileiro residente em Moscou desde os anos 80 e que nos auxiliou em algumas questões, fomos abordados por três guardas com traços cazaques por estarmos tirando fotografias do Kremlin. Perceberam algo estranho quando sacamos a câmera profissional, o tripé e o microfone. Mauro disse que éramos jornalistas e os guardas responderam que, por causa das tensões geradas pela operação na Ucrânia, proibiu-se fazer reportagens na Praça Vermelha. Isso é

compreensível. Existem provas documentadas e publicadas na Internet da utilização dos escritórios e correspondentes da *BBC* e da *Reuters* em Moscou, por exemplo, pelo serviço de inteligência britânico para espionar a Rússia.

Os repórteres da imprensa burguesa têm toda a facilidade, infraestrutura, dinheiro, amizades com gente influente e têm a fama de suas empresas. Isso abre portas para eles poderem trabalhar em situações como as que estávamos envolvidos. Mas nós não tínhamos nada. Fomos à Rússia e ao Donbass com a cara e a coragem. Nem mesmo a embaixada do Brasil em Moscou se dispôs a nos dar qualquer apoio.

— O sistema de recepção na embaixada é super burocrático desde a época do governo Temer, e piorou em 2018 quando Bolsonaro se tornou presidente — nos confidenciou um amigo brasileiro que vive em Moscou há muitos anos.

Se alguma coisa acontecesse conosco — e as chances eram razoáveis —, a embaixada brasileira seria responsável. Uma embaixada tem o dever legal de proteger e zelar por cada cidadão de seu país que se encontra na nação em que ela funciona. Mas nós fomos absolutamente ignorados.

## ***Antes da chuva***

— Quem defende a Rússia devia ir para lá viver para dar mais valor às palavras democracia e liberdade — alguém me diz nas minhas redes sociais.

Respondo que já estou na Rússia há um mês e vejo um dia a dia de democracia e liberdade maiores do que no Brasil. Nosso país tem a terceira maior população carcerária do mundo, com 820 mil presos. O que poderia ser mais contrário à liberdade do que, precisamente, a privação dessa? E mais de 40% desses presos sequer foram julgados! Portanto, não foram condenados. E, se não foram condenados, não podem ser considerados culpados por nenhum crime. Logo, são inocentes. Centenas de milhares de cidadãos inocentes estão atrás das grades no Brasil. Que liberdade é essa? Além disso, dois terços dos presos no Brasil são negros. Em 2020, os negros representaram 79% das pessoas assassinadas pela polícia. Os 10% mais ricos sempre roubaram mais da metade da renda nacional, e hoje o percentual dessa riqueza espoliada beira os 60%. Os 50% mais pobres possuem menos de 1% de toda a riqueza nacional, embora sejam eles os principais responsáveis pela produção dessa riqueza. Acabo de ouvir a notícia de que um terço dos brasileiros vive abaixo da linha da pobreza. Onde está a democracia? Onde está a democracia quando uma presidenta eleita pelo voto popular é derrubada por um punhado de pistoleiros políticos do Congresso Nacional e o presidente mais popular da história do país é preso ilegalmente por um juiz que não foi eleito por ninguém? Tudo isso a mando de um governo estrangeiro.

O estereótipo espalhado por aí indica que em qualquer esquina há soldados, policiais ou um agente da KGB à sua espreita na Rússia. Bom, pela minha experiência acredito apenas na possibilidade de haver agentes secretos em toda parte, porque foram muito poucos policiais e militares (mesmo com um conflito militar em andamento) que esbarrei pelo país. Em Rostov do Don, passei pelo Boulevard da rua Pushkinskaya à uma da madrugada, bêbado, com o celular na mão o tempo todo, dando sopa para qualquer trombadinha. Só faltava implorar para ser assaltado. Mas não apareceu nenhum mísero ladrão para me roubar. E olha que também não havia nenhum policial, guarda ou segurança. E eu não estava sozinho: centenas de adolescentes, moças e rapazes, casais, amigos andando de patinete público, mulheres desacompanhadas, todos tranquilamente curtindo a noite muito bem iluminada pelos postes de luz do belíssimo boulevard. Vi até mesmo uma velha com seu cachorro. À uma da madrugada de um dia de semana qualquer! Em nenhuma cidade do Brasil — ainda mais do tamanho de Rostov, uma urbe com seus mais de um milhão de habitantes — essas pessoas teriam coragem de botar o pé para fora de casa a essa hora. Também não vi nenhum morador de rua, nenhuma prostituta, nenhum travesti ou nenhuma pessoa drogada, nem senti cheiro de droga alguma. K. me disse, quando íamos do aeroporto de Vnukovo à sua casa, em minha chegada a Moscou, que praticamente inexitem na Rússia de hoje essas cenas grotescas do lumpemproletariado que vemos no Brasil, pessoas que foram varridas para a margem da sociedade e cujas vidas foram transformadas em um verdadeiro inferno — isso quando já não nascem nesse inferno, como os filhos de moradores de rua.

Na Rússia, vi muito poucas pessoas pedindo esmola na rua e menos ainda dormindo nos bancos das praças. Não duvido que no centro de São Paulo haja mais sem teto, mendigos, drogados e prostitutas do que por toda a Rússia. Apesar da devastação dos anos 1990, ainda existe muita herança da antiga

União Soviética. E boa parte disso foi recuperado por Vladimir Putin. O país da Revolução Bolchevique não aceitou a imposição do neoliberalismo pelos grandes banqueiros imperialistas. E o neoliberalismo, regime econômico por excelência da fase mais apodrecida do capitalismo, é a antítese da democracia e da liberdade. No momento em que escrevo estas linhas, a Rússia tem 4,1% de taxa de desemprego, enquanto o Brasil tem 11,1% — índice que mascara a realidade por não levar em conta os subempregados, os ambulantes, os que vivem de bicos, os desalentados e os que não têm carteira assinada.

Os russos com quem conversei não querem saber da “democracia” e da “liberdade” do que alguns chamam de “mundo ocidental”. Ekaterina, que servirá como nossa intérprete em Rostov do Don, nos explicará esse sentimento, que vem crescendo mesmo entre a juventude do país.

— Quando eu era mais jovem, eu tinha ilusões de que a Rússia deveria seguir o caminho dos EUA e da Europa. Mas depois que morei um tempo na Europa Ocidental, percebi que aquilo era muito diferente do que falavam. Então, comecei a refletir e penso que a Rússia deve seguir o seu próprio caminho. Antes, quem pensava assim eram os mais velhos. Mas nos últimos anos, muitos jovens também têm essa percepção — são as palavras da moça de 25 anos, em um espanhol perfeito.

Democracia e liberdade são historicamente os motivos sagrados pelos quais os anjos norte-americanos sobrevoam os céus dos países pobres. A democracia e a liberdade — e, nas últimas décadas, os direitos humanos — são despejadas por esses anjos com asas de metal e turbinas e caem em forma de bombas e mísseis. Suas vítimas, contraditoriamente, são aqueles que eles dizem defender dos demoníacos e sanguinários ditadores que governam esses países. Esses bombardeios de democracia, liberdade e direitos humanos, no entanto, sempre são precedidos por uma intensa campanha de propaganda nos grandes meios de comunicação, que serve para preparar a opinião pública para a intervenção. Afinal de contas,

nenhuma pessoa normal defenderia tais bombardeios se estes fossem cometidos contra um país pacífico, com uma população que apoia seu governo, onde a vida não é muito pior do que em outros lugares e onde nada de anormal acontece. É preciso convencer uma parcela da opinião pública de que os habitantes daquele país estão sofrendo graças ao governo tirânico e despótico que os oprime. E se isso não for suficiente, é preciso dizer que esse governo não oprime somente seus governados, mas também os povos de outras nações. Curiosamente, os EUA procuram, através da manipulação da realidade, atribuir aos seus inimigos exatamente as suas próprias e piores características.

É isso o que está acontecendo com a Rússia, especialmente nos últimos dez anos. O país está sendo sufocado por uma enorme campanha nos jornais, TVs, rádios, revistas e na Internet, que disseminam mentiras das mais estapafúrdias e ao mesmo tempo censuram qualquer informação ou opinião que retrate a verdade. Esse é outro aspecto sobre a tão sagrada democracia, a tão sagrada liberdade, promovida pelos EUA e a Europa. A Rússia também está sendo sufocada por uma campanha militar de baixa intensidade mas de alta extensão: o expansionismo da OTAN. Esta organização foi criada sob a desculpa de combater a expansão do comunismo, em 1949 — embora o que poderia ser o seu equivalente “comunista”, o Pacto de Varsóvia, só tenha sido criado em 1955. Era o início da chamada “Guerra Fria”, período no qual, por 40 anos, o imperialismo, na verdade, impôs uma guerra unilateral, por procuração e de diversas maneiras, contra a União Soviética. Com a desintegração desta e o término oficial da guerra fria, não havia mais motivo oficial para a manutenção da OTAN. Mas ela não foi extinta. Pelo contrário: incorporou a maioria dos países que faziam parte do Pacto de Varsóvia, antigos aliados da Rússia, e pela primeira vez realizou intervenções militares diretas, inclusive nas proximidades da Federação Russa, como foi em 1999 na Iugoslávia — passando

por cima da própria ONU, que já naquela época demonstrava sua total inutilidade. A OTAN, sob o controle absoluto dos EUA, cercou a Rússia com bases militares e mísseis apontados diretamente para o país eurasiático. Inúmeras vezes o Kremlin alertou que isso era uma clara ameaça à segurança nacional da Rússia e poderia levar a uma retaliação de Moscou.

— Sempre foi um conflito evitável. A Rússia sempre advertiu a OTAN. Não somente nos últimos anos, mas há 30 anos, desde o desaparecimento da União Soviética — afirma Victor Tervovsky, repórter da agência *Sputnik News*. — Ali, havia sido feita a promessa a Gorbachov de que a OTAN não se expandiria além da Alemanha reunificada. Há documentos que comprovam a promessa à Rússia de que a OTAN não iria se expandir. Mas ninguém cumpriu com a palavra. A OTAN continuou se expandindo, a tal ponto que a OTAN praticamente conseguiu tocar às portas da Rússia.

Mentiras. Enganações. Blefes. Trapaças.  
Táticas tradicionais.

*Recordemos siempre  
que no se puede confiar en el imperialismo  
pero  
ni un tantito así.  
¡Nada!  
(Che Guevara)*

— Há três décadas a Rússia protesta e diz que está incomodada com a aproximação da OTAN. Porque ela está cercando nossas fronteiras e não leva em conta os argumentos da Rússia. A OTAN se recusou a todo o momento a assinar um documento conjunto com a Rússia que garantisse a nossa segurança.

A gota d'água foi o golpe de 2014 na Ucrânia, cujo principal objetivo era justamente impor um governo fantoche que

aceitasse a integração da antiga república soviética e parte histórica da Rússia à OTAN.

— Em dezembro de 2021 a Rússia apresentou o rascunho de um novo acordo sobre a nova arquitetura de segurança na Europa. Enviou esse esboço à OTAN e aos EUA dizendo que era preciso assinar esse documento porque, do contrário, não ficaria de braços cruzados diante da expansão da OTAN. E o que disseram à Rússia? Praticamente a ridicularizaram. Porque o secretário-geral da OTAN, o senhor Stoltenberg, disse em fevereiro deste ano na Conferência de Segurança de Munique que, se a Rússia quer *menos* OTAN nas suas fronteiras, ela vai ter *mais* OTAN nas suas fronteiras. E havia um perigo real da entrada da Ucrânia na OTAN. Em 2019, o presidente Zelensky adotou uma nova estratégia militar para a Ucrânia, em que ela se compromete a ingressar na OTAN. O que isso significa para a Rússia? Se a OTAN instalasse mísseis na Ucrânia, e se eles fossem mísseis hipersônicos, em cinco minutos atingiriam Moscou. Além disso, a Ucrânia tinha planos não somente de recuperar o Donbass, mas também de recuperar a Crimeia. Se a Ucrânia fizesse isso já como membro da OTAN, e se a Rússia revidasse, a Rússia entraria em conflito oficial contra toda a OTAN. Por isso Putin disse que a Rússia não poderia esperar, não se poderia repetir o erro que levou à invasão da Alemanha nazista à União Soviética, porque a URSS não levou o risco de invasão suficientemente a sério, e Putin disse publicamente que isso representou um duro golpe à União Soviética principalmente nos primeiros meses da guerra. Aprendemos com o erro.

— A OTAN diz que é uma escolha dos países que querem entrar na organização e que eles fazem isso porque veem a Rússia como uma ameaça — questiono Victor.

— Sim, e por isso a Rússia não teria direito a intervir nessa decisão da Ucrânia. Mas ela tem. E não somente pelas preocupações que eu acabei de explicar, mas porque os próprios acordos existentes também proíbem a Ucrânia de decidir livremente suas alianças militares. Por exemplo, Rússia,

Ucrânia, ou mesmo os Estados Unidos e os países europeus, fazem parte da Organização para a Segurança e Cooperação na Europa (OSCE). Entre os acordos que regem o funcionamento desse organismo, encontra-se um documento cujo princípio é o da segurança indivisível. Ou seja, nenhum Estado membro desse enorme organismo pode tomar medidas de defesa que qualquer outro membro desse órgão possa considerar como uma ameaça. E a Rússia diz que a entrada da Ucrânia na OTAN é uma ameaça para nós.

— O que você me diz sobre a cooperação da OTAN e dos EUA com grupos como o Batalhão Azov, mesmo antes de uma entrada formal da Ucrânia na OTAN?

— Algumas pessoas dizem que se a Rússia quisesse justificar a intervenção, deveria esperar a Ucrânia ingressar formalmente na OTAN. Mas, na prática, a Ucrânia se converteu sim em um membro da OTAN durante esses anos. Após o golpe de Estado em 2014, os EUA modernizaram uma série de aeroportos em solo ucraniano justamente para facilitar o transporte de tropas e de contingentes da OTAN em território ucraniano. Eles já estavam se preparando para a guerra. Os EUA também construíram em uma cidade ucraniana o seu centro naval para operações especiais e essa base permite coordenar com precisão as ações dos navios da OTAN no Mar Negro e os ataques militares contra as infraestruturas e a frota russa no Mar Negro. Havia planos para se construir a mesma base na península da Crimeia, para o que seria preciso expulsar a Rússia da Crimeia, que pertence à Rússia há séculos. Portanto, a Ucrânia se converteu em um membro de fato da OTAN. Acrescenta-se a isso a integração dos centros de comando do exército ucraniano aos centros de comando da OTAN. Isso significa que o exército ucraniano pode ser dirigido desde o exterior, e isso já ocorre.

— Na sua opinião, por que a OTAN não interveio diretamente, fazendo uma guerra total contra a Rússia na Ucrânia?

— Eu acho que a situação é um pouco ambígua. Porque a OTAN está fornecendo armas em uma quantidade sem precedentes para a Ucrânia, então acho que de fato já está participando nesse conflito. Mas não intervém diretamente porque a Rússia não é a Líbia, não é a Síria, não é a Iugoslávia. Porque a Rússia pode se defender.

— Qual a relação de forças militares entre a Rússia e a OTAN?

— É de equilíbrio. Mas se formos adicionar a China ao lado da Rússia (e a China, neste conflito, obviamente está do lado da Rússia, porque a sobrevivência da China depende da aliança com a Rússia, se não ela também seria arrasada pelos mesmos que estão provocando o conflito na Ucrânia), elas serão mais fortes em termos de armas do que a OTAN.

Sempre foi óbvio para todos aqueles que acompanham a geopolítica mundial: a OTAN quer atacar a Rússia. A OTAN é o braço armado das grandes potências capitalistas, do imperialismo. É uma organização criada para a guerra de conquista por parte do conjunto do bloco imperialista sobre os países atrasados. Quando o imperialismo não consegue saquear nações inteiras pela via “pacífica” (imposição de regimes fantoches, subjugação de governos pelo bloqueio econômico, etc.), ele necessita partir para a agressão militar aberta. A Rússia é um país com uma quantidade de riquezas naturais absurda, como o petróleo, o gás e os minerais. E essas riquezas naturais, bem como o seu mercado consumidor de 144 milhões de pessoas, não são dominados pelas empresas dos principais países capitalistas — os EUA vendem cinco vezes menos mercadorias para a Rússia do que para a pequenina Bélgica. Em um estado de crise terminal como a que vive o regime capitalista, no qual praticamente não existe nenhum rincão do mundo onde os eternos parasitas já não tenham penetrado para sugar seu sangue, é questão de vida ou morte o domínio da maior nação da face da Terra.

Mas como a Rússia é uma das maiores potências militares do planeta, possuindo inclusive armamento nuclear, o imperialismo não pode chegar bombardeando o Crêmlin como se estivesse bombardeando a Somália. Precisa ir devagarinho, de pouquinho em pouquinho, até se apresentar uma boa oportunidade para arrasar seu inimigo. Por isso também o golpe na Ucrânia. Por isso a guerra genocida desencadeada contra a população de maioria russa do Donbass. Lá estamos vendo como funciona a tentativa de implantação da democracia e da liberdade pelos eleitos de Deus para civilizar as terras bárbaras.

A Rússia destina 2,6% do seu Produto Interno Bruto (PIB) para as forças armadas. Em 1988, a União Soviética destinava 4,9%. Os comentaristas de política internacional chamam isso de país militarizado, autoritário, ditatorial. A Rússia, assim como China, Coreia do Norte, Irã e Venezuela, é tachada de provocadora, de ser controlada por uma burocracia militar que utiliza a desculpa de se defender de inimigos externos para oprimir a população e se perpetuar no poder. Mas ninguém diz que os EUA dedicam 3,1% da renda nacional a gastos militares e que em 2021 eles gastaram mais (801 bilhões de dólares) do que os outros 9 países com maiores despesas militares combinados (777 bilhões). Esses mesmos comentaristas também utilizam um estranho eufemismo: chamam os gastos com *ataques* a outros países de gastos com a *defesa*...

Os Estados Unidos invadem países, bombardeiam nações e têm aproximadamente 800 bases militares espalhadas pelo mundo. Não existe a mínima necessidade de discussão: isso constitui uma ameaça real para os países que abrigam ou que estão próximos a essas bases. E a Rússia, bem como a Coreia do Norte ou a Venezuela, está cercada por bases, por mísseis e por tropas dos EUA e da OTAN. Os EUA e outros 13 exércitos invadiram a Rússia em 1918. A Alemanha voltou a invadi-la em 1941. Exercícios militares são conduzidos com regularidade nas suas fronteiras pelos países que lhe são hostis. Por qual razão a Rússia não haveria de se preocupar com a sua defesa? Ela e

praticamente todos os outros países do mundo são obrigados a se preocupar em se armar o máximo possível. Quem não se arma o suficiente, é submetido pelos que estão armados. Seja por meio da escravidão política e econômica, seja por golpes de Estado ou invasões militares.

A Rússia e outros países muitas vezes não podem satisfazer as necessidades de seu povo porque precisam remanejar os recursos para a defesa do país. Os gastos com a burocracia estatal, militar e tudo o mais são elevados, ao mesmo tempo em que muitas vezes o povo sofre com a carência de produtos de primeira necessidade — como ocorreu na URSS ou como ocorre hoje, por exemplo, nas repúblicas populares de Donetsk e de Lugansk. A pressão militar do imperialismo, junto com o controle e bloqueios econômicos, é a grande responsável pela pobreza que se abate sobre os países atrasados. Enquanto eles estiverem com essa faca em seu pescoço, não verão outra escolha senão sacrificar seus escassos recursos e direitos de seus cidadãos para se proteger, caso contrário terão o mesmo destino da Iugoslávia ou da Líbia. Os recursos só poderão ser integralmente destinados ao bem-estar da população quando essa ameaça acabar. E ela só vai acabar quando não existir mais o sistema imperialista — que é um sistema de guerra contínua contra os países pobres. E como disse o 4º presidente dos EUA, James Madison (1809-1817), “nenhuma nação poderia preservar sua liberdade em meio a uma guerra contínua”.

## ***Discípulos de Mengele e Goebbels***

O Ministério da Defesa da Rússia divulgou um documento, em março, que corroborava as acusações sobre a participação do governo dos Estados Unidos no financiamento de projetos militares de pesquisa biológica na Ucrânia. Os russos afirmaram: “acreditamos que no território da Ucrânia foram criados componentes de armas biológicas.” Eles eram ocultados dos organismos regulatórios internacionais.

Nesses laboratórios, segundo as denúncias, seis famílias de vírus eram coletadas pelos pesquisadores americanos, incluindo o coronavírus e variantes do vírus da gripe aviária. Sua existência (desde a década de 1990) acabou sendo admitida pelo próprio governo norte-americano, quando expressou sua preocupação de que eles caíssem nas mãos das forças armadas da Rússia após essas tomarem conta dos territórios onde funcionavam as mencionadas bases científicas. Tanto é que patógenos e documentos teriam sido destruídos no mesmo dia do início da operação especial, além de muito material que conseguiu ser levado para fora da Ucrânia. Victoria Nuland — que, em 2014, como subsecretária de Estado para Assuntos Europeus dos EUA na Ucrânia, teve conversa vazada na qual escolhia a dedo os novos membros do governo golpista de Kiev — admitiu que os EUA colaboravam com as pesquisas biológicas, em uma sessão da Comissão do Senado norte-americano para as Relações Exteriores. Aparentemente, os EUA nunca se preocuparam com que esses laboratórios fossem parar

no controle dos grupos nazistas ucranianos, como o Batalhão Azov, o Batalhão Aidar e o Setor de Direita.

Os russos convocaram uma reunião do Conselho de Segurança das Nações Unidas. A ONU reconheceu não ter sido informada pelos ucranianos da existência de tais programas — mesmo a Ucrânia sendo signatária da Convenção sobre a Proibição de Armas Biológicas.

— De acordo com o Ministério da Defesa russo, nesses laboratórios eram feitas pesquisas com o DNA de alguns eslavos, incluindo cidadãos russos, para possivelmente descobrir alguma fraqueza imunológica do povo russo para a possível produção de armas biológicas no futuro contra a população em uma eventual guerra contra a Rússia, inclusive uma guerra não declarada — nos conta o jornalista Tito da Silva, brasileiro que trabalha na imprensa estatal russa e vive em Moscou.

A edição de número 27.376 do semanário *Komsomolskaya Pravda*, de 20 a 27 de abril, publicou uma entrevista com um ex-funcionário do Ministério do Interior da Ucrânia na administração de Viktor Yanukovich. O jornal listou 13 laboratórios em cidades como Kiev, Carcóvia, Lvov, Odessa, Kherson e Dnepropetrovsk, instalados até o ano de 2013 e financiados com dólares provenientes de Washington.

No início de maio, com a libertação de Mariupol, a inteligência russa obteve documentos que indicavam a existência de novos laboratórios biológicos na Ucrânia. No Hospital Psiquiátrico nº 1 do vilarejo de Streleche, na região da Carcóvia, eram realizadas experiências em cidadãos ucranianos. O principal grupo de pacientes eram homens de 40 a 60 anos em um estágio elevado de exaustão física. O laboratório era mantido pelos EUA e os pesquisadores que lá trabalhavam eram norte-americanos. Em janeiro, eles fugiram do local e levaram os materiais para o oeste da Ucrânia. O dinheiro para criar e manter o laboratório veio do próprio orçamento do governo norte-americano por meio dos líderes do Partido

Democrata, segundo o Ministério da Defesa da Rússia. Eram levantados fundos de ONGs como as de Joe Biden, Clinton, George Soros e Rockefeller.

— Sem o financiamento dos EUA, não haveria como esses laboratórios funcionarem. Quem financia é quem manda. Isso obviamente é um plano dos EUA dentro da Ucrânia. Não tem como ser uma coisa 100% ucraniana.

Algumas das maiores companhias da indústria farmacêutica estavam envolvidas no esquema, como Pfizer, Moderna e Merck, além da Gilead, ligada ao exército dos EUA. “Especialistas americanos estão trabalhando para testar novos remédios que burlem os padrões internacionais”, denunciaram os russos.

Além dos EUA, outros países da OTAN participaram da implementação de projetos biológicos e militares na Ucrânia. De 2016 a 2019, foram obtidas por epidemiologistas militares do Instituto de Microbiologia das Forças Armadas da Alemanha 3.500 amostras de soro sanguíneo de cidadãos de 25 regiões da Ucrânia.

A cidade de Mariupol, reduto do Batalhão Azov, era um centro regional de coleta e certificação de patógenos de cólera. Os russos dizem ter obtido evidências de tentativa de destruição dos documentos que comprovam a participação dos EUA nesses laboratórios.

Há indícios de que as armas biológicas que estavam sendo desenvolvidas nos laboratórios ucranianos possam ter sido usadas contra a população do Donbass. Em 2018, mais de 70 pessoas morreram estranhamente em Donetsk devido a variantes da tuberculose extremamente resistentes. Já em 2020, os habitantes do distrito de Slavyanoserbsk, em Lugansk, também foram deliberadamente infectados com tuberculose altamente resistente a medicamentos. Em seguida, os responsáveis pelo ataque distribuíram para crianças cédulas falsas infectadas com o agente causador da tuberculose.

— Com certa frequência ocorrem explosões na região do Donbass que criam fumaças laranjas. Tudo indica que trata-se de armas químicas, ou ao menos tentativas mal-sucedidas de se utilizar armas químicas contra a população civil. Ou mesmo que sejam atos provocativos para acusar a Rússia de utilizar armas químicas contra o exército ucraniano e a população ucraniana. Uma dessas explosões aconteceu no meio do nada, em uma área verde perto de Kramatorsk — diz Tito. — O uso de substâncias químicas na Ucrânia, não só contra a população, mas também pelos próprios soldados ucranianos, já foi provado inclusive pelas próprias tropas das repúblicas do Donbass. Recentemente, na região de Avdeevka, quando as tropas da República Popular de Donetsk estavam entrando no local, encontraram diversos frascos e seringas com substâncias químicas feitas para estimular o organismo dos soldados ucranianos, dopando-os para que continuassem a lutar mesmo cansados, uma prática que também foi utilizada pelas tropas de Hitler durante a Segunda Guerra Mundial. Além disso, existem também relatos de que, principalmente os batalhões de inspiração nazista, podem ter utilizado essas armas contra a população civil, porque seu ódio contra a população russa é algo evidente.

— Quais poderiam ser os objetivos desses laboratórios?

— Eu acredito que a melhor coisa que os ucranianos poderiam fazer seria uma guerra biológica de longa data contra a Rússia. Enfraquecer a imunidade do povo russo. No início dos anos 90, quando a União Soviética se dissolveu, começou-se a utilizar químicos dentro da composição da vodca que diminuíram sua qualidade e acabaram enfraquecendo a saúde dos russos, de acordo com algumas pesquisas. Grande parte dessas substâncias químicas vieram justamente de empresas norte-americanas. É algo para se suspeitar. Uma guerra contra uma nação como a Rússia através do meio militar, nuclear, não teria vencedores. Sanções políticas e econômicas como as que estão sendo impostas contra a Rússia neste momento, também

acredito que não terão o efeito que se esperava no Ocidente. Mas uma guerra biológica, que terminaria por afetar a saúde da população a longo prazo, isso sim poderia trazer sérios problemas demográficos, poderia enfraquecer o Estado Russo. Isso sim é muito possível, mais lógico, e é um inimigo muito mais difícil de se combater.

Joseph Mengele era o médico encarregado de coordenar os experimentos alemães em Auschwitz contra os prisioneiros judeus e eslavos. Todo o tipo de crime contra a humanidade foi realizado sob as ordens daquele ser nefasto que ficou conhecido como o “Anjo da Morte”. As forças de extrema-direita ucranianas não são nazistas apenas ideologicamente, com suas tatuagens e canções glorificando Hitler e o III Reich. São nazistas em todos os sentidos. Em Rostov do Don, fomos convidados a participar, em nome do PCO, do 7º Congresso Antifascista Internacional. A reportagem sobre o Congresso foi publicada no dia seguinte.

*“Os ucranianos estão cometendo um crime contra a humanidade”  
(Diário Causa Operária, 1 de maio de 2022)*

**– Eduardo Vasco, de Rostov do Don**

*Todos olham estarecidos para aquelas imagens, apesar de já as terem visto centenas de vezes. Lyubov, que pegou em armas e foi condenada à morte por se rebelar contra os fascistas, procura conter o choro. Um clima de angústia toma conta do estúdio do canal Don 24, onde foi realizado ontem (30) o 7º Congresso Internacional Antifascista.*

*Anna Soroka, vice-ministra de relações exteriores de Lugansk e encarregada da apuração dos crimes de guerra ucranianos, apresenta vídeos das atrocidades cometidas pelos militares e principalmente pelo Batalhão Azov contra prisioneiros de guerra russos e civis no Donbass. Cenas fortíssimas de tiros em partes do corpo, pessoas agonizando, torturas, propaganda incentivando decapitações de russos, inúmeras pessoas caídas mortas no chão em poças de sangue, corpos de homens, mulheres e crianças destroçados, cabeças esmagadas.*

*“Agora o nosso território está livre e temos várias evidências dos crimes dos nazistas ucranianos. É difícil de expressar em palavras. Em várias regiões do Donbass as crianças nunca viram a paz e são impedidas de ter acesso a serviços básicos, como água, eletricidade, remédios e comida”, diz. “Nunca pedimos por um milagre, apenas para que o mundo fosse objetivo ao dar informações sobre isso, nós tentamos contato com uma série de organizações de direitos humanos europeias, mas todos os diálogos foram mal-sucedidos. E agora pedimos para o mundo criar uma organização internacional alternativa, como uma corte, onde possa haver uma verdadeira justiça, onde a lei possa ser para todos e todos os eventos do Donbass sejam finalmente apurados.”*

*“Durante esses oito anos, a comunidade internacional nunca mencionou esses crimes no Donbass”, diz Vladislav Deynego, ministro do Exterior de Lugansk. “E em geral são um grande crime contra a humanidade.” O presidente da Câmara da República Popular de Donetsk, Alexander Kofman, concorda e denuncia a “comunidade internacional”: “os governos dos países ocidentais sabem o que está acontecendo na Ucrânia neste momento — é um crime contra a humanidade cometido pelos ucranianos.”*

*É revoltante como os jornais ignoram completamente essa realidade. De fato, a vontade é de cuspir na cara dos âncoras, comentaristas e repórteres da imprensa internacional. São covardes. Mercenários. Tudo bem, muitos são realmente ignorantes e não percebem que estão sendo manipulados pelos seus patrões. Mas muitos sabem disso, sabem qual é a verdade e, para manter seus carginhos medíocres nas redações, prestam-se ao papel de papagaios de pirata do governo dos Estados Unidos.*

*“Kiev e o Ocidente usam os métodos de Goebbels de que uma mentira repetida mil vezes se torna verdade, como no caso de Bucha, mas temos que fazer a verdade aparecer e ela está aparecendo”... graças a jornalistas como a que pronunciou essa frase no Congresso, e cujo nome infelizmente não capturei. “Eu só queria dizer que a guerra do Donbass não começou dois meses atrás, mas sim em 2014. As principais vítimas são idosos, mulheres e crianças.”*

*Uma delas é Anna Tuv. Ela perdeu toda a sua família nos bombardeios ucranianos contra o Donbass. Teve uma mão amputada devido a estilhaços dos mísseis. Por pouco também não*

*se juntou às mais de 14 mil vítimas fatais do genocídio realizado pelo regime imposto pelo imperialismo em 2014.*

*Mas esses números, reconhecidos pelas Nações Unidas, que já são assustadores, não estão nem perto da verdade. É o que revela uma representante oficial da República Popular de Donetsk. “Os números são dez vezes maiores”, declara. Cerca de 4.000 pessoas foram sequestradas. Mais de 60% das capturas de pessoas foram realizadas de maneira ilegal. Quinhentos e oitenta casos de tortura foram documentados. “Os batalhões ucranianos não usam a tortura de forma isolada, essa é uma política do Estado Ucraniano”, completa.*

*Os representantes do Comissariado de Direitos Humanos das Nações Unidas descobriram 300 lugares onde civis foram torturados pelas forças ucranianas. De 2014 a 2020, cerca de 900 pessoas foram trocadas como prisioneiros, a maioria sendo presos políticos civis.*

*Apesar de constatar a tragédia que toma conta da região que fica entre a Ucrânia e a Rússia, a ONU não faz absolutamente nada para parar o genocídio. Pelo contrário: sabotagem, boicota, sanciona, adverte, acusa e ameaça a Rússia, único governo com quem o desesperado povo do Donbass pode contar para se proteger das forças terroristas ucranianas. O governo e o povo russo, pois há uma verdadeira mobilização popular nacional em apoio aos seus irmãos de Donetsk e Lugansk. Ajuda humanitária está sendo enviada não apenas por órgãos oficiais russos, mas também por organizações da sociedade civil, de cidadãos comuns, que se solidarizam com o sofrimento do outro lado da fronteira. Há aqueles que se voluntariaram e estão neste momento pegando em armas na linha de frente da luta contra o nazismo, como revela Daria Mitina, do Partido Comunista Unificado. “Os pacifistas, na prática, estão apoiando a Ucrânia.”*

*O ministro Deynogo relembra ainda como se iniciou toda a carnificina promovida pelo regime ucraniano no Donbass. Poucos meses após o golpe contra o então presidente Viktor Yanukovich, o exército ucraniano iniciou os bombardeios indiscriminados contra Lugansk, onde a população não aceitou o golpe e declarou independência da região. Em 2 de junho de 2014, um ataque aéreo atingiu um parquinho de crianças, deixando 11 vítimas fatais. “A partir desse momento a Ucrânia deixou de existir para os habitantes*

de Lugansk. Entendemos que aquilo, de parte da Ucrânia, de utilizar suas armas contra civis, era puro nazismo.”

A mesma chacina ocorre em Donetsk, há oito anos, e aí podemos entender por que o regime de Kiev faz uso de nazistas precisamente na linha de frente: nazistas não têm a menor compaixão, e para realizar essa tarefa é preciso ter requintes de crueldade. “São como esquadrões da morte utilizados na África e na América Latina. Eles não consideram a população do Donbass e dos russos ucranianos como cidadãos. Eles atacam não somente ativistas sociais, como também padres e pessoas patriotas”, denuncia um deputado de Donetsk no Congresso.

O jornalista Yuri Barbachov foi testemunha ocular de alguns desses crimes. “Os ucranianos não consideram os cidadãos que estão sob proteção das repúblicas e da Rússia como seres humanos”, afirma. E explica: “o alvo dos ataques são pessoas civis que não apoiam a ideologia nazista, e não que não apoiam a Ucrânia. Os nazistas ucranianos não os consideram como seres humanos. E aqui é o principal problema do nazismo como ideologia: durante muitos anos as pessoas que eram parte da cultura russa foram desumanizadas na Ucrânia. Durante os últimos oito anos o processo de desumanização foi promovido contra o povo do Donbass, onde qualquer homem ou mulher poderia ser torturado ou morto por não ser considerado ser humano. Não há escolha: você é obrigado a compartilhar sua ideologia, ou se torna uma vítima dos nazistas.”

Na intervenção representando o PCO, o camarada Rafael Dantas lembra a todos que “os bandidos imperialistas só conseguem enganar os povos de todo o planeta porque escondem os crimes dos fascistas ucranianos”. E nós estamos aqui para escancará-los.

---

Companheiros!

É com enorme satisfação que atendemos ao convite para participar do 7º Congresso Internacional Antifascista em Rostov-do-Don.

Agradecemos o convite da camarada Lyubov Korsakova em nome do Partido da Causa Operária do Brasil e desejamos a todos que tenham um excelente debate.

*Torcemos para que a luta contra o fascismo que se desenrola neste momento nos territórios liberados pelas Forças Armadas russas na Ucrânia seja completamente vitoriosa.*

*Esperamos que as resoluções tomadas por vocês neste encontro possam inspirar e fortalecer a luta contra o fascismo em todo o mundo.*

*Como brasileiros, fomos convidados a falar aqui sobre como o povo do nosso país e da América Latina está compreendendo o que acontece nesse momento na Ucrânia.*

*Não é uma tarefa fácil. Somos quase um bilhão de pessoas em 35 países. Somos oprimidos diretamente pelo maior inimigo dos povos de todo o planeta, o imperialismo norte-americano.*

*A população brasileira e latino-americana é vítima das mentiras contadas pelos governos dos Estados Unidos da América, dos países da Europa Central, pela OTAN e pela ONU.*

*Os jornais e canais de televisão no Brasil e na maioria dos países da América Latina (com notáveis exceções como Venezuela e Cuba) repetem mentiras como a de que a Rússia está promovendo uma guerra injusta de agressão e conquista na Ucrânia.*

*Os bandidos imperialistas dos Estados Unidos e da Europa Central só conseguem enganar os povos de todo o planeta porque escondem os crimes cometidos durante oito anos pelos fascistas ucranianos.*

*Alguns países da América Latina têm governos semifascistas, serviçais do imperialismo norte-americano, impostos por golpes de Estado. Foi o que aconteceu no Brasil, em 2016.*

*Outros países têm governos incapazes de defender os interesses de seus povos de maneira consequente.*

*Isso ficou evidente na ONU.*

*Muitos destes governos condenaram a Operação Especial de Desmilitarização e Desnazificação da Ucrânia e apoiaram as sanções norte-americanas contra a Rússia ou se calaram porque têm medo de que o imperialismo se volte contra eles.*

*Mas, não se enganem, companheiros. Os povos do Brasil e da América Latina não são inimigos do povo russo e do povo ucraniano.*

*Os trabalhadores da cidade e do campo dos países latino-americanos não querem prejudicar o povo russo e o povo ucraniano com as sanções criminosas colocadas em prática pelos Estados Unidos e os países da Europa Central.*

*Temos um inimigo em comum: o imperialismo mundial e os seus bandos fascistas que estão sendo combatidos pelas Forças Armadas russas na Ucrânia.*

*Esse inimigo só será derrotado de maneira completa pela força dos povos oprimidos de todo o planeta e pela força dos trabalhadores e oprimidos em seus próprios países.*

*A dominação dos povos de todos os países pelo imperialismo só acabará com uma revolução socialista.*

*É nesse sentido, companheiros, que trazemos nossa solidariedade e esperamos cumprir a missão que nos foi dada pelos companheiros do Partido da Causa Operária no Brasil, que é levar a verdade sobre o que está acontecendo na Rússia e na Ucrânia ao povo brasileiro.*

*Muito obrigado.*

*Rafael Dantas e Eduardo Vasco,*

*Pela direção nacional do Partido da Causa Operária*

---

*Lyubov, a grande liderança dos refugiados de Lugansk na Rússia, presidenta da União Internacional dos Antifascistas e organizadora do Congresso, com seus dentes de ouro e seus cabelos de prata de cinco décadas, abre o evento saudando os presentes, incluindo o PCO, que representa a América Latina. Ela explica as origens, os símbolos e a ideologia da força mais terrorista do regime ucraniano, o Batalhão Azov.*

*Ela apresenta uma lista de centenas de mercenários estrangeiros na Legião Internacional de Defesa Territorial da Ucrânia. “Por oito anos a Europa e as Nações Unidas ignoraram todas as demandas da União Antifascista Internacional para se parar a guerra contra o Donbass e o genocídio da população de etnia russa.” E destaca a necessidade premente de lutar e esmagar o fascismo através de uma aliança antifascista internacional, ressaltando o exemplo dos povos de Donetsk e Lugansk com o apoio da Rússia. “Não há nada que se negociar com os fascistas”, conclui.*

*O sentimento de camaradagem é enorme junto aos companheiros de Donetsk, Lugansk e da Rússia. Somos irmãos. Estamos na mesma trincheira. No final do evento, entrego de presente ao ministro Deynego um exemplar do Jornal Causa*

*Operária e explico que a manchete diz “Defender a Rússia contra o imperialismo”. Ele agradece o presente. Em seguida, entrego a Lyubov, que está a seu lado, uma camisa e um broche da Aliança da Juventude Revolucionária. Ela fica tremendamente feliz. Vendo a gentileza, Deynego retira o broche que representa a bandeira e o brasão de armas da RPL (o qual eu já estava de olho desde o começo do Congresso) da lapela de seu paletó e me entrega. Fico muito agradecido e digo que é uma honra poder estar junto com esses companheiros, que dão um exemplo para todo o mundo ao pegar em armas contra o fascismo e construir duas repúblicas populares no meio de uma guerra de agressão que estão sofrendo.*

Algo que esqueci de mencionar na reportagem acima: o congresso teve de ser interrompido em determinado momento devido a um bombardeio ucraniano contra a cidade russa de Belgorod. Isso afetou os transmissores via satélite e levou à queda do sinal de internet dos participantes a distância...

Os batalhões de extrema-direita ucranianos não são os únicos que se inspiram nos nazistas alemães para cometer crimes. Outra inspiração para aqueles que estão em guerra contra a Rússia é Joseph Goebbels, o arquiteto de toda a propaganda da Alemanha nazista, baseada em todo o tipo de mentiras e manipulações. Se os discípulos de Mengele estão realizando experiências em seres humanos e desenvolvendo armas biológicas, os discípulos de Goebbels estão neste exato momento produzindo e disseminando notícias falsas, fabricadas e distorcidas para apontar a Rússia como a vilã da estória.

Desde o início da participação direta de Moscou na Ucrânia, vêm sendo realizados atentados de bandeira falsa, manipulados pelos ucranianos em associação com a imprensa internacional para acusar os russos de criminosos de guerra.

Foi o que aconteceu, por exemplo, no início de março em Mariupol. Uma maternidade foi bombardeada e, em um piscar de olhos, repórteres e fotógrafos já estavam ali para registrar a tragédia causada pela Rússia. Mas a maternidade estava vazia!

Ou melhor, estava ocupada por... soldados da Ucrânia! Os próprios moradores da cidade revelaram que a maternidade estava fechada e havia sido ocupada pelos militares ucranianos. Uma das mulheres que estava na única parte da maternidade que funcionava afirmou que o edifício havia sido evacuado a mando do Batalhão Azov, que expulsaram a maioria dos pacientes. Isso significa que a maternidade foi transformada em uma base militar. Uma base militar é um alvo natural e legítimo em uma guerra.

— Desde o início do conflito na Ucrânia — explica Tito —, o que mais se vê (e existem fotos e vídeos feitos pelos próprios soldados ucranianos) são as forças armadas da Ucrânia, e principalmente os combatentes dos batalhões nacionalistas, utilizando a infraestrutura civil para se esconder das forças armadas russas ou, para que quando houver o fogo de resposta, essas bombas e o fogo de artilharia russa caiam justamente nessa infraestrutura civil, como escolas, maternidades, hospitais em geral e prédios residenciais. Tudo para culpar a Rússia. No entanto, essa prática dos militares ucranianos e dos batalhões nacionalistas é extremamente covarde, porque colocam a própria população como refém e instalam armas ao lado de onde está mantida presa. Então disparam com essas armas contra as forças russas, que retaliam logicamente na direção de onde parte o ataque. O que pode acontecer é um civil acabar morrendo ou uma escola acabar sendo destruída. E o que vem no noticiário internacional é só a parte do fogo de resposta russo — os antecedentes não são revelados.

No início de abril, surgiram informações de um suposto massacre promovido pela Rússia na cidade ucraniana de Bucha. Imagens mostravam corpos de pessoas mortas espalhados pelas ruas da cidade, após a passagem dos militares russos. Uma investigação concluiu que, em determinada região da cidade, os corpos estavam no local há mais tempo do que o anunciado pelos ucranianos. O massacre teria ocorrido em 22 de março, mas os ucranianos só encontraram os supostos mil

mortos mais de dez dias depois, mesmo passeando todos esses dias pela pequena cidade e filmando vídeos das ruas vazias, sem nenhum cadáver.

Poucos dias depois, surge um novo “massacre russo”, desta vez em Kramatorsk. Um ataque de um míssil russo contra uma estação de trem teria matado mais de 50 pessoas.

— Os ucranianos disseram que o ataque foi com mísseis Iskander — diz o jornalista. — Mas uma análise das imagens dos destroços deixa claro que eram mísseis Tochka-U, que é um míssil balístico de produção soviética e que já há alguns anos não é mais utilizado pelas forças armadas russas. Esse míssil não é encontrado no arsenal militar russo. Desde o início da operação especial, a Rússia utiliza mísseis Kalibr, Iskander, Kinzhal, mas não o Tochka-U. Porque é um míssil que já está ultrapassado para os padrões militares russos e não está em serviço. A Ucrânia sim, por sua vez, utiliza o Tochka-U. O número de série também não bate com os números de série utilizados pelo exército russo. E os dados que foram obtidos pelo Ministério da Defesa russo sobre a área do lançamento do míssil mostram que o míssil em questão foi lançado a partir do território que estava sob ocupação do exército ucraniano. Não resta dúvida: foi um ato provocativo.

Mariupol, Bucha e Kramatorsk foram insistentemente martelados na cabeça do público mundial pelos noticiários. Assim como ocorreu na Guerra do Golfo, no Cossovo ou na Síria, as agências de publicidade e relações públicas localizadas principalmente nos EUA produzem um roteiro verdadeiramente cinematográfico — que tem sido o mesmo em todas essas décadas. Histórias fantásticas, das quais o público, entorpecido pelo bombardeio de mentiras, sequer consegue refletir sobre a veracidade daqueles supostos fatos. Cenas dramáticas, muito bem produzidas e montadas, fotos perfeitas, declarações espetaculares, vítimas, mocinhos e vilões estereotipados.

— De acordo com as informações da inteligência da Rússia e da Bielorrússia, a Polônia tem sido o maior *hub* de

coordenação de como as informações são passadas ao mundo a partir daquilo que acontece na Ucrânia. Isso é feito em uma coordenação direta entre os militares norte-americanos instalados na Polônia, junto com as maiores agências de notícias internacionais e também com a imprensa local dos países europeus. A imprensa já tem tudo preparado. Hoje, todo o trabalho que é feito pela Ucrânia, não passa se não tiver uma autorização dos EUA. Então, se a Ucrânia faz um ataque provocativo em alguma cidade, não passa meia hora e a imprensa internacional já está dizendo que foi a Rússia. Já está tudo preparado. Ela já tem o texto pronto. Um jornalista não consegue produzir um texto com verificação séria dos fatos em meia hora, até mesmo por questões técnicas. Então é muito estranho você ver uma notícia acusando a Rússia de algo que aconteceu cinco, dez minutos atrás. Isso mostra que há todo um preparo pronto para falar a mesma coisa de forma unânime.

## **Veias latinas**

Era sábado, 9 de abril. Como ocorre todas as vezes desde que cheguei na Rússia, estou atrasado para meu compromisso. Vamos nos reunir na sede do Comitê Russo para a Cooperação com a América Latina, organização originada em 1973, pouco antes do golpe de Estado no Chile. Naquela época, era ela quem articulava a solidariedade com as vítimas da ditadura instalada por Augusto Pinochet, a partir da União Soviética. Na verdade, a história do comitê se mistura com a do grupo Grenada, formado em 4 de fevereiro de 1973 — um conjunto musical e artístico que foi responsável por muito da política de aproximação da URSS com outros países, através de suas viagens culturais, e boa parte de seus membros até hoje faz parte do comitê.

O Grenada é responsável, por exemplo, pelo estabelecimento de relações diplomáticas entre Rússia e Paraguai e ajudou no envio de armamento para os guerrilheiros de El Salvador na década de 1980. Ao contrário do que pode-se pensar, apenas um dos membros do Grenada era do Partido Comunista da União Soviética, a partir de 1983. Os participantes do conjunto viajavam pelo mundo todo realizando seus concertos, inclusive muitas vezes para os Estados Unidos. O governo soviético só os proibiu uma vez de cantar alguma música (foi sobre o uísque, nos EUA). Mas nunca foram proibidos de viajar. Em 1999, foram recebidos por Phil Collins durante uma excursão por aquele país. Era um grupo único na

URSS — e continua sendo na Rússia atual. Antes recebia apoio do governo soviético, mas o governo russo não manteve esse apoio. Foi laureado com o Prêmio Komsomol Leninista e com o Prêmio da Organização dos Pioneiros da URSS.

Atualmente, fora os amigos e participantes esporádicos, há 30 membros permanentes no grupo liderado por Tatiana Vladimirskaia, que o integra desde os seus primórdios. Muitos deles falam um espanhol impecável, e foi assim que nos comunicamos.

— O povo russo passou muito tempo acreditando que os Estados Unidos seriam bons amigos, que nós explicaríamos nossas razões a eles e eles nos entenderiam — conta Tatiana, que frequentou durante muito tempo a casa de Luís Carlos Prestes quando este se encontrava exilado na União Soviética.

— Vocês acham que a operação militar vai terminar em breve? Como isso está afetando a população de um modo geral? — pergunta Rafael.

— O tema da guerra nos dói muito, é um tema muito delicado para nós — responde. — Esperamos que o público brasileiro entenda isso. Temos um território muito grande e poucos habitantes. Foi uma medida necessária, não tínhamos outra saída. Os crimes do governo ucraniano contra os habitantes do Donbass são horríveis: muitas vítimas, bombardeio sem fim e nunca interessou a ninguém no mundo. Poderíamos ter esperado mais, mas já começou a preparação para a guerra contra a Rússia. Essa preparação durou muito tempo e nosso governo tolerou por muito tempo, de modo que o lado ucraniano se preparou para a guerra. Temos uma história e um povo comum com a Ucrânia. Nosso exército tenta evitar as vítimas. O ataque de informação é dez vezes mais forte do que os combates. Infelizmente os habitantes da Ucrânia têm uma ideologia muito forte, a ideologia da eliminação do vizinho, a russofobia.

— Vocês acham que a maioria dos ucranianos pensa assim? — provoco.

– Eu acho que sim. Nosso grupo esteve muitas vezes na Ucrânia apresentando nossos concertos e sempre éramos recebidos com carinho.

– Então o pensamento dos ucranianos mudou?

– Absolutamente. Mas isso já vinha sendo preparado pouco a pouco. Ainda em 1988, quando nosso grupo esteve em Cuba visitando crianças de Chernobyl, representantes da Ucrânia começaram a trabalhar com as crianças ucranianas semeando o ódio contra os russos e bielorrussos. Diziam a nosso pessoal que deveríamos fazer o concerto à parte porque as crianças ucranianas não podiam sentar com as russas. E os cubanos não entendiam o que estava acontecendo.

– Então foi um processo de mudança que começou em 2010 mais ou menos?

– Antes. Há mais de 40 anos. Mas as crianças ucranianas, apesar disso, buscavam contatos conosco.

– Começou antes do final da União Soviética e foi se desenvolvendo?

– Sim, e quando nosso grupo esteve em Kiev em 2010 os ucranianos ainda nos abraçavam e se emocionavam.

– Então esse processo de ódio contra os russos começou ainda no final da existência da URSS, se desenvolveu e a partir de 2010 mais ou menos ele aumentou e resultou no golpe de 2014?

– Sim, foi isso. Mas depois de 2014 isso explodiu. Até aquele ano eram apenas alguns grupos que disseminavam esse ódio. Durante o golpe, na Praça Maidan, um dos lemas das manifestações era “morte aos russos”. Vocês nunca ouvirão na Rússia coisas como “morte aos ucranianos”, mas na Ucrânia isso agora é comum.

– Vocês acham que esse sentimento foi plantado pelos EUA na Ucrânia?

– Acho que esses grupos nacionalistas existem em todos os países, mas sim, com certeza os Estados Unidos ajudaram a

impulsioná-los. Na Ucrânia trabalhavam ONGs norte-americanas.

— Russos e ucranianos são um mesmo povo?

— Praticamente sim. Temos familiares em comum.

— É difícil definir o momento exato em que esse movimento ucraniano contra a Rússia começou — intervém Pablo, um venezuelano que vive já há alguns anos em Moscou e que está se preparando para lecionar Física na Universidade russa. — Já durante a II Guerra Mundial houve um movimento fascista na Ucrânia, liderado por Stepan Bandera. Mas foi há cerca de 30 anos que começou essa russofobia na Ucrânia. Eu, particularmente, não diria que todos os ucranianos odeiam a Rússia, há toda uma população no leste (em Donetsk e Lugansk), assim como na Crimeia, que defendem a Rússia e estão agora sendo protegidos pela Rússia dos bombardeios sofridos da Ucrânia desde 2014. Do meu ponto de vista, a Rússia está se defendendo do expansionismo da OTAN que ameaça a Rússia (inclusive com armas de destruição em massa). E eu tenho uma filosofia: quando ocorre um conflito internacional sobre o qual eu não estou informado, vejo qual é a posição dos EUA e me coloco do lado contrário. Na minha opinião, talvez se tenha demorado muito tempo para tomar esta decisão [de intervir militarmente na Ucrânia], mas não havia uma outra alternativa, e se a Rússia tivesse atuado como os EUA ou como a União Europeia quando estes invadem países, o conflito na Ucrânia já não existiria mais [devido à destruição total do país].

— Vocês mencionaram as ONGs. Ouvei falar que há uma restrição muito grande às ONGs imperialistas na Rússia — comenta Rafael.

— Até algum tempo atrás trabalhavam aqui muitas ONGs financiadas pelos EUA (como a USAID ou a Open Society) — lembra Tatiana Viatkina, nosso primeiro contato no comitê e de quem me tornei amigo a ponto de chamá-la carinhosamente de Tati. — Até que aprovamos a lei de controle das ONGs. Muitas

ONGs fecharam porque tinham que apresentar a informação sobre de onde vinha seu financiamento. Percebemos que nos EUA as ONGs eram obrigadas a informar absolutamente tudo sobre o seu funcionamento, enquanto aqui elas faziam tudo o que queriam. Tiveram de se declarar como agentes estrangeiros porque recebiam financiamento externo. Agora não funcionam tantas ONGs aqui e uma das coisas positivas que aconteceram quando se começou este conflito é que duas agências de notícias fecharam (a rádio *Eco* de Moscou e *Dozhd*), elas manipulavam informações contra a Rússia...

— E eram financiadas pela CIA? — interrompo.

— Claro, claro! E agora fecharam, graças a Deus! E a frequência que pertencia à *Rádio Eco* de Moscou agora pertence à *Sputnik*, uma rádio tão famosa mas que nem sequer tinha um espaço no sinal de rádio. Então agora existem muitas restrições para as ONGs e são poucas as que atuam na Rússia, e nós queremos que vão embora do nosso país.

— Agora que estamos sob sanções podemos ver quem é nacionalista e quem não é — opina Victor Gorokhov, um senhor muito simpático que me causou muita empatia. — Os oligarcas não são, assim como muitos intelectuais. Não queremos que os EUA façam conosco o mesmo que fizeram com a América Latina. Não queremos ver em nossa terra esses crimes que a OTAN cometeu em outros países. A OTAN quer uma Rússia fraca para competir com o Ocidente em condição desigual. Mas quanto mais nos pressionarem, mais fortes ficaremos. A Rússia sempre venceu inimigos fortes e também sempre teve muitos amigos maravilhosos como, por exemplo, amigos tão bons e fiéis como vocês do Brasil, que compreendem que neste mundo o dinheiro não pode resolver tudo. Há outras forças que nos levam por outro caminho.

Neste momento, toma a palavra uma senhora com seus 70 e poucos anos. Cheia de pulseiras, com as unhas bem feitas e pintadas, cabelo comprido bem negro e um olhar disfarçado quando termina de falar, um tanto tímido, ela é filha de uma

heroína grega, aprisionada, torturada e martirizada nos cárceres da ditadura grega nascida da guerra civil que sucedeu a ocupação nazista. Electra Apostolu deu à luz Agni Sideruidu dentro da prisão. A criança foi enviada para a União Soviética em 1950, onde cresceu como refugiada. Na URSS, terminou a escola e a universidade e pôde voltar ao seu país de origem em 1965.

— As posições dos ingleses sempre foram muito fortes na Grécia e tiveram ajuda dos EUA na Guerra Civil, apoiando os fascistas gregos. Os imperialistas bombardearam terrenos inteiros com napalm. Essa arma criminosa não foi utilizada pela primeira vez no Vietnã, mas sim no norte da Grécia. A guerra civil sempre é horrível. E a guerra atual se converteu em uma guerra civil entre nossos povos — diz a greco-russa.

— A bandeira da União Soviética tem aparecido bastante no conflito, no Donbass e também na Rússia — observa Rafael.

— A bandeira da URSS nunca desapareceu — fala Tatiana Vladimirskaia, categórica. — Quando nossas tropas libertam um território na Ucrânia, surge uma pergunta: que bandeira podemos estender aqui? Porque há a bandeira de Donetsk, a bandeira da Rússia etc. Mas a Rússia não faz nenhuma anexação e não ocupa, senão liberta. Então qual bandeira vamos içar? Os habitantes locais dizem para içar a bandeira da URSS. Esse fato vai ao encontro do que quer a população: ver a bandeira da União Soviética em seu território. Mas lamentavelmente no nosso país se está realizando uma propaganda antissoviética.

— Há um orgulho da URSS entre o povo?

— Sim. Mas há muita propaganda antissoviética, nos últimos anos especialmente.

— Propaganda do governo? — interpelo, curioso.

— Não, mas principalmente de intelectuais, professores universitários, artistas, que aqui em sua maioria são de direita. Claro que essa propaganda antissoviética influencia muito, mas há muitas pessoas que se recordam e muitos jovens que

estudam. Lamentavelmente, não temos um partido comunista forte e com bons posicionamentos. Se tivéssemos um partido como o de vocês... — todos sorriem e brincam.

A conversa, muito agradável e animada, continua mais um pouco até o final da noite, após uns comes e bebes, com nossos novos amigos russos festejando alegremente. Alfia e Catelina — que não haviam falado nada durante a conversa — demonstram grande interesse por nós e nos chamam de “heróis” por termos ido à Rússia cobrir a situação e mostrar o lado russo, mesmo sem termos infraestrutura, dinheiro e contatos. Nos despedimos e do lado de fora mostro a Rafael as placas em homenagem a Krupskaya e Anatoly Lunatcharsky, primeiros comissários do povo para a Educação, na fachada de um prédio governamental no Boulevard Chisty Prudy. Pegamos o metrô de mesmo nome e me despeço de Rafael. Desta vez, não volto para a estação mais próxima de onde estou hospedado. Vou para a estação Preobrajenskaya Ploshchad para então voltar a pé: quero me arriscar sozinho pela noite de Moscou, à meia noite, e ver se sou assaltado. Naturalmente, peço ajuda a um casal de jovens após uns 20 minutos perdido igual ao John Travolta em *Pulp Fiction*. Prossigo a caminhada e vejo poucas pessoas nas ruas, mas me sinto seguro e realmente não havia o que temer. Eu não estava em São Paulo ou no Rio de Janeiro. Ou em Nova Iorque. Moscou parece ser muito mais segura.

Dois meses depois, de volta a Moscou, nos encontramos novamente com nossos amigos do Grenada e do Comitê de Cooperação. Apresentamos a eles o nosso relato do que vimos ao visitar o Donbass, incluindo um documentário sobre a cidade de Rubizhne, destruída pelos ucranianos.

— Essas imagens fazem um russo chorar — confessa Tatiana Vladimirskaia. — Na época da União Soviética, a Ucrânia era muito rica e o Donbass era o lugar mais rico e mais próspero da Ucrânia. Vemos agora um contraste muito grande, que vocês não podem imaginar. Em muitos lugares do mundo

há guerras, fome e destruição, mas não imaginávamos que isso poderia ocorrer na URSS.

Ela diz que na Rússia também há gente que acredita que, quando esse tipo de imagem é mostrado pela TV russa, não passa de propaganda.

— Mas foram vocês que filmaram, não é propaganda russa!

Na sede do Comitê, a sala de reuniões está cheia para participar do debate. Tatiana continua:

— A Rússia está ajudando Donetsk e Lugansk a levantar a bandeira vermelha e a força mais importante que está levando ajuda humanitária russa ao Donbass é a parte que quer levantar a bandeira vermelha. No Donbass, as pessoas querem e estão levantando a bandeira vermelha. A maioria dos militares russos que estão lá não é comunista mas antifascista. Na Europa, o fascismo se levantou e isso fez com que as diferentes forças políticas e ideológicas da Rússia se unissem contra isso e a RPD e a RPL estão na frente de batalha contra o fascismo e o imperialismo. Não há dúvida que vamos derrotar o fascismo ucraniano, mas acho que também vamos golpear o imperialismo europeu com essa vitória.

Do alto de sua experiência, Tatiana parece enxergar nitidamente a profundidade da importância da ação russa no Donbass, que pode não apenas derrotar o fascismo na Ucrânia e golpear o imperialismo na Europa, mas até mesmo, contraditoriamente, abalar a dominação dos capitalistas dentro da própria Rússia.

— A influência dessas pequenas repúblicas é muito forte na Rússia, então tanto pode ser que a Rússia e seus oligarcas suprimam os regimes atualmente existentes na RPD e na RPL como pode ser que elas influenciem a Rússia de forma progressista.

Na segunda passagem por Moscou, sou acolhido pela querida Tati em seu apartamento construído na época de Stálin, onde ela mora junto com seu marido Sasha e sua bebê que está prestes a nascer. Também deverá se chamar Tatiana, mas em

homenagem à Vladimirskaya, que é uma referência para todos os membros do Grenada ao ponto de muitos deles se casarem no mesmo dia em que ela se casou.

Tati tem críticas ao governo Putin, apesar de apoiá-lo devido às suas políticas sociais — embora na União Soviética, diz, o povo tivesse muito mais direitos. Uma das críticas é da aliança com a Igreja Ortodoxa (apesar de ela mesma ser cristã ortodoxa), que é ultraconservadora e exerce influência sobre a política governamental. Pergunto sobre Dmitri Medvedev — ex-presidente e ex-primeiro-ministro, que já foi o braço direito de Putin — e ela me diz que trata-se de um político ligado aos empresários e que tem vínculos com o Ocidente, confirmando uma análise que eu já havia lido há alguns anos. Ela também tem críticas aos intelectuais e aos meios de comunicação, que procuram atacar o passado soviético. Por exemplo, me diz que há novelas e filmes produzidos com o apoio do governo que tratam a URSS como um capítulo negativo na história do povo russo.

Um dia, quando fui levar o lixo para fora e voltei em seguida, Tati ficou preocupada porque me viu sair de repente.

— Bem, você esteve no Donbass... — justificou ela, em um tom como se estivesse dizendo “bem, você não bate bem da cabeça, vai saber o que estava pensando em fazer...”

Ela tem 32 anos e Sasha, 39. Estão juntos desde 2014, quando se conheceram, e casaram-se no ano passado. Sasha é engenheiro em uma fábrica estatal que fica a 20 minutos a pé de sua casa e produz peças para a indústria bélica russa. Interessa-se muito pelas questões do mundo do trabalho e também é comunista. Passei algumas noites tendo longas conversas com ele na cozinha sobre a situação dos trabalhadores e da esquerda no Brasil, a história do Brasil no século XX, a situação na Rússia e no mundo, sobre marxismo, literatura, cinema, Tarkovski, Eisenstein, Mikhail Kalatozov, o papel da arte na representação da realidade e sobre a rivalidade Karpov vs. Kasparov. Tem um gosto especial por literatura

estrangeira, principalmente latino-americana. Adora Jorge Amado e gostou muito do filme *Central do Brasil*. Acredita que os livros e filmes de ficção de qualidade podem ensinar muita coisa sobre a realidade. Concordo plenamente. Tem críticas ao Partido Comunista da Federação Russa, aos intelectuais e acadêmicos.

— Não entendem a realidade dos operários.

Assim como todos os comunistas russos que conheci, é um admirador de Stálin. Surpreende-se quando digo que sou trotskista. Deve ter se surpreendido ainda mais com a convergência de nossas opiniões.

Nos levam a uma apresentação do Grenada no Instituto Latino-Americano da Academia de Ciências da Rússia. Estão praticamente todos lá, os membros do Comitê. Postados um do lado do outro, cantam músicas da América Latina, acompanhados por Victor no teclado e observados e conduzidos por Tatiana Vladimirskaia, uma verdadeira liderança, com um carisma fora do comum que nenhum estrangeiro esperaria de uma russa.

*Aquí se queda la clara  
La entraña de transparencia  
De tu querida presencia,  
Comandante Che Guevara*

*Un Fidel que vibra en la montaña  
Un rubí, cinco franjas y una estrella*

*Viva el señor don Cristóbal  
Que viva la patria mía  
Vivan las tres carabelas  
La Pinta, la Niña y la Santa María*

*Ah, se ela soubesse que quando ela passa  
O mundo inteirinho se enche de graça*

*E fica mais lindo por causa do amor*

Bela interpretação de Ksenia, cantando em português especialmente para nós, sob a companhia de seu filho Serguei utilizando um chocalho para reproduzir o som da água do mar. Já Valentina, a principal vocalista da noite, tem uma voz e uma interpretação tão intensas! Canta com a alma, como se estivesse liderando uma revolta popular. Estou completamente encantado com a apresentação do grupo, e muito emocionado com as canções que canto junto com eles. No final da festa, dançamos todos juntos alegremente.



## Traumas

— Eu nasci em 1984 — me diz Ivan, em seu apartamento em Novocherkassk, Oblast de Rostov. — Ia para a escola sozinho, não havia preocupação sobre segurança. Tudo era bom e tranquilo, as crianças tinham atividades o dia todo, brincavam na rua o dia todo sem os adultos, sem se preocupar com a segurança. A partir dos anos 90, a situação piorou muito rapidamente. Apareceram muitos problemas, muito crime. As pessoas não tinham mais o que comer, não tinham salário, emprego, iniciou-se uma guerra na Chechênia. Havia um risco muito grande de o país ser destruído.

Sento na mesa da cozinha, observando-o. Ele permanece de pé.

— Na década de 1990, muita gente passou fome na Rússia. Lembro de ver os meus pais chorarem.

— Por causa da fome?

— Sim.

O olhar de preocupação atravessa a janela, como se quisesse fugir das recordações daqueles tempos difíceis.

— Um dia, meu professor foi para a aula e não conseguia ficar de pé, porque estava com fome (Ivan o imita, debruçando-se na mesa com cara de zumbi). Nós, crianças, nos organizávamos em grupos para buscar frutas nas árvores para comer.

Esse tipo de história, todos os que viveram aquele período conhecem ou possuem.

— Na União Soviética, havia estabilidade total. Ninguém precisava se preocupar com o seu futuro — conta Serguei, de 38 anos, que viveu sete anos no Brasil e prefere ser chamado de Sérgio porque acha que Serguei é feio. — Também não havia muita desigualdade salarial, o salário de um trabalhador comum era parecido com o de um doutor. Você até poderia ser demitido, mas no dia seguinte te dariam um novo emprego. Nos anos 90, tudo mudou. Léltsin acabou com a economia russa.

Apoiador de Putin, mesmo não tendo nenhuma vinculação política, Sérgio diz que a operação especial está servindo para limpar do governo aquelas pessoas que trabalham contra a Rússia. Pessoas assim infestavam o aparato governamental há 30 anos, começando pelo então presidente Bóris Léltsin, cujo discurso de renovação e contestação da burocracia stalinista — da qual ele próprio era parte — desembocou no mais selvagem neoliberalismo.

— Na minha opinião, a economia da União Soviética precisava de mudanças profundas naquele momento, mas não precisava ser destruída. E foi isso que fizeram: destruíram totalmente a economia, quebraram tudo — aponta Varvara Kuznetsova, cientista política e pesquisadora do Instituto Latino-Americano da Academia de Ciências da Rússia. Foi fundado na década de 1960. Na época da URSS, a revista institucional tinha seu próprio correspondente no México e havia cerca de 80 funcionários apenas no departamento de economia da entidade. Hoje, há cerca de 60 funcionários em todo o Instituto.

— Muitas pessoas não estavam preparadas mentalmente para viver nessa permanente competição capitalista — continua, em português fluente. — Porque de repente descobriu-se que só valem as pessoas que têm capacidade para negócios. E os cientistas, os professores, os médicos, cujo objetivo era trabalhar para o bem do povo, para o desenvolvimento do país, de repente ficaram todos fora. O que não tinha nada a ver com os negócios ia para o lixo.

— Os problemas sociais aumentaram muito?

— Evidentemente. Criou-se um abismo na desigualdade social. Os habitantes da União Soviética só conheciam isso pelos livros de história, sabiam que isso existia na Rússia imperial, mas jamais imaginavam que fosse possível ocorrer em suas próprias vidas. Era inimaginável a desigualdade social que se iniciou nos anos 1990. E além disso, muitas pessoas simplesmente perderam seu dinheiro, sua poupança. Os aposentados, por exemplo, ficaram sem nada.

— Pobreza, consumo de drogas, desemprego aumentaram?

— O consumo de drogas nos anos 90 era um problema muito grave. Hoje, diminuiu bastante. Se você for a qualquer cemitério, verá muitos túmulos com a data de nascimento do final dos anos 70 ou início dos anos 80 e a data da morte em meados dos anos 90. As causas eram duas, geralmente: a criminalidade (que floresceu naquele momento) ou o consumo de drogas (esse consumo era enorme nas escolas e faculdades). Nos anos 90, isso era proibido, mas na prática as proibições não existiam: imperava o capitalismo selvagem e a anarquia total.

Então o tempo para a fim de me permitir recordar em minha cabeça aquela noite de sexta-feira em Rostov com Abdo (apelido de Abdalrahman), egípcio com quem fiz amizade no hostel onde nos hospedamos. Simpatizante de Saddam Hussein, Muamar Kadafi, Gamal Abdel Nasser, Hamas e Talibã e inimigo de Israel, tem 18 anos e estuda na Rússia há um ano e meio. Vai para Ufa no ano que vem estudar engenharia aeronáutica na universidade.

Vamos comprar uma cerveja Baltika para mim e um refrigerante para ele, que é muçulmano e não bebe, em um mercadinho entre as ruas Pushkinskaya e Voroshilovsky. Enquanto estamos na fila do caixa, dois rapazes nitidamente de origem estrangeira (talvez do Oriente Médio ou do Cáucaso) encenam com Abdo. Provocam-no, aparentemente tentando

vender algo a ele. Quando nos livramos da dupla, meu amigo me diz que eles são da máfia russa.

— Na Rússia, a máfia não tem armas — ressalta.

— Capitalismo selvagem? — interpelo Varvara, após minha breve “viagem”.

— Sim. O período de Léltsin era uma vergonha nacional. Na realidade, o que nós, russos, pensamos? Muita gente pensa que duas pessoas na história da Rússia moderna merecem ir para o inferno, inferno permanente: Gorbatchov e Léltsin. Uma vez uma senhora brasileira me perguntou: “por que na Rússia não há monumentos para Gorbatchov, se ele lhes deu liberdade?”. Quando nos fazem perguntas assim, a gente ri. Que tipo de liberdade? Liberdade de hipoteca com juros altíssimos? Liberdade de ganhar uma miséria? Liberdade de quê? Liberdade de expressão? Tudo bem, a gente pode falar qualquer coisa. Mas quem escuta? Então, podemos dizer que venderam um grande e forte país pelos jeans e Coca-Cola. As pessoas que queriam o capitalismo experimentaram uma grande desilusão. Provavelmente por isso o que Putin propôs [reestatização de algumas empresas-chave, como a Rosneft, Yukos (incorporada à Rosneft), Gazprom e Aeroflot, bem como a criação da RZD para controlar o sistema de transporte], que não era nada ideal, mas era algo diferente daquilo que vivemos nos anos 90, teve sucesso. Eu, pessoalmente, acho que um enorme erro dos últimos governos da União Soviética nos anos 80 foi que não abriram logo a Cortina de Ferro. Antes de fazer qualquer mudança econômica, tinham de abrir a Cortina de Ferro. Porque evidentemente as pessoas iriam embora do país. Mas tenho certeza que um, dois, três anos vivendo sob o capitalismo, perderiam todas as ilusões e as pessoas começariam a valorizar mais o que tinham. O problema é que não sabiam como era fora da Cortina de Ferro. Achavam que lá todos bebiam Coca-Cola, usavam jeans de grife, dançavam e eram felizes. Na época de Léltsin, o país foi saqueado. Acabou-se com a indústria, com a ciência, privatizou-se as empresas que depois foram

aniquiladas, todo esse dinheiro foi levado para os bancos da Suíça. Entregou-se de graça a propriedade estatal a um grupo de oligarcas.

— E o que são esses oligarcas?

— O mais interessante é que eles eram todos da elite do Partido Comunista e do Komsomol [a organização da juventude do partido]. Na realidade, quem destruiu a União Soviética? O impulso foi dado pelo próprio Partido Comunista. Foi uma degradação total. Aquelas pessoas tinham muitos privilégios. Tinham acesso aos bens. Mas não podiam converter os seus privilégios em dinheiro e propriedade. Quiseram fazê-lo. E destruíram o nosso país.

Após a entrevista, Varvara nos conta as suas impressões sobre a política brasileira, tema sobre o qual vem pesquisando nos últimos anos.

— A esquerda brasileira é muito americanizada. Para ela, os direitos dos homossexuais e das mulheres são mais importantes que os direitos dos trabalhadores. Até parece que no Brasil não existe mais o desemprego e outros problemas sociais. Parece que o mundo todo vive feliz e só os homossexuais estão sofrendo. Eu acho que se não fosse esse foco nos homossexuais, não teria havido essa reação conservadora e talvez Bolsonaro não tivesse vencido em 2018.

A década de 1990 foi um verdadeiro inferno. De um ano para outro, o consumo caiu 40%, entre 1991 e 1992. Um terço da população (34%) foi jogada abaixo da linha da pobreza. Quando Putin foi reeleito em 2004, após 5 anos do primeiro mandato, 20% dos russos ainda estavam nessa situação (30 milhões de pessoas). Mais de 225 mil empresas foram privatizadas. “Em 1998, mais de 80% das fazendas russas estavam falidas e cerca de setenta mil fábricas estatais tinham fechado, criando uma epidemia de desemprego”, escreveu Naomi Klein em seu livro *A doutrina do choque*. Em 20 anos, enquanto a população empobreceu e diminuiu em 10%, o número de bilionários (os oligarcas) passou de zero para mais

de 100. Mas os anos de neoliberalismo não significaram apenas a completa subversão da economia planificada. Também foi implementada uma política de total negação do passado soviético. E não apenas na Rússia, mas nas outras ex-repúblicas da URSS. Nestas, a negação do passado soviético vinha carregada de um sentimento antirrusso. Foi o que ocorreu no Uzbequistão e no Tajiquistão, por exemplo – lembra Akhmat, camarada do Comitê Russo de Cooperação com a América Latina, nascido em Bukhara, no Uzbequistão. Essa negação vinha através de propaganda financiada por ONGs estrangeiras, diz.

E foi o que aconteceu na Ucrânia. Misha, jornalista da *Krasnoye TV*, a quem entrevistamos e que nos entrevistou, recorda que já na década de 1990 havia propaganda antirrusa na TV ucraniana.

— Eu estive muitas vezes na Ucrânia. Essa propaganda dividiu até mesmo as famílias. Os ucranianos se tornaram especialistas na propaganda antirrusa.

Ele tem familiares na Ucrânia que não gostam de falar com seus familiares na Rússia.

Símbolo dessa negação do passado soviético é a demolição de estátuas. Uma revista ucraniana calculou que, desde a queda da URSS até novembro de 2015, nada menos que 4.200 monumentos de Lênin foram destruídos na Ucrânia. A partir do golpe de 2014, aumentou exponencialmente o ataque à memória soviética. Entre dezembro de 2013, quando se iniciaram os protestos fascistas na Praça Maidan, e novembro de 2015, foram destruídos 802 monumentos de Lênin.

Monumentos em homenagem aos soldados mortos na chamada Grande Guerra Patriótica têm sido demolidos desde 2014 por toda a Ucrânia. A famosa Chama Eterna, que foi instalada ainda na época soviética por todo o antigo território da URSS e recorda aqueles que tombaram na defesa contra a invasão nazista, também foi removida. No final de abril, a prefeitura de Kiev – comandada pelo famoso ex-boxeador Vitaly

Klitschchko — anunciou a intenção de renomear duas ruas da cidade que hoje homenageiam dois dos principais escritores russos. A rua Pushkin seria rebatizada de rua Europa e a rua Leo Tolstói se transformaria em rua Batalhão Azov.

“A perpetuação da memória dos patriotas do Regimento Azov é decisiva para a história e a cultura ucraniana, uma vez que essas pessoas têm defendido o nosso país da ocupação russa”, declarou um deputado da capital ucraniana. A prefeitura desmantelou o monumento que representava os operários russos e ucranianos no Arco da Amizade dos Povos. O arco não foi demolido, mas teve o nome mudado para Arco da Liberdade do Povo Ucraniano. Mas a maioria dos ucranianos é contra esse acinte à sua própria história. Segundo uma pesquisa de opinião da ONG Rating, divulgada no começo de maio, 40% da população tem uma opinião negativa sobre a ideia de demolir os monumentos soviéticos e apenas 19% são favoráveis à medida.

Mas esse tipo de coisa não pode ser contestada. Antes de viajar para a Rússia, entrevistei Dmytro Khavro, um cidadão ucraniano que se mudou para Portugal há cerca de 20 anos e que pode ser considerado um exilado político.

— Costumava sempre visitar o meu país, até 2014, quando aconteceu toda aquela situação e eu, na verdade, mesmo que quisesse visitá-lo a partir de 2014, não o conseguiria, porque a minha opinião política não é bem-vinda na Ucrânia. Depois que houve o golpe de Estado, você não pode dizer na Ucrânia que não apoia o golpe, não pode dizer que é comunista ou que apoia o comunismo. Eu não sou comunista, mas tenho amigos comunistas e na Ucrânia o partido comunista é proibido, bem como a simpatia ao comunismo. Eu conheço casos de pessoas que “curtiram” uma publicação na rede social com a foto da foice e do martelo e, no dia seguinte, a polícia bateu em suas portas e foram condenadas a cinco anos de prisão. Conheço muita gente que foi obrigada a fugir tanto para a Europa como para a Rússia, porque tinha posições políticas que não são permitidas na Ucrânia. O governo controla toda a imprensa da Ucrânia.

Qualquer imprensa que critique o governo não é permitida na Ucrânia.

Dmytro diz ser “contra qualquer tipo de guerra, seja da parte da OTAN, seja da parte da Rússia”, mas denuncia a russofobia oficial em seu país desde 2014.

— Se você for a uma loja e conversar em russo com o atendente, e se algum outro cliente ouvir, ele pode chamar a polícia e você será multado por falar russo.

Ele deixou para trás familiares no oeste da Ucrânia e também em Donetsk e não conversa com seus parentes do lado ucraniano sobre a guerra porque tem medo de que eles (que, diz, acreditam na propaganda do governo) mudem de opinião e se posicionem contra o governo de Kiev, pois poderiam sofrer perseguição.

— Na Ucrânia você vai preso se disser que não é verdade que desde 2014 o país está em guerra contra o exército russo.

Kiev tentou romper completamente com o passado soviético e gerou uma guerra civil com a separação de duas regiões que se tornaram estados operários. Agora, a Ucrânia está se desintegrando: outras partes do país serão tomadas pela Rússia e existe o rumor de que a Polônia mira a região de Lvov, no oeste, que antigamente era parte de seu território.

Na Rússia, por sua vez, tentar “dessovietizar” o país é uma manobra muito mais arriscada. Apesar da destruição promovida pelo neoliberalismo de Iéltsin, nos anos 90 ocorreram manifestações multitudinárias reivindicando a restauração da URSS e, em 1996, o novo Partido Comunista da Federação Russa quase venceu as eleições presidenciais, não fosse uma fraude patrocinada de fora do país para beneficiar Iéltsin.

Em todos os lugares da Rússia, ainda mais em Moscou, são onipresentes as imagens de Lênin e os símbolos soviéticos. O povo russo é antifascista, muitos inclusive se consideram comunistas e todos têm orgulho e nostalgia do passado soviético. O governo russo é integrado por funcionários que entendem isso e que também foram formados com esses

valores. Mas sabe que se fizer algo como foi tentado na década de 1990 — nem precisa ser tão radical como se está fazendo na Ucrânia —, a situação certamente sairia do controle e levaria a uma crise dez vezes pior do que a que passa o seu vizinho, onde uma crise revolucionária bate novamente à porta. Talvez os russos estejam vivendo em um estado entre o sono e a vigília, em que a revolução pode voltar a florescer sob o mínimo estímulo. Esse é o efeito daqueles acontecimentos de outubro de 1917, que nunca foram verdadeiramente derrotados.



## Genocídio

— Não vão inventar de ir para o Donbass, estou falando sério. É muito perigoso ir para lá — nos alerta Alexandre, irmão de Rafael que o acolheu em Moscou, onde vive há seis anos, parte deles com sua esposa russa, Olga. Rafael e eu nos despedimos dele e pegamos o Yandex Go direto para a estação de trem Vostochniy. O trem nº 49, vindo de São Petersburgo, chega às 22h49, exatamente como constava no bilhete. Nosso vagão é o primeiro e nos alojamos na parte de cima de nossos respectivos beliches. Viaja com a gente um dos vilões de *Moscou contra 007*, com uma cicatriz no rosto e comportamento suspeito. Descanso ouvindo Creedence Clearwater Revival

*Pack my bag and let's get moooo...oooo...oooovin'  
'cause I'm bound to drift a whiii...iii...iiileee...eee*

No meio da viagem de 24 horas cruzando para o sul do país, vemos um comboio com dezenas de tanques de guerra na ferrovia entre Lipetsk e Pridacha, preparando-se para ir para o front ou que haviam retornado dele.

Rostov do Don é a maior cidade russa próxima à fronteira com a Ucrânia, a apenas 182,6 km (3h de carro) de Mariupol. Segundo a agência de notícias *Interfax*, 150 mil refugiados haviam chegado à região de Rostov até o início de março. O governo russo tem dado todo o tipo de apoio aos refugiados. Os que procuram abrigo na Rússia recebem um auxílio de 10 mil rublos, moradia temporária em alojamentos com quartos e

cozinha comunitária e alimentação. Eles estão espalhados por todo o Oblast de Rostov, na própria capital ou em cidades como Taganrog e Novocherkassk. Desde fevereiro foram suspensos os voos para o sul da Rússia devido ao perigo de ataque ucraniano, que tem atingido principalmente as cidades de Belgorod, Kursk e Bryansk, próximas à fronteira. Recebemos a informação de que em algumas localizações aqui da região as vias estão bloqueadas, não se pode entrar nem fotografar, por serem zonas de algum risco.

A 11ª maior cidade da Rússia em termos de população (1,2 milhão de habitantes) parece ser quase tão moderna e desenvolvida quanto Moscou, com inúmeros parques, praças, cafés, restaurantes, lanchonetes, lojas e, como sempre, com um monumento histórico em cada esquina.

Em nosso primeiro dia, passeando pelos arredores do bairro armênio, entramos no Parque Cherevitchkin, em homenagem a Viktor Cherevitchkin, um pioneiro da URSS assassinado pelos invasores nazistas quando tinha apenas 16 anos. Rostov foi invadida e capturada pela Wehrmacht e as SS em 20 de novembro de 1941 e logo em seguida os alemães estabeleceram que todas as pombas da cidade deveriam ser exterminadas. No dia 28 de novembro, soldados alemães descobriram Cherevitchkin soltando pombas e o executaram. A foto do pequeno Vita, já morto, segurando uma pomba, foi utilizada como prova das atrocidades nazistas no Tribunal de Nuremberg anos depois. Poucas horas após a sua morte, o Exército Vermelho libertou Rostov, vingando o adolescente, as pombas e todos os moradores da cidade que caíram sob o terror nazista.

“Um encontro casual com três rapazes de Lugansk” (*Diário Causa Operária*, 19 de abril de 2022)

— **Eduardo Vasco, de Rostov do Don**

*Domingo à noite, perto da estação de trem de Rostov do Don, estamos perdidos procurando o Yandex Go que havíamos chamado. É então que vejo um carro com uma placa com a bandeira e as iniciais da República Popular de Lugansk (LPR). Foi o primeiro, e até agora o único, veículo da recém-formada república que vimos na Rússia. Em Rostov são até comuns os carros com a placa da República Popular de Donetsk (DPR), mas a de Lugansk é muito mais rara.*

*O Oblast de Rostov, onde se situa a cidade de Rostov do Don, é fronteira com o Donbass e para onde milhares de refugiados fogem da guerra promovida pelos militares nazistas da Ucrânia desde 2014. Neste momento, quase mil refugiados encontram-se em abrigos mantidos pela prefeitura de Rostov do Don.*

*Ansioso para encontrar alguma história, uso o pretexto da busca por informações para me acercar do automóvel, onde dois rapazes conversavam.*

*– Hello. Do you speak English?*

*– So so.*

*– Does your friend speak?*

*– Yeah, so so.*

*Digo que somos brasileiros e estamos procurando um Yandex e o rapaz que está de motorista diz que irá chamar um carro. Logo em seguida, pergunta para onde vamos e nos oferece uma carona.*

*Ruslan, o motorista, nos diz que saiu há dois meses de Lugansk e encontra-se sem emprego em Rostov. Sua mãe continua na cidade da região do Donbass. Ele conta que Putin e os militares russos estão ajudando a república popular e, em sua opinião, a guerra que já dura oito anos é uma disputa entre os Estados Unidos e a Rússia.*

*No dia seguinte, vamos a um bar na região central da cidade, no carro de Ruslan, desta vez acompanhado de outro amigo, Alexei, que também veio de Lugansk. Ele diz torcer para o Zenit São Petersburgo, enquanto Ruslan afirma ser um simpatizante do... Real Madri.*

*Na conversa na mesa, descobrimos que Ruslan é três vezes campeão ucraniano júnior de levantamento de peso e foi medalha de bronze no campeonato mundial de belt wrestling, uma modalidade de luta semelhante ao judô. Também quando ainda vivia em Lugansk, o jovem de 23 anos e braços enormes praticava MMA. Agora, se permanecer na Rússia, precisa se filiar à federação local*

*para continuar sua carreira, mas também pensa em ir para a Irlanda, que importa lutadores da sua categoria.*

*Essas são as únicas lutas que ele deseja. Quer distância da guerra no Donbass, de onde fugiu para não ser recrutado pela milícia popular de Lugansk quando começou o contra-ataque com o apoio das forças armadas russas, quase dois meses atrás.*

*— Muitos refugiados da Ucrânia vão para Lugansk. E muita gente de Lugansk veio para Rostov. Tenho dez amigos de lá que moram aqui. Também tenho amigos de Lugansk que estão lutando tanto pela Ucrânia quanto pela Rússia. Eu não me considero um refugiado, apenas não quero lutar e matar pessoas.*

*— Então você não tem lado no conflito?*

*— Não. Essa é uma guerra entre políticos, nós civis não temos nada a ver com isso. Na Ucrânia, os EUA e a Rússia estão defendendo os seus próprios interesses. Nossos militares pegam os jovens, os enviam para a linha de frente e trazem um monte de corpos de jovens mortos em caminhões Kamaz.*

*Ruslan estudou inglês na escola durante nove anos, mas há dez não pratica o idioma. Tem um irmão que vive no Daguestão, uma república russa no norte do Cáucaso, ao lado da Chechênia. Ele já visitou essas duas regiões russas e as achou belíssimas. Diz gostar dos chechenos.*

*— São um povo guerreiro, não é? Pergunto.*

*— Estão lutando na Ucrânia agora.*

*— Você gosta do Ramzan Kadyrov?*

*Faz um gesto pensativo e relutante, olhando de canto de olho para o lado direito com os lábios espremidos e um leve sorriso.*

*— É um homem muito forte.*

*Neste momento já havíamos saído do bar onde fui tapeado com uma conta de 1.650 rublos por cinco cervejas corona e um suco. Os comerciantes russos são como qualquer um: se o cliente é estrangeiro e tem cara de trouxa como eu, eles enfiam a faca. Agora fomos jantar em um restaurante na esquina. Junta-se a Rafael, Ruslan, Alexei e a mim um outro amigo de Ruslan, Ivan, que tem 30 anos e joga basquete. Ele veio para Rostov do Don junto com Ruslan, os dois são amigos há quatro anos e Ivan tem negócios em Lugansk. É casado e tem um filho de um ano — Ivan Júnior, brinca.*

*Alexei, de 36, também é casado e sua esposa nos dá um “good morning” por chamada de vídeo no telefone, às nove e meia*

da noite, direto de Lugansk, com seu gatinho no colo. Seus negócios são do setor de turismo em Krasnodar, cidade ao sul de Rostov já próxima ao Estreito de Kerch, que liga a Rússia continental à Crimeia. Ele tem uma irmã que mora na Itália e outra em Portugal desde 2010.

Nenhum dos três pretende ficar na Rússia, querem voltar para Lugansk quando terminar a guerra.

— Porque não é nosso país, diz Ruslan, que se considera ucraniano e diz que ultimamente as relações entre cidadãos russos e ucranianos não estão boas.

— E quando acham que o conflito irá terminar? Pergunta Rafael.

— Em setembro, responde Ivan.

— Quando terminará a mobilização militar, complementa Alexei.

— Ou talvez em 9 de maio? Indaga Ivan, de forma enigmática.

Enquanto Rafael e eu devoramos nossos hambúrgueres, Ruslan recebe uma ligação e se afasta da mesa. Permanece durante alguns minutos no telefone e depois volta. Era seu tio, de Lugansk.

— Neste momento meu tio está operando um homem que pisou numa mina. Ele é pediatra mas, com a guerra, tem atendido pessoas de todas as idades.

Um pouco antes do fim de nossa conversa, Alexei — cujo estilo é idêntico ao de um personagem do submundo russo em algum 007 com Pierce Brosnan ou Daniel Craig — pergunta qual o câmbio do dia entre dólar e rublo.

— 78 rublos por dólar, responde Rafael.

— Comigo são 83, retruca Alexei.

Oooooops...

Está bem, se a gente precisar, falamos com você, nosso simpatíssimo amigo ucraniano. Já é hora de ir, bucho cheio, conta paga, conversa terminada. Descemos para a rua, onde acabara de cair uma leve chuva na noite agradabilíssima de Rostov do Don. Obrigado Ruslan, foi um prazer conhecê-los, Ivan e Alexei, mas agora está tarde e vamos voltar a pé para onde estamos hospedados, sem problema nenhum. Qualquer coisa nos comunicamos por mensagem no Telegram. See you, bye!

Devo aqui fazer uma retratação: o funcionário do bar foi o único comerciante em toda a Rússia ou no Donbass que me extorquiou. Todos os outros foram extremamente honestos e alguns até deram descontos quando pechinchei utilizando a eterna desculpa e o eterno charme de ser brasileiro.

Natália, Anna e Irina, com quem conversamos no Café Patisari, são professoras do departamento de língua espanhola da Universidade Federal do Sul de Rostov — uma das dez universidades federais do país, onde quase todas as universidades são públicas. Apresentam o estereótipo que os russos têm dos brasileiros: malandros de calça branca, cariocas, carnaval, bailes, barcos e o café (apesar de que não achei em nenhum lugar o café brasileiro, apenas café colombiano, guatemalteco e árabe. Árabe!). Há muitos estudantes do Donbass em sua universidade, que possui laboratórios perto da fronteira.

— Temos muitos alunos de Donetsk e Lugansk aqui e portanto não precisamos da TV e dos meios de comunicação, vemos com os nossos próprios olhos — exclama Natália, uma senhora muito animada. — A maioria desses alunos se considera russa e tem família russa. Outros se consideram ucranianos mas não querem mais viver na Ucrânia porque foram vítimas de seu próprio governo. As famílias de 90% deles ainda estão no Donbass e estão com muito medo, por isso torcem para uma vitória russa.

Elas ouvem muitas histórias de seus alunos e também de seus próprios parentes, pois, como diz Natália, todo russo tem algum familiar que vive na Ucrânia. Ela mesma tem familiares em Mariupol e seu marido tem parentes em outras regiões da Ucrânia.

— Os que vivem no Donbass dizem que agora se sentem muito melhor do que no período posterior a 2014 e suportar este período [de intensificação do conflito com a entrada da Rússia] é muito melhor do que suportar o período anterior, porque se sentem mais protegidos com a presença das forças russas.

A Universidade do Sul de Rostov — uma das cinco da cidade — fornece emprego e moradia para muitos dos estudantes que fugiram do Donbass. Alguns deles, quando estudavam em Donetsk, sofreram atentados executados pelas forças ucranianas cujas bombas explodiram a 100 metros de onde se encontravam.

— Para matar os jovens — afirma Natália.

— Os serviços de segurança da Rússia souberam da possibilidade de atentados contra a universidade, por isso estão muito preocupados com a segurança dos estudantes — conta Irina, após perguntarmos se poderíamos entrevistar alguns desses alunos. Dizem que, para um jornalista estrangeiro visitar os estudantes, é preciso uma autorização prévia que demora três meses para ser emitida. Reforçam que, por estar muito próxima à fronteira, a universidade já recebeu informações de planejamento de atentados terroristas contra suas instalações.

Apesar de não conseguirem ajudar com a entrevista aos estudantes, elas nos arranjam uma entrevista com o secretário de Economia da Prefeitura de Rostov do Don, Sergey Zarevsky, responsável pelo trabalho de assistência com os refugiados do Donbass, e nos apresentam Ekaterina, que trabalha no departamento de línguas estrangeiras da universidade e irá nos ajudar na tradução das nossas conversas.

No imponente prédio da Prefeitura, ao lado da estátua de Lênin no Parque Górkki, Zarevsky nos recebe, junto com Maria Krylosova, secretária de Relações Exteriores, e seu assistente, Evgeny.

— Quantos refugiados do Donbass estão em Rostov do Don neste momento?

— Atualmente há 863 na cidade. A quantidade muda a cada dia.

— Desde quando começaram a chegar?

— Começaram a chegar em 2014, mas a segunda onda começou em 18 de fevereiro deste ano.

— De onde eles vêm?

— A maioria vem de Donetsk e de Lugansk.  
— Quais são suas principais necessidades?  
— Em primeiro lugar, ajuda psicológica, pois buscam um lugar seguro, além de alojamento, alimentação, condições sanitárias. As tropas ucranianas os utilizaram como escudos humanos. Com a entrada dos militares ucranianos, foram deslocados, expulsos de suas casas. Há testemunhos de gente que viu seus filhos serem assassinados diante de si, foram mantidos cativos em suas casas etc. Por isso precisam de auxílio psicológico. A maioria dos refugiados começou a chegar em fevereiro, quando ainda era inverno. Precisam de roupas, etc.

— E o que a prefeitura está fazendo para ajudá-los?

— Há lugares designados pela prefeitura como alojamento temporário. Ajudar essas pessoas é responsabilidade da Federação Russa. A prefeitura presta todo o tipo de auxílio com questões sociais, desde obter roupas ou uma linha telefônica, até atenção médica. Também oferecemos postos de trabalho, como por exemplo para professores ou médicos entre os refugiados.

Então, todos ficam sérios. Zarevsky olha nos meus olhos.

— Organizações internacionais como a Cruz Vermelha, que deveriam fazer esse tipo de trabalho, por exemplo, atuam apenas de um lado, sem apresentar nenhuma explicação.

— Mas ela não deveria ser uma entidade neutra?

— Também pensávamos que a Organização das Nações Unidas atuasse pensando em todos, mas parece que também pensam apenas em um lado — completa Maria Krylova.

— Então a ONU e a Cruz Vermelha estão sendo usadas como instrumento da guerra contra a Rússia?

— Sim — responde Zarevsky, com ar de lamentação, assim como sua colega.

— Nos territórios de Lugansk e Donetsk a Cruz Vermelha utilizou medicamentos vencidos — denuncia Krylova. — Desde 2014 a cidade de Rostov do Don vem auxiliando os refugiados,

não apenas a prefeitura, mas também os voluntários. Historicamente o Oblast de Rostov e a Ucrânia sempre estiveram relacionados. Muitos refugiados também têm familiares por aqui. Muita gente que vem de Donetsk e Lugansk também vai para outras partes da Rússia onde também possuem amigos e relações. Consideramos os que vêm do Donbass como nossos irmãos russos. Por esse motivo também o governo russo oferece passaportes russos [o documento interno oficial de cada cidadão] aos refugiados.

— Vocês têm medo de algum ataque ucraniano?

— Claro que há uma preocupação, pelo que ocorreu em Krasnodar, por exemplo. Estamos muito próximos da fronteira. Já vimos com que violência os militares ucranianos têm tratado os russos. Rostov do Don tem mais de um milhão de habitantes, por isso a prefeitura faz todo o possível em termos de segurança e conta com um plano de emergência caso necessário.

Pouco depois da entrevista, somos informados de que poderemos entrevistar refugiados na semana que vem, e também que jornalistas locais gostariam de nos entrevistar. Mas não foi exatamente assim que ocorreu. No sábado seguinte, nos encontramos com Ekaterina em um prédio que, descobrimos, é a sede do canal *Don 24*, principal emissora do Oblast de Rostov e que atende a um público de 40 milhões de espectadores, tanto do Oblast como de outras regiões da Rússia e do Donbass. Possui uma rede de comunicação que contempla TV, rádio FM, jornal impresso, portal na Internet, agência de notícias, produtora e agência de publicidade.

Somos muito bem recebidos pelos funcionários e diretores do canal. Seremos entrevistados em um programa no estúdio, onde conversaremos com o âncora, Vsevolod Gimbut, e com Ludmila (ou Lyubov, como passamos a chamá-la) Korsakova, refugiada de Lugansk que lidera a partir de Rostov um movimento de luta antifascista.

— Gostaríamos de agradecer a vocês por estarem aqui — começa o apresentador. — O tema da nossa conversa é fascismo

e antifascismo. Primeiramente vamos dar a palavra a Ludmila, que veio de Lugansk para a Rússia.

— Olá. Sim, em Lugansk eu fui deputada do conselho regional e lutei contra o fascismo e a OTAN — revela Lyubov. — Também promovi o idioma russo. Porém, tive de fugir de lá porque o regime ucraniano começou a prender quem fizesse esse tipo de trabalho. Levei meus filhos e netos comigo, com a ajuda dos cossacos russos.

— Isso foi em 2014? — pergunto, esquecendo que sou um dos entrevistados, e não o entrevistador.

— Sim, no início de 2014. Mas isso não me impediu de seguir lutando pelas minhas ideias aqui na Rússia e reuni outros refugiados que querem lutar contra o fascismo.

— Você participou da fundação da República Popular de Lugansk? — não consigo conter o ímpeto de repórter.

— Sim, porque a ideia de criar uma república independente apareceu pela primeira vez na assembleia regional de Slaviansk. Naquele momento Donetsk e Lugansk ainda eram Oblasts dentro da Ucrânia. Nessa assembleia participaram 47 representantes de diferentes partidos e organizações, como partidos de esquerda, partidos comunistas e organizações antifascistas e pró-russas. E eu organizei aquela assembleia. Ainda naquele ano de 2014, nós pedimos a organizações internacionais que ajudassem a parar a agressão da Ucrânia contra o Donbass, mas elas nos ignoraram. Neste ano de 2022, vamos celebrar a sétima assembleia popular e convidamos vocês a participarem. E desde que criamos a nossa organização, temos pedido a organizações da Europa e do mundo todo para nos ajudar, mas não nos respondem. Também enviamos documentos oficiais assinados por nós e por pessoas de mais de 40 países e sabemos que até mesmo a OTAN recebeu esses documentos, mas todas as nossas petições foram ignoradas. Há oito anos a Europa segue escondendo o que está ocorrendo no Donbass. Durante todo esse tempo o Donbass segue dizendo que quer falar russo e que quer ter boas relações com a Rússia,

e a Europa não está nem aí para a carnificina que está sendo promovida pela Ucrânia no Donbass. Eles preferem uma Ucrânia nazista do que um Donbass pró-Rússia.

— Entrevistamos o secretário de Economia de Rostov do Don e ele nos disse que a Cruz Vermelha e a ONU não estão fazendo absolutamente nada para ajudar os refugiados do Donbass. O que você acha disso? — continuo, talvez irritando o entrevistador.

— Isso é verdade. As organizações internacionais atuam somente do lado ucraniano. Por exemplo, quando essas organizações sabem que os militares da Ucrânia irão atacar alguma cidade, elas não fazem nada para alertar e ajudar a população e a abandona à própria sorte.

A entrevista continua, já conduzida por Vsevolod, e Lyubov demonstra seus conhecimentos sobre o passado de golpes de Estado e submissão da América Latina aos Estados Unidos. Ela esteve há poucos anos na Venezuela para um congresso antifascista.

— Manuel Noriega, Omar Torrijos, Rodríguez Lara. Esses são alguns dos ditadores que passaram pela Escola das Américas — afirma a ativista. — A propaganda diz que ela serve para trazer segurança ao continente, mas não é verdade. Vemos o mesmo agora na Ucrânia. Os EUA provocam um golpe de Estado em determinado país, depois promovem o seu candidato para liderar esse país. Já em 2004 os EUA tentaram dar um golpe de Estado assim na Ucrânia, organizando a Revolução Laranja, depois promovendo um candidato chamado Viktor Yushenko. Era público que sua esposa tinha relações com os EUA. Como assim? A esposa do presidente de um país trabalhando para outro país? Porém, os EUA não conseguiram concretizar esse plano naquela oportunidade. Eu, como deputada do conselho regional de Lugansk, vi como se desenvolveu a intervenção dos EUA nos últimos 10 anos. Em Lugansk, por exemplo, os EUA promoveram políticas antirrussas, como o cancelamento do idioma. Por exemplo, uma

vez nós propusemos no conselho regional um programa de financiamento da promoção do idioma russo, e os EUA deram (acreditem!) 86 centavos de contribuição. Ao mesmo tempo, para propagar ideias da OTAN na imprensa, os EUA contribuíram com 2 mil grívnia [moeda ucraniana] por pessoa.

— Na época da Segunda Guerra Mundial, muitos membros do regime norte-americano não apenas apoiavam a Alemanha nazista, mas também a financiavam, como foi o caso de Henry Ford — lembra Vsevolod.

— Logo, os EUA participaram do financiamento do nazismo na Alemanha — Lyubov afirma, com a mão sobre o joelho. — E a Alemanha era uma nação que se considerava ariana e que estava dizimando os eslavos. Quando me perguntaram na Venezuela o que é o fascismo, eu disse que o fascismo nasceu no mesmo momento em que se fundou os EUA. Os governos que apoiam os EUA estão, de alguma maneira, apoiando e financiando o fascismo. O nazismo ucraniano existe porque alguns governos apoiam o fascismo norte-americano. Logo, as origens do fascismo ucraniano estão nos EUA. A Europa e todo o Ocidente, apoiando o que fazem os EUA, estão portanto apoiando o fascismo. O fascismo promove o ódio entre as pessoas. No século XXI, muita gente pelo mundo já não acredita no que a imprensa fala sobre o Donbass, mas na Europa ainda há muitas pessoas que não querem ver que os nazistas ucranianos estão cometendo atrocidades.

Dona do programa, ela continua:

— A Europa assinou uma série de documentos contra os maus-tratos a prisioneiros de guerra, mas os rasga para ocultar o que está sendo feito no Donbass. Precisamos informar a verdade para os europeus. A Europa é tão pequena em comparação com o Brasil ou com a América Latina unida, com a China, etc. Se somarmos os outros países do mundo, e utilizarmos o trabalho de seus jornalistas para mostrar a verdade, então isso poderá derrotar toda a desinformação promovida pelos jornais europeus em 24h.

— Por exemplo, quando os jornalistas europeus falam sobre o Batalhão Azov nas redes sociais, os tratam como defensores de sua pátria — recorda o âncora. — Eu, como jornalista, não posso tratá-los como se fossem meus colegas — concordamos, fazendo sinal de positivo com a cabeça. — Outro exemplo: quando há alguma denúncia sobre os laboratórios biológicos na Ucrânia em um discurso oficial, os meios de comunicação censuram essa parte do discurso. Os jornalistas não questionam as contradições nos discursos de Joe Biden, por exemplo, que ora diz que Putin é um genocida, ora diz que ele não é de nada. Se há alguém que está provocando um genocídio na Ucrânia, são os EUA e os países que os apoiam. E, como dissemos antes, este não é o primeiro caso na história.

— Por que os EUA dizem que trata-se de uma guerra “até o último ucraniano”? — questiona Lyubov. — Os EUA promoveram uma guerra contra a Rússia no território da Ucrânia, e para eles não importa nem a Ucrânia como país e nem mesmo os ucranianos. Isso já dura oito anos. Por isso, iniciar a operação militar russa foi uma necessidade nossa, porque agora vemos que estão bombardeando regiões fronteiriças e cidades russas como Belgorod. Organizações como Batalhão Azov, Batalhão Aidar, Pravy Sektor etc. são produto dos EUA que estão na Ucrânia para aterrorizar e manipular os ucranianos. Nas redes sociais só se fala que a Rússia é o agressor, mas isso não é verdade. Nosso objetivo principal é esclarecer e mostrar a verdade.

— Você falou do Batalhão Azov — digo a Vsevolod. — Os grandes meios de comunicação do Brasil dizem que “pode ser que haja alguns nazistas no Batalhão Azov, mas não é assim como dizem os russos”. Nós não consideramos esses “jornalistas” como colegas. São propagandistas do imperialismo, são mercenários da manipulação.

— A principal guerra neste momento não é a guerra no Donbass, mas sim a guerra informativa — opina a ex-deputada

— Nesta guerra, triunfarão os jornalistas que dizem a verdade. Como disse Ernesto Che Guevara: até a vitória, sempre!

— Não é por acaso que o presidente Vladimir Putin chamou o que está ocorrendo na Ucrânia de uma operação militar. A Rússia não começou nenhuma guerra. O que ela está fazendo é por um fim a uma guerra que já dura oito anos, encerrar o genocídio na Ucrânia. E vamos conseguir. Estamos seguros de que, quando tudo isso acabar, o mundo todo saberá a verdade. Muito obrigado a vocês. — E Vsevolod encerra o programa, que foi gravado e será exibido no sábado seguinte.

Genocídio      Onu      G  
                    Geno      e      Otan      Genocídio  
                                    n  
                                    ojo  
                                    c  
                                    í  
                                    d  
                                    i  
                                    o

Genocídio... palavra tão banalizada ultimamente. Fala-se muito, nas últimas décadas, a respeito de genocídios.

A Convenção para a Prevenção e a Repressão do Crime de Genocídio, assinada em Paris por ocasião da III Seção da Assembleia Geral das Nações Unidas, em dezembro de 1948, determina que genocídio é

*qualquer dos seguintes atos, cometidos com a intenção de destruir, no todo ou em parte, um grupo nacional, étnico, racial ou religioso, como tal:*

- a) matar membros do grupo;*
- b) causar lesão grave à integridade física ou mental de membros do grupo;*
- c) submeter intencionalmente o grupo a condições de existência capazes de ocasionar-lhe a destruição física total ou parcial;*

- d) *adotar medidas destinadas a impedir os nascimentos no seio do grupo;*
- e) *efetuar a transferência forçada de crianças do grupo para outro grupo.*

Podemos dizer que os militares e paramilitares ucranianos, com total apoio do governo daquele país, fizeram tudo isso contra a população do Donbass. Não me saem da cabeça algumas das intervenções daquele Congresso Antifascista do qual participamos com Lyubov. “Genocídio”, ela disse. “Os números são dez vezes maiores”, revelou uma representante de Donetsk, rechaçando a estimativa de 14 mil mortos considerada pela ONU. “Crime contra a humanidade”, acusou um deputado. Deynego, ministro de Lugansk, e Anna Soroka, sua vice, denunciaram as ONGs de direitos humanos e a comunidade internacional por se calarem. Sergey Zarevsky contou que a Cruz Vermelha fica de braços cruzados e envia remédios vencidos àquele povo esquecido.

Os russos perderam todos os seus direitos. São massacrados e humilhados pelo regime ucraniano, que faz uso dos grupos nazistas para os aterrorizar. Em quatro meses, mais de 2 milhões de pessoas fugiram da Ucrânia e do Donbass para a Rússia. Tudo isso com total complacência dos órgãos internacionais que se consideram a salvação da humanidade. São cúmplices do genocídio.



**A mãe**

Na rua Arbatskaya, uma exposição de fotos com 32 painéis organizada pelo Governo de Moscou homenageia os 80 anos do desfecho da Batalha de Moscou, ocorrida de 30 de setembro de 1941 a 20 de abril de 1942, no âmbito da Operação Barbarossa — a invasão nazista, luta contra a qual os russos batizaram de Grande Guerra Patriótica.

Os alemães haviam chegado às portas da capital russa e já consideravam a cidade como tomada. A maior parte do governo soviético já havia se deslocado para Kuibichev (atual Samara). Os cidadãos comuns, que não tinham como fugir, abrigavam-se como podiam do ataque das bombas da Luftwaffe, principalmente nas estações de metrô. Reservistas vindos dos Urais, da Sibéria e do Extremo Oriente, cadetes de escolas militares que sequer haviam completado 18 anos e milhões de moscovitas se mobilizaram para defender o coração do Estado Soviético. Em 5 de dezembro de 1941, as tropas da Frente Oriental, lideradas pelo lendário marechal Georgy Zhukov, e as da Frente Sudoeste, comandadas por Konstantin Tymochenko, lançaram uma contraofensiva em grande escala. De apenas 30 quilômetros do Kremlin, os alemães foram recuados para 200 quilômetros longe de Moscou.

Contudo, Stálin se recusou a ouvir as advertências de espões e oficiais soviéticos, que informavam sobre o avanço das tropas hitleristas em direção a Moscou. Isso acabou custando a vida de um milhão de pessoas, vítimas do terror

nazista. Mas se tivessem sido apenas os habitantes de Moscou que houvessem sofrido nas mãos de Hitler...

Quando já estávamos na República Popular de Lugansk, visitamos o Museu da Molodaya Gvardiya na cidade de Krasnodon. Trata-se de um museu em homenagem àquela Guarda Juvenil, formada na região e que ficou eternizada por toda a União Soviética por sua história de heroísmo e tragédia brutal. Krasnodon foi invadida em 20 de julho de 1941. A cidade, onde nasceram os mineiros de carvão que participaram da revolução de 1917 e ingressaram no Partido Comunista e no Exército Vermelho, não aceitou a ocupação nazista. Dezesesseis cidadãos organizaram a primeira resistência, um grupo de partisanos que foram exterminados pela crueldade alemã. Em seguida, 32 mineiros se recusaram a colaborar com os ocupantes e tiveram um destino aterrorizante: foram queimados vivos dentro da mina onde trabalhavam.

Finalmente, a juventude de Krasnodon se rebelou e oito estudantes criaram a Molodaya Gvardia, em setembro de 1942. Entre suas façanhas, principalmente através da tática de sabotagem, conseguiram impedir que os jovens da cidade fossem deportados para o trabalho forçado na Alemanha e libertar soldados soviéticos que estavam presos em Krasnodon. A organização chegou a contar com 102 membros, todos provenientes de famílias cossacas, uma vez que a região que abrange o Donbass e Rostov é um histórico território cossaco. Mas a resposta dos invasores foi rápida e violenta, obrigando o grupo a se dissolver apenas três meses após sua criação. Em 1º de fevereiro de 1943, os nazistas começam a encontrar os militantes da Molodaya Gvardiya: são presos, torturados e executados. Alguns tiveram seus dedos, orelhas e olhos arrancados — com a ajuda dos colaboradores ucranianos, os mesmos que hoje são homenageados pelo regime de Kiev e idolatrados pelos batalhões do exército ucraniano. Outros foram levados para a floresta; cinco deles foram assassinados. A maioria, no entanto, teve um destino ainda mais terrível: 71

militantes foram levados para dentro de uma mina de carvão e presos a uma profundidade de 58 metros. Todos morreram. Dentre todos os membros do grupo, 80% tinham entre 14 e 18 anos.

Krasnodon foi liberada em 14 de fevereiro de 1943, duas semanas após a morte dos jovens na mina. Seus corpos foram resgatados e velados no dia 1º de março. Após a libertação, 16 sobreviventes da Molodaya Gvardiya alistaram-se no Exército Vermelho para ajudarem na libertação do restante do país. Oito deles morreram em combate. Nasceram em Krasnodon 18 cidadãos que receberam a condecoração de heróis da Grande Guerra Patriótica, martirizados durante a ocupação — seis deles eram membros da Molodaya Gvardiya. A organização inspirou jovens de toda a URSS a pegarem em armas contra os invasores nazistas.

— As autoridades ucranianas de hoje procuram esconder essa história — me diz Andrei, liderança da central sindical da RPL que, por ser fluente em inglês e muito amigável, nos levará para vários lugares e servirá como nosso intérprete.

— O que os grupos nazistas da Ucrânia estão fazendo no Donbass é comparável ao que fizeram os alemães? — pergunto a Elena Stechenko, guia do museu.

— Eles não se comportam da mesma maneira, mas de forma parecida. Eles têm um ódio muito forte contra nós. O problema é entre os habitantes do leste e do oeste. Nós os apoiamos mas em 2014 eles não fizeram nada para nos ajudar. E apoiam os nazistas.

\*

Chegamos a Volgogrado no início da manhã de 21 de abril. Não havia nenhuma movimentação nas ruas e já era hora de todos estarem apressados para ir ao trabalho. Após darmos uma volta pelo Rio Volga, atravessamos a cidade, passando por uma estátua de Lênin no centro, e chegamos à colina onde foi

construído o mais belo templo dedicado ao heroísmo e à exaltação da vida em todo o mundo: Mamaev Kurgan.

Fazemos o percurso inverso ao tradicional e começamos pelo final, o topo da colina. É quase surreal aquilo que está diante dos meus olhos, um colosso de 85 metros de altura, que foi a estátua mais alta do mundo durante quase um quarto de século. Mãe Pátria, ou A Pátria te Chama, é uma representação de Niké, a deusa grega da Vitória, que pode ser vista praticamente de todos os pontos de Volgogrado. A cidade entrou para a história quando ainda era batizada de outro nome e, no auge da Grande Guerra Patriótica, foi palco da batalha mais sangrenta e épica de toda a história: a Batalha de Stalingrado. De julho de 1942 a 2 de fevereiro de 1943, quando foi libertada, cenas épicas ocorreram em Stalingrado, particularmente a partir de novembro, quando se deu a contra-ofensiva do Exército Vermelho. Em meio aos escombros, os soldados soviéticos que já não tinham mais seus fuzis utilizavam facas ou mesmo seus próprios punhos para golpear os alemães. Uma selvageria heróica que confere àqueles homens o status de mártires, de semideuses. De filhos de Niké. Filhos da Vitória.

É possível notar a nossa insignificância como indivíduos antes mesmo de chegar aos pés da estátua. Parece a própria Deusa, em sua magnanimidade, inspirada pelos mártires que aqui deram suas vidas pela pátria. Não! Pela humanidade!

Sua espada, erguida como se tocasse os céus, ligando aqueles homens aos deuses, mede 33 metros. É segurada pelo braço direito, enquanto o esquerdo se estica para o outro lado, para onde também se vira o rosto da Deusa, da Mãe, da Pátria, bravo, destemido, convocando seus filhos para o martírio, como Deus convocou Cristo para redimir toda a humanidade de seus pecados. O vento cola sua túnica ao corpo. Descalça, com o pé esquerdo à frente do direito, lidera a marcha para libertar seu povo da barbárie nazista. Emília! A maior maravilha que já estive diante dos meus olhos e que minhas mãos jamais puderam tocar.

*Recordo o luminoso instante  
quando eu, tomado de surpresa,  
te vi: súbita imagem, diante  
de mim, da essência da beleza.*

*(Para, Alexander Pushkin)*

Seu olhar vai confortar o meu coração e o seu sorriso vai iluminar o meu caminho.

De seus pés, é possível ver toda a cidade, o Volga defronte. Descemos a colina e ao longo do caminho vemos as lápides de muitos heróis daquela guerra sobre o gramado. São 35.000 soldados não-identificados cujos corpos descansam nesta colina sagrada. Uma escultura de uns dez metros de altura encerra essa etapa do complexo. É uma mãe segurando o corpo de seu filho nos braços — tal como Maria com Jesus após a Paixão —, cuja vida ofereceu à pátria pela libertação de Stalingrado. Entramos na enorme sala onde se localiza a Chama Eterna ao Soldado Desconhecido, uma pira de cerca de oito metros segurada por uma mão, no centro da cúpula, guardada por soldados completamente imóveis. O piso é de mármore e as paredes, bronzeadas, estão cobertas com tapetes onde estão inscritos os nomes de cada um dos um milhão de soldados e oficiais que tombaram na defesa da cidade. No teto da cúpula, medalhas de condecoração dos heróis e uma fita de São Jorge ao redor. Vamos descendo a rampa, contornando a cúpula por dentro. Ao fundo, um cântico sereno e ao estilo religioso comprova aos visitantes que encontram-se em um verdadeiro local sagrado, mais sagrado que qualquer templo.

*Sons misteriosos, tão belos e estranhos, nos quais se descobre  
uma sagrada harmonia, inacessível a nós, mortais, e que por  
isso parece retornar aos céus*

(*O monge negro, Anton Tchekhov*)

Como não se emocionar ao lembrar-se que, neste país, 27 milhões de vidas foram sacrificadas por causa da invasão nazista? Crianças, mulheres, idosos, famílias inteiras. Confesso que chorei. A eliminação de gerações. Um genocídio que transforma o Holocausto em uma brincadeira de criança. Mas por que não se fala desse genocídio? Ora, porque, enquanto o Holocausto serve como cortina de fumaça para encobrir o fato de que a II Guerra foi uma guerra interimperialista e que, portanto, EUA e Grã-Bretanha também são criminosos, bem como os crimes do Estado de Israel, por outro lado a Rússia é o país do comunismo e o imperialismo nunca poderia apontar os comunistas como vítimas, ainda mais como *suas* vítimas. Mais do que isso: a Rússia sempre foi um alvo a ser conquistado e para isso não pode ser retratada como vítima, mas sim como agressor, sempre que possível. Aquilo foi um sofrimento inimaginável e uma história de superação verdadeiramente lendária. Não tenho a menor dúvida: se existe um povo no mundo que quer a paz, este é o russo. Povo maltratado e castigado por não aceitar se submeter aos piores delinquentes que já existiram. Todos os russos guardam até hoje as feridas em seu coração daquele grande trauma.

Saio purificado da cúpula e vejo logo abaixo dela, a alguns degraus, a Praça dos Heróis, onde existem seis estátuas retratando os diferentes grupos de homens que lutaram naquela guerra. Os degraus que se seguem são protegidos por paredes dos dois lados que são, na verdade, um mosaico esculpido nos restos de construções bombardeadas pelos alemães: soldados lançando granadas, segurando bandeiras e espadas, marchando com seus fuzis. Ao final, a estátua de um soldado com o tronco nu, bravo como a Pátria, mirando o horizonte com um fuzil em uma mão e uma granada em outra, pronto para dar

sua vida naquela batalha. Nos últimos degraus do complexo (na verdade, os primeiros, lá embaixo), a inscrição *за нашу советскую родину! СССР!* (À nossa pátria soviética! URSS!) e depois mais algumas figuras e as placas em homenagem a cada cidade-herói da União Soviética. São 200 degraus ao todo, que representam os 200 dias da Batalha de Stalingrado.

Tivemos a honra de conhecer um dos veteranos que lutaram na Guerra. Foi após uma manifestação com motivo dos 81 anos do início da Grande Guerra Patriótica organizada pelo Partido Comunista da Federação Russa no Túmulo do Soldado Desconhecido, nas muralhas do Kremlin de Moscou, a qual participei carregando uma bandeira do PCFR e depositando uma flor em frente ao túmulo. Vladimir Fedorovich Khodakov tem 99 anos de idade. Estudou em Górkí (atual Nizhni Novgorod) e lutou nas forças de defesa aérea na Polônia e na Romênia. Sua missão era proteger os aeródromos sob o controle da aviação soviética. Bombas caíam por toda a parte. Ostenta em seu peito uma série de condecorações, entre elas as medalhas da Vitória contra a Alemanha, da Revolução, da Grande Guerra Patriótica e de Georgy Zhukov.

Abre um sorriso quando digo que somos do Brasil.

— Temos que nos unir. Trabalhadores do mundo, uni-vos!  
— conclama o veterano.

Olho em seus olhos. Faço um cafuné em sua nuca, com poucos cabelos, ao contrário do restante da cabeça, toda branca. Sinto como se fosse meu vovô. Um sentimento de carinho e ternura toma conta de mim. Um sentimento forte para com aquele homem tão lindo, tão belo, tão dócil. Uma admiração sublime.

É 9 de maio, o grande Dia da Vitória. Estamos em Rostov. Acordo com a notícia sobre uma declaração de Dmitri Medvedev, ex-presidente e ex-primeiro-ministro da Rússia. No dia anterior, ele havia publicado o seguinte comentário em seu canal no Telegram:

### **“O fantasma do comunismo**

*O espectro do comunismo finalmente adentrou novamente à Europa (...) Os fartos europeus, abastecidos com gás de várias fontes, serão forçados a partilhar com os pobres, mas orgulhosos, que não querem pagar à Rússia em rublos pelo nosso combustível.*

*Muito bem, dignos herdeiros de dois Karls — Marx e Kautsky. Ao mesmo tempo, será introduzido o racionamento do consumo de energia, e não está longe [o dia em que serão reabilitados] os cartões de alimentação.”*

A cada dia a Rússia e mesmo as suas autoridades me surpreendem positivamente. Medvedev já foi chamado de “quinta coluna” dentro do governo russo por analistas respeitadas. Logicamente que essa sua declaração não é uma torcida pela revolução proletária internacional. No entanto, expressa o posicionamento de um setor do governo russo, que não é de hoje: a Europa e os EUA nos oprimem e seria bom que seus governos opressores fossem derrubados. Mas é mais do que isso: saberiam os russos que a crise econômica acentuada pela crise política internacional que se abriu com a operação na Ucrânia é o tiro de misericórdia para os regimes imperialistas europeus? Uma coisa é certa: a Rússia é conhecida por ter um dos melhores — possivelmente o melhor — serviços de inteligência do mundo. São muito bem informados sobre o que ocorre nos outros países, mais do que 99% das pessoas mundo afora. Mais do que analistas, jornalistas, especialistas, pesquisadores, professores, políticos e mais do que os serviços de inteligência dos países ricos. Os russos teriam informações da possibilidade de uma crise revolucionária iminente na Europa? É possível. Porque essa crise é perfeitamente possível. Desde 2008, o neoliberalismo — uma espécie de “fase superior” do imperialismo — vem se esfacelando. Estamos em uma época de golpes de Estado, guerras e revoluções. Vimos em 2021 um grupo de esfarrapados como são os talibãs expulsar de maneira humilhante a maior potência econômica e militar do mundo do Afeganistão, após 20 anos de opressão imperial. Os grandes

capitalistas de Wall Street ou Frankfurt estão de cabelos em pé. E a crise é tão grande que, além de os países imperialistas poderem viver convulsões sociais devido à devastação econômica, os países pobres parecem estar se levantando gradualmente contra seus opressores — como demonstrou precisamente o exemplo afegão. Outra declaração impressionante de uma autoridade russa foi dada por Serguei Lavrov alguns dias antes: “nossa operação militar especial também contribui para o processo de libertação do mundo da opressão neocolonial do Ocidente.” E ainda, na mesma semana, um dos principais órgãos do *establishment* norte-americano, a revista *Foreign Policy*, alertou que uma pressão aberta dos EUA e da União Europeia para que os países africanos se juntem à campanha antirussa “pode ser um tiro no pé”, pois já estaria havendo grande indignação nos círculos políticos da África com essa política imperialista.

Dois meses depois, Vladimir Putin dirá, em uma reunião com deputados russos: “eles [as grandes potências] estão impondo tal modelo, um modelo de liberalismo totalitário, incluindo a notória cultura do ‘cancelamento’, com proibições generalizadas, em todo o mundo. Mas a verdade é que os povos da maioria dos países não querem tal vida e tal futuro, mas uma soberania real e significativa. E cansaram de se ajoelhar, de se humilhar diante de quem se considera excepcional.” Sem muitas opções, escanteado pelos excepcionais, Putin está radicalizando seu discurso. Logo em seguida, virá outra declaração contundente: “Sim, [as grandes potências] alcançaram muitas conquistas, mas isso ocorreu em grande parte graças ao saque de outros povos. As elites ocidentais temem que outros centros de desenvolvimento mundial possam apresentar suas próprias alternativas. Vem uma nova época, uma nova etapa da história mundial. E somente os Estados realmente soberanos poderão garantir uma alta dinâmica de crescimento e se converter em exemplo para os demais.”

A ação russa, acompanhando a revolução talibã, contribui para o acirramento das contradições e da polarização entre os países opressores, de um lado, e os países oprimidos, de outro. E dentro de todos os países — principalmente os opressores —, acirra-se a polarização entre as classes opressoras e as classes oprimidas. A Rússia, terra da primeira revolução proletária vitoriosa da história, está contribuindo decisivamente para a retomada dessas revoluções, ao gerar uma enorme crise no regime imperialista. Cem anos depois daqueles dias revolucionários que abalaram o mundo em 1917, a Rússia volta a desestruturar o regime imperialista, na ação mais importante desde o final da Segunda Grande Guerra.

Nosso amigo Evgeny, da Secretaria de Relações Exteriores e Cooperação Inter-regional da Prefeitura de Rostov, nos busca no hostel às 9 da manhã, junto com sua esposa Yulia, para assistirmos à Parada Militar do Dia da Vitória. O rádio de seu carro toca músicas patrióticas em homenagem ao 9 de Maio, como *Den Pobedy* (Dia da Vitória) — canção que havia fechado o concerto na casa de cultura cossaca, o qual havíamos assistido no sábado anterior em Novocherkassk.

*Etot Den Pobedy (Este é o Dia da Vitória)*  
*Porokhom propakh (Ainda com cheiro de pólvora)*  
*Eto prazdnik (É uma festa)*  
*S sedinoyu na viskakh (Com cabelos grisalhos)*  
*Eto radost (É uma alegria)*  
*So slezami na glazakh (Com lágrimas nos olhos)*  
*Den Pobedy! (Dia da Vitória!)*  
*Den Pobedy! (Dia da Vitória!)*  
*Den Pobedy! (Dia da Vitória!)*

Já no caminho para a Praça do Teatro, vemos muitas crianças nas ruas vestidas com o uniforme do Exército Vermelho ou dos partisans. Pegamos uma grande fila para entrar na zona do evento, passando por um detector de metais. Em Donetsk e

Lugansk não foi realizada a tradicional parada militar devido às ameaças de ataques e atentados por parte dos ucranianos. Por isso a segurança em Rostov também foi redobrada.

O dia está quente e ensolarado, sem uma única nuvem no céu. As pessoas se amontoam para ver o desfile. É impressionante a quantidade de jovens, mulheres e crianças. A impressão que dá é que todos os mais de um milhão de habitantes da cidade estão nas ruas para comemorar a vitória contra o nazismo na II Guerra Mundial como se ela tivesse ocorrido pouquíssimo tempo atrás. Bandeiras da União Soviética, camisas com o Z da operação especial, bandeiras da Rússia e vermelhas com o brasão de armas da URSS, bandeiras da Vitória e fitas de São Jorge são ostentadas por todo o mundo. Os que participarão da Marcha do Regimento Imortal já seguram os retratos de seus parentes que lutaram na Guerra. Uma mulher briga com um policial porque ela quer ver o desfile da tribuna. As pessoas estão grudadas umas às outras e preciso empurrar e socar algumas delas para seguir em frente. Finalmente estamos nas tribunas, as escadarias da Academia de Teatro de Rostov, na avenida Bolshaia Sadovaya. Membros do governo municipal, regional e federal estão presentes, bem como representantes da Igreja Ortodoxa, deputados, militares do alto escalão e dirigentes do PCFR.

O locutor lembra as glórias do povo soviético na vitória contra o fascismo e recorda que hoje os russos voltam a ser ameaçados, desta vez na Ucrânia, e que por isso a Rússia teve de intervir para desmilitarizar e desnazificar o país vizinho. A parada começa. Exibem-se tanques e carros utilizados na II Guerra, bem como veículos militares atuais, incluindo caminhões lança-mísseis. São três mil militares desfilando, socorristas que irão para o Donbass, estudantes, membros da nova Guarda Juvenil – os herdeiros do Komsomol e dos Pioneiros. Noventa e quatro veteranos compareceram ao desfile. A banda do exército toca *Den Pobedy*. Então os estudantes e as crianças fazem uma performance teatral, marchando com muitos balões e bandeiras

vermelhas. Desfilam em veículos da II Guerra os descendentes dos que lutaram há oito décadas contra o nazismo, utilizam a Bandeira da Vitória, a russa e também a soviética tradicional. Inicia-se então a Marcha do Regimento Imortal. Milhares de pessoas seguram os retratos de seus antepassados que participaram da Guerra e incontáveis bandeiras soviéticas. No telão, o retrato de cada um daqueles heróis de guerra com uma pequena descrição e ao fundo uma música calma e bela. Esse é certamente o momento mais emocionante da Parada.

— Quanta gente — digo a Evgeny.

— Essa é a nossa história. Não tem como assassinar a nossa história. Mas os ucranianos querem fazer isso. Russos e ucranianos são irmãos, mas eles decidiram ir para os braços dos americanos.

A Parada termina. Dura uma hora apenas. Depois do desfile, uma enxurrada de pessoas percorre as ruas de toda a cidade com as bandeiras e os símbolos pátrios e socialistas. Os carros passam nas avenidas buzinando e exibindo as bandeiras russa e soviética. As famílias passeiam pelas praças e parques cantando músicas patrióticas, tremulando as bandeiras soviéticas, gritando. E voltam para casa apenas no final da tarde. Ao contrário do que algumas pessoas podem pensar, o Dia da Vitória não se resume a um feriado oficial. É uma verdadeira celebração popular, uma imensa mobilização de massas. Uma mobilização, por que não dizer, comunista. É uma verdadeira comemoração. O governo não entrega bandeiras nem materiais para ninguém, todos compram ou trazem de casa. Nem mesmo as comemorações do título após a final de uma Copa do Mundo podem ser comparadas ao Dia da Vitória. E a vitória que ocorreu há 77 anos parece que acabou de acontecer! Esse dia mostrou como está enraizado em cada cidadão russo o sentimento antifascista. Segundo o governo, nada menos do que 12 milhões de pessoas desfilaram no Regimento Imortal em todo o país. Em Moscou, foram um milhão. Na Praça Vermelha, Putin destacou em seu discurso que a Rússia foi obrigada a agir no Donbass,

pois a OTAN estava prestes a atacar o país e os grupos ucranianos estavam massacrando os russos da região. Todos ignoraram os apelos do Kremlin. Aquela foi a única solução.



## ***Detidos no Cáucaso***

A Chechênia viveu duas guerras separatistas contra a Rússia logo após o fim da União Soviética. A primeira começou em 1994 e durou dois anos, na esteira das reivindicações por secessão que tomaram conta de inúmeros territórios do imenso país. A segunda ocorreu entre 1999 e 2000, já sob a presidência de Vladimir Putin na Rússia. Elas deixaram 300 mil pessoas mortas ao todo. As duas foram acompanhadas por diversos atentados cometidos por aqueles que eram considerados terroristas chechenos em várias partes da Rússia, incluindo em Moscou. Um dos mais famosos foi o Massacre de Beslan, na Ossétia do Norte-Alânia, que matou 334 pessoas (incluindo 156 crianças) em uma escola em 2004.

O governo dos EUA chegou a indicar publicamente sua simpatia pelos separatistas chechenos e, segundo revelou Putin em um documentário da TV russa em 2015, a inteligência norte-americana esteve em contato direto com os combatentes do norte do Cáucaso no Azerbaijão.

Mas Putin conseguiu pacificar a Chechênia, impedir que se separasse da Rússia e ainda colocar firmes aliados para governar a república autônoma. A Chechênia foi completamente reconstruída e hoje sua capital, Grozny, é uma cidade moderna. Desde 2007, governa a região muçulmana o carismático e temido Ramzan Kadyrov, considerado um dos mais fortes aliados de Putin dentro da Rússia. Ele é acusado pelas ONGs e a imprensa internacional — as mesmas que fecham os olhos para

o genocídio no Donbass — de diversas violações dos direitos humanos, incluindo a criação e manutenção de supostos campos de concentração para homossexuais. Mas até mesmo seus adversários reconhecem que goza de ampla popularidade.

A maior comprovação da lealdade de Kadyrov, também membro do Rússia Unida, a Putin foi o envio de milhares de chechenos para lutarem no Donbass ao lado das tropas russas e das milícias populares de Donetsk e Lugansk. O próprio Kadyrov viajou para a região e os batalhões chechenos ficaram famosos pelo seu sucesso no campo de batalha com o temido Regimento Akhmat Kadyrov — em homenagem ao pai e antecessor de Ramzan na liderança da República da Chechênia.

O que ouço aqui na Rússia é que os costumes da sociedade chechena são bem rígidos e, por isso, quando os jovens vão morar em outra parte da Rússia, eles não se adaptam e algumas vezes tornam-se transviados. E eu presenciei isso. No quarto ao lado do nosso, no hostel de Rostov, havia um grupo de jovens chechenos. Eram meio estilo *bad boys*, como outros que vi pela cidade. Um deles arrumou uma briga com um russo bêbado dentro do hostel.

Assisti a muitos documentários sobre as guerras da Chechênia, sobre a vida na Chechênia e os militares chechenos de hoje. A maioria deles tratava os separatistas como bons e os russos e o atual governo checheno como maus. Mas, de qualquer forma, impressiona a diferença entre aqueles separatistas de 20 anos atrás e os militares chechenos de hoje. Esses consideram-se irmãos dos russos e apoiam Putin. Claro, continuam sendo seguidores de Alá, mas são fiéis aliados da Rússia e os membros do Regimento Akhmat acreditam estar lutando pela libertação dos povos do Donbass do nazismo.

Era essa a história que eu queria investigar e contar quando convenci Rafael de comprar as passagens para Grozny, capital da Chechênia. Porém, fomos surpreendidos no caminho. Às 5 da manhã, sob intensa névoa, chuvisco e um frio de 7 graus com sensação térmica de uns 5 graus, descemos do ônibus para

o controle de passaporte na fronteira entre o Krai de Stavropol e a República Cabárdia-Balcária, no Cáucaso. Só consigo enxergar um caminhão do exército russo, com a letra Z pintada na lateral. Um tempo horrível, que não pegávamos havia semanas. Apresentamos os nossos documentos e os guardas verificaram que a data que havia sido marcada no registro para a saída do hostel, em Rostov, já estava vencida.

Fomos parar na delegacia, na cidade de Khoroshovskiy. Na entrada, os policiais apreenderam nossos celulares. Lá, conhecemos um outro detido, um homem de 1,60 cm, 50 anos e olhos claros chamado Rafat, proveniente do Azerbaijão. Vivia na Rússia havia 30 anos e trabalhava em Moscou como pintor e também em uma pizzaria italiana. Foi lá onde aprendeu um pouco de italiano, com o qual conseguiu se comunicar conosco, misturando o espanhol arranhado (fruto do convívio com um amigo arquiteto peruano que havia se mudado para a Alemanha), russo, mímica (muita mímica) e até mesmo arriscando uma palavra ou outra em português — falou em “casamento” um milhão de vezes na nossa conversa.

— É um poliglota — brincou Rafael.

Fã do Brasil e de Ronaldinho Gaúcho, me contou que gosta de Che Guevara — “lutou pela liberdade”.

— E pelo socialismo. Você gosta do socialismo?

E Rafat fez uma cara de quem não curte muito a ideia de socialismo. Porém, além do Che, é fã de Fidel Castro e Hugo Chávez (vai saber o que passa pela cabeça confusa de um homem como Rafat...). Perguntei de Stálin.

— *Fifty x fifty* — respondeu.

Tinha uma visão aparentemente positiva sobre Putin, mas extremamente negativa sobre a Rússia. Disse que não há democracia e que o país é uma ditadura, demonstrada pela nossa detenção.

— *Tutto molto difficile* — afirmou sobre a Rússia.

Estava indo para Istambul, através da Geórgia. Falava turco, também, uma vez que seu país tem laços históricos e

culturais fortíssimos com a Turquia. Porém, considerava Erdogan um demagogo, que fala muito mas não faz nada (me disse isso na base da mímica).

Então, os policiais colheram nossas digitais, tiraram fotos nossas ao lado do medidor da altura (por isso sei que nosso amigo “turco” media 1,60 cm, com o que me senti um gigante) e nos ficharam. Só conseguimos finalmente sair da delegacia após umas quatro horas de espera e depois de sermos extorquidos por um policial, que ficou com 15.000 rublos (R\$ 1.075). Não sem antes sermos ameaçados de deportação para o Brasil e, de fato, impedidos de entrar na Cabárdia-Balcária e prosseguir viagem para Grozny. Deveríamos retornar a Rostov e Rafat se comprometeu com o policial a nos levar até a estação de trem mais próxima. Eu estava apertado para mijar desde quando descemos do ônibus de viagem, às 5h, e tive de segurar o xixi até por volta do meio-dia. Devo ter ficado uns cinco minutos segurando meu pau no mictório, na mijada mais gostosa que já dei.

Após uma viagem de meia hora de carro, chegamos à cidade de Pyatigorski. Assim como os policiais da delegacia, a maioria das pessoas era diferente dos russos de Moscou ou mesmo de Rostov e muito mais parecida com os armênios e georgianos. As montanhas do Cáucaso estavam escondidas sob a forte neblina, mas foi possível perceber que elas cercavam a pequena cidade.

Comendo um bolo de chocolate e tomando um chá em um pequeno estabelecimento, conversamos com Rafat por escrito, no Google Tradutor. Não queria falar, estava desconfiado das pessoas por perto.

— Aqui você precisa tomar cuidado. O que vocês vieram fazer em um lugar como este? Por que vocês vieram para a Rússia? Aqui não é o Canadá ou a Austrália, onde há liberdade. O que estão fazendo aqui?

Na rodoviária fomos parados novamente pelos tiras, que pediram nossos documentos por algum motivo especial e Rafat

apresentou exatamente o protocolo preenchido na delegacia... Pensávamos que seríamos detidos novamente, mas isso não aconteceu. Pouco depois, fomos comer em um restaurante uzbeque e em seguida pegamos duas lotações para a estação de trem, pois não havia ônibus para Rostov.

O homem “com grande coração”, que “gosta de ajudar” (como dizia) e era um muçulmano fiel a Deus, que não bebia nem fumava e jejuava havia dois dias, Rafat viajou conosco somente até a próxima estação, enquanto seguimos viagem para Rostov. Mas nunca esqueceremos esse homem gentil que nos salvou e que os mais desconfiados – como Rafael – poderiam dizer que fosse simplesmente um agente da polícia.



## **“Não, ela não sabe”**

Chegamos na manhã de quinta-feira, 5 de maio, novamente à cidade de Novocherkassk. É lá onde mora e trabalha Lyubov Korsakova, que nos convidou para assistir às celebrações do Dia da Vitória na escola onde leciona. Na Rússia, praticamente todos os dias entre o 1º de maio e o 9 de maio são feriados, incluindo o dia seguinte ao Dia da Vitória. Na verdade, o final de abril e começo de maio é todo uma celebração da derrota do nazismo pela URSS em 1945, uma verdadeira guerra popular de libertação nacional.

A Escola nº 24 funciona das 8 da manhã às 6 da tarde e reúne 600 alunos dos seis aos 18 anos de idade. Todos eles moram no bairro. São 28 salas de aula com 21 turmas e uma média de 25 a 30 alunos por turma para 35 professores. A escola foi construída em 1964 e dá um pau nas suas equivalentes brasileiras — que geralmente não agrupam alunos de faixas etárias tão diferentes, são superlotadas e se assemelham mais a presídios do que a escolas, tanto em aparência como em funcionamento.

Lyubov, professora há 20 anos — primeiro em Lugansk e, desde 2015, em Novocherkassk —, leciona Geografia e Biologia. Os estudantes aprendem alguma coisa sobre a América Latina e o Brasil nas aulas de Geografia, mas sabem muito pouco sobre nosso país, pois “é tão longe”. As disciplinas são basicamente as mesmas que no ensino brasileiro, inclusive as aulas de inglês.

Os professores têm discutido com os alunos a respeito da operação militar especial na Ucrânia.

— Eles não são contra a operação — diz Dimitri Churkin, diretor da instituição desde 2014.

— Korsakova discute com eles, e além disso muitos parentes nossos vivem no Donbass. Minha irmã vive no Donbass. E nós sabemos muito bem os problemas. É muito estranho que a Europa e o mundo não falem sobre isso. Todos os dias o exército ucraniano mata pessoas.

Somos convidados a entrar em algumas salas de aula e os professores interrompem as explicações para nos apresentar. As crianças levantam de suas cadeiras e nos dão as boas-vindas, muitas com sorrisos sinceros em seus rostos e olhares curiosos ao saberem que somos do Brasil. A professora pergunta aos alunos do primeiro ano, os mais jovens, por qual motivo se utiliza a fita de São Jorge. Muitos alunos levantam a mão e respondem:

— Pelo Dia da Vitória!

Desde pequenos os russos são ensinados sobre a história do país e a Grande Guerra Patriótica certamente é a parte mais especial.

— É o feriado mais importante do país, todos sabemos muito profundamente o seu significado, desde crianças — aponta Dimitri.

Todo o ano várias escolas da cidade organizam seus alunos para levarem uma grande fita de São Jorge ao Monumento ao Aviador Soviético, construído em homenagem aos pilotos da Aeronáutica que rasgavam os céus da Rússia em batalhas épicas contra a Luftwaffe.

Então chega a hora de todos saírem das salas de aula e irem para o pátio, onde começa a cerimônia. Muitos alunos estão com flores nas mãos, todos com a fita de São Jorge no peito. Dois pirralhos brigam para segurar a bandeira nacional. Um casal de alunos preside a cerimônia, ao microfone. Toca-se o hino russo — cuja melodia é a mesma do antigo hino da URSS

—, bem como canções da Guerra. Reproduzem o áudio da famosa locução em que o radialista Iuri Levitan anuncia a rendição dos alemães.

A professora de inglês me fala que eles sairão em caminhada para levar a grande faixa da fita de São Jorge ao memorial. Pergunta se iremos junto com eles, digo “claro que sim” e mostro a minha fita amarrada no pulso.

— Você é um de nós!

Chegamos ao memorial, que abriga uma estátua de um avião, um jardim e um local com placas com o nome dos habitantes de Novocherkassk que morreram na guerra. Os alunos depositam as flores ao lado das placas onde se lê ao lado “Glória aos aviadores soviéticos”, um membro da prefeitura faz um pronunciamento e é respeitado um minuto de silêncio. Um garoto de 10 anos me encara quase rindo de mim e, quando eu olho para ele e dou um sorriso, ele cai na gargalhada. Essa não foi a única vez que os russos riram da minha cara, porque foram realmente muito engraçadas as minhas tentativas de pedir os pratos nos restaurantes e lanchonetes, ou de fazer qualquer tipo de compra em uma loja.

Havia veteranos da guerra entre nós. Rafael e eu pedimos para conversar com um deles. Ivan Gniesdilov, de menos de 1,60m e na casa dos seus 90 anos, aperta a minha mão com força. Ele era uma criança quando viu os nazistas invadirem Novocherkassk e matarem 1.004 pessoas em 204 dias de ocupação entre 1942 e 1943. Foi professor durante 58 anos de sua vida. No final da conversa, nos agradece pela presença e diz que é comunista.

— Eu também sou — respondo.

Ele fica extremamente contente e me dá um abraço forte.

— Tovarish!

No caminho de volta à escola, vemos as crianças do jardim de infância marchando em direção ao memorial para depositar flores. Entramos na sala de Geografia, onde Lyubov Korsakova ministra suas aulas. Sobre a lousa, vejo o retrato de grandes

descobridores, como Marco Polo, Cristóvão Colombo e os portugueses Vasco da Gama e Fernão de Magalhães. Há também placas governamentais com símbolos nacionais e a foto do presidente Putin.

— Lugansk é território histórico da Rússia e foi apenas em 1924 que a União Soviética o entregou à Ucrânia — começa nossa entrevistada especial. Essa foi precisamente uma das explicações de Putin em seu discurso justificando o reconhecimento das repúblicas populares de Donetsk e Lugansk pela Rússia, dias antes do início da operação especial. Ela nasceu em Krasnodon, no então Oblast ucraniano de Lugansk. Lembra que a cidade é terra dos partisanos da Molodaya Gvardiya que, com uma média de apenas 20 anos de idade, lutaram e morreram na II Guerra Mundial.

— Eles são nossos heróis — conta. — Hoje a Ucrânia repudia esses heróis. Para os ucranianos, herói é Stepan Bandera.

Junto a Rafael, Lyubov e eu, estão Dimitri e a professora Yulia. Eles servem como intérpretes para a entrevista com Lyubov. Dimitri nasceu em Tbilisi e Yulia cresceu em Baku e todos têm um sentimento positivo a respeito da União Soviética. Dizem que todas as famílias russas têm membros que lutaram na Guerra. É o caso dos três. O avô de Yulia morreu no conflito e foi condecorado como herói da Grande Guerra Patriótica.

Lyubov era militante do Partido Socialista Progressista da Ucrânia quando foi eleita um dos mais de 1.000 deputados do parlamento de Lugansk, em 2004. Seu mandato terminou em 2008, mas ela ganhou um ano a mais e se retirou em 2009. Quando os golpistas tomaram o poder em Kiev e iniciaram a repressão aos russos étnicos e à esquerda, todos os membros de seu partido pegaram em armas.

— Foi uma decisão coletiva. Os militantes da esquerda decidiram pegar em armas de forma voluntária, não foi uma imposição partidária. Os partidos comunistas, a união das organizações de esquerda, esses militantes foram quem

organizou esses grupos armados. Queríamos ser independentes.

A República Popular de Lugansk foi fundada e se declarou independente em 11 de maio de 2014. Por que — pergunto — foi escolhido o nome “República Popular”?

— Porque o povo decidiu que queria a liberdade e não queria viver na Ucrânia. O povo escolheu, lutou e quer viver em liberdade. A classe trabalhadora teve o papel principal na criação da RPL. Ela está no poder, não há empresários no governo de Lugansk.

Eu pergunto se ela considera a RPL como um estado socialista. A incerteza paira no ar. Yulia faz uma cara de dúvida e responde que é uma espécie de sociedade em transição.

— Os trabalhadores estão no poder — afirma Dimitri.

Lyubov sequer sabe como se chamavam seus companheiros de armas, a não ser por seus nomes de guerra. O seu era “Mama”. Fez parte da Guarda Nacional Cossaca e foi oficialmente considerada terrorista por agentes do regime de Kiev, tendo sido jurada de morte. Não chegou a ser presa, embora militantes de extrema-direita a tenham perseguido e tentado assassiná-la. Teve de fugir para o outro lado da fronteira e chegou a Novocherkassk. Mesmo ali, foi pega em uma emboscada por agentes ucranianos, que a lincharam. Seu rosto ficou deformado e seu corpo todo ferido.

— Neste momento não quero mais voltar para Lugansk. Mesmo aqui na Rússia ainda temo ser atacada pelos nazistas, pois enquanto durar a guerra ainda haverá perigo. Têm sido tempos muito difíceis e causado sentimentos muito fortes. O pior é que ainda não terminou. Mas atualmente estou melhor. A luta contra o fascismo não é apenas pelas armas, mas também devemos travar uma guerra de informações. Para mim é uma vitória contra o fascismo o fato de vocês terem vindo para cá.

Nos contam que a milícia popular de Lugansk, que, tal como a de Donetsk, tem sido o braço armado dos cidadãos das

duas repúblicas ao longo desses oito anos de guerra, não é um exército regular. É formada apenas por voluntários e milicianos.

— Como conseguiram as armas? — questiono sem saber, talvez, que se trata de uma pergunta demasiado indiscreta.

Todos fazem silêncio.

— Você sabe? — pergunto a Dimitri. Ele balança a cabeça para os lados.

— Você sabe? — pergunto a Yulia. Ela faz sinal de negativo.

— Lyubov sabe?

E todos olham para ela. Apressadamente, Dimitri responde:

— Não, ela não sabe.

# Parte II



## **“Não esqueceremos!”**

— Você entenderá o quão perto a guerra estava.

Foi isso o que ouvi pouco depois de entrarmos no carro de Vladimir, um russo que preside um fundo de solidariedade ao Donbass. Ele nos atravessará para a República Popular de Lugansk, graças a Evgeny. Nosso motorista nos busca em Novoshakhtinsk, uma das últimas cidades do Oblast de Rostov antes da fronteira.

Cruzamos a linha de demarcação entre a Rússia e a RPL às 10h30 do dia 12 de maio. O lado do posto de controle migratório que antes pertencia à Ucrânia tem lembranças da destruição do início da guerra, como campos minados e tanques militares queimados, na beira da estrada. Vemos cerca de 20 refugiados do lado russo da fronteira. Eles a cruzam todos os dias.

— Aqui morreram 30 refugiados em 2014, incluindo mulheres e crianças, assassinados pelos guardas fronteiriços ucranianos — diz Vladimir, que está envolvido no envio de ajuda humanitária à região desde aquela época. — Depois, a linha de frente acabou recuando e os refugiados voltaram para casa.

Os guardas fronteiriços de Lugansk exibem o Z em suas fardas. Aparecem novos refugiados. Há também os que fazem o caminho inverso: voltam da Rússia para a RPL. Uma mulher me diz que estava visitando sua família na Rússia e agora está retornando para sua casa em Lugansk.

— Há oito anos os Estados Unidos levam adiante uma guerra de informação na Rússia e nos colocam um contra o outro

— afirma Vladimir, aproximando-se de mim. — Como os EUA tratam o Brasil? — me pergunta.

— Como um vassalo.

— Eles ameaçam a todos que não têm bomba atômica — opina. — Temos de estar juntos!

Pessoas atravessam a pé a fronteira em direção à Rússia. Uma fila de uns 400 metros de carros congestionada a estrada. Somos interrogados pelos guardas fronteiriços, com a ajuda de Vladimir, que lhes informa que somos comunistas para que eles simpatizem conosco, o que aparentemente funciona — embora também pareça que ninguém liga muito, como se fosse absolutamente normal ser comunista por estas bandas. A surpresa vem quando eles descobrem que somos brasileiros.

— No Brasil vocês podem contar a verdade sobre o conflito? — questiona Vladimir. Não entendo se está curioso ou se é um pedido para que contemos a verdade.

— Há muita censura e mentira sobre a Rússia, mas nosso jornal conta a verdade.

— Nós gostaríamos que vocês contassem a verdade sobre o que estão vendo aqui.

Avançamos estrada adentro para o interior da RPL. Uma das primeiras cidades pela qual passamos é Sverdlovsk. Ela tem esse nome em homenagem ao revolucionário Yakov Sverdlov, membro do Comitê Central do Partido Bolchevique, morto prematuramente pouco após a Revolução, em 1919. No centro da cidade, há uma estátua de Sverdlov. Como parte da política de “descomunização” levada adiante pelo governo ucraniano, a cidade passou a se chamar Dovzhansk em 2016. Mas isso não passa de ilusão, pois a Ucrânia não manda em Sverdlov, que desde a proclamação da independência da RPL está sob o domínio dos separatistas, que mantiveram o antigo nome.

Em determinado ponto da estrada, Vladimir solta uma frase enigmática e um tanto quanto assustadora:

— Minha tarefa é trazê-los até aqui, levá-los ao governo e salvar a sua vida.

Paramos em uma praça da cidade de Krasnodon — que os ucranianos, achando que mandam alguma coisa na região, chamam agora de Sorokyne. É como se o governo do Paraguai mudasse o nome de uma cidade da Bolívia, pensando que isso terá algum resultado real.

Membros do Rússia Unida posam para as câmeras de TV enquanto depositam flores no monumento em homenagem à Molodaya Gvardiya, na praça do museu dedicado à Guarda Juvenil, que fica na rua Komsomolskaya. Na praça, mais ao fundo, há também a Chama Eterna ao Soldado Desconhecido — comprovando que não passa de delírio a crença do regime de Kiev de que tem o controle daquela região. Logo depois, chega uma meia dúzia de carros e saem deles os membros dos partidos comunistas da Federação Russa e da República Popular de Lugansk. Vladimir entrega a um deles um prêmio pela participação no envio de ajuda humanitária ao Donbass. Eles nos entregam flores e nos somamos à cerimônia, depositando-as aos pés do monumento. Entram todos novamente em seus carros, alguns voltando a Moscou e outros a Lugansk — onde irão nos esperar para uma entrevista.

Pé na estrada novamente. Na zona urbana, é possível observar uma quantidade enorme de símbolos e bandeiras da RPL, bem como bandeiras russas e símbolos soviéticos. Há também vários *outdoors* das filiais do Rússia Unida no Donbass. Pessoas nas ruas utilizam camisas com o Z estampado e já sentimos os sinais da guerra atual com a presença crescente de caminhões do exército, também adornados com o Z pintado de branco na lateral.

Ao alcançarmos a cidade de Novosvetlovka, a paisagem muda e se entristece. Ao fundo, longe da estrada, é possível enxergar os destroços do que um dia foi o aeroporto de Lugansk, até 2014.

— O exército ucraniano o bombardeou e depois se dirigiu à aldeia de Novosvetlovka, onde os militares roubaram, mataram e zombaram da população — conta Vladimir.

Ao lado da estrada, ele aponta para um conjunto habitacional que foi reconstruído após ser bombardeado pelos ucranianos. Vemos outros edifícios destruídos e uma casa metralhada. Várias casas ainda mantêm seus portões cheios de buracos de balas. Algumas instalações foram reconstruídas depois de 2015.

A orgia de violência que se abateu sobre aquele povoado entre 2014 e 2015 tem um responsável em particular: o Batalhão Aidar. Formado por neonazistas (eufemismo para *nazistas*), o grupo cometeu todo o tipo de insanidade contra os indefesos habitantes de Novosvetlovka. Seus membros, completos psicopatas degenerados, arrancaram um monumento de Lênin — hoje, resta apenas o pedestal — e naquele lugar fuzilaram 18 pessoas. Estupraram uma mulher ali mesmo e a penduraram na traseira de seu tanque, relata Vladimir. Ao lado da estátua, há uma igreja. Sua cúpula foi reformada, pois o Batalhão Aidar a bombardeou — junto com dezenas de pessoas, que haviam se escondido dentro dela. Mais à frente, um tanque da Milícia Popular de Lugansk atingido pelas bombas do exército ucraniano se transformou em um monumento em memória àquela ocasião, na beira da estrada. Ao seu lado, os soldados ucranianos haviam agrupado alguns moradores, incluindo mulheres e crianças, e despejado bombas.

Apenas quatro dias depois de nossa passagem por Novosvetlovka, dois veículos aéreos ucranianos seriam abatidos ao sobrevoarem a cidade.

Em algum momento da viagem, tive acesso a um documento intitulado “Guerra civil na Ucrânia: 2014-2022”, produzido pela Rossotrudnichestvo e pela Fundação para o Estudo da Democracia. Ele resume os principais fatos que demonstram como o atual regime ucraniano tem promovido a ideologia nazista e o assassinato em massa da população do Donbass nos últimos oito anos. “Está sendo promovida a ideia da superioridade étnica ucraniana, o antissemitismo e a russofobia, glorifica-se os heróis do nazismo e seus cúmplices”,

diz o texto. O documento recorda o Extrato da Resolução do Parlamento da Ucrânia n.º 2364 sobre a Celebração de Datas Comemorativas e Aniversários em 2020, que inclui as seguintes figuras colaboradoras da ocupação nazista da Ucrânia durante a Segunda Guerra Mundial:

**12 de dezembro – 130 anos do nascimento do nazista Andriy Melnyk**

*Andriy Melnyk é um criminoso de guerra mencionado nos Julgamentos de Nuremberg. Chefe da Organização de Nacionalistas Ucrânicos (OUN), organizador e participante nas matanças de judeus em Kiev, Zhitomir e Vinnytsia, incluindo o massacre de Babi Yar.*

**6 de fevereiro – 100 anos do nascimento do nazista Vasyl Levkovich**

*Vasyl Levkovich é um criminoso de guerra da polícia auxiliar ucraniana em Dubno, o organizador e participante do massacre de 5.000 judeus em Dubno e Rivne.*

**20 de fevereiro – 115 anos do nascimento do nazista Ulas Samchuk**

*Ulas Samchuk foi redator-chefe do jornal nazista e antissemita Volyn de Rivne, cúmplice do extermínio de 25.000 judeus em Rivne. Ao mesmo tempo, suas obras foram incluídas oficialmente no plano de estudos das escolas ucranianas.*

**24 de fevereiro – 110 anos do nascimento do nazista Vasyl Sydor**

*Vasyl Sydor é um criminoso de guerra do Batalhão Nachtigall e do Batalhão 201 da polícia auxiliar. Participou dos massacres de poloneses e de operações punitivas contra a população civil na Bielorrússia.*

**16 de maio – 130 anos do nascimento do nazista Kyrylo Osmak**

*Kyrylo Osmak foi um dos líderes do Parlamento Nacional Ucrânico (Rada Nacional Ucrânica) estabelecido com o apoio das tropas nazistas em Kiev em 1941-1943 sob a direção do criminoso de guerra Andriy Melnyk.*

**23 de setembro – 120 anos do nascimento do nazista Volodimir Kubiyovych**

*Volodimir Kubiyovych foi um dos iniciadores da criação da Divisão SS Galizien.*

**12 de novembro – 100 anos do nascimento de Vasyl Halasa**

*Vasyl Halasa foi um ativista da Organização de Nacionalistas Ucrânicos, um dos organizadores dos massacres de poloneses e judeus*

Andriy Melnyk se converteu em herói oficial da Ucrânia sob a presidência de Vladimir Zelensky. Durante a ocupação alemã da Ucrânia, ele foi chefe da Organização de Nacionalistas Ucrânicos (OUN) e agente pago pela Gestapo junto com Stepan Bandera (como consta nos materiais do Tribunal de Nuremberg). Em 7 de julho de 1940, enviou um chamado a Adolf Hitler em que dizia que “junto com as legiões da Europa gostaríamos de marchar ombro a ombro com nosso libertador, a Wehrmacht alemã, e, a tal efeito, ter a oportunidade de criar uma unidade militar ucraniana”.

Uma instrução publicada em maio de 1941 pela OUN estipulava quem eram os inimigos dos ucranianos e como deveriam ser tratados:

***As minorias nacionais se classificam em:***

*a) amistosos conosco, ou seja, membros de todos os povos escravizados [pelos russos];*

*b) hostis a nós, ou seja, russos, poloneses e judeus;*  
*dos quais*

*a) têm os mesmos direitos que os ucranianos, podem voltar a seu país;*

*b) serão exterminados durante a luta.*

Uma das principais organizações da extrema-direita ucraniana, o Svoboda (“Liberdade”), tem orgulho de ostentar publicamente símbolos nazistas, como o das Waffen-SS. Até o

ano de 2004, chamava-se Partido Nacional-Socialista da Ucrânia. Logo após o golpe do Maidan, em março de 2014 o regime de Kiev trocou todos os antigos governadores dos 25 Oblasts por homens de confiança. Seis dos novos governadores eram do Svoboda, assim como o segundo principal dirigente de Kiev, o procurador-geral e vários ministros. Em 2005, o líder do agrupamento, Oleg Tiagnibok, assinou uma petição para proibir todas as organizações judaicas da Ucrânia.

Finalmente chegamos à cidade de Lugansk. Muitos prédios residenciais e comerciais ainda estão destruídos (alguns parcialmente, outros totalmente), apesar de muitos outros terem sido restaurados. Vemos mais carros cujos donos pintaram a letra Z na lataria do que havíamos visto em toda a Rússia. São incontáveis. A impressão que dá é que metade dos veículos levam o Z consigo. Comboios militares passam para lá e para cá na rua Oboronna, a principal via da capital. É impressionante o número de veículos militares que cruzam as ruas de Lugansk.

Praticamente só vejo mulheres nas ruas. Quase toda a população masculina adulta de Lugansk está na frente de batalha. Muitas fábricas deixaram de funcionar porque os operários foram para a guerra. É uma necessidade. Mas ao que leva a extrema necessidade! Uma economia estagnada, uma vida social praticamente paralisada. Nesses oito anos de heróica resistência, não há vida para o povo de Lugansk. O comércio começa a fechar no meio da tarde. As famílias sofrem angustiadas com a possibilidade diária da morte de seus filhos, pais e maridos no *front*. Todos os que ainda não morreram conhecem alguém que morreu na guerra. Essas pessoas só queriam uma vida pacífica. Mas não tiveram escolha. A Ucrânia as obrigou.

A agência de notícias *RIA Novosti* publicará no dia 6 de junho um documento encontrado por seu correspondente na base do Batalhão Azov em Mariupol que diz que 70% dos habitantes dos territórios da República Popular de Donetsk controlados por Kiev são “pró-russos”. O mesmo vale para toda

a região do Donbass, incluindo Lugansk. Porque é impressionante como todos os cidadãos de Lugansk se consideram russos, consideram que vivem em território russo ou até que seu governo é o mesmo governo da Rússia. Uma das primeiras medidas do novo parlamento ucraniano, em fevereiro de 2014, logo após a derrubada do governo Yanukovich, foi cancelar o status especial da língua russa, falada por praticamente todos os habitantes do leste do país. Isso iniciou a rebelião anti-Maidan no Donbass. O que teria acontecido se as populações de Donetsk e Lugansk não tivessem se levantado em armas? As novas autoridades de Kiev teriam dominado o Donbass, estabelecendo as leis que impuseram no restante da Ucrânia: proibição do idioma russo (que é o que eles falam), proibição das organizações de esquerda (que ali têm grande apoio), destruição dos símbolos russos (muito importantes para aqueles habitantes). E estariam patrulhando as ruas os bandos nazistas, que veem com total ódio os cidadãos de etnia russa, independentemente de serem separatistas ou não, independentemente de serem partidários de Putin ou não. Viveriam em um estado de *apartheid*, como viviam os negros na África do Sul ou como vivem os palestinos em sua própria terra, ocupada por Israel.

Vladimir nos leva à sede do Partido Comunista, um casarão de dois andares que fica de frente a edifícios e casas completamente destruídos pelos ataques do exército ucraniano em 2014. A própria sede do partido — que tem na entrada um enorme busto de Lênin e outro de Stálin — sofreu ataques e ainda conta com inúmeros buracos de bala nas paredes. No andar térreo, dezenas de pacotes de ajuda humanitária, que os partidos comunistas da Rússia, de Lugansk e de Donetsk organizam para ser enviada aos necessitados do Donbass.

Somos recebidos pelo secretário-geral do partido, Igor Gumenyuk, acompanhado de dois membros do Komsomol, a juventude comunista que mantém o nome dos tempos soviéticos. A sala é adornada com um retrato de Lênin, com a

Bandeira da Vitória, com as obras completas de Lênin e Marx e com páginas do *Pravda* destacando o Tratado de Ialta entre Stálin, Churchill e Truman. Na cozinha, vejo quadros com ícones da Igreja Ortodoxa. Conversamos sobre como a imprensa brasileira manipula as notícias sobre a Ucrânia, a Rússia e o Donbass e como o nosso país está sendo submetido ao domínio dos EUA, principalmente desde 2016. O líder dos comunistas de Lugansk nos explica que seu partido foi fundado ainda quando a RPL não havia sido criada e era um Oblast da Ucrânia. No entanto, com o golpe de 2014, apoiou a independência do país. O partido não tem representação parlamentar na RPL.

O PCRPL mantém uma estreita relação com o Partido Comunista da Federação Russa e também com os seus pares de Donetsk. Então, Gumenyuk nos faz uma pergunta:

— Qual a opinião do seu partido sobre Stálin?

Rafael olha para mim. Eu retribuo o olhar. Devemos ter ficado umas seis horas paralisados sem saber o que falar para não perdermos a amizade que estávamos começando a construir e que certamente seria importante para os nossos objetivos no Donbass — apesar de, na verdade, não termos tido nenhum contato posterior com eles.

— O que vamos responder?

Finalmente, tomamos coragem e respondemos diplomaticamente:

— Não somos stalinistas, mas não concordamos com mentiras que são contadas pelo imperialismo sobre Stálin.

Gumenyuk parece satisfeito com a resposta e nos presenteia com uma medalha de Lênin, que foi produzida em ocasião de seus 150 anos, em 2020. Se tivéssemos dito que éramos stalinistas, ele nos daria uma medalha de Stálin.

— Qual o papel do seu partido nesta guerra?

— Somos civis, embora haja militares e oficiais entre os comunistas. Apoiamos o nosso povo em sua busca pela integração com a Rússia. Temos atuado em conjunto com o Partido Comunista da Federação Russa e estamos realizando

muito trabalho de assistência humanitária à população nas áreas liberadas da República Popular de Lugansk, bem como assistência aos militares. Até a data, já conseguimos para ajuda humanitária mais de 60 toneladas de alimentos, farinha, cereais, massas e água.

— Vimos vários outdoors do partido Rússia Unida...

— É o partido do governo.

— As organizações humanitárias internacionais ajudam o povo do Donbass?

— Apenas em um pequeno volume. A Cruz Vermelha chegou a fazer alguma coisa. Mas basicamente toda a ajuda vem da Rússia.

— Qual a sua avaliação do papel da ONU?

— Ela é um lixo americano.

— Os militantes do partido chegaram a pegar em armas contra os grupos nazistas ucranianos?

— O partido é uma organização civil, não militar. Mas certamente entre os voluntários da luta armada há membros do partido, embora não tenhamos essa estatística.

— Qual a relação com o governo de Lugansk?

— Somos uma oposição construtiva.

— Vocês consideram que o que ocorreu em 2014 em Lugansk foi uma revolução dos trabalhadores?

— Não. Foi um conflito civil que não tem uma essência de classe. A maioria dos habitantes do sul e do leste da Ucrânia estão prestes a se unir à Rússia. E os golpistas de Kiev estão empenhados em suprimir os direitos da população de língua russa.

— Que resultado você espera dessa operação militar especial da Rússia?

— O que o nosso povo quer é a paz em nossa terra e a preservação de nossos valores tradicionais, culturais e históricos.

— Como é a colaboração do partido com o povo e o Partido Comunista de Donetsk?

– Existe uma cooperação internacional estreita e frutífera. Os comunistas do Donbass são parte integrante da vanguarda do povo. Junto com o povo, esperamos a paz e o estabelecimento de um regime democrático, que são os princípios de uma sociedade livre.

– Quantas famílias estão sendo ajudadas pelos esforços dos comunistas do Donbass?

– Não temos esse número. Mas desde 2014, junto com o PCFR, nós prestamos ajuda com alimentos, roupas e remédios.

– Outros partidos fazem algo parecido?

– Sim. Nossas organizações públicas e os partidos e movimentos sociais russos também o fazem. Mas a primeira ajuda humanitária que chegou ao Donbass, ainda em 2014, veio do PCFR durante os três meses das mais ferozes hostilidades. Foi o primeiro a enviar insulina para os diabéticos e comida para os bebês. Desde 2014 prestamos essa assistência.

– As pessoas afetadas pela guerra estão conseguindo reconstruir suas vidas? Existe emprego, moradia, escolas?

– Nas condições de lei marcial há muitas dificuldades (moradias danificadas, problemas sociais, domésticos). Quando houver paz, ela contribuirá para a vida normal e pacífica dos cidadãos.

– Houve mudanças econômicas desde a independência de Lugansk? Empresas foram expropriadas? O Estado assumiu uma parte da economia?

– Sim. Mudanças em meio às condições de bloqueio econômico são uma etapa muito difícil. Mas a nossa república respeita o direito de propriedade. Não houve expropriação sem que tivesse de passar pelo aval do Judiciário. Antes de a Rússia nos reconhecer como república, as condições econômicas eram muito mais difíceis. A Ucrânia não tinha interesse em investir na economia de Lugansk.

– O partido sofreu perseguição dos grupos nazistas? O que aconteceu aqui na sede? Vimos buracos de balas nas portas...

— Durante os combates em 2014, duas bombas atingiram o andar térreo do nosso prédio, deixando duas pessoas mortas e outras feridas. Na Ucrânia, isso é chamado de “descomunização” e como resultado não apenas as pessoas mas também os monumentos em homenagem aos defensores da URSS na Guerra Patriótica e a Lênin foram atacados. As ruas foram renomeadas com os nomes dos cúmplices de Hitler e de todos os tipos de canalhas.

— Sentimos muito — diz Rafael.

— São dias difíceis...

Gumenyuk liga para um dos poucos hotéis da cidade e reserva um quarto para nós. Após uma rápida confraternização, nos despedimos e Vladimir nos leva ao hotel Dominó, localizado a uns dois quilômetros da entrada da zona urbana de Lugansk, ao lado da faculdade de medicina da Universidade Estatal e em frente ao conjunto de hospitais da capital.

## **“Não perdoaremos!”**

A recepcionista do hotel Dominó bate à porta do nosso quarto às nove e pouco da manhã.

— O Ministério me ligou e já estão esperando por vocês. Se aprontem, vou pedir um táxi.

— Obrigado, já estamos descendo.

Passamos por alguns voluntários que se encontram hospedados no hotel — os únicos hóspedes, além de nós e uma boneca sinistra que fica parada na recepção e que certamente anda pelos corredores escuros do prédio mal-assombrado durante a noite.

Um dos voluntários é Roman. Sentado no sofá, com um cheiro forte de sovaco que se espalha pelo saguão, ele está de muletas e com a perna direita engessada. Barba ao estilo checheno, cabeça raspada e um nariz pontudo, me vê chegar perto. Aperto sua mão e o cumprimento.

— Bom dia.

— Bom dia.

— Sou brasileiro.

— Voluntário?

— Não.

— Hmm.

— Você foi ferido em combate?

— Sim, próximo daqui.

— Desejo que você se recupere logo.

— Obrigado.

— Podemos tirar uma foto?

— Acho melhor não.

— Tudo bem.

Saio e volto um pouco depois.

— Qual o seu nome?

— Roman.

— Você é de Moscou?

— Não, de Volgogrado.

— Ah, eu conheço Volgogrado. Mamaev Kurgan é linda. O Rio Volga também.

Seu táxi chega. Ele se levanta e pede para eu abrir a porta do saguão do hotel para ele sair. Então diz que podemos tirar uma foto.

— Você é jornalista?

— Sim. Mas ao contrário dos outros jornalistas, eu apoio a Rússia.

Roman entra no táxi e vai embora para um hospital próximo, onde está se tratando do ferimento.

Alguns dias depois, volto a falar com ele por mensagem. Envio a foto que tiramos.

— Belo, irmão. Deus está conosco e a força está conosco.

— Como você se feriu, camarada?

— Eu sou da inteligência, eles tomaram a vila de Nizhne.

— Você está se recuperando?

— Estou, irmão... Obrigado por se preocupar.

— Pretende voltar para a frente após se recuperar?

— Eu definitivamente vou me curar e lutar novamente.

— Por que você se voluntariou?

— Porque eu sou jovem e vou defender o meu povo até o fim.

— Você ainda está hospedado no hotel?

— Estou no hospital regional agora. Hoje vou para Alchevsk, eles estão me transferindo.

Vamos entrevistar o ministro Vladislav Deynego, chefe das Relações Exteriores de Lugansk. Pegamos um táxi no hotel. É um Lada dos anos 80 e o motorista, uma figura de uns 50 anos.

O carro é todo decorado com broches em seu interior, forrando todo o teto com medalhas de Lênin, da URSS, do ursinho Misha etc. O rádio toca uma música dos anos 80 ou 90. Ele nos mostra uma coleção de cédulas de diversos países exóticos, como Angola e Camboja. Um senhor muito bem humorado, com dentes de ouro e uma corrente estilo *hip hop*. Pega o meu celular e dá uma olhada na marca, faz uma cara engraçada.

— Como é a vida em Lugansk?

— É ruim. Aqui não tem trabalho. Está tudo destruído. Onde você mora? Me leve para lá!

— Não entendo.

— Suíça, Papua Nova Guiné...

— Ahhhh, Brasil!

— Brasil? Me leve para lá!

— Haha!

— De qual cidade você é?

— São Paulo.

— Aqui está muito ruim. Eu queria ir para a Alemanha, ou talvez para a Polônia, como refugiado.

Ele nos deixa na praça central da cidade, onde fica o prédio do Ministério e próxima ao Soviete do Povo, o parlamento de Lugansk — antiga sede do Partido Comunista na época soviética. Em frente ao Ministério, um memorial a dois jornalistas do canal *Rússia 1* que morreram atingidos pelos bombardeios em Lugansk em 2014 e outro em homenagem às pessoas mortas em 2 de junho naquela mesma praça, em um bombardeio inesperado dos ucranianos. Também o prédio foi atingido. Outro memorial está inserido ao lado da entrada, com as fotos e nomes de cerca de 130 pessoas que “morreram pelo nosso futuro e por nós”, diz Maria Sergibaeva, funcionária da chancelaria que nos ajudará hoje com a tradução na entrevista com o ministro.

— Foram os primeiros mortos — diz Deynego, começando a conversa sob a sombra das árvores que nasceram após a destruição das bombas. Caminhamos um pouco. — Nesta praça, havia muitas crianças mas nenhuma morreu.

No total, oito pessoas morreram naquele bombardeio. O ministro estava em uma janela ao lado de outra que foi atingida. Um amigo seu foi ferido. Naquela época ele era deputado do Soviete do Povo.

— Qual era seu partido na época?

— Não havia partidos naquela época, somente as pessoas da rua. E até agora não temos partidos. Apenas organizações sociais. As pessoas apresentavam suas candidaturas por conta própria e eram eleitas.

— Movimentos sociais, trabalhadores etc.

— Sindicatos.

— Mas hoje o parlamento já é composto por partidos políticos, certo?

— Não, nós não temos partidos políticos. Apenas organizações sociais ao invés de partidos. Os sindicatos não têm mais atividade no parlamento. Mas muitos sindicalistas fazem parte dessas organizações sociais com assento no parlamento.

— E neste momento membros dos sindicatos são deputados?

— Sim.

— Quantos deputados há no parlamento?

— Cinquenta.

— Então os ministros e os deputados não pertencem a nenhum partido político?

— Não. Poderia haver membros de partidos políticos russos, mas neste momento os partidos russos não fazem parte do nosso sistema político.

— O que você pensa sobre o reconhecimento da RPL por outros países, como Síria e Venezuela? Há uma negociação sobre isso neste momento.

— Nós conversamos sobre isso com eles, mas ainda não conseguimos chegar a um acordo.

— A embaixada da RPL em Moscou será inaugurada em junho?

— Eu não sei, talvez em maio.

- E no Brasil? – todos sorriem e esboçam uma risada.
- Talvez – novos sorrisos. – Vocês poderiam ajudar.
- Vamos fazer todos os nossos esforços para isso.
- Vamos ficar felizes.

Entramos em um restaurante japonês ao lado do prédio do Ministério.

– E os bombardeios ucranianos neste momento? Estão ocorrendo aqui por perto?

- Eles estão ocorrendo a cerca de 15 quilômetros daqui.
- Diariamente?

– Sim, mas não aqui. Em Severodonetsk, Popasnaya, etc.

– Há algum perigo aqui na cidade de Lugansk?

– Não. A Ucrânia poderia bombardear a cidade, mas não está fazendo isso neste momento.

– As pessoas aqui estão preocupadas com a possibilidade de bombardeio?

– Não, aqui não.

– É uma cidade pequena, quantos habitantes ela tem?

– Cerca de 450 mil.

– As ruas parecem vazias, há poucas pessoas. Hoje é um dia normal, ou é feriado?

– O problema é que muitos homens neste momento estão lutando na linha de frente.

– Quantas pessoas?

– Talvez 40 ou 50 mil de toda a república, não sei.

– Milicianos?

– Milicianos e...

Deynego e Maria encontram dificuldade em traduzir o termo para o inglês, e o Google Tradutor... também! O celular do ministro toca e ele se ausenta por alguns minutos ao telefone.

– Você trabalha para o Ministério de Relações Exteriores há quanto tempo, Maria?

– Há um ano.

– Quantos membros há no governo?

– Eu não sei – volta Deynego, ainda ocupado ao telefone.

— Depende, no nosso ministério há uns 25, 27 — explica Maria. — São 16 ministérios. Mas em breve o número vai aumentar, pois com o reconhecimento da Rússia irão aumentar as tarefas e as demandas de trabalho.

— Antes você fazia o quê?

— Eu era estudante da Universidade Estatal de Lugansk, gosto de politologia.

— Ela continua funcionando normalmente?

— Sim.

— Há muitas pessoas voltando da Rússia neste momento?

— Não tenho certeza.

— Você tem familiares na Rússia?

— Sim, meu avô.

— E na Ucrânia?

— Não. Os outros familiares vivem aqui.

— Sua família perdeu membros na guerra?

— Não, mas as de amigos muito próximos sim. Talvez quase todas as famílias tenham algum membro que morreu na guerra.

O ministro volta à mesa.

— O que você pensa a respeito do papel da ONU nesta guerra desde 2014?

— Essa é uma pergunta muito boa, mas é muito ampla.

— A Cruz Vermelha e outras organizações internacionais enviaram algum tipo de ajuda para cá?

— As organizações internacionais pararam de nos ajudar. Agora estamos aguardando. Há, por exemplo, os Médicos Sem Fronteira. Mas não se pode transferir dinheiro ou qualquer tipo de ajuda para cá.

— Como tem sido a reconstrução de Lugansk após oito anos?

— Ela só começou agora. Há uma grande ajuda da Rússia.

— Se não fosse pela Rússia...

— Seria muito difícil — responde Maria.

— Como é o apoio da Rússia?

- Ajuda humanitária.
- Ajuda econômica também?

Então nos mostram uma notícia, comunicada pelo canal do Ministério no Telegram: “Às vésperas do Dia da República de Lugansk, um comboio de ajuda humanitária saiu de Ufa. Os beneficiários da carga são da cidade de Krasny Luch, que tem muitas ligações históricas com a Basquíria. A carga inclui materiais de construção, alimentos, mais de 167 toneladas. Além disso, também uma policlínica móvel com quatro módulos com equipamentos médicos, cardiologia, pediatria e dentistas. Cerca de 3 toneladas de equipamentos médicos e remédios, 23 médicos e 17 enfermeiras e paramédicos. O Ministério das Relações Exteriores da República Popular de Lugansk expressa grande gratidão à República irmã por toda a assistência e apoio. Nos dias em que o Donbass liberta o seu povo do nazismo de Kiev, o apoio do povo irmão da Basquíria é especialmente valioso para nós.”

- Esse tipo de ajuda vem todos os dias?
- Não todos os dias, mas com muita frequência.
- Sobre a economia de Lugansk. É claro que ela foi afetada pela guerra. Mas atualmente, as pessoas encontram emprego ou vivem de ajuda humanitária?
- Sim, há trabalho. A maior parte da ajuda humanitária é enviada para os territórios liberados e para os combatentes.
- O que você pensa a respeito da cobertura da imprensa internacional?
- Ela é muito pouca. Episódica. Por exemplo, vocês vieram até aqui.
- Os jornalistas ocidentais estão todos no Oeste da Ucrânia. Em Kiev, Lvov, e não aqui no Donbass, onde a guerra está acontecendo. E todo esse tempo foi assim? Sem jornalistas aqui para ouvir o que as pessoas têm a dizer? Só nós? Ou um ou outro?
- Em 2014 havia muitos jornalistas aqui. Mas a informação que eles colhiam não era publicada. Havia inclusive equipes de

TV do Brasil quando tomamos o controle do prédio da polícia ucraniana e os policiais tiveram de sair, mas isso não foi transmitido.

— Isso é comum na imprensa ocidental. Eles filmam mas não publicam o que filmaram.

— Sim. E naquela época havia um jornalista britânico aqui, ele ficou hospedado no prédio que hoje é a sede do governo.

— Você falou que a reconstrução de Lugansk acabou de começar. As reparações no prédio do governo são recentes?

— Sim.

— E sobre a cobertura geral da imprensa, você acha que há muitas distorções? A imprensa diz que a Rússia está cometendo um genocídio na Ucrânia mas não fala do genocídio no Donbass.

— Em 2014, a cidade de Lugansk estava cercada pelas forças ucranianas, que haviam bloqueado o acesso ao cemitério. Fomos forçados a enterrar os mortos nos arredores da cidade, onde hoje é um memorial.

— E a imprensa internacional não mostrou isso?

— As câmeras chegaram a filmar, mas não encontrei nenhuma reportagem sobre isso.

— António Guterres esteve em Kiev, esteve em Moscou, mas não aqui no Donbass. O que você pensa disso?

— Em 2019 esteve aqui Stephen O'Brien [subsecretário-geral da ONU para Assuntos Humanitários e Coordenação de Auxílio Emergencial] e conversou conosco. Visitou um vilarejo que foi destruído e a missão da ONU o reconstruiu. Havia muitos projetos aprovados pela ONU mas todos eles foram paralisados após o início da operação especial da Rússia.

— Alguma previsão de quando eles poderiam recomeçar?

— Talvez em junho ou julho, mas eu não sei. Estamos aguardando. Eles dizem que não há como transferir os fundos ou carregamentos.

— Lugansk está sofrendo com as sanções contra a Rússia?

– Não há bloqueio na fronteira com a Rússia, mas não há demanda da economia russo pelos nossos produtos. Os empresários russos estão com medo de sanções.

– Quais os principais produtos para exportação aqui?

– Antes da guerra nós produzíamos muito carvão, metal, muitos tipos de produtos químicos. Indústria pesada.

– Era uma parte importante da economia ucraniana?

– Não só da Ucrânia, mas da União Soviética. Havia uma fábrica muito grande e famosa de locomotivas, chamada Revolução de Outubro.

– E ela durou até depois da queda da URSS e só foi paralisada em 2014?

– Sim.

– E agora a economia está paralisada?

– Não completamente paralisada, mas na maior parte sim. Não há demanda pelas nossas locomotivas. Algo parecido ocorre com o metal e os produtos químicos.

– Lugansk não produz seus próprios alimentos?

– Sim, produzimos nosso próprio trigo e vamos começar a exportar.

– Poderíamos dizer que existe uma crise humanitária na RPL?

– Sim, existe. Muitos jovens vão para a Rússia, alguns para a Ucrânia. Ficaram as pessoas mais velhas. Mas nosso orçamento não é suficiente para pagar as aposentadorias.

– Qual é o apoio do governo para essas pessoas?

– Elas recebem a aposentadoria, mas uma quantidade de dinheiro vem da Rússia. Não é possível ter um nível normal de vida por aqui.

– E as pessoas não conseguem viver apenas com o salário, precisam de ajuda do governo para completar a renda?

– Antes do início da operação especial, havia a possibilidade de receber aposentadoria da Ucrânia. Com duas aposentadorias era possível viver. Mas nem todos recebiam. Era muito difícil receber a aposentadoria, era preciso ir ao lado

ucraniano a cada dois meses porque o governo ucraniano exigia uma prova de vida dessas pessoas.

— Há programas sociais do governo?

— Há vários tipos de ajuda para as pessoas mais necessitadas, como as crianças e os idosos. São cerca de 20 programas sociais diferentes.

— Que tipo de ajuda?

— Transferência de renda.

— Mesmo para aqueles que vão para a Ucrânia a cada dois meses?

— Sim, mas algumas vezes é impossível. Havia apenas um ponto da fronteira onde se podia cruzar, e somente a pé. Só algumas categorias de pessoas poderiam receber carvão para usar no inverno.

— Zelensky é um fantoche do Ocidente? — provoco Deynego.

— Eu não sei... — responde, um pouco constrangido, uma vez que seu cargo exige diplomacia, por mais que queira declarar publicamente que o presidente ucraniano não passa de uma puta de rua nas mãos de Biden e Macron.

— O que você pensa sobre o papel dos EUA e dos países ocidentais nesta guerra, desde 2014?

— A história dessa guerra é muito antiga. Em 2004 houve o primeiro Maidan.

— A Revolução Laranja.

— Sim. E naquele período as forças da Revolução Laranja eram financiadas pelos EUA. O Congresso dos EUA financiava fundos pelo “desenvolvimento da democracia” na Ucrânia, cerca de 5 bilhões de dólares.

— Isso era feito através de ONGs?

— As ONGs são um mecanismo, naquela época atuaram as ONGs de George Soros, a USAID, etc, muitas organizações que financiaram aquela “revolução”.

— E durante o Maidan?

– O segundo Maidan começou no final de 2013 sob a desculpa de um suposto ataque contra crianças, mas não eram crianças, eram homens de cerca de 30 anos de idade.

– É possível dizer que o crescimento do fascismo ucraniano é uma continuação direta da Revolução Laranja de 2004?

– Não apenas dela. Devemos olhar para o período da Grande Guerra Patriótica e os dez anos seguintes. Naquele período os nacionalistas ucranianos estavam em atividade e depois disso voltaram nos anos 90.

– Com a queda da União Soviética.

– Sim. E reapareceram novamente em 2004.

– Eles estavam em atividade na Revolução Laranja de 2004?

– Eles tomaram parte mas sem atividades agressivas. Foi depois disso que começaram a se tornar mais agressivos.

– Vamos falar sobre você, ministro. Você é professor, não?

– Não. Eu era especialista em TI.

– Aqui em Lugansk?

– Não, em uma cidade próxima, Alchevsk.

– E durante a independência de Lugansk em 2014, qual foi o seu papel?

– Eu estava aqui desde os primeiros dias da “Primavera Russa”.

– E você tomou parte nos eventos?

– Eu participei da tomada da sede da SBU [o Serviço de Segurança da Ucrânia]. Nesse período houve a preparação para o referendo. Eu organizei o referendo em Alchevsk e antes havia trabalhado na organização de eleições na Ucrânia desde 1995.

– Qual foi o resultado do referendo?

– 96% votaram pela independência. E 75% dos eleitores participaram. Havia na cédula a pergunta: “Você apoia a proposta do governo pela independência da República Popular de Lugansk?”. Não havia uma pergunta sobre a integração à

Rússia, mas as pessoas interpretaram isso como um caminho para se integrar à Rússia.

— Eles entendem que a independência é a integração com a Rússia?

— Sim. Enquanto isso, na Ucrânia apenas cerca de 56% dos eleitores participaram das eleições. Foi um momento muito interessante. No período das eleições na Ucrânia, parte dos membros dos comitês eleitorais havia participado da Revolução Laranja, mas quando houve o referendo eles vieram para mim e disseram: “devemos trabalhar no mesmo comitê.” Então eu perguntei: “por quê? Nós temos visões diferentes.” Mas eles disseram: “não. Nosso ponto de vista é um só. Naquelas eleições [de 2004], nós trabalhamos por dinheiro, mas agora devemos trabalhar porque nossa terra precisa de nós e nós vamos unir todos os comitês.”

— E sobre o futuro? A RPL vai se integrar à Rússia?

— Essa será a pergunta do próximo referendo. Só o povo pode decidir.

— Vocês precisam realizar um referendo para...

— Após o término da operação especial, eu acho que esse será o próximo referendo.

— E quando você acha que isso vai acontecer? O que você acha que é preciso para finalizar a operação especial?

— Eu não sei.

— Mas a maior parte da RPL já está liberada. Você acha que é preciso acabar totalmente com a guerra para fazer isso?

— Nós devemos resolver o problema da libertação do nosso território primeiro. Todo o território da República precisa ser liberado. E a Ucrânia precisa ser desnazificada.

— Qual porcentagem da RPL está liberada neste momento?

— 95%. Em termos territoriais, mas não populacionais.

— Aham...

— Severodonetsk, Lisichansk, parte de Rubizhne, Kreminaya (onde estão ocorrendo combates de rua...). Mas nessas cidades vivem cerca de 200 mil pessoas.

— São poucos territórios, mas com muita gente.

— Sim.

— E economicamente importantes, também?

— Eram. Mas muitas fábricas foram destruídas.

— Há uma ajuda mútua com Donetsk?

— Sim.

— Você disse que a independência é a integração com a Rússia. E isso vai acontecer também com Donetsk, ou seja, no Donbass como um todo?

— Talvez.

— Você disse que a linha de frente está a 15 quilômetros. Nós poderíamos chegar perto da linha de frente?

— Vocês precisam de credenciamento civil e militar. Primeiro um credenciamento civil, depois um credenciamento na milícia popular.

— Nós gostaríamos de entrevistar os milicianos e os militares da RPL.

— A maioria deles está na linha de frente.

Saímos do restaurante japonês para ir ao memorial das vítimas da agressão ucraniana de 2014, onde os habitantes da cidade tiveram de enterrar os mortos porque o cerco do exército de Kiev impedia o acesso ao cemitério de Lugansk. Deynego nos leva em seu Skoda branco 2020, com a placa russa e o parabrisa trincado. Em Lugansk, ninguém usa cinto de segurança, nem mesmo o ministro. Pegamos várias caronas e táxis. Eu observei atentamente cada motorista: nenhum usava cinto. Parece até que a lei multa quem usar cinto de segurança!

— Qual o sentimento do povo do Donbass com relação à União Soviética? — indago, curioso.

— Nostalgia — responde o chanceler, de bate-pronto.

O memorial às vítimas dos ataques ucranianos em Lugansk está localizado a poucos quilômetros da entrada da

cidade. É um enorme campo ao ar livre, igual a um cemitério. Pouco depois da entrada, uma placa resume o sentimento do povo do Donbass com relação à Ucrânia: “Não esqueceremos! Não perdoaremos!” São centenas de corpos enterrados no local. Rezando na capela do memorial, duas senhoras provenientes de Rubizhne que agora vivem na capital conversam conosco. Sua cidade natal ainda está sob o controle ucraniano e neste momento as forças russas e da RPL travam uma batalha para tomá-la e garantir que as valas comuns sejam esvaziadas e os corpos que lá se encontram sejam adequadamente enterrados.

— Visitamos este memorial todos os dias, para rezar por aqueles que aqui estão enterrados e também pelos que não tiveram a oportunidade de ser enterrados.

Em Rubizhne, governada nestes oito anos pelos representantes de Kiev, elas e os outros aposentados praticamente não recebiam o dinheiro da aposentadoria. Dizem as senhoras que, agora que estão sob a proteção do governo da RPL e da Rússia, lhes é fornecida uma ajuda maior, inclusive humanitária. Também não recebiam um verdadeiro atendimento médico, pois o Ministério da Saúde da Ucrânia cortou inúmeros serviços ao povo da região.

— O governo ucraniano tentou proibir o uso do idioma russo e busca reescrever a história conforme o seu ponto de vista, através do sistema de ensino, descaracterizando assim a história da Grande Guerra Patriótica e da luta contra o nazismo.

Felizmente, não tiveram nenhum familiar morto na guerra, mas vivem uma constante incerteza. Não sabem qual será o futuro de suas casas e de suas famílias em Rubizhne, pois os ucranianos disparam seus mísseis contra as casas, edifícios residenciais e indústrias.

— São métodos imorais — denunciam.

A situação é difícil. Elas estão preocupadas. Achem que uma integração à Rússia seria benéfica à população de Lugansk, até porque é muito pouco provável — opinam — que a Ucrânia faça alguma coisa para melhorar a vida dessas pessoas.

Após voltarmos da visita ao memorial, Deynego e Maria nos deixam ao lado do prédio do governo. Tento acessar a Internet pelo plano que contratei com a Lugacom, a companhia de telefonia móvel da RPL.

— A Internet não funciona direito por causa dos bombardeios?

— Não, ela é ruim porque o serviço é precário mesmo.

Mal nos despedimos e uma multidão de mulheres se lança sobre o ministro. São mães, filhas e esposas de combatentes, exigindo que o governo faça alguma coisa para que eles voltem imediatamente do *front*. Entro no meio da muvuca com o gravador para tentar captar e depois traduzir exatamente o que elas estão dizendo. O homem de 58 anos mantém-se firme e acalma a turba enfurecida. Diz que irá encaminhar seus pedidos para o setor responsável e anota as suas reclamações, nomes e telefones. Depois de alguns minutos me arriscando bem na frente de meia dúzia de policiais militares que observam atentamente a confusão, sou puxado de lado por um deles, que me coloca na roda e pergunta algo como:

— O que você está fazendo?

— Eu estava entrevistando o ministro Vladislav Deynego, estamos juntos.

Logicamente o militar só entendeu a parte do nome do ministro.

— Cadê o credenciamento?

Então Rafael me empurra para longe deles e atravessamos rapidamente a rua, de volta para o restaurante japonês. Os guardas deixam as coisas como estão, enquanto Deynego continua parlamentando com as moças.

Após o almoço, decidimos entrevistar as pessoas na rua.

— Tentaremos a sorte. Perguntaremos a cada pessoa se fala inglês e, em todo o caso, usaremos o Google Tradutor!

Entrevistamos, então, um casal de jovens amigas — ambas chamadas Anastasia! — na Praça do Teatro, que abriga uma das duas estátuas de Lênin na cidade de Lugansk e onde são

realizadas as paradas militares, em frente ao Soviete do Povo (ainda adornado em sua entrada com as bandeiras russa e da Vitória) e próxima ao prédio do governo. Uma delas fala um pouco de inglês.

— Como é viver em Lugansk em meio à guerra?

— Vivemos os últimos oito anos aqui em Lugansk e não deixamos a região. Nos primeiros anos da guerra foi muito assustador para as nossas vidas mas nós acabamos por nos acostumar com uma situação como esta e estamos felizes por estar vivas.

— Vocês têm algum familiar ou amigo que morreu nos bombardeios?

— Minha família mora aqui na região, mas ninguém morreu na guerra. Porém, alguns amigos meus morreram. Vários amigos estão no front neste momento. É muito difícil viver nesta situação, mas nós nos acostumamos a viver assim.

— Vocês são estudantes?

— Sim, da Academia Estatal de Cultura e Artes.

— E a universidade está funcionando normalmente?

— Sim.

— E trabalham?

— Sim, eu sou funcionária pública.

— Seus familiares e amigos têm emprego?

— Sim.

— Vocês temem novos ataques da Ucrânia?

— Não. Em 2014 estávamos muito preocupados, mas agora a vida está voltando ao normal.

Pedimos a elas para nos ajudarem a entrevistar outras pessoas. Mas quando estamos andando com elas em busca de entrevistados, esbarramos com Ilya “Abkhaz” — apelido dado por um amigo que disse que Ilya se parece com os habitantes da Abkhazia — em frente ao café Khlebnoye Mesto, na rua Vitaly Shevchenko, ao lado da sede do governo. Ele também participou do Congresso Antifascista em Rostov, trabalha no Ministério de

Relações Exteriores e estava passeando com a esposa Viktoria e a filha Efgenia, de um ano e quatro meses.

– Você vive aqui em Lugansk?

– Sim.

– De aluguel ou tem casa própria?

– Casa própria.

– Como têm sido estes oito anos de bombardeios ucranianos?

– Oito anos atrás algumas pessoas na Ucrânia queriam se apoderar de nossas vidas. Queriam instalar o fascismo na nossa terra. Meu avô lutou na guerra de 1941 a 1945. O avô de minha esposa também. Todas as pessoas daqui têm avós que viveram aquela guerra contra o fascismo. E nós não gostamos do fascismo. Então oito anos atrás os ucranianos que vieram de Kiev, Zaparojia, Lvov chegaram à nossa cidade e queriam implantar o fascismo aqui. Nós não queremos o fascismo. Então realizamos um referendo para rejeitar o fascismo ucraniano. Optamos por viver em nosso próprio país. Mas os fascistas ucranianos não aceitaram o resultado do referendo e começaram uma guerra no nosso país. E em todos esses oito anos eles têm matado nosso povo, nossas crianças, nossos avós e nós tentamos resistir. Graças aos nossos amigos da Rússia, da Bielorrússia ou pessoas como vocês, que não querem o fascismo, nós conseguimos frear o fascismo.

– Conte-nos um pouco sobre o sofrimento das pessoas sob os bombardeios ucranianos.

– Em 2014 e 2015 houve muitos bombardeios aqui na cidade de Lugansk. Mas há cerca de cinco anos conseguimos afastar o inimigo da cidade e agora só ouvimos os bombardeios. Mas cidades como Stakhanov, Kirovskiy, Severodonetsk etc. estão sendo bombardeadas diariamente. E as pessoas que vivem nessas cidades estão fugindo para a capital, porque as bombas caem todos os dias. E os habitantes da capital se lembram de 2014 e 2015 e estão os ajudando.

– Muitas pessoas morreram?

– Sim, muitas pessoas. Eu tenho amigos que foram enterrados no memorial junto com outras vítimas dos bombardeios em 2015. Muitas pessoas têm amigos que estão enterrados ali. Esse memorial é um registro da nossa história. Eu também tenho três amigos cujas famílias morreram nos bombardeios.

– Foi um genocídio?

– Sim, eu acho que foi um genocídio. Porque eles atacam qualquer um que fale russo, que defenda a Rússia, porque para eles somos cidadãos de uma categoria inferior que os ucranianos. E os fascistas ucranianos realizaram esse genocídio apenas por falarmos russo, apenas por não concordarmos com o fascismo.

– Qual a sua opinião sobre o papel da imprensa e das organizações internacionais neste conflito?

– Eu acho que muito poucos falam a verdade. Se os jornais viessem para cá e vissem... Dez anos atrás tínhamos grandes cidades, emprego, serviços médicos, institutos. Tínhamos tudo. Agora não. Tínhamos 580 mil habitantes na cidade de Lugansk. Agora temos um milhão de habitantes em toda a república, dez anos atrás tínhamos três ou quatro milhões.

– Um verdadeiro genocídio...

– Sim. Sim. Sim. Muitas pessoas morreram e muitas pessoas foram para outros países. E poucas ficaram.

– Deynego disse que 95% do território agora está livre. Mas há muitos habitantes nos 5% que não foram libertados ainda.

– Ainda estamos com problema em três ou quatro cidades importantes, como Severodonetsk, Lisichansk etc. Dez anos atrás, Severodonetsk tinha 400 ou 500 mil habitantes, agora talvez 200 mil [dados de 2019 apontavam que a população havia sido reduzida para 103 mil]. Mas quando terminarmos a guerra, talvez uns dois ou três anos depois possamos ter o retorno do nosso povo. Porque esta é a nossa terra. E em outros países você não tem tantos direitos ou poder. Temos muitos cidadãos

na Rússia, na Bielorrússia, na Polônia, na Alemanha. Mas quando voltarem, terão mais direitos e poder. Porque nasceram neste país. Eu nasci em Lugansk. Minha esposa nasceu em Lugansk. Nossos filhos nasceram em Lugansk. Este é o nosso país. Eu acho que, em cerca de três anos, nós iremos crescer. Porque gostamos de trabalhar e de uma vida digna. E se você gosta disso, você vai trabalhar para conquistar isso. E todos nós queremos ter uma vida linda.

— Deynego disse que a liberdade para Lugansk é a integração à Rússia. Você concorda? — provoca Rafael.

— Hahahahahahaha... — parece que “Abkhaz” é pego de surpresa. Alguns segundos de silêncio. E, finalmente: — eu acho que sim. Eu acho que sim, porque se você olhar a história, em 1795 Ekaterina II criou a cidade de Lugansk. E Ekaterina II era a czarina da Rússia, então esta é uma terra russa.

Voltamos a pé para o nosso hotel. São 9 km de caminhada praticamente cruzando toda a cidade. Podemos ver a enorme quantidade de veículos militares atravessando a todo o instante a rua Oboronna. Também são inúmeros carros civis com a letra Z desenhada na lataria ou nas janelas e parabrisas traseiros. Na Rússia havíamos visto muitos símbolos da operação militar nas ruas entre os civis, mas em Lugansk esse número é imensamente maior. Se na Rússia a operação é popular, em Lugansk ela é uma unanimidade. Vemos muitos prédios destruídos ou ao menos danificados por causa dos bombardeios ucranianos. Alguns edifícios continuam abandonados até hoje. A infraestrutura é muito precária. Enquanto na Rússia víamos uma farmácia a cada esquina, em Lugansk vemos muito poucas em toda a cidade. Parado em frente a um mercadinho perto de nosso hotel, um caminhão do exército despeja dois militares, que entram no estabelecimento. Na verdade, ele está cheio de soldados. De repente, aparece diante de mim um deles, careca, rosto gorducho e alegre. Estende a mão e me cumprimenta. Digo que sou brasileiro e ele se impressiona. Com todo o jeito de bobo, puxa conversa. Digo que vim da Rússia, de Rostov.

– Rostov? Eu sou de Rostov do Don!

– *Super!*

Seu enorme sorriso cobre o rosto de ponta a ponta quando digo que apoio a Rússia. Mais para a frente, nos tromba novamente em outro corredor do mercado, ainda com jeito de bobo, mostra o *patch* em seu peito onde se lê “Olá, eu sou o ocupante russo” (uma ironia que é feita na Rússia contra os que acusam os russos de ocuparem a Ucrânia) e pede para tirarmos uma foto do lado de fora. Diz a seus amigos que somos brasileiros e vamos tirar uma foto com ele. Digo em russo “o Brasil ama a Rússia” e ele vai à loucura. Nos cumprimenta bastante e entra no carro. Quando estamos na fila do caixa, dois voluntários brincam com uma criança e compram Kinder Ovo para ela, sob o olhar agradecido da mãe.

## **Lágrimas**

Certa tarde, ainda no hostel em Rostov, encontro Nicolay, cujo apelido é Kolya. Digo que sou brasileiro. Pergunto de onde ele é. Não tem feições de um russo tradicional, loiro de olhos claros e branquelo. É moreno, com olhos grandes e rosto esquelético.

— Você é russo?

— Não.

— Georgiano?

— Não.

— Armênio?

— Não.

— Então o que é?

— Cigano.

— Cigano russo?

— Sim.

Então desço para dar uma volta pela Pushkinskaya. Vou até a estátua do antigo dirigente comunista Sergey Kirov — há uma também na estação Chisty Prudy em Moscou. Quando volto, encontro um velho tocando Katyusha na sanfona, ao lado da estátua do escritor Anton Tchekhov. Era um sábado quente e ensolarado. Quando me dou conta, percebo que estou comendo morangos num parquinho ali perto, rodeado de crianças. Seus pais são muito pacientes, não lhes dão palmadas no bumbum. As meninas voltam sozinhas da escola, com suas mochilinhas nas costas. Às vezes, estão com as amiguinhas, atravessando a rua de mãos dadas. Mas não há a necessidade de estar com

os pais. Tanto uma coisa como outra são heranças da educação soviética.

Huummm... que morangos docinhos! Este cenário de calma, tranquilidade e ócio, contudo, não esconde a realidade exterior. A repercussão da operação militar russa no Donbass elevou substancialmente não apenas a crise econômica, mas também a crise política interna em todos os países europeus, da Moldávia à Grã-Bretanha, bem como as tensões políticas entre diferentes países, particularmente entre os países europeus centrais e os subordinados, levando a episódios de rebeldia da Turquia, Croácia e Hungria, por exemplo. Por outro lado, a ação russa tem servido para unir de forma mais profunda os povos das antigas repúblicas soviéticas. Soldados de todas as repúblicas autônomas da Rússia estão lutando no Donbass. Eu vi até mesmo nas ruas de Lugansk um voluntário com o *patch* da bandeira da Ossétia do Sul em seu quepe! Em breve haverá referendos na RPL, RPD, Kherson, Carcóvia, Zaparojia e Abkhazia para que se integrem à Federação Russa. A Bielorrússia tem apoiado integralmente a operação especial, tanto em termos políticos como até mesmo em termos militares (embora não tenha enviado tropas para a Ucrânia), e os ataques contra ela pelo apoio à Rússia fizeram com que aprofundasse mais ainda os laços políticos e econômicos com Moscou. Há muitos anos se fala na possibilidade da fusão dos dois países e já existe um embrião disso, que é o Estado da União. Ainda na batalha contra as sanções internacionais, a Rússia firmou uma série de acordos com os países da Ásia Central, intensificando as suas relações com o Cazaquistão, Quirguistão, Turcomenistão, Uzbequistão e Tadjiquistão.

— Hoje os governos dos países da Ásia Central veem como o Ocidente destruiu a Ucrânia e acham melhor ficar juntos da Rússia para se proteger do domínio ocidental — disse o uzbeque Akhmat naquele encontro do Comitê Russo de Cooperação com a América Latina, em Moscou.

Imre Khan, primeiro-ministro do Paquistão, sofreu um golpe de Estado que denunciou ter sido patrocinado pelos EUA, logo após acusar, em um comício, as potências estrangeiras — particularmente a União Europeia e os EUA — de estarem tentando sujeitar seu país e obrigá-lo a acatar as sanções contra a Rússia, mesmo que isso não fosse de interesse do Paquistão e violasse sua soberania. Ao contrário do que ouvimos na propaganda dos grandes meios de comunicação, a Rússia não ficou isolada, mas na verdade está levando boa parte do mundo junto com ela nessa nova batalha. A Nicarágua irá assinar daqui a algumas semanas um acordo permitindo que os aviões e navios russos patrulhem as fronteiras e conduzam exercícios militares conjuntos em seu território. Em agosto, como parte dos Jogos Internacionais Militares, Rússia, China, Irã e outros dez países realizarão exercícios militares na Venezuela. E ainda por cima...

— Triiiiiimmm!!!! — toca a campanha do nosso quarto no hotel Dominó. A recepcionista (que parece ser a única funcionária do estabelecimento, ela e a boneca assassina) vem cobrar o pagamento da diária. Lembro que temos de estar no centro da cidade em uma hora para entrevistarmos Sasha Kharitonov, amigo de Lyubov Korsakova. Os dois lutaram juntos nos primeiros tempos da insurreição contra o Maidan.

Alexander Petrovich Kharitonov também era membro do Partido Socialista Progressista e foi quem organizou a Guarda de Lugansk para lutar contra as organizações fascistas, ainda em 2014. Por esse motivo, Lyubov diz que ele é considerado o primeiro líder da República Popular de Lugansk, quando o país sequer havia declarado sua independência. Encontramo-nos aos pés da estátua de Lênin, na Praça do Teatro. Leva-nos ao Khlebnoye Mesto e insiste em pagar o nosso café.

— Por que você decidiu pegar em armas contra o governo da Ucrânia? — começo.

— Essa é uma pergunta interessante — diz Sasha, um obeso de 1,80 de altura e corte de cabelo militar. — A princípio,

nós não tínhamos a intenção de pegar em armas. Nenhum dos meus companheiros tinha armas. Um ou dois tinham pistolas registradas para autodefesa. Mas quando voltei em julho para Lugansk, quando me libertaram, já haviam começado os bombardeios, a guerra já tinha começado. Então, não havia outra saída senão defender as nossas famílias. Havia duas opções: fugir ou pegar em armas e ir para a guerra. Não havia outra alternativa. Mas, na realidade, eu não fui para o campo de batalha, porque a minha compleição física não me permitiu. Então, fui designado a fazer outras atividades de apoio, fornecendo mantimentos para a população civil e para os companheiros que estavam realmente lutando. Nós formamos também uma organização humanitária, que denominamos de Centro Eurasiano de Ajuda Humanitária. Em Moscou, havia companheiros que arrecadavam os mantimentos, víveres, e enviavam em caminhões para cá e nós fazíamos a distribuição. Depois, quando organizaram a milícia popular, o sistema de fornecimento foi centralizado.

— Como foram aqueles dias de fevereiro a março de 2014 em Lugansk? Como o povo reagiu ao golpe em Kiev?

— Começou antes de fevereiro. Eu explico por quê. Como vocês sabem, na Ucrânia houve um Maidan em 2004-2005. Foi uma espécie de ensaio dos acontecimentos de 2014. A partir de 2005, nós compreendemos que a memória dos nossos antepassados seria destruída. Quando Viktor Yushchenko deixou o governo, os protestos acalmaram um pouco. Mas quando o movimento ressurgiu com um novo Maidan, ficou claro que eles queriam uma revanche. Ou seja, o mundo ocidental, que tem o objetivo de destruir todos os nossos valores, queria uma revanche. Em Lugansk, começou no ano de 2013 no mesmo dia em que os acontecimentos tiveram lugar em Kiev. Em fevereiro, quando aconteceu o golpe de Estado, quando os nazistas tomaram o poder em Kiev, nós já percebemos que a luta seria armada. Porque eles estavam armados. Nós percebemos que teríamos de defender nossas cidades, nossas

aldeias, nossas casas — seus olhos começam a marejar. — Foi um momento de grande auto-organização. É preciso dizer que nenhum partido nos apoiou. Inclusive não tivemos o apoio do Partido Comunista. Por isso, tudo o que aconteceu aqui foi por uma ação voluntária das pessoas. Vou dar um exemplo. Eu era membro do Partido Socialista Progressista da Ucrânia. Quando começamos a promover ações anti-Maidan em Lugansk, eu fui desautorizado a participar de qualquer ação em nome do partido. Depois disso surgiu uma organização local chamada Guarda Nacional de Lugansk, que foi oficialmente registrada e em nome dessa organização promovemos ações anti-Maidan. A partir de novembro de 2013 até fevereiro de 2014, nos conscientizamos aqui em Lugansk de que, se não nos levantássemos para nos defender, não teríamos uma segunda chance. Tivemos de nos organizar porque ninguém tinha experiência política organizacional, e também porque surgiram diversas correntes que não tinham os mesmos ideais que nós. Então, tivemos de resolver esses problemas todos porque aquele era o momento. Como eu disse, ninguém nos daria uma segunda chance. No final de fevereiro, o movimento popular já era grande. De ressaltar que nenhum deputado eleito, tanto a nível municipal, como distrital, regional, apoiou o movimento popular de autodefesa. A única coisa que fizeram foi, no congresso do conselho regional, reconhecer que em Kiev tinha havido um golpe de Estado e que o único órgão de poder na região era o conselho da região de Lugansk. Isso foi no dia 2 de março. No dia 9 de março nós realizamos uma manifestação. No mesmo dia, os grupos pró-Maidan realizaram um ato de provocação ao lado do local do nosso ato. Esse ato que nós organizamos realizou uma marcha pela cidade de Lugansk, onde os elementos pró-Maidan fizeram provocações, jogaram copos de vidro nas pessoas. Mas não aconteceu nenhum grande conflito porque a nossa manifestação era bem maior. Isso porque a percentagem de pessoas a favor dos acontecimentos de Maidan não era maior que 5, 6 por cento da população de Lugansk. Os

manifestantes pró-Maidan não encontraram nada melhor para fazer e invadiram o edifício do conselho municipal, que naquele dia estava fechado, porque era dia de folga, não havia nenhum representante do conselho no local. Eles montaram uma barricada no gabinete do conselho e nós tentamos dialogar com eles. Nós não entendemos o motivo de eles terem invadido o edifício. Após conversações com os manifestantes pró-Maidan, que haviam fechado as portas do gabinete, sugerimos que eles assinassem então uma declaração com as suas pretensões. Foi chamada ao local a polícia e eles então abandonaram o edifício. Então, nós providenciamos uma equipe de segurança para que não voltasse a acontecer o mesmo. Depois do dia 9 de março, começou a repressão e a SBU começou a prender os nossos ativistas. No dia 11 de março prenderam um deputado do conselho regional que havia estado na manifestação e, no dia 13, eu fui preso e levado no mesmo dia para Kiev para a sede do SBU. Fui colocado numa cela solitária por três meses, sem direito a advogado, sem contato com familiares. A minha esposa só conseguiu me ver no final desses três meses quando permitiram enfim que ela pudesse me visitar. Isso tudo aconteceu quando já havia sido formada a República Popular de Lugansk. Eu fui levado a julgamento, mas como a Ucrânia é um país com muita corrupção, eu fui condenado a cinco anos de prisão com pena suspensa, mas fui proibido de praticar qualquer atividade política, jornalística, fui proibido de sair do país. Eu voltei então para Lugansk.

— O que foi a Guarda de Lugansk?

— A Guarda de Lugansk foi criada porque os partidos existentes na Ucrânia ignoraram por completo o nosso movimento. Esses partidos concentraram o seu trabalho político em Kiev e inclusive nos deram instruções (neste caso particular, o nosso partido) para não fazer nada. Eles viviam em Kiev e nós vivíamos aqui. Por isso, da mesma maneira como eles nos trataram, nós iríamos nos relacionar com eles. — Encosta suas mãos gordas e cheias de cicatrizes sobre a mesa. — Nós criamos

a nossa organização, a Guarda de Lugansk. O objetivo e a tarefa da nossa organização eram organizar atividades de caráter político. Desde 2005 que eu tenho experiência nesse tipo de trabalho. O nosso trabalho sempre foi conforme as leis, ao contrário daquele pessoal pró-Maidan. Eles tentaram nos provocar, mas eram em menor número. Tentaram trazer para cá elementos de fora, especializados no confronto físico, mas quando percebiam que nós estávamos em muito maior número, eles iam embora. Por exemplo, traziam 30 desses elementos em um ônibus, mas, quando confrontados com uma multidão de 600, 700 pessoas, voltavam para o ônibus e iam embora. A única coisa que para nós foi inesperada, no dia 22 de fevereiro de 2014, foi que eles trouxeram dois ônibus cheios de nacionalistas armados. Todos com armas automáticas, o chefe deles portava uma metralhadora de guerra. Nesse momento, a gente não tinha nada, estávamos desarmados, não tínhamos nem paus para lutar. Ou seja, nós agíamos dentro da legalidade. Eles chegaram na praça e começaram a atirar nas pessoas. Mataram três homens que estavam bebendo cerveja, que haviam saído do trabalho. Ninguém estava preparado para uma coisa dessas. Nós já havíamos avisado que, no momento que fosse derramada a primeira gota de sangue, aquilo não iria ficar por isso mesmo. Dentro de uma hora, no parque, reuniram-se cerca de 50 mil pessoas. Ou seja, assim que os fascistas atacaram a população civil, a coisa começou. Com toda a certeza, 22 de fevereiro foi o ponto de virada dos acontecimentos. Talvez, se não tivessem assassinado essas pessoas, as coisas teriam se desenvolvido de outra maneira. Mas toda a cidade se levantou. As pessoas chegaram com motosserras, com martelos. Chegou até uma senhora de 70 anos e disse: “rapazes, eu quero ajudar.” Alguém perguntou: “babushka, como a senhora pode nos ajudar?” E ela então mostrou um machado de cozinha de cortar carne. As pessoas estavam dispostas a lutar pelas suas casas. A Guarda de Lugansk cumpriu um importante papel que foi que as pessoas se deram conta de que era preciso lutar. Naquele momento, não

tínhamos uma organização desse tipo. Até 22 de fevereiro, as pessoas simplesmente se encontravam para discutir a situação, não havia a intenção de lutar. Quando começaram a prender as pessoas, entre elas estava eu, as pessoas começaram secretamente a se organizar.

— Qual tem sido a sua atividade depois de ter voltado da Rússia em 2014?

— Na verdade, eu estava em Kiev. Mas eu tive de inicialmente ir para a Rússia, estava tudo bem comigo em termos de saúde depois da prisão. Foi preciso então definir o que fazer a seguir. Depois, eu voltei para cá, para Perevarsk, onde foi criada uma guarda (milícia popular), onde colaboramos um pouco com eles. E no ano de 2014 nós criamos o Centro Eurasiano de Ajuda Humanitária e através dele proporcionamos ajuda às populações civis. Depois, eu trabalhei um pouco na universidade. Atualmente, eu trabalho como vice-coordenador do centro de imprensa. Ou seja, todos os jornais da república passam por mim. É um trabalho que eu acho necessário. Nós temos ainda uma organização política chamada Nash Donbass. O coordenador é Vyacheslav Yakovenko, uma figura singular, ele era o comandante da cidade de Lisichansk no ano de 2014. Ele chefiou a Unidade Vostok 13. Mas foi ferido gravemente e teve de ir para a Rússia. Depois de curado, resolveu que era preciso criar uma organização de tipo ideológico. Porque um homem não pode viver sem ideologia. E quando a ideologia é apenas ganhar dinheiro, nada de bom pode daí resultar. O ser humano precisa entender o que significa pátria, qual o objetivo de sua vida, e qual o tipo de vida que ele pretende ter. Nesse trabalho, tentamos fazer um paralelo histórico, contar a história de Lugansk, de Donetsk, do Donbass, a história da Rússia, e denunciarmos a essência da ideologia dos banderistas, quais os seus objetivos. E mostramos como alternativa a ideologia comunista, socialista, trabalhamos com a internet. E agora chegou um pessoal, jornalistas de guerra, fazem reportagens, em suma, é esse o nosso trabalho.

— Fale mais sobre a luta armada... — insistimos.

— Eu teria muitas coisas para falar, mas em meia hora isso não seria possível. Antes de mais nada, para que as pessoas peguem em armas e defendam os seus ideais, elas precisam ter um ideal. E explicar e convencer as pessoas de que é preciso pegar em armas para defender esse ideal. Eu não quero me vangloriar de nada, colocar uma coroa na minha cabeça. Mas foi o que a situação impôs a mim e àqueles que estavam perto de mim. E nós conseguimos transmitir às pessoas que não era preciso ter medo, que não valia à pena ficar em casa e esperar que as coisas se resolvessem. Conseguimos demonstrar que as coisas não se resolvem por si próprias. E essa é uma responsabilidade nossa. Se formos fazer uma estimativa das nossas ações, daquilo que fizemos, creio que ainda é cedo para falar sobre isso, os eventos ainda estão acontecendo. Os historiadores irão escrever a verdade dos fatos.

— Você presenciou crimes perpetrados pelos ucranianos?

— Eu mesmo fui uma vítima desses crimes. Imagine o que é prender uma pessoa por suas palavras, levá-la para Kiev, colocá-la durante três meses em uma cela solitária, não deixar ter contato com um advogado, com os familiares, infligir maus tratos físicos, isso é um crime. Isso aconteceu comigo. Eu conheço muitas pessoas que passaram pelo mesmo em 2014. Eu estive na linha de frente disso tudo. E depois, quando nos libertaram, conheci pessoas que também haviam sofrido. Infelizmente, não havia a possibilidade de denunciar o que estava acontecendo, a guerra tem as suas particularidades, você não leva máquinas fotográficas para os combates. Bem, agora existem comissões que estão investigando o que aconteceu, recolhendo testemunhos, tudo isso será denunciado. E isso vai começar com aqueles que cometeram crimes, que fuzilaram pessoas, que praticaram fuzilamentos em massa. Nós temos casos nos territórios libertados, na aldeia de Novosvetlovka, onde fuzilaram 18 pessoas, e depois as colocaram em uma vala ao lado de um monumento em homenagem a Lênin. Ou seja,

fizeram as pessoas cavarem a própria cova e depois fuzilaram-nas — seus olhos voltam a se encher de lágrimas. — Se formos pensar que os acontecimentos dos anos 40 são coisas do passado, estamos completamente enganados. Isso tudo se manteve entre os nazistas ucranianos, eles são possuidores de um sadismo que os faz agredir pessoas indefesas. Eles vinham para cá e se portavam como senhores de escravos. Mas depois, quando encontram alguém mais forte que eles, ficam de joelhos, começam a chorar e dizem que são “irmãos”. Quando estão em grupo, fazem todo tipo de maldade. Mas quando estão sozinhos, não se portam como verdadeiros combatentes, são covardes. Houve uma situação em Nikolaev onde chegaram dois ônibus cheios de jovens saudáveis e um grupo de mulheres de meia-idade conseguiu fazer com que voltassem aos veículos e fossem embora. Quando eles encontram resistência, eles fogem. São fortes somente quando estão em maioria. Agora, na linha de frente, onde estão ocorrendo os combates... Por que o Azov ainda resiste? Porque eles sabem que não têm saída, que ninguém irá salvá-los. A Ucrânia sempre foi o “centro da traição mundial”. Eles sempre traíram os seus aliados. Eles irão trair a Europa, irão trair os Estados Unidos. A Ucrânia é uma criação artificial, não vou dizer que não existe o povo ucraniano, mas, como Estado, foi formada com o dinheiro dos outros. Uma parte do território era da Hungria, a outra parte era da Polônia, mas a maior parte do território era da Rússia. Criaram para os ucranianos um Estado, que chegou a ser a terceira economia da Europa, mas em 10 anos eles acabaram com isso tudo. E nos últimos 30 anos eles viveram das sobras da União Soviética. Não criaram nada por conta própria. O que eles fizeram? Criaram uma microrregião ao redor de Kiev e só. Nas outras cidades, o que fizeram? Nada. Só desenvolveram os lugares onde havia ucranianos, nas demais partes do território só causaram destruição. É a mentalidade deles, que não é nada boa.

— Você teve amigos e familiares mortos na guerra?

— Na minha família, graças a Deus, não morreu ninguém. Mas na família de amigos, morreu muita gente. Não sei como na sua língua se traduz a palavra *Punt* [Пунт, em russo. O lar ancestral dos egípcios e o berço dos deuses egípcios — NT]. Anteontem, nós enterramos um antigo colega de escola. Nós praticávamos esporte juntos, eu fui padrinho de batismo da filha dele. Era um amigo muito próximo, um *tovarish*. Muitos amigos morreram, alguns que eu conheci em 2014, outros antes disso.

— Após oito anos de guerra, qual é a sua avaliação?

— Em primeiro lugar, é preciso entender que, sob uma máscara política e ideológica, foram feitas muitas coisas na ilegalidade. Nos últimos oito anos, e inclusive depois dos acordos de Minsk, na Ucrânia transformaram as pessoas em zumbis no mais alto nível profissional. Mas aqui em Lugansk isso não aconteceu, houve uma forte oposição. E esse foi um fator muito importante. No leste da Ucrânia vivem eslavos como nós. Infelizmente, nós deixamos que eles convencessem essa população de que a pátria deles é a Ucrânia. Esse foi o nosso grande erro, a nossa grande responsabilidade. Esses últimos anos foram de muita tristeza — creio que seus olhos já estejam embaçados de tantas lágrimas, que não caem. — Mas foram criadas várias guardas em Lugansk, na Carcóvia, em Poltava, inclusive na Volínia, no leste da Ucrânia, foi criada uma guarda. Todos esses movimentos foram criados em oposição aos acontecimentos do golpe de Maidan. Surgiram movimentos de oposição nesses lugares todos, mas infelizmente o dinheiro norte-americano financiou o Maidan. Mas aqui deste lado, inclusive o suporte de informação, de parte da Rússia, não aconteceu. E esse fato propiciou o momento em que vivemos agora. Eu acredito (essa é a minha opinião pessoal) que se tivesse havido esse suporte de informação, nós poderíamos ter resolvido a coisa sem a guerra. Sim, é verdade que os nacionalistas pegaram em armas, mas as leis do nosso território são as da Ucrânia. Infelizmente surgiu essa ideia de Nova Rússia, mas já que essa ideia surgiu, é claro que nós apoiamos.

Mas por que não criar “repúblicas *varosh*” [espécie de região administrativa que vem da idade média — NT] como Zaparojia, Carcóvia, Petrovsk? Por acaso, tem um fato interessante que é que a região de Donetsk passou a fazer parte da Ucrânia soviética através de um acordo. E nós tínhamos uma ideia, que era criar com base no conselho regional essas “repúblicas *varosh*”, mas, como a Ucrânia não cumpriu o que estava escrito na sua constituição, nós nos reservamos o direito de sair da composição da Ucrânia. Do ponto de vista histórico, nós tínhamos esse direito. Mas, do meu ponto de vista, isso foi um erro. É o meu ponto de vista, eu não quero impor isso a ninguém. O município de Donetsk é o resultado de uma revolução sem sangue. E Lugansk é um município autônomo que, sob o poder soviético, foi criado cinco meses antes de Petrogrado. E isso aconteceu sem derramamento de sangue, através da escolha popular.

— O que você espera para o futuro da RPL?

— Eu considero que o melhor para o futuro da República Popular de Lugansk é fazer parte da Federação Russa. O importante é que venha a paz, a tranquilidade e a ordem legal — finalmente pega um guardanapo e seca as lágrimas. — Em princípio, no dia 14 nós estabelecemos um caminho de adesão à Rússia. A situação é que, neste momento, Lugansk já não faz parte da Ucrânia, mas também não faz parte da Rússia. Para fazer parte da Rússia, ainda vamos ter de lutar um pouco. Apesar de que ainda muita gente defende aqui um caminho independente, alguns objetivos mercantis se mascararam de patriotismo. Mas nós não precisamos disso, nós precisamos da Rússia. Nós de certa forma já somos cidadãos da Rússia, e devemos tudo isso a Vladimir Vladimirovich Putin, que nos proporcionou essa possibilidade de sermos cidadãos russos.

— Tem mais alguma coisa a acrescentar?

— Bem, o que eu poderia dizer... Você está vendo, nós vivemos, trabalhamos, mas infelizmente existem forças que resolveram entrar em guerra com a Rússia no nosso território. E

nós somos pela Rússia, é isso que nos toca neste momento. Nós nunca quisemos a guerra. Mas não nos deixam seguir esse caminho pela via da paz.

Depois da entrevista, Sasha nos convida para um passeio por alguns dos pontos históricos de Lugansk. Visitamos outro monumento de Lênin, mais distante do centro, em uma praça um tanto descuidada — tanto que, na estátua, lê-se Lênin em ucraniano (Ленін) e não em russo (Ленин). Quando estamos atravessando a rua Oboronna em seu carro para sair da zona urbana, olho para o lado e vejo que Sasha está dirigindo alucinadamente a quase 120 quilômetros por hora sem o cinto de segurança. Em um raro lampejo de amor à minha própria vida, faço o movimento de pegar o meu cinto para travá-lo, mas levo uma advertência, quase em formato de bronca:

— Não precisa! — me fala, com sua voz grave. Começo a me benzer loucamente, igual ao Chaves quando entrou na casa da Bruxa do 71 e a ouviu chamar seu gato Satanás.

Nas ruas, rodam mais e mais carros do exército. Nas calçadas, numerosos soldados fardados e cidadãos ostentando o Z em suas camisas e bonés. Também são muitos os *outdoors* com mensagens de independência, antifascistas e patrióticas. Um deles retrata um soldado sobre um tanque segurando a bandeira da RPL e, ao fundo, quatro soldados no front em meio à Guerra Patriótica, com a bandeira vermelha da URSS. Para completar, a mensagem: “Tudo pela defesa da pátria! O Donbass é a nossa terra!”. O dia está horrível, com o céu carregado de nuvens cinzentas e uma chuva que cai sem trégua, embora não esteja forte.

Vamos a uma colina, na saída da cidade, já em uma zona mais rural, onde foram travadas batalhas durante a Grande Guerra Patriótica contra os invasores alemães. Após o passeio, Sasha passa em sua casa — um apartamento relativamente próximo ao centro da cidade — e diz que tem uma surpresa para nós. Nos entrega uma medalha em comemoração aos 100 anos da Revolução de Outubro, produzida pelo PCFR em 2017, e

mais: para Rafael uma medalha de Lênio em homenagem aos seus 140 anos, de 2010 — também produzida pelo Partido Comunista, assim como a que nos foi dada pelo secretário-geral do Partido Comunista de Lugansk em nossa chegada à cidade — e para mim uma medalha em homenagem aos 140 anos de nascimento de Stálin — Sasha não teve a oportunidade de Gumenyuk de entender que não somos stalinistas, ao contrário, aparentemente, de todos os comunistas russos e do Donbass. Como retribuição, lhe presenteio com a minha bandeira do PCO.

## Confissões

— Nós somos colegas. Eu era da milícia, mas fiz uma graduação e sou também jornalista — confessa Vyacheslav Yakovenko, com quem nos encontramos no Cult Coffee, ao lado de onde havíamos entrevistado Sasha no dia anterior. Foi Sasha quem combinou esse encontro com seu antigo amigo, mas não pôde vir conosco. Em 2014, Vyacheslav tornou-se comandante militar de Lisichansk, agora controlada pelos ucranianos e prestes a ser assaltada pelos russos e pela Milícia Popular de Lugansk.

— Antes de tudo isso, eu era eletricitista. Ou seja, eu tinha uma profissão civil sem qualquer relação com assuntos militares. Tinha apenas feito o serviço militar como um recruta comum durante um ano e meio. Mas depois disso, quando aconteceu o golpe de Estado na Ucrânia e Kiev começou com uma política extraoficial que era inaceitável para a nossa região, nós começamos um movimento pacífico de protesto para expressar a nossa posição no Donbass, com uma proposta de realizar um referendo para escutar o povo. Evidentemente, o governo de Kiev não aceitou levar adiante uma política social e começou com ações de caráter punitivo no Donbass. Então, eu tive de pegar em armas e depois de algum tempo liderar uma formação armada, já que eu tinha alguma experiência militar por ter servido o exército.

— Como foram os combates contra os ucranianos?

— Bem, vamos desde já colocar os pingos nos “is”. Eu sou ucraniano e eles também são ucranianos. Essa contradição está profundamente enraizada em finais do século XIX e início do

século XX. Ou seja, eu lutei contra muitos ucranianos que lutaram contra outros que também são ucranianos como eu. O que aconteceu foi uma guerra civil. O que acontece é que a ideologia deles e sua mentalidade derivam do fato de que, inicialmente, eles pertenciam ao Império Austro-Húngaro e por isso decidiram que não pertenciam ao mundo russo. Assim, eles promovem a sua ideologia, a sua percepção de realidade segundo a qual nós não seríamos ucranianos de verdade, porque seríamos de um tipo impuro. E, portanto, afirmar que nós lutamos contra ucranianos é uma espécie de beco sem saída. Nós lutamos contra oponentes que promoveram a ideologia nazista na nossa região, com a qual nós evidentemente não concordamos. Stepan Bandera, Roman Shukhevych e toda essa matilha são inaceitáveis para nós. Por isso nós nos levantamos para defender a nossa verdadeira história e os nossos verdadeiros valores. E o que eles nos ofereceram foi uma falsificação, isso é o mais importante que eu devo dizer para vocês. Em outras palavras, foi uma luta entre ucranianos, eu sou ucraniano e eles são ucranianos. Só que a percepção deles é outra, o que vai na cabeça deles é completamente diferente.

A garçonete traz um cafezinho para cada um. Do lado de fora, um sol forte e um leve vento que faz balançar as folhas das árvores.

— Como os militantes nazistas ucranianos tratam os civis?

— Os ucranianos nazistas se relacionam com as pessoas que não partilham a sua ideologia de uma maneira radical. Primeiro, eles praticam um genocídio cultural, ou seja, eles esperam que nós partilhemos de sua ideologia. Mas se alguma pessoa não concorda, ou se opõe de alguma maneira, eles liquidam fisicamente com essa pessoa. Aquelas pessoas que não concordaram com a política deles, simplesmente foram embora dos territórios ocupados pelos nazistas ucranianos. Aqueles que concordaram em viver sob essas condições simplesmente assumiram isso como um dever e começaram a viver sob o regime atual.

– Seus ataques se concentram sobre alvos civis ou militares?

– Eles atiram em alvos civis. Eles ocupam as habitações dos civis e atiram contra alvos civis e contra alvos militares. O Donbass não é a terra natal deles, é uma terra alheia. Eles não se reconhecem nessa terra e por isso querem limpá-la de pessoas como nós.

Todos olham para suas respectivas xícaras de café, com clara vontade de começar a consumi-las. Mas permanecem longe dos nossos lábios.

– Como é organizada a defesa militar da RPL?

– Neste momento, já não temos uma defesa militar. O que temos agora é uma ofensiva e estamos indo libertar o nosso território.

– E a milícia popular, o que é?

– No início, em uma primeira etapa em 2014, surgiu uma milícia que era na verdade um corpo de voluntários. Mas, no processo de formação da República Popular de Lugansk e da criação de suas estruturas estatais, começou a se formar uma milícia popular. Nós não temos um exército, por assim dizer, nós temos uma milícia popular formada por voluntários do povo. E dessa milícia popular foi se formando uma milícia que é estruturada como se fosse um exército.

– Qual é a sua opinião sobre a ajuda militar russa?

– Resumidamente, o fato é que, se não fosse o apoio moral e financeiro da Rússia, o oeste da Ucrânia (que é apoiado pelos EUA, pela Grã-Bretanha e todos os demais estados nazistas como a Lituânia, Letônia e Estônia) já tinha nos esmagado, porque nós aqui temos uma memória viva dos feitos soviéticos, homenageamos os nossos veteranos no 9 de Maio, o que é inaceitável na situação histórico-política deles.

– Se não houvesse a atuação dos nazistas, o conflito já teria terminado?

– Acho que não. Porque os nazistas ucranianos são um mecanismo para a repressão física dos dissidentes. O conflito

só vai terminar quando não houver mais nenhuma estrutura em contato com o Ocidente, com os EUA, a Grã-Bretanha e todos esses lugares. Ou seja, é necessária uma mudança completa de poder, porque o nazismo está tão profundamente assentado nas estruturas do poder que os nazistas com armas na mão são apenas um mecanismo que não decide nada. Apenas o desmantelamento total e vertical do poder na Ucrânia é que vai resolver o conflito.

— A imprensa internacional conta a verdade sobre o conflito?

— Os meios de comunicação internacionais e todos aqueles que estão trabalhando sob o controle dos governos estrangeiros contam uma grande mentira. Existem alguns pequenos veículos que tentam transmitir a verdade dos fatos, mas eles são censurados e bloqueados de transmitir a verdade à comunidade internacional. Quando alguns pequenos veículos de imprensa vêm a Lugansk, infelizmente são apenas aqueles que apoiam a política russa de desnazificação e desmilitarização da Ucrânia.

— Qual a sua opinião sobre os EUA?

— Os EUA são um estado que se conservou profundamente nazista, desde o momento em que, após a derrota da Alemanha nazista, eles passaram a receber todo o tipo de nazistas e a escondê-los. Basta assistir a filmes interessantes como *O porteiro da noite* e uma série de filmes parecidos para percebermos que não é possível simplesmente derrotar o nazismo e destruir sua ideologia. O fato é que a ideologia nazista está profundamente enraizada nas estruturas de poder que se tornaram dominantes nos EUA e que, conseqüentemente, adotaram todo o seu mecanismo. Sabemos que neste momento os Estados Unidos usam muitas ferramentas, em particular a propaganda, que foram usadas pela Alemanha fascista durante a Grande Guerra Patriótica. E todos esses mecanismos para desumanizar uma pessoa estão sendo usados atualmente na Ucrânia.

— Você acha que os outros povos também deveriam pegar em armas para se livrar da opressão imperialista?

— Nesta fase, eu não acho que todas as pessoas que vivem em territórios sob a opressão imperialista pegariam em armas. Há muitos outros mecanismos. Vivemos no século XXI, existem muitos mecanismos que dão às pessoas o fogo e a confiança para se levantar e substituir o poder. Pegar em armas acontece quando já não existe diálogo. No século XXI nós temos muitas ferramentas que permitem às pessoas chegar à vitória de forma pacífica. Os nazistas pegaram em armas contra nós porque eles não conseguiram nos vergar ideologicamente. Nosso componente ideológico era tão forte que eles ficaram sem argumentos e pegaram em armas para nos destruir fisicamente.

— Quantos homens você comandou na milícia?

— Cerca de 100 pessoas. Nós tínhamos uma unidade especial de inteligência, com 100 pessoas com as quais nós efetivamente destruimos os nazistas ucranianos. Em particular, um bom exemplo é que em 24 de julho de 2014, trinta de nós defendemos a cidade de Lisichansk por três dias, realizamos a defesa e eliminamos um número bastante grande de nazistas. Mas devido ao fato de a cidade estar cercada e não haver suprimento de munição, tivemos de deixá-la. Além disso, em 5 de setembro, destruimos ucranianos nazistas como o Batalhão Aidar aqui perto de Lugansk.

— Durante quanto tempo você atuou como militar?

— Eu estava no exército até 5 de setembro de 2014, quando derrotamos o Batalhão Aidar em uma batalha e eu sofri um ferimento de combate muito grave. Eu passei então por um período de reabilitação. Depois da reabilitação, eu percebi que os métodos clássicos de guerra, ou seja, com armas nas mãos, não funcionarão. Para resolver o problema e restaurar a paz, você precisa seguir o caminho das questões humanitárias.

— E por que você escolheu o jornalismo?

— Porque essa é uma das maneiras de travar guerras não clássicas, a chamada guerra psicológica da informação. É

quando você começa a trazer a verdade ao público por meio da comunicação de informações.

— Você trabalha em algum jornal ou é jornalista independente?

— Sou jornalista independente, porque às vezes os meios de comunicação oficiais da RPL não transmitem a pauta informativa que precisa ser transmitida ao povo, pois é preciso combater a desinformação dos nazistas ucranianos. Isso é devido a que a imprensa oficial está vinculada a certas estruturas e normas.

— Então aqui a imprensa é controlada pelo governo?

— A imprensa de Lugansk está sob o controle das autoridades oficiais. Nós não temos tantos recursos de informação que pudessem possibilitar a existência de algum tipo de recursos de informação de oposição. Temos uma política única e um vetor de apresentação de informações. Temos uma pequena república que não permite quaisquer outros meios de comunicação de oposição.

O café está esfriando e sugiro fazermos uma pausa na entrevista porque ninguém estava conseguindo tomá-lo enquanto falava. Três minutos depois, retomamos a entrevista.

— De onde vem a ajuda humanitária para Lugansk? Ela é suficiente?

— A ajuda humanitária é suficiente. Ela está vindo da Rússia em grandes quantidades, a partir de um grande número de territórios distintos da Federação Russa, de todas as regiões praticamente. Ainda existem pessoas que por iniciativa própria coletam ajuda humanitária e a levam para determinados lugares.

— Nós conversamos com o Partido Comunista de Lugansk e vimos muito alimento para ser distribuído. O que você pensa da colaboração deles?

— Na minha opinião, eles não fazem aquilo que apregoam. Existe o nome e existe o conteúdo. No caso desse partido, o nome não corresponde ao conteúdo.

— A comunidade internacional fez alguma coisa para ajudar o povo de Lugansk nos oito anos de guerra contra os nazistas?

— Não. Veja, oito anos se passaram e, se eles tivessem feito alguma coisa, o que está acontecendo agora não teria acontecido. Houve um momento em que eles condenaram o Batalhão Azov, mas depois começaram a apoiá-lo. Eles não percebem que no território da Ucrânia está florescendo o nazismo? Pelo contrário, eles o estimulam e o financiam.

— Oito anos atrás, a imprensa internacional dizia que os separatistas eram terroristas. O que você pensa dessa acusação?

— Isso é colocar um rótulo em pessoas que têm um ponto de vista diferente. Eles precisavam justificar sua operação “punitiva” no Donbass. Por isso nós fomos chamados de separatistas e fomos chamados de terroristas. No início de toda a nossa atividade de protesto, nós, todos os cidadãos do leste da Ucrânia, defendemos a realização de um referendo no território da Ucrânia. Não tínhamos a intenção de dividir a Ucrânia em estados separados.

— Você acha que Lugansk deve se conservar um território separado ou se integrar à Rússia?

— Eu defendo a integração ao território da Federação Russa. Nós somos um único povo e não devemos nos espalhar em estados independentes. A nossa história secular está interligada por uma chave única e inseparável. Devemos nos integrar totalmente à Rússia e regressar à nossa pátria histórica.

— E quanto ao resto da Ucrânia?

— O resto da Ucrânia também deve se libertar do nazismo ucraniano e decidir por conta própria o que eles querem afinal. É preciso cortar toda a comunicação que influencia o pensamento do povo e então eles mesmos terão condições de decidir por conta própria. A nossa escolha foi feita em 11 de maio de 2014. O nosso caminho é longo, mas de qualquer maneira regressaremos à Rússia. O resto da Ucrânia que decida por

conta própria. Se essa parte quiser viver sob um regime nazista, então será destruída.

Vsiô. Terminada a entrevista, Vyacheslav diz que agora ele é quem gostaria de nos entrevistar para o *Nash Donbass*, que tem *site*, página no VK e canal no Telegram, os quais mantém junto com um colega. Faz muito poucas perguntas, dentre as quais...

— Qual a opinião de vocês sobre Trótski? Vocês são trotskistas ou leninistas?

Tal como no encontro com o secretário-geral do Partido Comunista de Lugansk, Rafael e eu olhamos um para o outro e começamos a discutir durante umas nove horas sobre qual seria a resposta mais adequada, levando em consideração que a chance de nosso amigo odiar Trótski do fundo da alma é de 99%.

— Para nós, não há nenhuma contradição entre o trotskismo e o leninismo.

— Trótski sempre foi utilizado pelo imperialismo para atacar a revolução, assim como Rosa Luxemburgo — retruca Vyacheslav.

Mais uma pausa.

— Consideramos que Rosa Luxemburgo também foi uma importante revolucionária, embora ela tivesse divergências com os bolcheviques — respondemos. — Na verdade, o que acontece é que o imperialismo, e mesmo os pseudorrevolucionários que servem de ponto de apoio para a burguesia, deturpam e prostituem as ideias e a história de Trótski e de Rosa Luxemburgo.

Para botar mais lenha na fogueira da discussão, pergunto ao nosso entrevistador qual é a sua opinião pessoal sobre Trótski. Estava curioso para ouvi-lo e talvez sem saber no que eu estava me metendo — ou talvez soubesse disso mas, no fundo, quisesse pagar para ver qual seria a reação do nosso stalinista ucraniano.

— Vou guardar a minha opinião para mim — responde, com um sorriso amigável. Essa resposta já esclareceu nitidamente o que Vyacheslav pensa de Trótski.

Quebramos o gelo quando, ao sair do café, o ex-militar pede para uma moça tirar uma foto de nós três em frente à estátua de Lênin. Depois, ele nos leva de volta ao hotel em seu Renault Duster verde. Descemos a Oboronna e passamos em frente à estátua de outro revolucionário bolchevique, Félix Dzerzhinsky. É curioso como ele é popular entre os russos. Em todas as lojas de souvenirs em Moscou e Rostov, bem como nas feirinhas de objetivos da época soviética, é possível encontrar algum busto, estatueta, broche ou outro tipo de objeto lembrando o fundador da Tcheka, antecessora da KGB. Isso desperta em mim o raciocínio sobre como Donbass e Rússia são, na prática, a mesma coisa. Lugansk é, evidentemente, muito mais atrasada que qualquer cidade russa onde estive, mas mesmo assim é como se eu ainda estivesse na Rússia. Apesar de não haver Yandex Go (aliás, não há nenhum serviço de transporte individual a não ser o bom e velho táxi), de não existirem os aplicativos de *delivery* de comida, de a internet ser precária e muitas outras deficiências que eu considero totalmente aceitáveis — aquele povo não vive uma situação normal há oito anos! —, sinto como se estivesse em uma cidade do interior da Rússia. Vejo bandeiras russas por todos os cantos, nas ruas inclusive. As lojas exibem produtos com símbolos russos, dentre eles o mesmo Putin que vi representado em tudo quanto era mercadoria na rua Arbatskaya, em Moscou. A memória da Guerra Patriótica, da União Soviética ou mesmo da revolução bolchevique está em toda parte. Todos falam russo. Muitos vão e voltam da Rússia, cruzando a fronteira frequentemente. Daqui a um mês e meio, um canal de TV francês não conseguirá encobrir, em uma reportagem, as boas-vindas dadas aos russos pela população de Lisichansk quando de sua libertação, ao mesmo tempo em que expressava sua hostilidade aos soldados ucranianos.

Nesses dias, eu já estava tossindo que nem um maníaco. Na verdade, desde Rostov e sua brisa congelante eu vinha catarrento, tossindo e espirrando. O clima em Lugansk também não me ajudou: todo dia saio do hotel pela manhã todo agasalhado para me proteger da friagem e acabo ensopado de suor no final da tarde, mas não posso tirar o agasalho para não pegar a friagem.

Quando nos despedimos, Vyacheslav presenteia Rafael com uma moeda soviética.

Entramos no hotel Dominó e, enquanto Rafael ainda está do lado de fora, admirando seu presente, vejo sentado no sofá do saguão mais um soldado. Puxo conversa com ele.

— Olá, prazer. Meu nome é Eduardo. Como você se chama?

— Meu nome é Roman.

Mais um Roman! Este, ao contrário daquele jovem voluntário de Volgogrado, tem 52 anos.

— Você é russo?

— Não, sou ucraniano do Donbass.

Está fardado e um pouco sujo. Também exala um forte cheiro de suor. Leva em seu braço um bordado com a bandeira da Rússia — tenho assim a certeza de que a maioria dos habitantes do Donbass, mesmo que entendam que nasceram na Ucrânia e, portanto, são geograficamente ucranianos, na verdade veem a Rússia como sua verdadeira pátria.

— Estou me tratando no hospital aqui do lado — explica meu novo amigo.

Do outro lado do saguão, a boneca que perambula pelos corredores toda noite com uma faca na mão está fingindo que não se mexe. Sei que ela me olha aguardando o momento quando serei sua próxima vítima.

## ***Uma verdadeira democracia***

Diversos retratos de Putin decoram as paredes da sala de reuniões. Há também um de Leonid Pasechnik, o chefe de Estado da República Popular de Lugansk. Ícones e outras imagens religiosas completam o adorno. Entramos na sede da Federação dos Sindicatos acompanhados dos nossos amigos do Ministério das Relações Exteriores. O prédio da *Federatsia Profsoyuz* fica logo ali junto dos prédios do governo, atrás do Soviete do Povo e ao lado da Praça do Teatro. À primeira vista, alguém poderia pensar que ela não passa de uma central sindical chapa-branca. Eu também tive essa impressão antes de conhecer o poder e a influência dessa entidade na vida política do país, bem como a própria estrutura política, social e econômica da jovem república.

Sentamos à mesa para conversar com Igor Ryabushkin, presidente da federação e ex-membro da Marinha de 1992 a 2000. Também está conosco o segundo em comando, Andrei Kochetov, chefe do ramo sindical dos trabalhadores de pequenas empresas.

— Como os sindicatos se organizam em Lugansk?

— O primeiro ponto era organizar os ramos nas fábricas e empresas. Nosso principal objetivo é transmitir os problemas dos trabalhadores para as autoridades da República.

— Quantos trabalhadores a Federação representa?

— São 167.000 trabalhadores em 32 ramos sindicais. Temos representatividade em toda a República, com

trabalhadores da indústria do carvão, metalúrgicos, médicos, educação, agricultura.

— Vocês são membros de algum partido político?

— Os partidos políticos hoje são proibidos. Vocês sabem quantos partidos havia na Ucrânia? Quatrocentos e sessenta e quatro partidos. Era um verdadeiro circo — responde o enorme Andrei, de uns 1,80m e mais ou menos o mesmo tanto de largura. Ele se parece com o Coisa, do Quarteto Fantástico. Espero que não se sinta ofendido com a comparação, se não estou fodido. — Lembro-me do *partido dos milicianos aposentados*! Acho que foi uma boa decisão em 2014 termos proibido os partidos políticos. Temos movimentos políticos, um deles mais público, outro mais ligado a questões econômicas.

— Mas vocês têm partidos políticos, por exemplo, o partido comunista...

— Veja, eles não são tão proibidos a ponto de serem presos, mas eles não possuem representantes no nosso parlamento. Pouco mais de dez por cento do Soviete do Povo é de representantes das direções dos sindicatos: seis parlamentares entre 50.

— E os outros 90%?

— São apenas deputados permanentes, suas atividades estão conectadas apenas à atividade parlamentar. Nossos representantes ocupam os cargos de representantes-chefe das comissões do Soviete do Povo.

— Há membros que fizeram parte de partidos ou do governo ucraniano ainda em atividade na política ou nos sindicatos?

— É possível dizer que aqui temos algumas pessoas que costumavam trabalhar na federação dos sindicatos do oblast de Lugansk. Não me lembro dos partidos políticos. Havia membros do Partido das Regiões e também do Partido Comunista, mas não me lembro muito bem.

— Qual é a principal questão, a principal reivindicação de todos os trabalhadores?

— As principais questões são as garantias sociais nos locais de trabalho, como de costume. Agora, o nosso principal objetivo são os territórios recém-liberados, que eram parte da Ucrânia até março, mas que agora estão integrados à República Popular de Lugansk. Nosso principal objetivo agora é integrá-los e envolvê-los no processo e criar boas condições para os trabalhadores.

— Qual é a relação entre essa organização e o governo?

— Nós cooperamos com o governo em uma base diária, transmitindo os problemas para os líderes do governo. É um trabalho diário.

— Qual é o salário médio de um trabalhador em Lugansk? Existe um mínimo fixo?

— O salário médio depende, muda [de categoria para categoria]. O salário mínimo é de 10.245,00 rublos. O principal problema é que estamos bloqueados pelo lado ucraniano e nossa indústria estava muito conectada com a Ucrânia. É muito difícil para nossa indústria conseguir contatos com a Rússia. Em novembro do ano passado, o presidente Putin permitiu que nossas indústrias se conectem [com outras na Federação Russa] sem problemas com a alfândega. Agora as condições são melhores, mas depende porque a situação da nossa economia é precária.

— São empresas privadas ou estatais?

— Temos ambas, empresas estatais e privadas. É difícil dizer números. A indústria do carvão é propriedade estatal, a indústria metalúrgica é na maioria privada. Mas a economia estatal é a base da nossa economia. Saúde e educação são estatais e os transportes, na sua maioria, são estatais.

— Há uma luta pela estatização de toda a economia?

— A principal preocupação da Federação dos Sindicatos é com a estabilização dos locais de trabalho, o pagamento regular de seus salários e garantias sociais, suas condições de trabalho e com seus salários. Não nos preocupamos se é o Estado ou a

iniciativa privada, porque nossa principal preocupação é com a situação dos trabalhadores.

– Qual é o nível de desemprego?

– Na verdade, nossas empresas estão sem trabalhadores, precisamos de trabalhadores. Há postos de trabalho vagos, por causa da guerra. Muitas pessoas deixaram suas casas e foram para a Rússia ou para a guerra. Muitas nunca vão voltar, infelizmente. Perdemos muita mão de obra. Temos falta de trabalhadores braçais e de trabalhadores qualificados e administradores.

– Que setor precisa de mais trabalhadores?

– Todos. Quase todos os setores, do carvão à metalurgia. O problema dos trabalhadores se agravou com a pandemia de covid-19 e a operação especial levou muitos trabalhadores para a frente para defender nossa terra.

– Houve greves durante esse período?

– Não. A situação é muito difícil. Todas as pessoas na nossa sociedade, do governo, dos sindicatos, são pessoas simples. Os problemas na consolidação da República são resolvidos pela unidade e a cooperação.

– Há milionários em Lugansk?

– Não sei, não os conhecemos. Nossa tarefa não é lutar contra os ricos, mas contra a pobreza. Todo trabalhador deve ter seu posto de trabalho, um bom salário para sustentar suas famílias.

– Qual foi o papel dos sindicatos na independência em 2014?

– À medida que a Federação uniu os sindicatos e organizações de trabalhadores, estas apoiaram o referendo e não poderíamos ficar de fora. Defendemos nossa terra e o referendo junto com comitês operários em todo o território. Tomamos parte na organização do referendo simultaneamente com o nosso trabalho regular. Trabalhávamos de dia e à noite nos reuníamos com os que viriam a compor a milícia popular. Em 2014, os membros dos sindicatos apoiaram o referendo, o

movimento [de independência] e a direção da Federação fez todo o trabalho conectado com a ajuda humanitária, correios, para conseguir pagar as pensões [para que os aposentados continuassem a receber]. Aqui, na sede dos sindicatos, formou-se um quartel-general da mobilização. Quem quisesse defender a pátria podia vir aqui se alistar. A milícia popular recrutava a partir daqui. Tínhamos também um livro de registro das pessoas que queriam auxiliar. As pessoas vinham aqui se cadastrar e assumir tarefas como descarregar os caminhões com ajuda humanitária vindos da Rússia.

— Os membros dos sindicatos participaram da luta armada?

— Claro. São membros da nossa sociedade. É impossível que os membros dos sindicatos estivessem de fora. São quase 200.000 membros nos sindicatos, então, é claro, todo o país se envolveu nessa mobilização para defender nossa pátria. Hoje, mais precisamente, são 167.000 membros. Também as pessoas que estão procurando emprego vinham aqui. Nos tornamos também um centro para os desempregados.

— Havia outras organizações fazendo esse trabalho de organização da ajuda humanitária?

— Na mesma medida, acredito que não. Mas o problema é que também não havia telefone e internet e nosso edifício está no centro da cidade. O edifício do governo estava sob controle dos militares. Nós estávamos abertos e as pessoas vinham aqui pedir ajuda se precisassem de comida ou de informação. Nosso edifício sofreu com os bombardeios, que atingiram o outro lado da rua. Não tínhamos janelas e não era seguro, mas as pessoas vinham aqui, temos um porão e os corredores do outro lado eram seguros.

— Qual a relação com a milícia popular hoje?

— A milícia popular é, hoje, uma instituição separada, mas muitos membros dos sindicatos estão mobilizados nela. E agora nós estamos tentando ajudar suas famílias e a eles próprios,

juntamente com a milícia popular, em cooperação para resolver seus problemas, bem como a ajuda humanitária.

— Parece que os sindicatos e a Federação são as maiores organizações sociais, que não há nenhum outro órgão parecido que faça o mesmo trabalho...

— Talvez sejam os únicos, sim. Seus problemas mudam, mas tentamos resolver todos, a começar pelas doações, ajuda aos soldados e a suas famílias e assim por diante. Acho que todos os eventos na República estão relacionados de alguma forma com os sindicatos. E participamos, não importa se são eleições, primárias, grandes eventos e celebrações, ou um feriado em homenagem à memória nacional. O que quer que esteja conectado à vida social passa pelos sindicatos.

— Qual é a situação dos trabalhadores no oeste da Ucrânia?

— No oeste da Ucrânia? Não nos interessa. Para eles, desaparecemos no verão de 2014. Tínhamos muitas conexões com as organizações em outros países, mas nunca nos conectamos. No início de março [de 2014], fui acusado pessoalmente de ter trazido a guerra à Ucrânia, e não temos relações desde então.

— Quais são as relações com os sindicatos da República Popular de Donetsk e da Rússia?

— Acho que temos uma cooperação total. Temos uma relação muito estreita com o movimento sindical da RPD. Eles nos convidam para participar de suas atividades. Temos os mesmos problemas e entendemos a situação uns dos outros. Quanto aos sindicatos russos, eles nos apoiaram em 2014 e desde então. Agora temos acordos de cooperação e estamos compartilhando experiências com eles. Desde o início da operação especial, nossa relação se estreitou. No 1º de Maio, a Federação Independente dos Sindicatos da Rússia organizou um grande comício e convidou nossa delegação e a de Donetsk para participar e fomos representados aí. Cooperamos o tempo todo, graças a Deus.

— Vocês conhecem o ex-presidente Lula, do Brasil? — pergunto, pois vi uma semelhança física com Igor.

— Sim, claro — diz Andrei. — Tenho uma camiseta dele. Estivemos presentes em eventos no Brasil duas vezes. Uma em São Paulo e outra em Porto Alegre, quando fomos convidados pelos sindicatos locais.

— Igor, vi que você não tem um dos dedos da mão. Lula também não tem, ele perdeu em um acidente de trabalho quando era metalúrgico. Você sofreu algum acidente de trabalho?

— Não, não foi em um acidente de trabalho — responde, com alguma timidez.

— Cachaça! — grita Andrei, lembrando da bebida nacional do Brasil. K. também adora cachaça, e havia pedido para eu levar uma garrafa para ele quando chegasse à Rússia. Andrei ganhou de presente em sua viagem a Porto Alegre uma cuia de chimarrão, o qual ele já consumiu por completo.

Nós voltamos à sede da Federação no dia seguinte, após uma passada no Ministério do Exterior para ver o andamento do nosso credenciamento como jornalistas. Queríamos que Andrei nos colocasse em contato com mais algum membro do sindicato para o entrevistarmos. Entramos meio de penetras na sede, que aparentemente estava quase vazia. Finalmente, encontramos Andrei. Ele nos atende em seu gabinete e procura nos ajudar. Inclusive, pergunta se já conseguimos a credencial de jornalista.

— Passamos agora no Ministério e ainda não ficaram prontas as credenciais — respondemos.

— Como? — Imediatamente, pega o telefone e faz uma ligação. Após uma conversa em russo, desliga e nos diz:

— Pronto. Elas deverão estar disponíveis amanhã.

Isso foi uma prova cabal do poder dessa central sindical, a única da RPL.

— Aqui não temos as centrais amarelas! — orgulha-se Andrei.

Agradecemos a ele, que nos acompanha até a saída do prédio. Descendo as escadas, o informamos:

— Nossas credenciais para trabalharmos como correspondentes em Donetsk ficaram prontas hoje.

— Eles sempre conseguem ser mais rápidos do que nós. Eu não entendo. É o mesmo trabalho, mas eles sempre terminam primeiro — brinca.

O nosso objetivo era partir para a República Popular de Donetsk após terminarmos o nosso trabalho na RPL. Inclusive, planejávamos pedir ajuda a Andrei para chegarmos com segurança na RPD.

Quando estamos prestes a sair, esbarramos com uma mulher que parece ser funcionária do sindicato. Andrei nos diz que ela é deputada do Soviete do Povo. Natalia Sergun pretendia ir embora mas aceita nos dar uma entrevista na hora. Ela não tem assessor e não precisamos marcar previamente a entrevista. Subimos novamente para uma das salas da Federação.

Natalia é um dos seis deputados sindicalistas do Soviete do Povo. Nenhum dos 50 parlamentares da Casa foi eleito por algum partido político. São todos representantes de movimentos sociais, populares e sindicais. Os seis representantes da Federação dos Sindicatos ocupam o posto de chefes de seus respectivos comitês parlamentares — sete, no total. Por ser a presidenta do Sindicato dos Ferroviários, Natália dirige o Comitê de Transportes do Soviete do Povo. Sua rotina é totalmente diferente da de qualquer parlamentar no Brasil, mesmo de qualquer vereador: seu escritório fica dentro da estação de trem de Lugansk e lá ela recebe diariamente os trabalhadores, com quem discute os problemas da categoria e os leva para debate no Soviete do Povo. Natalia não deixou de ser ferroviária nem sindicalista após se eleger deputada. Pelo contrário: isso seria praticamente um crime na República Popular de Lugansk, uma vez que ela foi eleita, em 2018, precisamente para atender às

demandas de sua categoria — particularmente o desenvolvimento das fábricas e o crescimento industrial.

— Os ferroviários são a categoria mais poderosa de trabalhadores da RPL — diz.

São 4.500 trabalhadores na base do sindicato presidido por ela. Até 2014, o Estado tinha um importante controle sobre as ferrovias, mas somente após a independência da RPL é que elas foram 100% estatizadas. Naquela época de levante contra o golpe em Kiev — conta — os ferroviários estavam na linha de frente e realizavam um trabalho militante para atender às demandas nacionais, mesmo sem receberem salário. Desde então, são eles quem garantem o transporte de carvão e metal (os principais setores produtivos da República) e alcançaram o melhor e mais amplo acordo coletivo com a empresa entre todas as categorias. Agora já ganham um bom salário — os maquinistas chegam a receber 60.000,00 rublos mensais. Com a libertação do território da RPL desde o início da operação militar especial da Rússia, dando suporte à milícia popular, os ferroviários das novas regiões estão se integrando quase automaticamente ao sindicato. No último mês, 500 já se integraram. Todos os dias há novos membros.

— Os sindicatos são muito poderosos porque unem todo o povo e mostram a direção para onde ir — opina Natalia, sindicalista desde 2003. — Os sindicatos se comunicam com o povo e reúnem os seus problemas, depois conversam com o governo sobre como resolver esses problemas. O governo é muito aberto para trabalhar com os sindicatos. Não é uma pressão sobre o governo, é mais um diálogo no mesmo nível. Uma cooperação. Um trabalho conjunto.

Conforme a constituição do país — encontrada por Rafael —, “a intervenção de autoridades de Estado da República Popular de Lugansk, dos órgãos de autogoverno locais e seus funcionários nos sindicatos é proibida, pois pode justificar a restrição dos direitos dos sindicatos ou suspender a implementação de suas atividades estatutárias”. Portanto, os

sindicatos são independentes. Não são controlados pelo governo. Por quê, então, essa colaboração da central sindical com o Estado, quando, visto o tamanho da sua força, ela poderia ser um poderoso instrumento de luta contra o Estado (até porque até os piquetes são nominalmente permitidos pela lei!)? Ora, porque, na prática, o Estado está precisamente sob o controle dos trabalhadores.

— Somos uma república popular, como diz o próprio nome do nosso país! — garante Andrei, que ajuda a traduzir a conversa com Natalia.

— O povo controla o poder. Estou certa disso. Temos um diálogo direto com o governo — assegura a deputada.

Outras passagens da constituição indicam que essas afirmações estão corretas. O “Estado social”, de que fala o artigo 1º, está assentado, fundamentalmente, na propriedade estatal dos meios de produção. Todas as empresas que hoje pertencem ao Estado não podem ser privatizadas e “a atividade econômica dirigida ao monopólio e à competição desleal não é permitida”. É lei. Tal como setores estratégicos da indústria, a exemplo da eletricidade, da infraestrutura de gás e calefação, da água e saneamento. A educação, a moradia e a terra também não. A educação é gratuita para todos até o ensino secundário profissionalizante e existe um regime de concurso para que os que passarem possam cursar gratuitamente o ensino superior. A assistência médica também é gratuita e “os programas de proteção e promoção da saúde pública são financiados na República Popular de Lugansk” pelo Estado. Todo cidadão tem direito à moradia e “ninguém pode ser privado de casa”, diz a lei. “Aos pobres e demais cidadãos especificados na lei que necessitem de habitação, ela é fornecida gratuitamente ou a preço acessível por fundos estaduais, municipais e outros fundos habitacionais de acordo com as normas estabelecidas por lei.” Tanto é assim que não vi nenhum morador de rua em Lugansk. Além do mais, a terra pertence aos camponeses e não a grandes latifundiários e os recursos naturais são do Estado: “a

terra e outros recursos naturais da República Popular de Lugansk são propriedade do povo e usados e protegidos como base da vida e das atividades do povo." A venda das terras é proibida.

Tudo bem, existem outros países onde a maior parte da economia é estatal e os serviços públicos são gratuitos. Mas aqui há uma diferença essencial: na RPL *não existem* grandes capitalistas. Nem nacionais, nem estrangeiros. Enquanto na Rússia, por exemplo, os capitalistas estrangeiros estão em guerra contra o governo, o conjunto da burguesia nacional o apoia. Mas em Lugansk não. Nenhum capitalista apoia o governo. Porque não tem nenhum poder sobre ele (um deputado do Soviete do Povo não pode realizar atividades empresariais). Quem tem esse poder é a Federação dos Sindicatos. A guerra civil iniciada pelos golpistas que tomaram o governo em Kiev em 2014 fez com que os grandes empresários fossem embora do Donbass. Bem que tentou-se empossar os oligarcas até mesmo no governo dos antigos oblasts da região, por parte de Kiev, mas isso foi rechaçado pelo povo que declarou a independência das duas repúblicas. O fato de ainda existir a propriedade privada não significa que a RPL seja um Estado capitalista. Essa propriedade privada é pequena. Os capitalistas que restaram são pequeno-burgueses, na realidade. Na própria Rússia revolucionária, havia a coexistência da propriedade estatal (dominante) e da propriedade privada (subjugada pelo domínio da propriedade estatal). Em Cuba e na Coreia do Norte atualmente também há pequenos e médios negócios privados, o que não conduziu à restauração do capitalismo nesses países. Além da propriedade estatal sobre a maior parte dos meios de produção, da terra e dos recursos naturais, se quem detém o poder não são os capitalistas, então só podem ser os trabalhadores. Não é à toa que o nome do país é República Popular de Lugansk, que o da sua força armada é Milícia Popular e que o do parlamento é Soviete do Povo — como na União Soviética. Isso não é mera retórica. E o Soviete, o poder

legislativo, é o principal poder da República. Um importante entrevistado nos confidenciou que o presidente da República não tem grandes poderes, quem manda é o Soviete — onde os trabalhadores têm muita força.

Na última eleição presidencial, eram oito os candidatos à presidência. Três deles eram sindicalistas: Oleg Koval, presidente do Sindicato dos Trabalhadores da Educação e Ciência; Yuri Ryaplov, presidente do Sindicato dos Trabalhadores dos Serviços Públicos e a própria Natalia. Eles não conseguiram se eleger, mas Natalia se juntou aos outros cinco sindicalistas no Soviete do Povo — parlamento unicameral, algo mais democrático do que o bicameral. Os outros candidatos eram funcionários de órgãos públicos e o próprio Pasechnik, que concorreu à reeleição e venceu.

— Aqui não há tantas diferenças entre os operários do chão da fábrica e a diretoria — diz Andrei, que mais uma vez nos ajuda como intérprete em uma entrevista com os membros do sindicato dos mineiros de Krasnodon e também da direção da mina de carvão Samsonovskaya-Zapadnaya. Ela começou a ser construída em 1965 mas o projeto foi abandonado e recomeçado e finalmente a construção terminou em 1999. Somos recebidos pelo presidente do sindicato, Nikolay Rabotin, que é sócia do ex-líder soviético Nikita Khrushchev — menos de 1,60m de altura, careca e gorduchinho. Atualmente, há 1.100 operários trabalhando na mina, divididos em quatro turnos de seis horas cada. Antes do início da guerra, em 2014, eram 3.000 os trabalhadores. A mina, assim como todas as minas da RPL desde então, é de propriedade do Estado — as que eram privadas foram estatizadas após 2014. Sua direção é escolhida através de um acordo entre o governo e o sindicato, mas o diretor não é membro do sindicato (isso é proibido por lei) e o sindicato não faz parte da administração da mina, apenas os trabalhadores da própria mina têm representação na direção — que, além do diretor, apontado pelo governo, é formada por operários eleitos pela mina.

— Eles organizam e controlam todo o processo de produção da mina — afirma Khrushchev. *Ops!, Rabotin.*

Além da redução em quase dois terços no número de funcionários devido à crise econômica que se abateu sobre a indústria mineradora da RPL com a guerra, há atualmente 300 operários desta mina de armas na mão lutando pela milícia popular na frente de batalha. Antes da guerra, eram produzidas um milhão de toneladas de carvão por ano. Hoje, são produzidas apenas 400 mil toneladas.

Na época soviética, o governo pagava salários muito bons para os mineiros de Krasnodon, o que gerou um aumento da população da região — cada família de mineiros tinha ao menos cinco filhos, por isso mesmo há muitos jovens na cidade ainda hoje, me diz Andrei em outro encontro. A vida era boa. Mas mesmo hoje, ainda que a situação tenha piorado com o fim da URSS e depois a guerra, os mineiros recebem um salário considerado bom, comparado com o custo de vida na RPL: entre 35.000,00 e 50.000,00 rublos por mês. Os operários da mina também recebem atendimento médico gratuito e podem descansar em pousadas nas férias de verão — sendo que seus filhos podem ir gratuitamente para o acampamento de férias bancado pelo sindicato.

Após a entrevista, subimos a torre da mina a uma altura de 109 metros. Uma visão de todo o campo que rodeia Lugansk ao sudeste. Depois, é a vez de descer abaixo da superfície. Eu não vou porque estou doente e não consigo fechar um dos olhos (poderia entrar carvão no olho, aí já viu...) e quando vejo a explicação de um dos funcionários sobre como usar o tubo de oxigênio do uniforme que necessitamos vestir para entrar ali, então tenho certeza que não posso ir, pois além de um zumbi sem conseguir dormir direito há quatro dias, ainda por cima estou sob o efeito de vários medicamentos e meus movimentos estão muito comprometidos. Rafael se veste de mineiro e desce junto com nossos guias.



## Vodca

— Os jornalistas devem transmitir o que eles veem por si próprios, sem qualquer intervenção nossa — opina Deynego, que nos recebe em seu gabinete no Ministério das Relações Exteriores. Estamos fazendo os trâmites para conseguir as credenciais de jornalistas. Lá embaixo, na recepção do prédio, há um cartaz da campanha “Salve o povo do Donbass do Exército Ucrâniano” com fotos de crianças. Enquanto isso, conversamos um pouco mais sobre como foi o processo de independência da República Popular de Lugansk, em 2014, quando se iniciou a guerra.

— A princípio, foi um processo interno, independente, por parte do próprio povo daqui. O povo procurou envolver a Rússia no processo, de forma independente.

Após tomarem os postos policiais e militares em Kiev e no oeste da Ucrânia, os golpistas se dirigiram ao leste, em abril. A principal força do golpe, em seu início, foram os serviços de segurança e repressão do Estado — em particular, a SBU, que se transformou na polícia política do regime. Seus agentes conseguiram, ao longo dos meses, infiltrar mais de 3.000 rifles de assalto nas instalações da SBU em Lugansk. Eram 700 funcionários da agência na região, o que significa que haviam quase quatro rifles para cada funcionário. Foram armados até os dentes para orquestrar a tomada dos prédios governamentais em Lugansk pela força.

— Estavam preparando a agressão — conta o ministro.

Eram vários tipos de armas alocadas pelos agentes de segurança para garantir o *putsch*. Eles também planejavam utilizar 2.000 uniformes russos, o que levou a imprensa — atuando em coordenação com os golpistas — a acusar a Rússia de estar por trás do movimento anti-Maidan.

— Nós não permitimos isso. Eles não conseguiram repetir o que fizeram em Kiev e no oeste. Tomamos o controle das armas. As milícias populares recém-criadas tomaram os edifícios da SBU e do governo e o povo elegeu novas autoridades — conclui Deynego, antes de ser interrompido por um lembrete de que precisa sair para participar de um programa de rádio.

Quem continua a conversa conosco é Vera, especialista que trabalha na contabilização das vítimas do genocídio executado pelos ucranianos desde então, e Serguei Belov, secretário do Grupo de Trabalho Interdepartamental para a Busca de Vítimas da Agressão Ucraniana a serem enterradas e um dos autores do livro que trata da história do morticínio de crianças — livro este que está desatualizado, nos informa, porque foi publicado em novembro passado, antes da escalada ainda maior da violência. Até o início da operação especial da Rússia, em 24 de fevereiro, haviam sido identificados os corpos de 37 crianças na RPL e 105 na RPD. Em algumas cidades, o serviço de identificação dos mortos parou de funcionar, uma vez que esse trabalho é extremamente precário. Tanto é assim que até mesmo os altos cargos do governo estão mobilizados pessoalmente para fazer esse trabalho, como é o caso de Anna Soroka, vice-ministra das Relações Exteriores, que participa das missões de busca dos corpos nas zonas recém-liberadas. O que também torna difícil a identificação das vítimas civis é o fato de, no começo da guerra, muitas delas terem sido mortas enquanto vestiam trajes militares — algo que ainda é comum nas ruas de Lugansk, como nós mesmos observamos (todas as lojas de roupas vendem uniformes militares, que são os artigos mais procurados pelos homens). Assim, segundo as estimativas, seria

possível adicionar aproximadamente mais 500 corpos na montanha de cadáveres criada pelos ucranianos em Lugansk, o que elevaria para quase 2.500 o número de vítimas civis documentadas. O governo ucraniano diz que tudo isso não passa de mentira. No começo de agosto, o grupo de Belov encontrará mais de 500 covas nos pátios dos prédios de Rubizhne — os moradores haviam sido forçados a enterrar seus parentes e vizinhos lá mesmo, durante os bombardeios das forças armadas ucranianas, em sua retirada da cidade.

Mas esse ainda é um número distante da realidade. Não se sabe ao certo quantas pessoas padeceram devido à agressão ucraniana desde 2014. Nossos interlocutores só podem trabalhar na busca de vítimas mortas dentro dos territórios controlados pelos governos de Donetsk e Lugansk. Metade da RPD está sob o domínio ucraniano, enquanto cerca de 5% do território da RPL ainda é ocupado por Kiev neste momento. Além do mais, o número de crianças vitimadas pela guerra também é subestimado, uma vez que em Lugansk uma pessoa é considerada menor de idade até os 18 anos, enquanto que a nível internacional, para estes fins, a idade é de 21 anos.

— As crianças estão morrendo por todo o território — nos dizem. — Mesmo onde já não há mais batalhas, as crianças encontram armas e munições ativadas deixadas propositalmente pelos ucranianos e, quando mexem nelas por curiosidade, acabam disparando e muitas morrem.

Ouvimos novamente que os soldados ucranianos não deixam a ajuda humanitária — nem médica — chegar aos territórios que eles controlam. Atualmente, diz Belov, as forças ucranianas controlam uma pequena parcela do oeste da RPL. É uma região que compreende principalmente as cidades de Severodonetsk e Lisichansk e que, apesar de pequena em território, comporta mais de 200 mil habitantes — cerca de 10% da população de toda a região que é reivindicada pela RPL, antigo território pertencente ao oblast ucraniano de Lugansk. Na

semana passada, as cidades de Rubizhne e Popasnaya, na mesma região, foram liberadas.

Essa é uma região estratégica e por estar localizada em uma altitude maior o exército ucraniano tem conseguido manter as suas posições. A região também é um entroncamento ferroviário com diversas linhas de trem. O exército ucraniano tem impedido a chegada de ajuda humanitária aos civis através dessas que são as únicas vias de acesso. Utilizam os trens para trazer munições e quando necessário bombardeiam as vias. Há também trens que vêm da República Popular de Donetsk, o que, somado ao fato de ter o rio Donets entre Severodonetsk e Lisichansk, poderiam dar aos ucranianos a possibilidade de partir para uma ofensiva para o sul, abrindo um corredor na fronteira da RPL e da RPD. A intenção seria isolar a RPL da RPD e depois partir para uma ofensiva à leste para isolar a RPL da Rússia, cortando as comunicações da república separatista a fim de asfixiá-la, inclusive em termos de suprimentos alimentares.

Os ucranianos têm concentrado muitos tanques desde março na região e chegaram a montar uma artilharia pesada a fim de implementar os seus planos. Porém, duas semanas antes do que seria o início da operação ofensiva em direção ao sul, as forças russas e de Lugansk atacaram a região — tomando Rubizhne e Popasnaya.

A última zona de Rubizhne a ser tomada foi a fábrica Zarya. Lá, a milícia popular de Lugansk disse ter encontrado evidências da presença de instrutores dos Estados Unidos e da Polônia, que coordenavam as forças ucranianas a partir da fábrica. Além disso, sete mercenários americanos também foram identificados, bem como um laboratório onde experiências em seres humanos teriam sido realizadas. Porém, mesmo após a saída dos ucranianos, Rubizhne e Popasnaya continuam sendo cidades muito perigosas (não apenas por estarem ao lado da linha de frente, mas também porque as forças armadas ucranianas deixaram para trás explosivos e minas espalhados por toda a cidade).

Segundo o prefeito de Severodonetsk, Alexander Striuk — alinhado com o regime ucraniano —, apenas 15 mil dos 100 mil habitantes permanecem na cidade. Apesar das dificuldades no terreno, as forças russas e independentistas já estão em combate na cidade e será questão de tempo até ela ser tomada. O Ministério da Defesa da Rússia denuncia que “os militantes de grupos ucranianos armados” têm utilizado uma instalação médica como depósito de armas e munições. “A equipe do hospital e todos os pacientes foram forçados a deixar o local sob a ameaça de violência física”, diz o comunicado. Ainda hoje, a milícia popular de Lugansk anunciou a tomada da vila de Novozvanivka e o início do combate na localidade próxima de Troitskoye.

Uma ferradura foi formada no nordeste, leste e sudeste da Ucrânia, com as tropas russas e as milícias populares neste momento já ocupando regiões além das repúblicas separatistas, como os oblasts de Zaparóvia, Carcóvia e Kherson — cujo processo de integração à Rússia já está sendo iniciado.

A capital da Carcóvia (a nordeste), bem como Odessa (ao sul) — que também já é alvo das forças russas — são duas das mais importantes cidades da Ucrânia, junto com Kiev (centro-norte) e Lvov (a oeste). Se tomadas as cidades de Odessa e Carcóvia, é possível que o regime político ucraniano se desmantele de maneira mais acelerada. Diante dessa possibilidade, há notícias de que o governo polonês estaria em negociações com os Estados Unidos para invadir o oeste da Ucrânia e anexar aquela região, sob a desculpa de que antigamente pertencia à Polônia. O golpe de 2014 que levou o fascismo à Ucrânia, aparentemente, tem um desfecho inesperado para aqueles que diziam estar defendendo a sua pátria: a aniquilação do seu território.

Muito disso foi explicado magistralmente por Serguei Belov, mostrando-nos um mapa da RPL. Dentre as cidades que ele apontou estavam Alchevsk (a cidade de Deynego), a 35 quilômetros de Lugansk, e Pervomaisk, a 60 quilômetros da

capital. Esta última continuaria a ser bombardeada pelos ucranianos, bem como Alchevsk, que seria atingida pelo Sistema de Foguetes de Artilharia de Alta Mobilidade (o HIMARS, entregue pelos EUA à Ucrânia em junho) nos dias 9 e 16 de julho, resultando na morte de dois civis.

Neste momento, recebemos a informação de que visitaremos Rubizhne e depois Popasnaya, antes de nos despedirmos de nossos amigos e irmos almoçar em algum lugar do centro de Lugansk.

Encontramos um restaurante chamado Chelsea. Bem, é lá onde entramos para almoçar. Ele não está cheio, mas a maioria da clientela é formada por militares. Não é um lugar bem iluminado, embora aparentemente seja um dos melhores restaurantes da cidade. Sento a uma mesa com Rafael e a garçonete serve um cinzeiro. Sim, os fumantes podem saborear os seus cigarros ali mesmo, como antigamente. Ao nosso lado está sentado um grupo de três jovens soldados russos. Aproximo-me para bater um papo com eles. Começo dizendo que sou um jornalista brasileiro. Primeiro, eles ficam desconfiados. Mas não demora muito para me convidarem para sentar ao seu lado. Ganho sua confiança mostrando que estou do lado da Rússia.

Um deles chama-se Evgeny e é o mais engraçadinho — toda hora gargalhando e fazendo gracinhas. O outro é Maxim, pai de dois filhos (Artyom e Natsia — Anastasia —, bem pequenina). O terceiro me diz que se chama Vitcha (apelido de Vyacheslav), que acaba fazendo algumas revelações meio sem querer — por exemplo, que estão servindo nas forças que assaltam Severodonetsk neste momento (“não era para revelar, imbecil!”, repreendeu Maxim), e que está louco para voltar para casa.

— A imprensa brasileira e internacional mentem sobre o que está acontecendo — afirmo.

— Você quer escrever uma reportagem dizendo que o que eles falam não é verdade? — pergunta Maxim.

Falamos um pouco sobre eles. Me dizem que os três são de Rostov do Don. Digo que estive lá durante quase um mês e que é uma bela cidade. Perguntam sobre o Brasil e falo que é um país lindo. Me mostram vídeos dos torcedores brasileiros fazendo palhaçadas nos jogos da seleção brasileira em Rostov na Copa do Mundo de 2018 e eles caem na risada, principalmente Evgeny. Maxim me oferece um cigarro, o qual recuso educadamente. Mal acredito que ele, com seus vinte e poucos anos, já tenha um filho de dez! Mas antes de eu entender que ele tem filhos, ocorre uma situação hilariante.

— Você é casado? — pergunto a Maxim.

Então ele se enrola na resposta e fala algo sobre gays. Além disso, faz um gesto apontando para si e para Evgeny. Aí pergunto, aproveitando a liberdade que me dão e o jeito atrapalhado de Maxim, se ele é gay. Ele se apressa em dizer que não, mas todos já estão caindo na gargalhada com o fato de ele ter se atrapalhado.

— Falta pouco para libertar a RPL dos nazistas?

Fazem que não sabem responder.

— Os nazistas fazem prisioneiros civis — revela Maxim.

Então pergunto sobre os crimes dos grupos nazistas ucranianos. Dizem que não viram nenhum com seus próprios olhos, mas que esses grupos cometeram muitos. Informam que esses grupos recebem armas novas todos os dias, vindas do exterior.

— Na sua opinião, quem são mais bonitas, as brasileiras ou as russas? — Evgeny me deixa numa saia justa. Tenho de ser diplomático. Mas não é só isso: é uma competição acirrada. As russas também são lindas.

Evgeny está conversando com outras pessoas por vídeo no seu celular. A todo o momento diz a elas que está ao lado de um jornalista brasileiro. Me apresenta a um amigo do outro lado da tela, que aparenta ser um soldado ferido e de cama.

— Vocês estão na guerra há quanto tempo?

— Não podemos falar.

— Há muito tempo?  
— Mais ou menos.  
— Vocês gostariam de dizer mais alguma coisa, ou de fazer mais alguma pergunta para mim? — ofereço, no final de nossa conversa.

— Vamos erradicar nossas terras do fascismo e do nazismo  
— afirma Vitcha, meio que me puxando de canto.

No final, dizem que não podem tirar fotos comigo, mas Evgeny tira uma minha junto dele, com seu próprio celular. Rafael e eu nos encaminhamos para a Federação dos Sindicatos, na cara dura, sem avisarmos ninguém. Lá, iríamos acabar encontrando Andrei, o verdadeiro chefe do sindicato, e conseguiríamos uma entrevista com Natalia, presidenta do sindicato dos ferroviários. No final da tarde, voltaríamos ao hotel.

A noite cai sobre nós e nós caímos no sono. No meio da madrugada, ouvimos fortes estrondos e sentimos tremores no chão. Eram explosões seguidas dos voos das aeronaves que atacavam a cidade de Zolote, controlada pelos ucranianos, que fica próxima a Severodonetsk, a 90 quilômetros de Lugansk. Algo realmente impressionante e aterrorizante, que ouvimos novamente alguns dias depois.

Acordo no dia seguinte com algumas notícias.

Os grupos nazistas da Ucrânia estão utilizando uma escola para se abrigar no vilarejo de Novoye, no oeste da RPL. Ali, aloca bombas alemãs e contêineres com mísseis da OTAN.

O Ministério do Interior da RPL anunciou a captura de 15 a 16 mil soldados ucranianos e mercenários na região das cidades de Severodonetsk e Lisichansk. Segundo o assistente do Ministério, Vitaly Kiselyov, há menos de 20 mil tropas ucranianas na região, o que contradiz o discurso de Kiev. Além disso, na cidade de Rubizhne, munição proibida foi encontrada em locais que indicam que elas estariam sendo usadas pelo inimigo. Ele destacou, em declarações à *Rússia 1*, que a principal tarefa das Forças Armadas da Ucrânia nas proximidades de Severodonetsk e Lisichansk é a destruição da infraestrutura.

“Demolir o máximo possível [de estruturas], causar danos e então jogar toda a culpa na Federação Russa — essa é a sua tarefa. Intimidar a população civil de tal modo que ela sinta medo por muitos anos”, disse.

— E aí, como é que vai? — encontro Roman, o soldado cinquentão que está hospedado em nosso hotel, após voltarmos de não sei onde. Ele dá aquele sorriso com os dentes encolhidos (sua boca é daquelas meio murchas que aparentam acolher poucos dentes). Após um breve bate-papo, ele me convida para comer uns bolinhos e conversar. Alguns minutos depois, Rafael e eu nos juntamos a ele, que, nesse interregno, passou no mercado e comprou alguns ingredientes para cozinhar um pelmeni.

Nos sentamos na sacada do corredor do segundo andar. Roman começa a servir a refeição, acompanhada de uma salada de pepino e tomate. Não perdemos a oportunidade de realizar uma entrevista informal com nosso amigo.

— O que você fazia antes da guerra?

— Eu trabalhava na construção civil.

— E qual a sua cidade?

— Sou de Slaviansk.

Roman apresenta a garrafa de vodca que comprou para o nosso almoço. Olho para ela e rapidamente direciono o olhar para Rafael. É um mau presságio. Isso não vai terminar bem...

— Um brinde à União Soviética!

— Eu nasci na União Soviética.

— Sim, percebi!

— Vamos falar de futebol — sugere o soldado. — O futebol brasileiro é o melhor futebol do planeta. Eu conheço grandes jogadores. Pelé, Ronaldinho, Ronaldo... — como é bom ser brasileiro, não é, Roman?

— Neymar...

— Neymar! Claro que eu conheço o Neymar! Eu jogava futebol antes. Era cidade contra cidade.

— Para qual time você torce?

— Para o Shakhtar.

— Ah, eu conheço o Shakhtar Donetsk!

— O Vasco é um conhecedor do futebol russo.

— Eu acompanho o futebol europeu, mas não sei nada sobre o futebol latino-americano. Lembro do Garrincha, jogador brasileiro que mancava de uma perna.

Nós brasileiros temos muitas vantagens sobre outros povos quando estamos em terras estranhas. Uma das principais é sermos o país do futebol. Se você é brasileiro e quer ficar amigo de um soldado russo que talvez tenha matado alguns inimigos e quase morrido, converse sobre futebol com ele!

Mas começamos a mudar um pouco de assunto, após quebrar qualquer gelo que pudesse existir entre nós e Roman.

— Você foi recrutado pelo exército russo?

— Não, eu estava em uma milícia. Em 2014, eu era um simples combatente da milícia. Isso coincide com os meus interesses. Mas, de qualquer maneira, eu sou pela Rússia. Eu sou russo de coração — diz o russo nascido na Ucrânia. — Depois — continua — eu firmei um contrato.

Roman tem os dedos sujos e um pouco feridos. Suas orelhas também estão bem sujas. Salta aos meus olhos uma tatuagem que ele tem no dedo médio da mão esquerda.

— Conta pra gente alguma história sobre este conflito...

— Bem, vocês sabem que esta é uma longa história... O que vocês querem saber? Assim fica mais fácil. Falar sobre tudo vai levar muito tempo.

Não conseguimos traduzir muito bem as palavras de Roman, então ele diz:

— Bom, fica para depois...

E ele serve a segunda rodada de vodca. São três goles grandes em cada dose. Após a segunda dose e o sexto gole, começamos a ficar bêbados.

— O que você pretende fazer quando a guerra terminar?

— Que Deus permita que a guerra acabe logo. Trabalhar. Há muito o que fazer. Está tudo destruído, as aldeias, as cidades...

— Você gosta da Rússia?

— Claro! Eu vivi muitos anos na Rússia. Estive em muitos lugares. No norte, no extremo oriente, na taiga [floresta de pântanos e maior zona paisagística da Rússia, abrangendo 800 quilômetros de extensão entre a Sibéria Ocidental e Oriental — NT].

— Eu amo a Rússia — já estou bem “alegre”.

— A Rússia é um país incomparável. Não há país igual, pela sua beleza.

— Eu e Roman estávamos cantando ali no corredor *Bandiera Rossa* — digo a Rafael.

— Essa canção me traz lembranças antigas — diz Roman. — Cantávamos nos acampamentos de pioneiros. Nos reuníamos antes de assistir a algum filme e cantávamos. E hoje em dia em todos os destacamentos. Eu gosto muito dessa canção. Na infância, cantávamos ela com muito entusiasmo.

Então, começamos a cantarolar a música, nós três.

*Avanti popolo, alla riscossa  
Bandiera rossa, bandiera rossa  
Avanti popolo, alla riscossa  
Bandiera rossa trionferà*

*Bandiera rossa trionferà  
Bandiera rossa trionferà  
Bandiera rossa trionferà  
Che viva il comunismo e la libertà*

— Urrá!! Uhhh! lupi!!

Acabada a vodca, o combatente sai rapidinho e volta com uma garrafa de conhaque, para o meu desespero.

— É armênio.

Serve a primeira rodada. Roman aparenta estar completamente sóbrio. Não posso dizer o mesmo sobre mim e Rafael.

— Qual é a sua opinião sobre este conflito? — questiona Rafael.

— Sinceramente, é difícil falar sobre isso. Meus irmãos [aqui ele se refere aos seus amigos próximos, é como os russos tratam os amigos — NT], muitos deles, eram pessoas normais que viviam e trabalhavam. Eram pessoas pacíficas que se transformaram em combatentes, em soldados. Este conflito é, para mim, particularmente muito pesado porque muitos bons ucranianos ficaram do outro lado.

— A Rússia veio libertar o Donbass?

— A verdade é que o Donbass sempre foi uma modesta terra russa.

— Quais são as suas palavras favoritas em russo? — com essa pergunta absolutamente sem sentido, percebo que já estou ridiculamente bêbado.

— As minhas palavras favoritas são “glória a Deus” [que em russo tem o mesmo sentido que “graças a Deus” — NT].

— O que você acha do Brasil?

— Um país bonito, com um rio admirável. Sempre tive vontade de pescar no rio Amazonas. Assisti na televisão sobre a pesca no Amazonas. Peixes que não temos aqui... peixes que eu nunca tinha visto.

— A Rússia é muito bonita.

— Eu fico feliz que vocês tenham gostado.

— Qual a sua opinião sobre o governo da Ucrânia, sobre Zelensky?

— É um ator que não faz o seu trabalho.

— Como os soldados ucranianos tratam os prisioneiros?

Roman serve a segunda rodada do conhaque armênio antes de responder. Agora corremos o risco de iniciar uma conversa de anormais e não tenho culpa caso você leia alguma obscenidade.

— Quando nós fazemos prisioneiros ucranianos, nós não os agredimos, que é o que eles fazem quando aprisionam os nossos. Muitos deles não serão anistiados, como falou o presidente Putin.

— Os ucranianos são nazistas?

— Não sei... em russo isso se chama Nêmesis (deusa grega da vingança), isso é o que eu posso falar.

— Como os soldados ucranianos tratam os civis?

— Nos territórios recém-libertados, as pessoas não têm o direito nem de ir a um hospital. Eles sempre bombardearam as nossas cidades, atiraram na população civil com armamento pesado. Mas isso está relacionado a esses batalhões tipo Azov, Aidar... O exército ucraniano dispara contra nós e nós disparamos contra eles.

— O Batalhão Azov é nazista?

— Sim. É um batalhão inteiramente nacionalista. Ninguém sabe de onde eles tiram o dinheiro para a sua existência. Provavelmente são financiados pelos oligarcas.

— Os soldados russos tratam bem os ucranianos?

— Os soldados russos vieram para morrer conosco, pela nossa liberdade.

— Você está bem de saúde? — estou alegre e admirado com nosso amigo, essa pergunta foi motivada por uma preocupação sincera com ele, que é um ser humano que provoca muita empatia.

— Sim — e dá uma leve risada, como se dissesse “na medida do possível, veja que tenho 52 anos, estou me tratando de um ferimento, fumo, me encho de vodca e conhaque...” — Estou muito feliz de estar aqui com vocês. Graças a Deus. Eu jamais imaginei um encontro desses.

— Quando você acha que a guerra vai acabar?

— O meu desejo é que seja o mais rápido possível.

— Você vai voltar para o *front*?

— Sim, assim que eu estiver curado.

Como um verdadeiro mestre cuca, Roman começa a dar explicações sobre o preparo do pelmeni, enquanto eu repito pela terceira vez o delicioso pelmeni e raspo o prato da salada. Ele também pode ser de peixe (mas geralmente a carne dentro da massa é de porco ou boi) e é parecido com capeletti. É um prato de rápido preparo e eu tasco *ketchup* nele.

— Vivemos uma época de guerras e revoluções e isso só vai acabar com o fim do capitalismo — reflete o filósofo Rafael, que nunca vai admitir que estava tão bêbado quanto eu (é que ele é mais contido).

— Provavelmente sim — responde Roman. — Espero que no meio da burguesia haja pessoas com pensamentos saudáveis.

— A vida na União Soviética era boa?

— O ensino era gratuito. O sistema de saúde era gratuito. Não havia desemprego. Havia alguns produtos deficitários, mas a gente vivia com a graça de Deus. É possível dizer que agora nós temos a oportunidade de reviver a URSS. De certa forma, essa união da Rússia, Bielorrússia e Ucrânia é a União Soviética.

— Vamos brindar! — E mais um copo de conhaque para cada um, pela terceira vez. A situação nos leva a cantarolar novamente, desta vez *A Internacional*. Roman em russo, Rafael e eu em português.

*Bem uniii...iidos façaamos  
Nesta luuta finaaaaaaaal  
Uma teeerra sem aa...amos  
A In...terna...cionaaaaal!*

*Время битвы настало (Vremja bitvy nastalo)  
Все сплотимся на бой. (Vse splotimsja na boj.)  
В Интернационале (V Internacionale)  
Сольётся род людской! (Sol'ëtsja rod ljudskoj!)*

— Bravo! Bravo! Bravíssimo!

— As praias do Brasil são lindas — feito um retardado, corto o barato na melhor parte da conversa, enquanto Rafael derruba seu celular no chão e eu quase deito na mesa.

— Gostaria de jogar futebol na praia — comenta Roman, solidarizando-se comigo.

— O seu país é um exemplo para o Brasil.

— Era preciso que, no lugar da guerra, houvesse trabalho. Seria ainda mais bonito.

Então faz uma breve pausa.

— Três dias atrás, eu nem imaginava que este encontro poderia acontecer. Mas agora eu estou muito feliz, conversar com vocês gera um sentimento muito bom.

— Onde você estava?

— Na guerra, em Svetlodarsk.

— Como? Severodonetsk?

— Não, em Severodonetsk nós fizemos um bloqueio, um cerco.

— Como foi a batalha?

— Estava tudo muito destruído. Já não havia mais quase nenhuma população civil. Eu vi apenas três ou quatro pessoas — Roman demonstra que também sentiu o golpe da bebida, comendo palavras e um pouco grogue.

Por algum motivo, começo a citar nomes de grandes líderes da América Latina, como Hugo Chávez.

— Salvador Allende — completa o bebum russo. — Lembrome dele na minha infância, quando morreu defendendo o palácio presidencial.

— Os russos bebem muito!

— Eu imagino que os outros não bebem como nós.

(Com dois capengas esborrachados em sua frente, já com a mente toda embaralhada, não é difícil imaginar isso mesmo... prova disso, é que retomamos a conversa sobre futebol!)

– Eu lembro quando, em 1986, nas quartas de final da Liga dos Campeões da Europa, o Porto jogou contra o Dínamo de Kiev. Nós acabamos perdendo.

Bêbado, perdi a oportunidade de questionar: “mas você não torce pro rival do Dínamo, o Shakhtar?”

Roman lembra de Lev Yashin. Diz que foi um dos melhores do mundo em sua época.

– Ele foi o melhor goleiro da história – afirmo, uma vez que isso é reconhecido por todas as autoridades futebolísticas.

– Eu não sou especialista, não posso afirmar que sim – aponta, modesto.

– Uma lenda.

– Assim como o Pelé, três vezes campeão do mundo. Ninguém conseguiu fazer a mesma coisa.

Diz que gosta do campeonato espanhol e sempre assiste Real Madri vs. Barcelona. Parece que os bombardeios de publicidade do futebol europeu estão surtindo efeito nesta região...

– A União Soviética foi campeã da Europa em 1988 – mais uma prova de que já estou em outro mundo, porque eu sei perfeitamente que o único título soviético foi em 1960.

– Ganhou a prata. Perdeu para a Holanda – me corrige.

– A seleção soviética era muito boa.

– A do Brasil era melhor – admite, mostrando que os russos não são apenas modestos mas também que sabem reconhecer a superioridade do Brasil no futebol, ao contrário de outros...

Roman continua demonstrando seus conhecimentos futebolísticos:

– Eu não me lembro qual foi o famoso jogador brasileiro que disse que “o adversário marca contra nós os golpes que consegue, mas nós marcamos os gols que são necessários” [foi Pelé, após amistoso em Moscou, em 1965 – NT]

– Bom, Roman...

— É melhor a gente ficar por aqui, porque amanhã eu terei um dia pesado. — Roman provavelmente voltará ao hospital para mais alguns exames.

— Quando você volta para o *front*?

— Dentro de três a cinco dias. Preciso fazer uma operação antes. Ouvi que o meu pessoal já está na linha de frente. Eu vou lutar em Lisichansk.

Nos despedimos de Roman, com quem combinamos de nos ver ao menos mais uma vez antes de ele partir. Voltamos tropegamente para o nosso quarto para fazer a única coisa que conseguiríamos após essa bebedeira: dormir.

Mas não passam quinze minutos e toca o telefone. Nossos amigos do Ministério das Relações Exteriores dizem que em meia hora passarão no hotel para nos levar a uma instalação do Ministério do Interior, onde receberemos nossas credenciais.

E lá vamos nós, bêbados, com Maria e Andrei, nossos jovens amigos da chancelaria.

Só havia mulher naquele recinto. A maioria delas estava fardada. Elas estão no trabalho administrativo, tanto da polícia como da milícia, enquanto os homens estão no *front*. Ficamos algumas horas no local, esperando a liberação dos nossos documentos. Não aguento e, na frente das oficiais, tiro um cochilo sentado na minha cadeira.

— ZzzzzZ...zZzzzzZ...zZzzzzZz...

Finalmente, já no início da noite, recebemos as tão aguardadas credenciais de jornalistas, que (em teoria) eram a nossa carta branca para trabalhar livremente em Lugansk.



**Papai**

— Aqui, em toda esta zona, todos que falarem sobre os nazistas não estarão se referindo ao Batalhão Azov, mas sim principalmente ao Batalhão Aidar. Aidar é o nome de uma localidade. Existe gente do Batalhão Azov aqui, mas poucos. Tem mais do Batalhão Aidar.

Andrea é um italiano meio *bad boy*, que fala alto, se impõe, gesticula, brinca e não tem muita paciência. Em resumo, igual a todos os italianos. Nos encontramos com ele próximo ao Khlebnoye Mesto. Ele nos levará de carro a Rubizhne. Na verdade, levará Gianni e nós iremos de agregados. O careca Gianni, por sua vez, é enviado especial do *Il Giornale* e visitara a Crimeia e Melitopol antes de ir para Donetsk, em março. Seguimos uma van da milícia, que leva ajuda humanitária aos moradores de Rubizhne, que acaba de ser liberada da ocupação ucraniana. Em seu pára-brisa traseiro, o código ГРУЗ 200, que identifica os furgões responsáveis por trazer os corpos das vítimas nas cidades recém-libertadas. Neste momento, a carroça integrada à van leva apenas uma lona que a cobre. Na volta de Rubizhne para Lugansk, voltaremos dentro desta van, junto aos milicianos. A carroça estará cheia de corpos logo atrás de nós.

— Vamos agora em direção à primeira cidadezinha liberada que encontramos. Chama-se Schastia. Ela é importante porque lá existe a central elétrica que gera energia para Lugansk. Em russo, a palavra “schastia” significa “felicidade” — leve ironia para uma cidade que, durante oito anos, esteve mergulhada na tristeza da guerra.

— Como se chama a cidade? — pergunta novamente Gianni.

— Schastia. Se quiser escrever... foi a primeira cidade liberada.

— Qual a distância para Rubizhne?

— São 86 quilômetros. Mas com postos de fiscalização. Uma merda de estrada.

— Qual o nome certo de Rubizhne? — aproveito para tirar uma dúvida.

— É Rubezhnoye. Não sei em italiano, mas em russo é Rubezhnoye e em ucraniano Rubizhne, porque o “o” se torna “i”. Foi conquistada em...

— Em 11 de maio — completa Gianni.

Passamos por uma ponte que continua interditada após um ataque a bomba ocorrido há um ano e meio.

— Tenho alguns amigos que combatiam naquele batalhão e eu os conheço. Faz muito tempo que eles... metade da cidade sempre esteve com eles, mas não conseguiam “limpar” a periferia, porque estavam... eu fiz um trabalho bastante...

Schastia foi liberada apenas quatro dias após o início da operação especial russa. Ela fica a 31 quilômetros de Lugansk. Não houve grande dificuldade para retomá-la. Os soldados da milícia popular trabalharam sozinhos na libertação da cidade.

— Os russos entraram pelo norte e, em seguida, uniram-se aos soldados da República de Lugansk. Vocês estão com os seus passaportes?

— Sim.

— E com os credenciamentos também?

— Sim.

Os dois italianos continuam conversando entre si.

— Não. Vamos ver. Se disserem que é... acho que sim, eles têm... Antes de chegar lá, vamos parar... até porque precisamos de um... esses não são militares, são amigos de amigos que...

Andrea tem várias tatuagens nas mãos. Começo a deduzir que ele saiu da Itália para se juntar à milícia e lutar contra os

ucranianos no início da guerra. É fluente em russo e vive em Lugansk há oito anos.

— Aqui começava a Ucrânia, antes da operação especial.

— Começava em Schastia?

— Sim. Schastia. Do ponto de vista administrativo, Schastia faz parte da cidade de Lugansk. Está dentro do município de Lugansk. Não é uma cidade separada, é um bairro de Lugansk.

Cruzamos a ponte sobre o rio Donets. Essa região representa 30% da produção de grãos do Donbass e nos campos vemos cataventos para a produção de energia eólica.

— Em quanto tempo você acha que a RPL será libertada?  
— perguntamos.

— Talvez em um mês ou um mês e meio. Porque, quando fecharem o cerco, eles vão ter de se retirar. Acredito que não travarão uma batalha como em Mariupol. Acho que vão se retirar. Mas de Slaviansk eles não vão se retirar. E vão ser bombardeados até o fim.

— Difícil?

— Daqui, na minha opinião, eles vão se retirar. De lá, não. Porque aqui não existe nenhuma possibilidade para eles. Se forem cercados, acabou para eles. Lá, já na República de Donetsk, talvez eles possam receber reforços por trás. Mas, de qualquer modo, não vão conseguir fechá-los por trás. Mas aqui, se ficarem cercados...

Começamos a nos aproximar de Dmytreevka.

— De fato, essas zonas são facilmente... ninguém vai ter problemas de ambientação... eles falam russo... os únicos descontentes talvez sejam aqueles que recebiam privilégios da velha administração. Não mudou nada. Em vez de vender as coisas em ucraniano, vão vender em russo. Há sempre mercado para o trigo e os outros produtos vendem... ou seja, as coisas permanecem como eram.

Andrea começa a explicar as diferenças no idioma de região para região dentro da Ucrânia. No leste, a maioria da população fala russo. No oeste, a maioria fala galiciano — da

antiga região polonesa da Galícia. No centro-norte, onde fica Kiev, falam uma mistura de russo com ucraniano.

— Do galiciano, não entendo nem uma palavra. É ucraniano misturado com polonês. Já as regiões ao norte de Lugansk, elas não falam russo. Falam surjik, uma mistura entre russo e ucraniano.

— O governo da Ucrânia está suprimindo o idioma russo, não?

— Sim, desde 2014. Esse foi o erro deles. Se não tivessem feito essa lei, provavelmente ninguém teria se revoltado. Puseram o ucraniano como língua oficial e proibiram o russo como língua oficial. O passo seguinte foi, nos anos posteriores, tirar o russo das escolas. E não foi só nas escolas. Nessa zona, isso é um problema. É como se você fosse obrigado a falar espanhol. E o nível de instrução diminuiu muito. O ucraniano é uma língua que precisa ser aprendida, pois não é a língua materna dessas pessoas. Se não tivessem proibido o russo em 2014, não teriam tido problemas. Esse foi o estopim que desencadeou tudo. No Donbass, os jovens sabiam falar, mas os velhos que vieram da Rússia não conheciam nada do idioma ucraniano. E quando é preciso ir a um órgão administrativo... imagine que antigamente havia o passaporte em russo-ucraniano. Mas esse foi um pedido dos galicianos, que, na prática, é aquele grupo que tomou o poder em Kiev. Embora Poroshenko e Zelensky não sejam da Galícia, os ucranianos ocidentais são, digamos, o braço armado desse novo... novo curso. São aqueles que controlavam o exército e, mais do que o exército, os batalhões paramilitares. São aqueles que controlavam a situação em campo. Se não tivessem proibido o russo, não teriam acontecido revoltas. Talvez tivesse acontecido alguma coisa, mas não na proporção em que está acontecendo.

Chegamos a Novoaidar, onde vemos prédios enormes destruídos pelos bombardeios. Na estrada, tanques e caminhões militares vão para um lado e outro.

— Esses são os russos?

— Sim. O exército russo.

Nosso carro passa em frente a uma igreja ortodoxa e Andrea se benze como um cristão ortodoxo, com três dedos juntos e tocando primeiro o ombro direito e depois o esquerdo.

— Assim como os russos colocam pessoas do Donbass em postos-chave para controlar os territórios tomados dos ucranianos, os galicianos fizeram o mesmo na Ucrânia: puseram galicianos como chefes de todas as administrações.

Paramos o carro para comer alguma coisa em uma lanchonete na beira da estrada. Há quase um comboio de carros junto conosco, todos com a missão de levar ajuda humanitária a Rubizhnoye. Eis que sai da “kombi” da milícia o nosso sempre surpreendente Ilya. Vemos um dos carros todo furado com buracos de balas.

— Você era combatente? — preciso confirmar essa dedução com Andrea.

— Sim, lutei em 2014. Mas eu não sou comunista.

— É o quê?

— Monarquista.

Então faz uma saudação reverenciando o presidente Putin, como se este fosse um novo czar.

— Vladimir Vladimirovich! — exclama, orgulhoso.

Continuamos na estrada e entramos em Staroborsk, cuja fachada de boas-vindas para quem está chegando à cidade está, neste exato momento, sendo pintada de azul e vermelho por cima do azul e amarelo da bandeira ucraniana. As construções da região estão completamente destruídas. Ela foi atingida pela artilharia ucraniana em março. Paramos em um hospital, onde trocamos de carro, pois o de Andrea é pequeno e velho demais para resistir ao caminho esburacado e perigoso que iremos trilhar para chegar ao nosso destino. Vestimos os coletes à prova de balas. Ilya me empresta o seu. Antes, o pessoal do Ministério das Relações Exteriores nos havia dito que ganharíamos coletes de imprensa. Esses são dos combatentes. Espero não cruzar com nenhum ucraniano, caso contrário...

Entro no carro de Anna Soroka, que coloca a mão na massa e separa os mantimentos a serem enviados para os habitantes de Rubizhnoye. Ela dirige, desviando a todo o momento de buracos e elevações na estrada causados por bombas — parece até que estamos naqueles brinquedos dos parques de diversão, de onde você sai zozzo e quase vomitando (e mesmo assim, a nossa motorista está sem o cinto de segurança, como uma verdadeira cidadã de Lugansk!). Em determinado momento, sai da via principal, passa por trás de árvores e arbustos e entra em uma via de terra, alternativa, no meio do mato, utilizada com o objetivo de se esconder da artilharia ucraniana. Cerca de uma semana antes, uma igreja foi atingida e o padre e um dos fiéis morreram. No horizonte, é possível ver sinais de mísseis. Ouvimos estrondos: são explosões de bombas. Ela diz que essa região ainda é perigosa para os civis, porque não há abrigos onde se esconder. Estamos a 45 quilômetros de Severodonetsk, onde os russos iniciam o cerco para tomá-la dos militares ucranianos.

— As pessoas morrem nas ruas e são enterradas lá mesmo — diz Anna. Ela abre as janelas do carro e me pergunta se consigo ouvir o barulho das bombas. O rádio toca *I'm Yours*, de Jason Mraz.

— Dinheiro é um grande problema para nós.

Dia sim, dia não, a vice-ministra das Relações Exteriores da RPL está na estrada transportando ajuda humanitária para os territórios liberados. Ela sempre foi uma antifascista. Antes de trabalhar no Ministério, ajudava o projeto do memorial das vítimas do genocídio. É uma pessoa comum que agora ocupa um alto cargo governamental. Todos os membros do governo da RPL são assim. Não há burocratas de carreira. Um governo da gente comum de ideias socialistas e antifascistas.

Paramos na cidade de Nova Astrakhan. Também leva consigo a marca da guerra. Um prédio dos correios não está mais em funcionamento, pois um mês atrás foi destruído pelos bombardeios. Do outro lado da rua, o hospital da cidade é

guardado por quatro soldados. Ele também está com o telhado, janelas e fachada destruídos. Dois funcionários do hospital e cinco pacientes morreram quando os Tochka-U caíram sobre o local. É possível ver os buracos das explosões no chão, e ao lado ainda estão os estilhaços dos foguetes.

Em Varvaravka, ao lado, entramos no terreno de uma igreja. Seus muros têm marcas de disparos, com grandes buracos. O chão está rachado. As casas na rua também foram alvo dos ataques de março e abril. Ao lado da igreja, uma escola infantil com as janelas quebradas e as paredes metralhadas. A igreja tem uma cozinha que fica do lado de fora. Nela, refugiados de Rubizhnoye comiam e descansavam quando uma bomba caiu sobre eles. A cozinha está totalmente destrocada. Ainda ouvimos o som das bombas caindo por perto.

Finalmente chegamos a Rubizhnoye, cidade que tinha 400 mil habitantes antes de ser reduzida pela guerra. Seus prédios demonstram claros sinais de deterioração devido à batalha. Vemos a bandeira soviética em postos de controle e em tanques que passeiam pela cidade. Nossa caravana para em frente a um conjunto habitacional. Os moradores se aglomeram e formam filas para receber a ajuda humanitária do governo. Com certeza há mais de uma centena de pessoas. Entre os milicianos que distribuem os produtos estão Vladimir, de 40 anos, e Yuri, de 19. São pai e filho. Vladimir tem servido no *front* há quatro anos e agora conta com a ajuda de seu herdeiro. Duas gerações, sangue do mesmo sangue, sacrificam esse sangue para salvar seus conterrâneos. Vladimir é uma inspiração para Yuri e Yuri é um orgulho para Vladimir.

Os porões deste edifício são usados como abrigo pelos 50 moradores. Mas já não há luz. Nem água. Nem gás. Eles têm de improvisar fogões à lenha. Tudo isso, em pleno inverno. Mesmo agora, já na primavera, ainda está frio. Todos estão de agasalho. Ou melhor, todas. Porque só existem mulheres aqui, basicamente. Os homens estão no campo de batalha. Poucos restaram e são menores de idade e idosos, em sua maioria.

Aqui, assim como em todo o Donbass, quem mais sofre é o setor mais frágil da sociedade: as mulheres, os idosos e as crianças. São as principais vítimas dos bombardeios e de suas consequências. São os que passam frio, fome e sede. Quando estou subindo as escadas do porão, no breu, uma velha senhora agarra o meu braço. Está toda encapotada, apoia-se em uma bengala e tem um gorro vermelho sobre a cabeça. Parece-se com um gnomo. Diz que é comunista e eu respondo que também sou. Ela e suas vizinhas começam a discutir.

— Uma conserva, uma lata de peixe... — reclama uma vizinha, igualmente velha.

— Como não dão nada? — rebate a velhinha de gorro vermelho. — Macarrão, arroz, trigo sarraceno...

— Eu não posso comer macarrão. Acalme-se!

A outra silencia e começa a prestar atenção em suas reclamações.

— Falam que estão dando 25 quilos, mas para uma pessoa poder viver... não dá para uma semana. Uma lata de carne, uma pequena conserva de peixe e arroz...

— Meio quilo! — protesta uma terceira vizinha. A de gorro vermelho apenas observa, segurando-se na bengala, com a cabeça meio abaixada e os olhos arregalados, esboçando uma leve feição de sarcasmo.

— Mas o arroz me deram só agora — continua a reclamona, após ser interrompida. — E antes haviam me dado roshki [um tipo de massa — NT]. Mas eu não posso comer massa, o meu açúcar sobe. E não estou culpando ninguém. Eu não sei, gente... Que seja alguma coisa! Nós estamos morrendo de fome, as pessoas estão morrendo de fome. Olhe para mim, eu pesava 95 kg!

— Qual magra o quê? — irrita-se a senhora de gorro, com seus dentes de prata. — Por que você está xingando? Não nos envergonhe!

Ela se aproxima de mim, puxa meu braço novamente e cochicha:

— É por causa dessas que eu passo fome. Eu estou pela Rússia. Somente pela Rússia. Eu estou comendo. Essas não acreditam. Elas nos insultam o tempo todo.

Há alguns soldados russos dentro do prédio. Vejo também um checheno, com o bordado da bandeira da república autônoma em seu boné.

Do lado de fora, há covas das vítimas dos bombardeios. Túmulos improvisados pelos próprios moradores. Buracos onde os mortos foram jogados e um pouco de terra os cobriu. Pequenas cruzes de madeira estão encravadas sobre a terra, algumas com plaquinhas de papelão onde se lê os nomes das vítimas. E pronto. Assim estão dois corpos enterrados à beira de uma rua, próximos àquele prédio. Vitaliy Vladimirovich Krekin (20 anos) e Dmitriy Ruslanovich Lemish (47) estavam andando pelas ruas de Rubizhnoye quando foram atacados pelo exército ucraniano em 26 de março. Receberam tiros nas costas e no peito. Os estilhaços dos mísseis permanecem no local. Eram civis, não militares. Um deles levava amarrado em seu braço um pano branco para identificá-lo diante dos militares russos que ele era um civil que não queria encrenca. Hoje, seus corpos estão sendo exumados pelos tripulantes daquela van para serem devidamente enterrados.

Me dirijo junto com Anna e Ilya a um hospital. Era o hospital central de Rubizhnoye.

— As bombas o atingiram por todos os lados — diz Ilya. — Os tanques ucranianos chegaram e bombardearam. Atingiram a farmácia e a maternidade, também.

Era um hospital muito bem arborizado, com jardins, banquinhos e uma área de descanso grande. Agora as árvores estão caídas, mortas no chão. O chão está rachado e furado. Ilya me mostra um projétil de 120 mm cravado no solo, que ainda não explodiu. Esse tipo de coisa se espalha por Rubizhnoye e por todas as cidades onde os ucranianos tiveram de evacuar. Os civis que ficaram ainda correm risco de vida por causa disso. Estão espalhados pelo chão os destroços dos projéteis.

— Todas as pessoas com problemas vinham para cá — conta Ilya, que me apresenta o diretor do hospital.

— Foram 45 dias de bombardeio ininterrupto a 300 metros daqui. Cem pessoas morreram — denuncia o responsável.

Deixamos o hospital e cruzamos a cidade. Passamos por novas áreas residenciais, onde os moradores penduraram placas nas janelas de seus apartamentos. Elas dizem “Há crianças, mulheres e idosos aqui. Não atire!”.

Mas os ucranianos atiraram.

Hospitais. Escolas. Prédios. Casas. Padarias. Farmácias. Ginásios esportivos. A sede da companhia de trem. Árvores. Carros. Não foi deixada pedra sobre pedra. Nunca vi nada parecido com isso na minha vida. Neste ponto, entramos nos bairros residenciais da periferia da cidade, onde as pessoas moram em casas, não em prédios. A destruição continua, ela não acaba. Passamos alguns minutos mais dentro do carro, nos deslocando, e tudo está em ruínas. Encontramos na rua uma mulher com seus quatro filhos, sentada na calçada, com um cachorro os cheirando. Recebem algumas maçãs verdes, batatas e leite em pó. Entram no nosso carro e os levamos para sua casa.

Katya tem 34 anos. Seus filhos são Diana, de oito, Kiril, de seis, Sofia, de dois, e Tatiana, de um aninho. O agasalho de Sofia está todo sujo no peito, assim como seu rosto e suas mãos. Ela e Tatiana são as crianças mais lindas que já vi. Cabelos loiros, pele quase rosa, braços rechonchudos, bochechas cheias e lábios vermelhos.

Mas onde está seu pai?

— Mataram o meu marido às 9 horas da manhã do dia 13 de março. Caminhávamos juntos. Eu fui atingida por fragmentos de morteiro. Veja... — Katya me mostra as marcas na garganta e no braço esquerdo, enquanto segura Tatiana no colo. Diz que também foi atingida na perna. Estavam voltando do mercado. Chamava-se Andrei. Tinha 42 anos.

— Ele morreu na entrada do prédio.

Os vizinhos ucranianos que moravam no mesmo prédio de Katya jogaram o cadáver de Andrei fora.

— Durante duas semanas ninguém pôde enterrá-lo. Os soldados não deram bola.

— Ucranianos?

— Ah, eles eram da milícia de Lugansk. Mas eu não os culpo. Estavam ocorrendo bombardeios naquele momento — conta a mãe, enquanto coloca Tatiana no chão. Ela se aproxima de Sofia e tenta pegar a sua maçã. A irmã rejeita a investida, levanta e as duas olham para mim, sorrindo.

— As crianças passaram pelo corpo do pai. Eu cobri os seus olhos. Nos tiraram dali e nos ajudaram, mas com má vontade. — Enquanto isso, Tatiana faz uma nova tentativa de roubo da maçã, mas Sofia se esquiva mais uma vez e dá uma mordida. A menor perde a paciência e agarra a mais velha, ameaçando um choro.

A mãe me convida para entrar na sala de casa. É uma casa térrea de um bom tamanho, começando com um corredor na entrada, ao lado do portão um espaço para manter os cachorros presos, a porta da sala no final do corredor, cozinha, quartos e banheiro, todos relativamente espaçosos.

— Os soldados de Lugansk me deram esta casa. Tem uma cama ali, vamos ter de consertar tudo. Estou limpando isso tudo. Água, só lá fora.

Diana passa pela sala. A mãe pede para que ela também dê um depoimento.

— Fala. Vem cá. Não quer falar...

Ela tem um forte sotaque interiorano.

— Eu cozinho na fogueira. Os vizinhos ajudam. Ninguém liga para nós. “Se virem! Peçam comida!”. Eu não vou pedir nada, nunca. Melhor pedir para vocês...

Tem cabelos negros até os ombros. Sua pele é muito branca. Possui uma fina pelugem no bigode e olhos azuis.

— Não filme mais, se não eu vou chorar.

Saio de volta ao corredor. Vejo Tatiana sentada no chão e Sofia caminha até ela. Parece entregar-lhe um pedaço de sua maçã. Anna e Ilya estão depositando a ajuda humanitária para a família de Katya. Conto oito galões de água com seis litros em cada um, chocolate, macarrão, açúcar, arroz, carne, peixe, feijão enlatado, suco, bolacha, fraldas, sapatos, roupa e remédios. Ilya me diz que isso é distribuído até uma vez por semana em cada casa.

Vou para a rua a fim de apreciar, horrorizado, a destruição. Do local onde estamos, são cerca de dez quilômetros para Severodonetsk, ao sul, onde a guerra ainda está a todo o vapor. Ou a todo o pavor. A partir da nossa região, a artilharia russa operada pelos milicianos de Lugansk dispara mísseis contra as posições ucranianas. Posso ouvir o som violento dos disparos. De algum modo, esse som é amplificado em minha cabeça e o barulho se torna insuportável quando vejo aquelas casas destruídas, em pedaços, esburacadas, metralhadas, bombardeadas, os entulhos caindo. Posso ouvir o barulho dos projéteis ucranianos cruzando o céu e explodindo sobre a cabeça daquelas pessoas inocentes que morreram exatamente aqui há poucas semanas.

— Cabum!

As portas de uma casa estão furadas de balas. Posso ouvir os gritos das idosas implorando para os soldados não atirarem e rezando a Deus por suas vidas e as dos seus netos.

— Santo Deus, Santo Poderoso, Santo Imortal. Tem piedade de nós.

Uma espiral de selvageria. Uma onda de insanidade. De delírio. De demência. Nada faz sentido. Ouço as crianças e bebês chorando desesperados. *Vejo um recém-nascido cercado por lobos selvagens.*

— Buááááá!

— Mama! Mama!

— Santo Deus, Santo Poderoso, Santo Imortal. Tem piedade de nós.

*Vejo um galho negro pingando sangue. Vejo um quarto cheio de homens com seus martelos sangrando.*

— Entre, *batiuchka*.

— Cale a boca!

— Santo Deus, Santo Poderoso, Santo Imortal. Tem piedade de nós.

*Vejo uma escada branca toda coberta de água. Vejo dez mil oradores cujas línguas estão cortadas. Vejo armas e espadas afiadas nos pescoços de crianças.*

— Senhor, tem piedade.

— Te divertes em atormentá-la.

Consigo escutar a batida de seus corações. Estão disparados. Apuro ainda mais a audição para escutar a batida do coração dos soldados.

Mas não consigo ouvir nada.

— Senhor, tem piedade.

— Plow!

Do outro lado da rua, há uma base de soldados russos. Já estou relativamente longe da casa de Katya. A destruição não cessa.

— Senhor, tem piedade.

— Eu disse a eles para virem no domingo, e até lá não incomodá-lo ou se incomodar por nada.

— Clash!

Ilya me dirá depois que cerca de dois mil civis morreram em Rubizhnoye. Em sua retirada da cidade, o exército ucraniano continuou disparando contra eles. No dia 24 de julho, a artilharia ucraniana voltará a bombardear a cidade, matando quatro civis.

— Perdoai-nos as nossas ofensas, assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido.

*Ouçõ mil socorristas cujas mãos estão em brasa. Ouçõ dez mil sussurrando e ninguém os ouvindo. Ouçõ uma pessoa morrer de fome, e ouçõ muitas pessoas rindo. Ouçõ a canção de um poeta que morreu numa sarjeta. Ouçõ o som de um palhaço que chorava no beco. Uma dor aguda ataca o meu ouvido direito.*

— Meu bom senhor, lembre-se de um pobre órfão!

— Dá-me um sono calmo e pacífico, envia-me o anjo da guarda para me proteger e amparar contra todo o mal.

— Trátrátrátrátrátrá!

E foi uma forte, uma forte, uma forte, uma forte, uma forte chuva de bombas e balas e sangue e lágrimas a que caiu aqui.

Ilya vem me procurar e me dá uma bronca.

— Eu preciso ficar de olho em você. Aqui é perigoso, pode ser bombardeado.

Na volta para a casa de Katya, encontro Tatiana sozinha no cruzamento de sua rua. A criança de um aninho parece pensativa. No que estará pensando? Ela não expressa nada. Papai foi para o céu. É uma filha da guerra. Ou melhor, uma filha do genocídio. Parece perdida e não sabe para onde ir. Qual destino a espera? Eu me aproximo. Ela olha para mim, sem nenhuma expressão. Ao fundo, as casas vizinhas destruídas. Aponto a câmera e tiro uma foto sua que, como todas as fotos, não é capaz de refletir aquele momento. Logo em seguida, Tatiana se vira e olha o horizonte, em direção a Severodonetsk. Em direção à guerra.

Roman, Andrea e os soldados no Chelsea são amostras da realidade da mobilização das forças do Donbass e da operação russa. Dentro de algumas semanas, Tatiana Vladimirskaia, do grupo Grenada e do Comitê Russo de Cooperação com a América Latina, dirá as seguintes palavras:

— A Rússia está ajudando Donetsk e Lugansk a levantar a bandeira vermelha e a força mais importante que está levando ajuda humanitária russa ao Donbass é a parte que quer levantar a bandeira vermelha. No Donbass, as pessoas querem e estão levantando a bandeira vermelha. A maioria dos militares russos que estão lá não é comunista, mas antifascista. Na Europa, o fascismo se levantou e isso fez com que as diferentes forças políticas e ideológicas da Rússia se unissem contra isso e a RPD e a RPL estão na frente de batalha contra o fascismo e o imperialismo.

Sim, vemos na Rússia aquilo que muito bem pode ser uma tendência no conjunto dos países oprimidos: uma união nacional de diversos setores da sociedade contra o imperialismo. Pessoas tanto de esquerda como autoproclamadas de direita. Há um setor na Rússia que é conservador nos costumes, contra muitos dos direitos individuais, religioso e até mesmo ideologicamente anticomunista. Mas mesmo nesse setor há uma defesa da União Soviética, como entre os membros do Movimento de Libertação Nacional e os seguidores do filósofo Alexander Dugin. Em comum, a luta fundamental da nossa época: aquela contra a dominação imperialista, resultado da

principal contradição do regime capitalista em sua “fase superior”, como disse Lênin, a contradição entre os países de capitalismo atrasado, oprimidos, e os países de capitalismo desenvolvido, opressores. Esse tipo de movimento já foi visto em outros momentos, como na Revolução Cubana, por exemplo, tanto é que ela não foi liderada pelos comunistas e, corroborando a tese trotskista da revolução permanente, começou como uma revolução de libertação nacional para depois ser declarada como revolução socialista. Mas mesmo nos países desenvolvidos estamos vendo um movimento semelhante, de amplos setores sociais com as mais diferentes ideologias se rebelando contra o “sistema”.

Desde 2014, esse movimento é visto no Donbass. A influência dos monarquistas é notória nos símbolos das repúblicas populares de Donetsk e Lugansk, com a águia de duas cabeças. Quando a revolta armada estourou, oito anos atrás, muitos monarquistas russos, ucranianos e de outras nações se voluntariaram para combater ao lado daquele povo, como foi o caso de Andrea. Ao mesmo tempo, adotou-se o nome oficial de “República Popular” para esses dois Estados, uma clara influência comunista. E, o mais importante: a economia foi fundamentalmente nacionalizada e o Estado colocado sob o controle popular. Sobre isso, Lênin escreveu que

*Porque pensar que a revolução social é concebível sem insurreições das nações pequenas nas colônias e na Europa, sem explosões revolucionárias de uma parte da pequena burguesia, com todos os seus preconceitos, sem o movimento das massas proletárias e semiproletárias inconscientes (...) pensar assim significa abdicar da revolução social. Em um local se pensa, pelo visto, em formar um exército e se diz: “Vamos pelo socialismo”; em outro local, forma-se outro exército e se proclama: “Vamos pelo imperialismo” e isso será a revolução social! (...) Quem espera a revolução social “pura” jamais a verá. Será um revolucionário apenas pelas palavras, que não compreende a verdadeira revolução. A revolução russa de 1905 foi*

*democrático-burguesa. Contou com uma série de batalhas de todas as classes, grupos e elementos descontentes da população. Entre eles, havia massas com os preconceitos mais selvagens, com os objetivos de luta mais confusos e fantásticos; havia grupinhos que pegaram dinheiro japonês, havia especuladores e aventureiros, etc. (...) A revolução socialista na Europa não pode ser outra coisa senão uma explosão da luta de massas de todos e cada um dos oprimidos e descontentes. Nela, participarão inevitavelmente partes da pequena burguesia e dos operários atrasados — sem essa participação não é possível uma luta de massas, não é possível nenhuma revolução —, que contribuirão com o movimento, também de modo inevitável, seus preconceitos, suas fantasias reacionárias, suas debilidades e seus erros.*

Neste momento, algumas estimativas dão conta de que há entre oito e 15 mil soldados ucranianos na região de Severodonetsk. Os militares têm colocado famílias em cativeiro, ao lado de minas e munições, nos arredores da cidade. Ontem, as forças armadas da Ucrânia estavam defendendo as suas imediações, mas hoje já tiveram de recuar para dentro da cidade. Mais uma vez, utilizam prédios residenciais para se esconder dos bombardeios russos e transformam civis em escudos humanos. O exército russo adotou uma nova tática, chamada de caldeirão, dividindo as forças ucranianas para facilitar o seu cerco, captura e rendição. Serguei Shoigu, ministro da Defesa de Vladimir Putin, disse que a República Popular de Lugansk está próxima de ser totalmente liberada.

A dor no ouvido torna-se cada vez mais aguda. Tento dormir de noite, mas é impossível. Tomo coragem e, no meio da noite, saio do quarto, atravesso o corredor muito mal iluminado, desço as escadas, escuras como breu. Sinto que estou sendo vigiado e perseguido pela boneca assassina, com seu vestido colorido e seu olhar penetrante. Não vou até o saguão para conferir se ela não está em seu lugar. Entro na sala da

recepcionista e explico a ela a minha situação. Me dá um remédio para pingar no ouvido, e um algodão.

— Isso irá curá-lo.

Consigo dormir, finalmente. A dor diminuiu. Mas, no dia seguinte, ela volta. E, por dois ou três dias, mergulho madrugada adentro, acompanhado daquela dor incessante, que não me deixava em paz por um minuto sequer. Posteriormente, ouvirei de uns três amigos meus que leram a respeito do meu problema que essa dor é a mais forte que um ser humano pode sentir. A verdade é que, em mais de uma ocasião, eu queria ter nas minhas mãos uma estaca para poder martelá-la até o fundo do meu ouvido, como se isso fosse parar a dor.

Começo a ter a impressão de que minha orelha direita, de uma hora para outra, havia ficado dormente. Eis que, na madrugada de sábado para domingo, dois dias após a viagem a Rubizhnoye, eu percebo que a metade direita do meu rosto parou de se mexer. De manhã cedo, aviso a Rafael e vamos correndo ao hospital, acompanhados de Ilya, que servirá como nosso intérprete para os médicos. Entramos no hospital municipal, do outro lado da rua do nosso hotel. Ele não funciona neste dia para este tipo de caso. Vamos ao hospital ao lado, do governo estadual. É que se trata de um complexo de prédios de saúde naquela região da entrada da cidade de Lugansk. Onde são tratados os soldados feridos, como os dois Roman. O hospital está vazio. Dentro dele, apenas os funcionários e um ou outro soldado como paciente. Os equipamentos são antigos. Mas qualquer cidadão — inclusive um estrangeiro sem nenhum tipo de documento local, como eu — tem o direito de ser atendido gratuitamente. São feitos exames em meu ouvido e muita cera é retirada de dentro dele. O diagnóstico, ao qual chegamos também após uma investigação própria, é que o nervo trigêmeo do lado direito do rosto foi infeccionado a partir da friagem à qual me expus em Rostov e Lugansk. Ele inflamou e paralisou, congelando toda a estrutura nervosa de metade do meu rosto, pela qual ele é responsável. Uma das médicas, chamada Daria,

uma loira bonitinha, começa a dar em cima de mim. Tomo uma injeção e na farmácia do hospital compramos os remédios prescritos pelos médicos e um bocado de seringas. Deverei tomar quatro injeções por dia, totalizando 60 aplicações, em duas semanas. Todas elas no meu bumbum — as duas últimas, já em Moscou, eu mesmo tive de aplicá-las (e nem doeu, indicando que sou literalmente um bunda mole!).

Perdi a conta de quantos remédios tomei diariamente. O total deve ter girado em torno de 200 em umas três semanas.

As três aplicações da manhã serão feitas na clínica Biolain, perto do centro de Lugansk. Andrei me leva lá no primeiro dia, conversa com as funcionárias e no final me diz:

— Pode vir aqui todos os dias.

— Essa é uma clínica pública?

— Não, é privada. Mas os filiados e amigos da Federação Sindical não pagam.

A injeção da noite não podia ser aplicada na clínica porque ela fechava cedo. Alguém teria de ir ao hotel aplicá-la. E essa pessoa foi, ninguém mais ninguém menos, do que o próprio Andrei. Isso mesmo, o Coisa! Quando ele tocou a campainha e eu abri a porta, me curei na hora, como num passe de mágica! Não precisava mais enfiar aquela agulha na minha bunda! Um milagre aconteceu!

— Nada disso — tratou de responder Andrei, já inserindo o remédio na ampola. Não consegui escapar. Ele tem experiência no ramo. Foi médico do Exército Vermelho quando serviu na Hungria entre 1985 e 1989. Após isso, estudou para ser professor de russo em língua inglesa e se formou na Universidade de Línguas Estrangeiras de Donetsk.

— Na época de Gorbatchov, pensava-se que o mundo inteiro falaria russo — diz, brincalhão, enquanto enfia a agulha. Depois, ainda se formou em Economia, também em Donetsk.

Eu preferia que fosse a Daria que viesse aplicar as injeções...

— Eu te entendo — me consola Andrei. — Eu também iria querer uma garota, se estivesse no seu lugar. Vou tentar enviar uma bela moça da próxima vez.

A partir do momento em que fiquei doente, não pude mais escrever matérias nem gravar os boletins diários, como havia feito até então. Mas consegui acompanhar Rafael nas entrevistas, na visita à mina de carvão e a Popasnaya.

Andrei conhece todo o mundo da cidade e parece até o homem mais popular de Lugansk (certamente é o mais carismático). Alguns dias depois, ele nos leva ao hospital de Novosvetlovka, cidade onde havíamos passado quando atravessamos a fronteira da Rússia para a RPL. Somos recebidos por seu amigo, Roman Fedorovich, diretor do hospital. Ele me dará novas orientações sobre o tratamento da paralisia facial.

Novosvetlovka ficou sob o controle das forças ucranianas ainda no começo da guerra, durante três semanas de agosto de 2014. Não se sabe ao certo quantas pessoas morreram e ainda há muitos desaparecidos. Vemos de novo o pedestal que sobrou da antiga estátua de Lênin, derrubada pelo Batalhão Aidar, ao lado da igreja onde 50 civis foram detidos — a maioria idosos. O Aidar os trancou e começou a atirar a partir de fora da igreja. A sorte era que as paredes eram muito resistentes. Não parece ter sido um ataque com o objetivo de executar as vítimas. Parece mais algo sádico, por puro divertimento em aterrorizar inocentes. O Aidar foi o principal grupo de combate ucraniano naqueles dias na RPL. Andrei me diz que, em 2016, conversou com uma pessoa muito idosa, que sobreviveu à ocupação nazista em 1942, e que lhe disse que os ucranianos de agora são piores do que os alemães de então. O aeroporto ficava ali próximo a Novosvetlovka. Dois mil soldados do exército ucraniano o haviam ocupado. A milícia teve de bombardeá-lo e destruí-lo. Segundo Andrei, os milicianos mataram ao menos metade dos soldados que estavam ali dentro. Conseguiram retomá-lo em

seguida. Oito anos depois, não há sequer previsão de quando ele começará a ser reconstruído.

Roman nos mostra como, até hoje, há várias partes do hospital que estão danificadas. Mas não por bombardeios ucranianos, e sim pelos ataques das próprias forças armadas de Lugansk. Isso porque ele também estava sob o controle dos ucranianos naquele mês de agosto. Os ocupantes impediam os funcionários e pacientes de fugirem. Foram utilizados como escudos humanos. Conseguiram se abrigar no subsolo e escapar dos disparos. Felizmente, nenhuma pessoa morreu.

No começo da guerra, apenas os russos voluntários estavam ajudando a resistência da RPL. Com a operação especial, o governo russo decidiu enviar os militares profissionais. — Para nos salvar — comemora Andrei.

— Quando a RPL será completamente liberada?

— Acho que em algumas semanas. Quem sabe, em duas semanas.

O principal armamento utilizado pelas forças armadas da Ucrânia na guerra tem sido o míssil Tochka-U. Andrei me explica que ele mede seis metros de comprimento e sua ponta, quando explode, espalha os estilhaços que acabaram matando civis em todas as partes do Donbass. É o míssil mais utilizado pelos ucranianos. A Rússia já não os utiliza mais porque está ultrapassado para os padrões de suas forças armadas. O Iskander, por exemplo, é mais moderno. A milícia de Lugansk também não o utiliza. Mas o equipamento que ela recebe da Rússia também não é de última geração, porque seus homens precisariam de treinamento e capacitação especiais para poderem manejá-los.

Quando retornamos a Moscou, uns quinze dias depois, visitamos um outro hospital. No Hospital Militar de Sergiev Posad, cidade ao norte da região metropolitana de Moscou, a 70 quilômetros da capital, nos encontramos com um herói brasileiro.

Ele tem um sotaque russo carregado, pois praticamente não fala português há oito anos. Somos alguns dos poucos

brasileiros que vê pessoalmente em todo esse período. Seus pais moram em sua cidade natal, Presidente Prudente, interior de São Paulo, têm orgulho de seu filho e sabem que está lutando por uma boa causa. Não tem esposa nem filhos e é o filho do meio com dois irmãos. Está com 34 anos e desde criança tinha o objetivo de ser um militar de carreira e lutar em uma guerra.

“Magayver” Rodolfo é tenente da Milícia Popular de Donetsk há sete anos. Está apto a comandar até mesmo um grupo de 100 pessoas em uma operação (94 soldados e seis sargentos e oficiais) como comandante de companhia. Tem uma série de condecorações, dadas pelas autoridades de Donetsk, de Lugansk e também pelos cossacos, por exemplo. Nesses oito anos, sempre trabalhou na defesa do Donbass, seja no *front* ou seja mais recuado no combate antiterrorista na polícia de operações especiais. Sua especialidade é em combates urbanos. Lutou nas duas repúblicas populares.

Esta é a sexta vez que é ferido na guerra. Nos mostra os últimos ferimentos. Os projéteis penetraram as costas e a perna esquerda, entrando por um lado e saindo por outro. Teve muita sorte de não ser atingido em nenhum órgão vital. Estava em uma missão de reconhecimento, por isso não usava capacete nem colete à prova de balas.

Ele explica que em uma guerra, infelizmente, se você não atirar e matar o seu inimigo, ele pode te matar. É uma questão de sobrevivência. Logicamente, se não há verdadeira necessidade de eliminar o inimigo, pois ele não representa risco à vida, o correto é fazê-lo prisioneiro. Quando foi ferido desta última vez, em uma floresta na divisa da RPL com a Carcóvia, ordenou aos seus companheiros deixarem-no sozinho e irem buscar acesso à comunicação. Ficou três horas ali parado, protegido, trocando tiros com cerca de 15 soldados ucranianos. Acredita ter acertado pelo menos cinco, pois todos tiveram de se mobilizar para socorrer os atingidos. Caído, com projéteis dentro de suas costas e pernas, sem poder se mexer, segurou suas

posições contra 15 ucranianos, e os venceu. Seus companheiros conseguiram voltar e resgatá-lo.

— Quando meus companheiros estavam saindo, vi que estava todo sujo de sangue.

— Você não sentiu?

— Não senti nada. Acredito que já fazia uns vinte minutos que eu havia sido ferido. Primeiro, eu vi bastante sangue na perna. Depois, olhei melhor e vi que tinha perfuração nas costas e no abdômen. Fiz os meus primeiros-socorros enquanto eles iam buscar o sinal de rádio. Finalmente voltaram e o helicóptero me evacuou para Iziurm e depois para a Rússia. Peguei um avião de paraquedistas onde havia umas 250 pessoas, gente amputada, gente que não aguentava nem se mexer direito. Contra nós, foram disparados tiros, estilhaços, morteiros, granadas, um lançador automático de granadas chamado AGS, mísseis Uragan. Na hora eu não senti dor, mas depois de um tempo começou a queimar. Isso ocorreu no dia 10 de maio.

Há bombas que caem dos aviões ucranianos cujos estilhaços chegam a uma velocidade de 1.500 metros por segundo. Podem ser fatais.

Chegou a Donetsk em setembro de 2014. Via as notícias e resolveu defender o povo do Donbass: vendeu sua moto, comprou as passagens para Moscou e lá conheceu voluntários franceses com quem se juntou para se alistar na milícia popular. Não falava nada de russo e em seis meses já conseguia se virar. Hoje, é fluente, e aprendeu graças à convivência no *front*. É cidadão da República Popular de Donetsk e está em busca da cidadania russa.

— Eu já me acostumei com o ritmo da guerra. Durante esses oito anos, os ataques da artilharia ucraniana foram constantes, tanto na frente de combate como nas áreas civis. A Ucrânia não respeita os Acordos de Minsk, sempre ataca regiões civis. Na semana passada, mesmo, a casa de um amigo foi atingida por mísseis Grad. As escolas, o mercado, foram todos atacados. Não há militares nessa região, ela está bem longe do

*front*. Ali só tem civis, aposentados, mulheres, crianças. Eu não entendo.

Com o início da participação russa na guerra, em 24 de fevereiro, Rodolfo integrou as forças que utilizam o V como símbolo, pois faz parte do comando do leste (embora geograficamente esteja no oeste, e não na direção de Vladivostok). A letra O é usada pelo comando da Rússia central e o Z pelo comando ocidental. Ele entrou na Ucrânia a partir da Bielorrússia e se dirigiu a Kiev, mas os russos deram a ordem de não avançar para a capital.

— Seria bacana se a gente fosse tomar Kiev de vez.

O objetivo da Rússia nunca foi conquistar Kiev. As tropas ficaram na periferia e recuaram.

— A operação especial significou um grande reforço para o Donbass. Durante oito anos buscou-se um acordo de paz com a Ucrânia mas ela nunca respeitou. Em Donetsk e Lugansk sempre houve altas penalidades para os militares que abrissem fogo contra o lado ucraniano: perdiam a farda, eram desligados do exército, podiam ir presos, receber multa. Agora, do lado contrário, todo dia tinha violação do acordo de paz. Eles não estavam nem aí. Essa operação de desmilitarização era necessária para a segurança dos povos de Donetsk e Lugansk. O presidente ucraniano é uma marionete, ele não manda nada. Se tivesse amor à população ucraniana, antes mesmo de começar a operação ele já teria negociado. Muitos ucranianos têm se rendido, enxergaram que essa guerra não faz sentido e que eles não irão morrer por causa de um presidente. Só espero que a guerra acabe logo e que tanto os ucranianos como o povo do Donbass possam viver em paz.

— Você se deparou com armadilhas, minas e coisas deixadas para trás pelos ucranianos?

— Sim, eles fazem muito isso. Tanto em região de mata como nas cidades. Eles também colocam explosivos nos corpos dos próprios companheiros que eles abandonaram. Então, os membros das organizações que fazem a retirada do corpo para

enviar para o lado ucraniano acabam sendo vítimas dessas explosões.

— Os ucranianos cometem muitos crimes de guerra?

— Sim, muitos. Os ataques ao centro de Donetsk — uma região civil, sem militares — são um exemplo. As torturas e assassinatos de prisioneiros também são crimes de guerra. Não é de hoje, esses crimes são cometidos desde 2014.

Logo após a gravação da entrevista, Rodolfo desabafa:

— Rapaz, esse último combate foi muito pesado. Os ucranianos realizaram ataques aleatórios em regiões civis e militares. Quando você percebe que alguém próximo já se feriu, você se vê em uma situação muito complicada.

— Você sente como se estivesse na mira do inimigo?

— Sim, praticamente.

— A RPD estava bem armada para o conflito, quando ele começou?

— O nosso armamento era antigo, fabricado na época soviética. Os armamentos que utilizávamos antes da operação especial eram os troféus que capturávamos da Ucrânia ou os que buscávamos em galpões.

— Antes da operação a Rússia não enviava armamentos?

— Nunca vi, eram sempre armas antigas que já estavam em nosso território desde a época soviética.

“Magayver”, o homem que consegue resolver até mesmo os problemas que parecem impossíveis para os demais, compreende a sua importância na frente de batalha.

— Não vejo a hora de receber alta para voltar e ajudar meus companheiros.

— Então você quer voltar para o *front*?

— Eu não tenho escolha, né? Eu sou um militar, recebo ordens. Após a recuperação, com certeza.

— Mas você está com disposição para voltar?

— Sim, tenho o meu grupo, o pessoal ficou bem preocupado. Se o líder do grupo se afasta, o moral do grupo diminui. Quando o líder volta de cabeça erguida e motivado, o

moral já levanta novamente. Então, logo logo estou de volta ao trabalho.

Rodolfo pediu formalmente ao hospital militar para que recebesse alta, e foi atendido quatro dias depois do nosso primeiro encontro. No dia seguinte, o encontro no estabelecimento do Vkusno & tochka — novo nome do McDonald's nacionalizado — na rua Tretyakovskaya, centro de Moscou. A comida é a mesma, o gosto é o mesmo, o tamanho ínfimo do lanche é o mesmo. Rodolfo está vestido com as roupas disponibilizadas pelo hospital: dois casacos militares, calça, um tênis e na sua mala enorme leva um par de botas. Só pôde passar uma noite no hostel que encontrou, próximo à Arbatskaya, porque estava sem os documentos — um amigo brasileiro os traria no mesmo final de semana para dar entrada ao passaporte russo.

Ali, e depois andando pelo centro de Moscou, conversamos bastante sobre os oito anos em que lutou na guerra. Rodolfo perdeu a conta das inúmeras cidades que ajudou a libertar desde 2014 e travou batalhas contra os mais temidos grupos nazistas ucranianos: Batalhão Azov, Batalhão Aidar e Pravy Sektor.

— Tem muitos nazistas nas forças ucranianas. É fácil até encontrar os prisioneiros com tatuagens nazistas, com insígnias fascistas nos uniformes. As pessoas não acreditam. Quando se fala que tem muitos nazistas do lado ucraniano, o pessoal acha “ah, são nacionalistas, não tem nazismo”. Tem, cara! E muito.

Neste mesmo dia, o bairro onde Rodolfo vive sofreu um ataque de mísseis ucranianos. Sua casa por pouco não foi atingida. Cinco pessoas morreram.

— Donetsk sempre esteve sob bombardeio ucraniano, mas nos últimos meses isso se intensificou muito. O exército ucraniano dispara indiscriminadamente, sem se preocupar se vai atingir civis. Na verdade, atualmente os alvos atingidos são sempre civis, nunca em áreas onde exista alguma instalação militar. É algo deliberado.

— Mas o sistema antimísseis não bloqueia esses ataques?  
— É impossível bloquear todos, chegam a ser centenas por dia.

— Qual é o tratamento que os soldados ucranianos destinam aos civis nas regiões que eles dominam?

— Eles se infiltram no meio dos civis e os utilizam como escudos humanos. Então não podemos utilizar a artilharia, temos de tomar muito cuidado. Isso porque a nossa principal função é desmilitarizar a região. Aquelas pessoas não querem fazer parte da Ucrânia. Já foi feito um referendo, mas a Ucrânia não aceita. Se você for a Donetsk e perguntar se eles querem fazer parte da Ucrânia, todos dirão que não. Os ucranianos bombardeiam a região. Quantas crianças não foram mortas? Mais de 130 antes dessa operação especial. Perdi muitos amigos nestes anos, pessoas que morreram no caminho do trabalho. Cai uma bomba, cai um míssil no automóvel ou na casa. Se o exército ucraniano não usasse os civis de escudos humanos ou não posicionasse a artilharia junto aos civis, ficaria bem mais fácil para nós.

Contra os soldados, as forças armadas ucranianas também fazem jogo sujo. Atiram para matar quando um inimigo está indo fazer suas necessidades, por exemplo, me diz Rodolfo. Matam quando não precisam matar, como se fosse uma brincadeira sádica.

— Vocês tratam bem os prisioneiros?

— Sim, não temos permissão para fazer nada de mal contra eles. Se eles se rendem, nós capturamos o armamento, fazemos uma revista e os enviamos para os órgãos competentes.

Não resisto e pergunto se faz ideia de quantos inimigos ele eliminou.

— É impossível saber. Quando você vê uma movimentação, você atira. Pode acertar uma, duas, três pessoas, ou pode acertar ninguém. Pode apenas ferir ou pode matar. Mas cinquenta é certeza.

Mesmo nas missões de inteligência, diz que é comum carregar 30 quilos nas costas (munições, armas, equipamentos, kit de primeiros socorros, alimentos, roupas etc.). Em uma de suas missões, passou o dia inteiro andando sem parar com 20 quilos sobre si.

— Em uma situação de adrenalina, parece que você se torna o Super-Homem. Não sente a dor, corre mais rápido, seus músculos fazem mais força. Faz coisas sobre-humanas.

— Houve alguma vez que você chorou?

Dá uma pausa. Respira. Vira os olhos para mim a meia velocidade.

— Tem que manter a frieza. Os seus homens não podem baixar o moral. Eles não podem ver o líder fragilizado, ele não pode dar sinais de fraqueza.

De repente me cai a ficha de que “Magayver” Rodolo é humano, quando diz que não aguentava mais comer peixe enlatado. Às vezes passava um dia inteiro trocando tiros e recebia uma lata de sardinha ou atum.

— Eu não aguentava mais o cheiro — brinca.

Mas é melhor isso do que passar fome. E isso aconteceu inúmeras vezes. No Dia da Vitória, véspera de seu ferimento que o levou ao hospital, não comeu nada. Somente no dia seguinte teve acesso a um pedaço de pão.

Contudo, nem só de sofrimentos vive um herói. A fama, mesmo que limitada, de um homem que largou tudo para ir lutar em uma guerra do outro lado do mundo lhe rendeu o desejo de algumas mulheres. Inclusive o de uma ex-namorada, que, ao saber que estava ferido, procurou-lhe nas redes sociais para dizer que, mesmo agora sendo esposa de um outro homem, gostaria de ter um caso com ele.

Em um determinado momento, Rodolfo começa a cantar uma música russa, com o vozeirão gravíssimo de um típico locutor da Rússia. Me diz que sabe cantar várias canções russas. Nos momentos em que está fora dos combates, entre os civis, muitas vezes se sente como um “bicho do mato” e lhe ataca

uma leve paranóia que o faz desconfiar de qualquer um que olhe para ele.

Após oito anos, Rodolfo mantém a mesma convicção que tinha quando chegou a Donetsk.

— Tem que estar bem preparado física e psicologicamente, porque é bem pesado. A rotina não é para qualquer um.

— Tem saudades do Brasil?

— Sim, tenho. Mas antes do final da guerra não pretendo voltar. Porque só então me sentirei com o dever cumprido.

Я (ya) é a última letra do alfabeto russo. Significa “eu”. É uma alegoria perfeita de um povo desprendido de individualismo. Os meus iguais primeiro. Rodolfo é assim. Este homem é tão despido de egoísmo e tão entregue à causa coletiva que me dá uma resposta comovente e absolutamente inesperada quando pergunto do que mais ele sente falta.

— Tem muita gente que reclama do Brasil, de que lá nada funciona etc. Mas há programas sociais como o Bolsa Família que não existem em outros países.

Também sente falta do pão de queijo, do churrasco, da feijoada. Pensou que iria conseguir finalmente fazer uma feijoada quando seu amigo brasileiro trouxe os documentos. Havia pedido que trouxesse junto uma farofa, chegou a avisar a nossa amiga que o hospedou por uma noite em sua casa que naquela noite ele faria uma deliciosa feijoada... Mas a farofa não chegou. “Magayver” passou o dia seguinte inteiro tentando comprar o bilhete de trem para a cidade de Belgorod, de onde partiria para a Carcóvia. Mas ninguém quis vender.

— Eu estava com o documento que me haviam assinado no hospital autorizando comprar as passagens para qualquer lugar, e não quiseram me vender.

Armou a maior confusão no terminal ferroviário de Kursky, no centro de Moscou. Chamou a polícia para prestar uma queixa contra os funcionários da ferrovia, deitou no chão no meio do saguão da estação para descansar — os guardas passavam, ele fazia cara de brabo e eles davam meia-volta —, deu um esporro

em um coronel da polícia. Como é oficial do exército, todos os policiais ficaram com medo dele. Sabia que não iria acontecer nada de ruim, e que o máximo que poderia ocorrer seria chegarem os militares para lidar com o problemático mas acabar por resolver o seu problema e o despacharem para a Ucrânia.

— Não rela em mim se não eu quebro vocês dois no soco!  
— ameaçou dois policiais que tentaram tratar com ele no meio da noite.

— Calma, calma, senhor tenente. Não é assim, nós só queremos te ajudar — imagine uma dupla de policiais russos, aqueles dos filmes de Hollywood, autoritários, agressivos. Imagine-os agora com o rabinho entre as pernas! Foi assim que “Magayver” os deixou.

Vagou madrugada adentro pelas ruas do centro de Moscou. Finalmente conseguiu comprar a passagem e às 14h do dia 21 de junho partiu mais uma vez em direção à frente de batalha na Carcóvia.

Eu tive tempo de encontrá-lo pela última vez poucos minutos antes de sua partida. Havia concedido a ele um espaço na sala VIP do terminal. Pagou 200 rublos pela minha entrada. Batemos um papo. Deu-me a ideia de, posteriormente, produzirmos um documentário juntos sobre o que ele viveu na guerra. Me impressiona a animação de Rodolfo. Infelizmente, precisei ir embora para uma entrevista. Nos despedimos calorosamente com um abraço e prometemos manter contato.

Mas nunca mais respondeu às minhas mensagens. A guerra não lhe permitiu.

## **Silêncio**

— Você está em condições de ir? — me pergunta Rafael.

Eu não podia aceitar que, após descer sozinho à mina, ele fosse o único de nós a visitar Popasnaya. Também queria aventura!

Nos encontramos em frente à sede da Federação dos Sindicatos com Andrei. Ele, novamente, irá conosco. Andamos algumas ruas e esperamos pelo restante da equipe de jornalistas e milicianos que nos acompanharão. Encontramos, de saída do Cult Coffe, nossos amigos Andrea e Gianni. Não irão conosco. Têm sua própria agenda. Aparecem Kiril, um jovem miliciano, e um grupo de jornalistas de um canal de televisão francês. Andrei também nos apresenta Okay Deprem, jornalista turco que vive em Donetsk.

Entre as cidades que ficam no caminho que liga Lugansk a Popasnaya estão Alchevsk, Stakhanov e Pervomaisk. Mesmo depois de terem sido libertadas, elas continuaram a sofrer com bombardeios ucranianos. No dia 9 de junho, a artilharia ucraniana irá tirar a vida de 22 pessoas em Stakhanov, que fica a 60 quilômetros de Lugansk. Em outro bombardeio, duas mulheres grávidas virão a falecer e 24 civis — incluindo oito crianças — ficarão feridas. Ela tem sofrido diariamente, com eventuais vítimas civis. Em nossa última noite em Rostov, irei conhecer um hóspede de nosso hostel chamado... Roman (creio que até o final desta guerra todos os homens da Rússia já terão sido batizados de Roman, e as mulheres de Tatiana). Me diz ser

cidadão da RPL, nascido em Stakhanov. Respondo que estive na região.

— Popasnaya e Rubizhnoye estão totalmente destruídas — comento.

— Foram os ucranianos — responde.

Os ataques incessantes, mesmo não havendo mais batalhas na região, explicam a situação da estrada que pegamos. Além disso, por toda ela havia postos de controle da milícia de Lugansk — alguns deles com a bandeira soviética a tremular. Ao nos aproximarmos de Popasnaya, vemos uma destruição chocante das florestas, com as árvores pela metade, caídas, derrubadas, esfoladas. É um longo caminho de devastação. Se nem mesmo as crianças são poupadas do genocídio, obviamente ninguém terá piedade dos pinheiros e dos esquilos. Perco a conta de quantos tanques cruzaram nosso caminho. Eles também sofreram muitas baixas, tanto de um lado como de outro: esmagadas, explodidas, bombardeadas e atoladas, as suas carcaças transformam aquela estrada que mais parece a superfície lunar em uma espécie de cemitério de máquinas de guerra. Um civil que passa pelo local foi inteligente: pintou seu carro da cor daquela estrada, para se camuflar e não ser alvo dos ataques.

Duas bandeiras soviéticas e uma outra contendo o brasão de armas do extinto país nos dão as boas-vindas na estrada. Quando entramos em Popasnaya, a única coisa que vejo além de destruição é um vira-lata junto à base da milícia, onde vestimos nossos coletes e — ao contrário de Rubizhnoye — recebemos um capacete para cada um (indicando que aqui é ainda mais perigoso). Faz pouco mais de dez dias que as batalhas se encerraram por aqui. Após recebermos algumas instruções, somos levados para a periferia da cidade, um vilarejo que ainda abriga alguns moradores e também um acampamento de milicianos.

— Essa região foi bombardeada por ambos os lados — nos conta Pavel, um aldeão nascido em Novasvanovka, povoado

próximo a Popasnaya. — Sempre encontramos destroços dos mísseis em nossas plantações...

— Pá! — um disparo de míssil bem do nosso lado. Eles cruzam os céus em baixa altitude, sobre nossas cabeças, a cada vinte ou trinta segundos. Os milicianos operam as armas de artilharia fornecidas pela Rússia a partir daqui. A apenas 1,5 km floresta adentro, encontram-se as posições ucranianas. Este lugar é de uma importância estratégica, pois as estradas que passam perto do vilarejo levam a Lisichansk.

— Muitas pessoas de Popasnaya vieram do lado ucraniano, especialmente quem tinha parentes no lado de cá — relata Serguei, irmão de Pavel. Ele veio de Popasnaya para este vilarejo em março para ficar junto de seu pai e de seu irmão, precisamente para fugir da guerra, porque a linha de frente se aproximava da cidade. Não há eletricidade e por isso os moradores não conseguem se comunicar com ninguém de fora, tampouco ter acesso às informações sobre a guerra.

Ele conta que os batalhões nazistas também operaram ao longo desses anos em Popasnaya. Aparentemente, eram a principal força militar na cidade, porque os soldados do exército ucraniano não estavam baseados em Popasnaya, mas em localidades em seus arredores e, portanto, não haviam muitos soldados operando nela.

— Geralmente usam a artilharia nesta vila — diz.

— Quem bombardeia esta área são os ucranianos?

— Sim, somente os ucranianos. Mas não são mais os membros dos batalhões de extrema-direita. Então neste momento não há nada de especial com relação a hostilidades entre os moradores e os militares.

Os estrondos continuam a agredir os nossos ouvidos. Atrás de Pavel há um vasto campo maltratado pelo clima e pelas bombas. Vejo uma pequena nuvem de poeira se dispersar a partir do chão. Aparentemente, alguma coisa caiu ali.

— Qual lado do conflito tem razão?

— É difícil explicar, porque a única coisa que queremos é paz na nossa terra. Estamos muito cansados disso, então é difícil dizer quem está certo e quem está errado. Eu sou somente um homem simples — percebe-se. Deve ser um pouco mais velho que Pavel, entre 35 e 40 anos. Ambos vestem uma camisa de flanela xadrez, com barba sobre bocas murchas e têm um nariz pontudo e cabelos despenteados, com grandes entradas acima da testa. — Só quero poder reconstruir minha casa quando esta guerra acabar.

— Você pretende viver na Ucrânia ou na Rússia?

— Talvez eu consiga cidadania russa, pois minha casa está neste território. É mais prático.

Quando saímos à rua para tomar um ar, vemos um tanque com a letra Z pintada em sua lateria. Ele está atrás dos arbustos, escondido, envergonhado. Mas é inofensivo. Ferido e indefeso, agoniza em seu leito de morte. Assim como agonizou um homem virado de barriga para cima em meio aos escombros de uma casa. Pode-se ver de longe o furo na lateral direita de seu estômago. Mas é do tanque que eu sinto mais pena. Ele, que já fora o imponente rei dos confrontos terrestres, senhor da guerra, agora está reduzido a uma insignificância patética, melancólica e se vê despido de qualquer vestígio de dignidade. Deitado de bruços, maltratado, acuado, é incapaz de qualquer ação. Desprezado e esquecido, não merece mais do que a minha humilhante compaixão. Provoca uma piedosa empatia, tal como um enorme boi prestes a ser sacrificado. Agoniza há semanas sem que ninguém ouse chegar perto de si, sabendo que é apenas questão de tempo para sua vida se esvaír. Eu tampouco arrisco uma aproximação. Melhor deixá-lo descansar em paz. As portas e muros da vizinhança estão cobertos de buracos de bala. Um helicóptero sobrevoa o vilarejo. Seu barulho substitui por alguns instantes o das bombas e mísseis que não param de ser disparados.

Conversamos com o comandante local da milícia, cujo codinome é Starshina. Com 60 anos de idade, é um veterano da

ocupação soviética do Afeganistão. Nasceu em Lugansk e diz estar lutando porque quer defender sua terra contra o fascismo e o nacionalismo. Encontra-se na região de Popasnaya há três meses, mas é voluntário desde o início da guerra, em 2014. Noventa por cento daqueles que se juntaram à Milícia Popular de Lugansk há oito anos ainda estão nas fileiras do que agora são as forças armadas da RPL.

— Eu tenho uma experiência e tenho de proteger as vidas dos jovens para evitar que morram nesta guerra. Ficarei na minha própria terra — garante o senhor de 1,66 m de altura, magro em boa forma, olhos claros, com poucos dentes na boca. De barba raspada, mantém apenas um grosso bigode sobre os lábios, tal como seu cabelo (coberto por um boné do exército). Leva pendurado em seu ombro esquerdo um rifle, do qual não tira as mãos.

O som das bombas continua dando o ritmo da vida no povoado. Há alguns cães deitados no chão. Mas eles nem ligam para o barulho assustador dos foguetes. Já estão acostumados com a violência da guerra. Um dos milicianos que monta guarda do lado de fora está com um cinto em volta do quadril com uma fivela dos tempos soviéticos, ornamentada com a estrela, a foice e o martelo — comprovo com meus olhos o que viria a nos contar “Magayver” Rodolfo em Moscou: os equipamentos e armas dos combatentes do Donbass são aqueles que eles mesmos conseguiram nos galpões antigos. A infantaria é local nesta região dos arredores de Popasnaya. Modernas são as aeronaves, helicópteros, artilharia e sistema antimísseis que os russos estão usando em outras direções.

— Muitos ucranianos querem fugir da linha de frente, se recusam a lutar aqui — diz Starshina. — Nunca tivemos um prisioneiro, então é difícil te responder como nossos soldados são tratados pelos ucranianos. Só perdemos um combatente e ele foi trocado. Recentemente, um dos nossos salvou um ucraniano ferido e o levamos ao hospital de Pervomaisk.

— Quando a RPL será liberada totalmente?

— Muito em breve.

O acampamento fica no meio das casas dos aldeões. Dez milicianos vivem aqui. Eles levam ajuda humanitária para seus vizinhos, alguns deles inválidos. Seus vizinhos comem duas vezes ao dia junto deles no acampamento. Também fornecem eletricidade, mas aparentemente não está dando certo.

No meio das árvores e sobre terra batida, o acampamento reúne uma quantidade indecifrável de bugigangas: telhas, machados, serrotes, garrafas plásticas, sacos, cordas, potes de vidro, baldes, troncos serrados, caixas de papelão... O seu centro é uma peça de artilharia velha, ainda com duas rodas firmes e o estepe atrás, que se transformou em forno onde a comida é preparada pelos rapazes. Há duas mesas próximas ao veículo, uma cheia de copos e canecas e outra para se sentar, comer e conversar. Uma rede com fiapos verdes se espalha sobre todo o acampamento, estendida ao alto, a fim de camuflar a base, escondendo-a da aviação inimiga. Um gato esfarrapado que, assim como os cães, não liga a mínima para o barulho dos disparos, se coça enquanto me sento em um banquinho para conversar com dois milicianos e os foguetes continuam a assobiar.

— Pow-Pow!

Valeri tem 53 anos, um filho e uma neta. Antes da guerra, ganhava a vida como motorista. Volodia, de 51, tem três filhos. Trabalhava na construção civil. Ambos serviram no Exército Vermelho, mas essa é sua estreia em guerras. Voluntariaram-se há três meses.

— Para defender a pátria — diz Volodia.

— O que você pensa sobre o exército ucraniano?

— Não entendo por que eles lutam, não há sentido para lutarem — responde Valeri.

— E há sentido para vocês?

— Essa é nossa pátria e é por isso que temos de defendê-la.

— Como vocês se sentem após três meses aqui?

- Esperando pela vitória, porque quero voltar para casa.
- E quando vamos vencer?
- Espero que logo. Esperamos por isso todos os dias. Enquanto isso, mais bombas caem sobre nossas cabeças.
- É difícil viver aqui?
- É, não é fácil. Sempre nos mudamos de posição, a linha de frente é perto.

Partimos de volta ao centro de Popasnaya. No caminho, voltamos a ver o cemitério de tanques. Dois deles descansam no acostamento da estrada, um fazendo companhia para o outro. Logo à frente, mais um tanque incendiado. E outro. E mais um. Ao fundo, os primeiros bairros, conjuntos de prédios esburacados em andares inteiros, caindo aos pedaços. Chegando ao centro da cidade, os edifícios nos observam de ambos os lados da rua. Estão tristes. Choram com olhos enormes, abertos, que derramam fuligens sobre as paredes dos últimos andares e dos intermediários. Suas entranhas estão expostas. Todos os seus ossos, nervos, músculos estão visíveis a olho nu. De alguns, restou-lhes apenas o esqueleto. São filas de prédios de dez andares cada um, iguais àqueles do restante da Rússia, construídos entre as décadas de 1970 e 1980.

Descemos do carro enquanto helicópteros russos sobrevoam a área e os tanques rodam a estrada. E enquanto os restos da Casa de Cultura e de uma igreja estão prestes a desmoronar. A equipe está parada, estarrecida, atordoada com o que vê. Começo a andar pela rua, inquieto e abismado. Fotografo as ruínas daquilo que até poucos dias atrás foi uma civilização. Nenhuma árvore escapou. Todas estão caídas ou aleijadas. No chão das calçadas, buracos enormes de bombas. Sujeira total. Destroços, galhos, pedras, vidro, estilhaços. As paredes e muros, derrubados. Carcaças de carros abandonadas por seus donos. Parquinhos vazios dentre os prédios inabitados. Mas o que mais vejo aqui é poeira.

Nada se move em Popasnaya. Apenas os tanques, a meia dúzia de jornalistas da qual faço parte e um pedaço de metal no

meio dos destroços, balançando com o vento. Uma cidade completamente abandonada, assim como Pervomaisk. Uma cidade-fantasma, órfã de todos os seus 20 mil habitantes. Procuo repetir a experiência de Rubizhnoye: aguço os meus ouvidos e o meu cérebro para usar a memória auditiva. Tento reconstruir as vozes e sons da violência que se abateu sobre este lugar pouco antes de eu chegar. Mas não consigo. Não escuto nada. Um silêncio sepulcral toma conta de Popasnaya. Até mesmo os estrondos das bombas que explodem ao meu redor, de fazer inveja aos furiosos trovões de Zeus, cessam de repente. Após batalhas que custaram a vida de mais de mil militares de ambos os lados e de um número ainda obscuro de civis, a mais absoluta paz reina diante dos meus olhos. Continuo registrando aquelas imagens infernais daquela terra inteiramente arrasada, que voltou a ser oprimida pelas bombas ucranianas alguns dias depois de nossa passagem. Mas eis que, da casa menos destruída, surge um soldado. Ele me chama. Finjo que não é comigo e dou meia-volta. Só aí que percebo que me isolei completamente da minha tropa e me tornei um alvo fácil. Ele me chama novamente e surgem mais dois soldados. Então aparece Rafael, lá na esquina com a avenida principal.

— Vasco! — grita. “Mas que diabos esse filho da puta aprontou?”, pensou, certamente.

— Quem é você? O que está fazendo aqui?

— Sou jornalista, brasileiro. Meus amigos jornalistas e da milícia estão logo ali — aponto na direção de onde veio a voz de Rafael.

— Me dê seus documentos.

É quando chega Andrei, que me bota mais medo do que os três soldados juntos.

— Você ficou louco? — grita. — Você ficou louco? — repete, irritado, querendo me matar, com as enormes bochechas ruborizadas.

Coloco as mãos protegendo minha cabeça e quando levanto o olhar novamente para Andrei, vejo um gigantesco

vulcão entrando em erupção. Está explodindo, cuspidando lava para todos os lados. Aquele monstro me absorve por completo. Afogado na lava, consigo mexer os lábios mas nenhuma palavra sai da minha boca. Fico mudo.

— Você ficou louco? — “seu pivete deformado, está botando todos nós numa grande encrenca”, completou, para si, enquanto me engole com toda a força de sua fúria. Finalmente sai alguma coisa da minha boca, mas são palavras absolutamente desconexas, como as de um bêbado que prefere morrer de vodka do que morrer de tédio. “Eu não fiz nada”, foi o que tentei falar, gaguejando, mas não consegui.

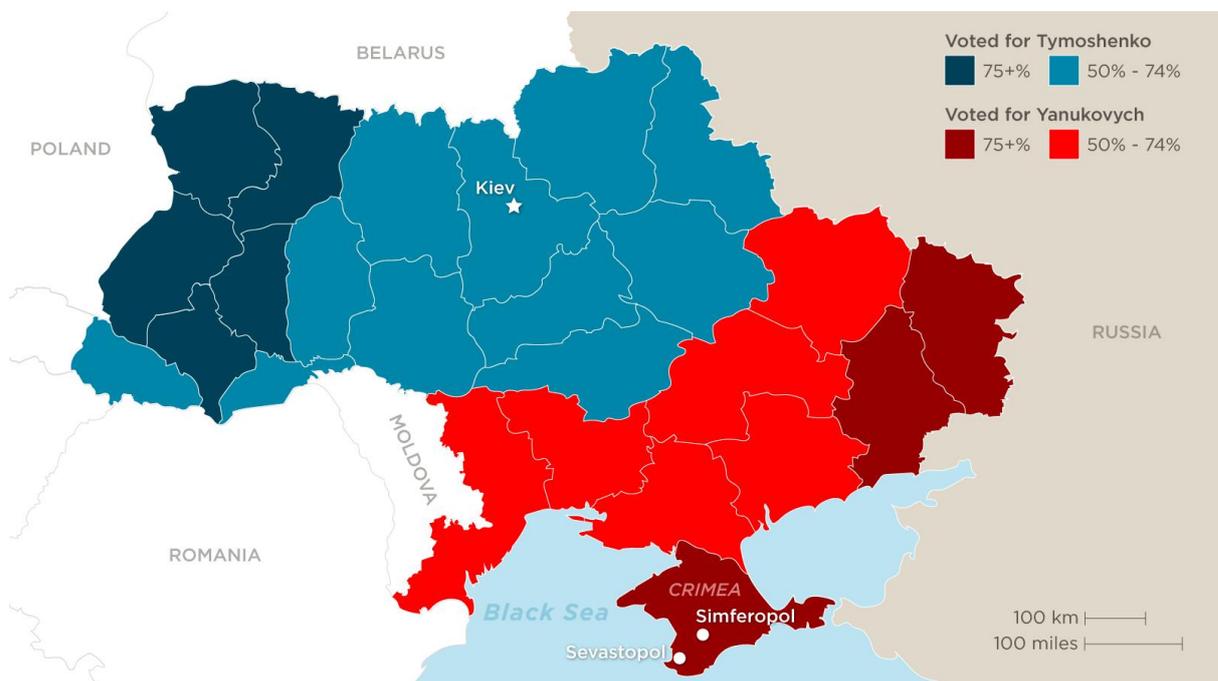
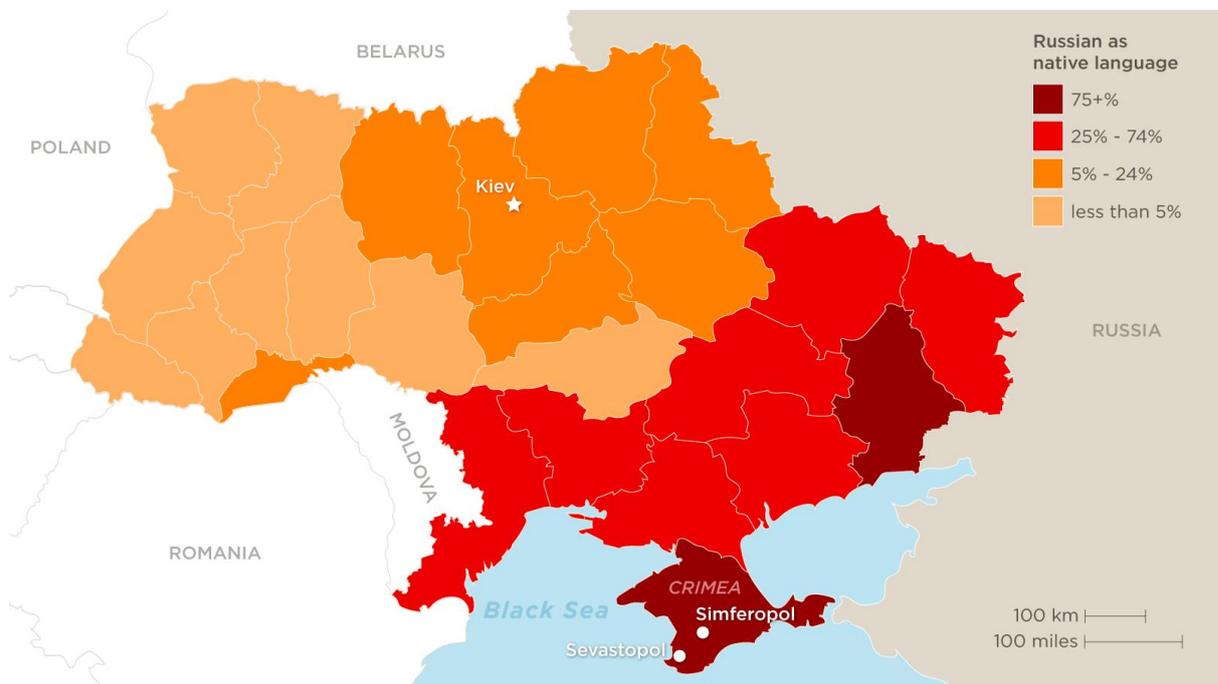
São agentes da FSB, o serviço de inteligência russo. Eles pedem o meu celular. Desconfiam que eu possa ser um espião, ou então, mesmo sabendo que sou um reles jornalista, ficam com meu aparelho para apagar qualquer vestígio que possa ser acessado remotamente pelo serviço de inteligência ucraniano. Então percebo que é proibido tirar fotos daquele lugar específico, utilizado como base pelos russos e o qual não pode ser descoberto pelo inimigo. Babau! Nunca mais vi meu celular, confiscado.

Após se tranquilizar e esfriar, o vulcão Andrei ainda tenta parlamentar com os soldados, mas de nada adianta. Essa foi a última coisa que fizemos em Popasnaya e, na saída da cidade, de dentro do carro, vemos a poucos metros de nós a beleza de um lança-foguetes disparando suas rajadas na direção de Severodonetsk e Lisichansk.



Os *uniat* são considerados traidores pelos ortodoxos, pois assimilaram o catolicismo. Os oblasts de Ivano-Frankivsk, Lvov e Ternopil, por exemplo, são de maioria católica grega. Todos ficam no oeste da Ucrânia. As crescentes tensões inflamadas de fora do país também transformaram a religião em desculpa para as hostilidades. Mas ela é um fator de análise interessante. Porque o oeste da Ucrânia é exatamente a região sob maior influência da Europa Ocidental, onde estão localizadas as grandes potências imperialistas do continente. O oeste da Ucrânia também é a região onde menos pessoas têm o russo como idioma nativo. E foi lá onde Yulia Tymoshenko, candidata apoiada pelo “Ocidente” (ou seja, o imperialismo), arrebanhou mais de 75% dos eleitores nas eleições presidenciais de 2010. Ela venceu as eleições em todos os oblasts onde a maioria da população não fala o russo como língua nativa. Mas perdeu no número total de votos no país, porque Viktor Yanukovich teve maioria na metade sudeste, onde mais de 50% da população é de origem linguística russa. Cinco anos depois, em 2014, quando Yanukovich foi derrubado, os habitantes daquela vasta região tiveram vários motivos para se opor: haviam votado no presidente deposto, seus algozes proibiram o idioma russo e uma parte deles atacava até mesmo a religião ortodoxa. Logo, o sentimento de opressão não foi sentido apenas em Donetsk e Lugansk (e na Crimeia, retomada pelos russos no primeiro instante). Outros seis oblasts viram-se nas mãos de um novo regime hostil: Odessa, Nikolaev, Kherson, Dnepropetrovsk,

Zaparojia e Carcóvia. Mas apenas Donetsk e Lugansk, onde o movimento era mais forte e organizado, conseguiram êxito. Esse é um dos motivos pelos quais a operação militar especial russa não se resume aos territórios das, desde então, repúblicas populares de Donetsk e Lugansk.



Em julho, Serguei Lavrov irá anunciar oficialmente a disposição da Rússia em tirar das mãos da Ucrânia toda essa região: “não são apenas a RPD e a RPL, é também o oblast de Kherson, o oblast de Zaparójjia e vários outros territórios. E esse processo continua consistente e persistentemente à medida que o Ocidente, com raiva impotente, ou com vontade de piorar a situação, enche a Ucrânia com armas de longo alcance (por exemplo, o HIMARS). Isso significa que os objetivos geográficos serão afastados ainda mais da linha atual. Porque não podemos permitir que na parte da Ucrânia que Zelensky (ou quem o substitua) controle haja armas que representam ameaça direta a nosso território e ao território das repúblicas que declararam independência — àqueles que querem determinar seu futuro de forma independente.”

Enquanto isso, Donetsk continua sendo bombardeada diariamente pela artilharia ucraniana, causando mortes e ferimentos de civis pelo armamento fornecido por países como Estados Unidos e França.

— Neste momento, a situação em Donetsk é muito tensa. Há intensos bombardeios contra a cidade, mais do que no início da operação especial — nos informa Boris Litvinov, primeiro-secretário do Partido Comunista da República Popular de Donetsk, com quem nos encontramos em Moscou. — Ao contrário do estágio inicial desta operação, eles estão usando armamentos não apenas de tipo soviético, mas também fornecidos pelo Ocidente. A característica desses armamentos é que são de maior potência e precisão com o intuito de destruir a infraestrutura civil, não militar. Isso está muito evidente agora. A tática das nossas forças armadas conjuntas, assim, é a de cercar o exército ucraniano e impedi-lo de receber suprimentos e munições. Para nós está claro que hoje não é tanto a Ucrânia que está lutando contra nós, mas sim o “mundo anglo-saxão” (dito de outra forma, os Estados Unidos da América).

— Muitos crimes de guerra foram cometidos pelos ucranianos?

— De acordo com o direito internacional, há algumas regras de guerra. Um exército pode mirar outro, mas não a população civil. O Estado ucraniano considera que a RPD é seu território, então eles estão guerreando contra sua própria população. Então, as negociações durante mais de oito anos não deram em nada até agora. A parte ucraniana não foi a nenhuma negociação para discutir o fim deste conflito. Muitas cidades têm sido destruídas, como Volnovakha, Makeevka, Gorlovka e Donetsk, com dezenas de milhares de pessoas que morreram e mais de 60 mil que ficaram feridas até o momento. O exército ucraniano se esconde atrás dos civis, o que é algo terrível pois essa tática é muito semelhante ao que os nazistas alemães faziam durante a Grande Guerra Patriótica. Em qualquer parte da região você os verá fazendo isso.

— Podemos dizer que, portanto, há um genocídio em curso?

— Sim, há um tipo de genocídio sendo cometido contra o povo do Donbass, que deseja restaurar a amizade com o povo russo. E, é claro, também deseja restaurar alguns elementos do antigo poder soviético.

— E qual o sentimento do povo de Donetsk nestes dias de intensos bombardeios?

— O sentimento geral que é compartilhado pela população é o desejo de vencer e de nunca deixar os nacionalistas tomarem nossa terra. Ou seja, o povo não quer saber de volta dos nacionalistas ao poder, especialmente na nossa região. A maioria absoluta da população está pronta para lutar por sua pátria, pela República Popular de Donetsk e pela República Popular de Lugansk até o fim, até a vitória. Esperamos muito que a Federação Russa nos ajude a resolver este problema e fomos nós que convidamos o exército russo a nos ajudar.

— Como você avalia essa presença das tropas russas no Donbass?

— Achamos positivo que as forças armadas russas estejam em Donetsk. Mas acreditamos que isso já deveria ter sido feito

antes. A Rússia reconheceu nosso direito de soberania e então assinamos um acordo de ajuda mútua. Por isso, esperamos muito que a Rússia nos ajude a estabelecer a justiça em nossa terra. Como eu disse, a situação guarda semelhanças com a ocupação nazista na Grande Guerra Patriótica, quando todo o povo soviético conseguiu libertar nosso país, a Europa e o mundo do fascismo. Foi apenas devido àquela vitória que hoje nós estamos juntos. Então temos muita esperança de que hoje as pessoas que vivem nos territórios que já foram liberados unam-se para sermos capazes de colocar um fim no regime fascista que comanda a Ucrânia.

O Partido Comunista foi o primeiro partido político a ser fundado na República Popular de Donetsk após a sua declaração de independência, em 8 de outubro de 2014. Boris Litvinov foi eleito seu líder máximo naquela ocasião. Ele era, na época, presidente do Conselho Supremo da RPD e declarou que Alexander Zakharchenko (então líder do país, morto em um atentado em 2018) teria o apoio de seu partido na reeleição para primeiro-ministro.

— Vocês têm militantes lutando na linha de frente da guerra?

— Sim, claro. Neste momento que visito Moscou, estou de terno e gravata, mas por todos esses meses eu tenho visitado a linha de frente porque, como primeiro-secretário do PCRPD, devo me encontrar com meus camaradas. Muitos dos comunistas pegaram em armas e agora estão protegendo a soberania de sua pátria. Eu levo para eles tudo o que posso, como comida e remédios — explica o senhor simpático e sorridente, enquanto Tatiana (outra!) Desiadova, da Secretaria de Relações Internacionais do PCFR, faz a tradução. — A situação tem sido sempre muito complicada, então quando vou à linha de frente tenho de parar meu carro e garantir minha proteção, porque nos últimos anos sofri cinco tentativas de assassinato, por isso meus camaradas me fornecem todos os

equipamentos necessários para minha proteção, como capacete e colete à prova de balas.

— Você acha que o movimento anti-Maidan no Donbass em 2014 foi uma espécie de revolução?

— Eu gostaria que os eventos de 2014 tivessem sido uma revolução, mas infelizmente não foram. Tratou-se de uma insurreição contra a derrubada do regime em Kiev. Uma revolução é uma mudança muito profunda na vida social, política e econômica. São mudanças muito sérias, cruciais, quando tudo se modifica. O regime que tomou o poder em 2014 em Kiev tinha como meta a completa supressão de tudo que fosse relacionado com a Rússia e o passado soviético e o comunismo. O povo do Donbass, por sua vez, guarda as características do coletivismo e da justiça social, muitas pessoas viveram no sistema soviético e ainda se lembram como era. Mas o regime que tomou o poder em Kiev era contra essas aspirações básicas do povo do Donbass. Então, essa contradição levou à revolta do nosso povo.

— Não poderíamos considerar a RPD como um tipo de república socialista?

— Eu, pessoalmente, e meus camaradas, estamos fazendo todo o possível para tornar essa ideia realista, para colocar o socialismo em prática. Trabalhamos juntos para influenciar as pessoas. Tentamos superar as barreiras.

\*

Luda (apelido de Ludmila) é uma senhora muito simpática. Puxa conversa conosco e digo que não conseguimos entendê-la porque somos brasileiros. Apresenta sua amiga Yulia e me ajuda a fazer a cama para que eu possa dormir sossegado em meu leito no trem de Rostov para Moscou. O comissário de bordo do nosso vagão, percebendo que somos estrangeiros, apresenta-se e mostra-se muito gentil e atencioso. Em francês, afirma que está à nossa disposição e pergunta se estamos

gostando da Rússia. Mais tarde, ele volta falando em espanhol e se desculpa por não saber falar português. Antes, pensou que éramos franceses. Diz estar muito feliz por nos atender e que seu nome é Sergio.

— Serguei? — pergunto, para confirmar seu nome russo.

— Isso, Serguei.

Compartilho um iogurte com Luba e outro com Yulia, que me devolve um biscoito mais tarde. Às 4h30 da manhã, preocupada se estou passando frio, Luba pega uma manta e me cobre, como se fosse minha mãe. Mas eu não estava dormindo. Estava tentando lembrar o trecho de um poema de Maiakóvski, que havia lido ainda em Lugansk.

*Teu corpo  
eu quero acariciar e amar  
como um soldado  
diminuído pela guerra,  
inútil,  
sem ninguém,  
acaricia sua única perna.*

Mal começava a amanhecer. Seria nosso último dia na república popular. Eu não sabia que, um mês e meio depois, a cidade voltaria a ser bombardeada após anos. O Tochka-U e o HIMARS seriam utilizados no ataque. Por sorte, o sistema de defesa antiaérea conseguiria interceptar os disparos contra a zona oeste da capital. Isso iria ocorrer mais ou menos nos mesmos dias quando o status de república independente seria reconhecido pela Síria e pela Coreia do Norte, iniciando o rompimento da invisibilidade das repúblicas do Donbass aos olhos do mundo. Severodonetsk ainda não havia sido libertada, o que ocorreria dentro de um mês. Uma semana depois, seria a vez de Lisichansk. A República Popular de Lugansk, assim, após oito anos de guerra, tornar-se-ia um território livre do fascismo.

Passamos o dia todo junto com nossos amigos do Ministério das Relações Exteriores, particularmente com o jovem Andrei. Estavam preparando os documentos necessários para nossa partida. Era quase uma questão de urgência, pois eu deveria ser tratado na Rússia, sob o risco de não me recuperar. Por isso tivemos de abandonar a ideia de ir de Lugansk para Donetsk. No final da tarde, estamos prontos para ir embora. Do lado de fora do Ministério, enquanto esperamos um táxi, trombamos com Ilya, Serguei Belov e outros camaradas que haviam acabado de voltar de mais uma missão inglória do que restou da cidade de Rubizhnoye. Ilya me cumprimenta, com as mãos enegrecidas. Havia encontrado mais de 20 corpos escondidos sob os escombros de um asilo desde março. Este é o trabalho de cada um dos cidadãos de Lugansk, mesmo dos membros do governo: encontrar e enterrar os seus mortos até depois de a guerra terminar. O povo esquecido nunca esquecerá nem perdoará os crimes dos quais foi vítima.

